



A ilha do tesouro

ROBERT LOUIS
STEVENSON

Treasure Island (1881)

Tradução: Gabriel Naldi

Edição bilíngue: POR/ENG
Distribuição gratuita

mojo.org.br

CILE

MUNDOS EXTRAORDINÁRIOS

Ilha do Tesouro

Robert Louis Stevenson

Traduzido por
Adriana Zoudine

Ilustrado por
André Ducci

1ª edição

DEDICATÓRIA

Para S.L.O., um cavalheiro dos Estados Unidos para o qual, por seu apreço pelo clássico, esta narrativa foi criada e agora é, em agradecimento a tantas horas deliciosas e com os mais prósperos votos, dedicada por seu caro amigo, o autor.

AO COMPRADOR EM DÚVIDA

*Se os contos do mar e suas canções
Sobre escunas, ilhas e exilados,
Aventuras, tormentas e trovões,
Sobre bucaneiros e ouro enterrado,
Antigos romances recontados
Da mesma maneira de outrora,
Que tanto me encantaram no passado,
Puderm conquistar os jovens de agora,
Que assim seja e assim se faça! Se não,
Se a juventude não mais aprecia
Os sabores das estórias de então,
Cooper contando suas travessias,
Ballantyne, Kingston e seu capitão,
Que matem essas e contem novas.
Que eu compartilhe com meus piratas
A mesma sorte e a mesma cova.*

PARTE UM
O VELHO PIRATA

1.

O VELHO LOBO DO MAR NA ALMIRANTE BENBOW

Uma vez que o barão Trelawney, o dr. Livesey e os outros senhores me pediram para registrar em detalhes nossa aventura na Ilha do Tesouro, do começo ao fim, sem omitir nada além de sua localização — e isso somente porque lá ainda há tesouros a serem extraídos — empunho minha caneta e volto à época em que meu pai era o dono da pousada Almirante Benbow. Sob nosso teto se hospedou o velho homem do mar de rosto curtido pelo sol, no qual se via uma cicatriz de corte de espada.

Me lembro como se fosse ontem, quando chegou com um passo arrastado à entrada da pousada, um rapaz trazia seu baú em um carrinho de mão. Era um homem bronzeado, pesado e forte. Sua trança ensebada caía sobre seu ombro e o casaco azul surrado e sujo; tinha mãos grosseiras, unhas negras e rachadas; e a cicatriz, pálida e também suja, cruzava uma das bochechas. Lembro de como observou a enseada e assoviou para si mesmo, para então começar aquela antiga canção de marinheiro que cantaria tantas vezes depois:

*Quinze homens no baú do defunto,
Io-ho-hô, e uma garrafa de rum!*

Sua voz alta e entrecortada parecia ter sido treinada pelo chiado dos cabrestantes. Bateu à porta com o pedaço de pau que usava como bengala e, quando meu pai apareceu, pediu grosseiramente por uma dose de rum. Saboreou lentamente, como um *sommelier*, sem tirar os olhos dos rochedos e da placa da pousada.

— Esta é uma boa enseada — disse afinal —, e o botequim é bem localizado também. Vem muita gente aqui, companheiro?

Meu pai respondeu que não, que infelizmente pouca gente aparecia por lá.

— Então é isso — tornou o homem —, encontrei meu ancoradouro. Aqui, companheiro! — gritou para o rapaz que trazia a carriola. — Venha cá e leve meu baú lá pra cima. Vou ficar por uns tempos.

E continuou:

— Sou um homem simples. Só quero rum, bacon e ovos, e aquele quarto lá em cima, pra ver os navios passarem. Sabem como vocês podem me chamar? De capitão. Ah, é claro... aqui está.

E atirou quatro moedas de ouro pela soleira da porta.

— Me avise quando eu precisar dar mais — ordenou, severo como um oficial.

Mesmo com suas roupas gastas e seu modo grosseiro de falar, não se parecia em nada com um marinheiro de

convés. Tinha ares de imediato ou de capitão, acostumado a ser obedecido e a castigar. Seu carregador nos contou que ele chegara na diligência da manhã anterior à hospedaria Royal George e que perguntara por pousadas à beira da praia. Acredito que falaram bem da nossa e, por terem dito que era isolada, tomou sua decisão. Foi tudo o que conseguimos saber sobre aquele hóspede.

No geral, era um homem muito calado. Durante o dia, caminhava pela enseada e pelos penhascos, com uma luneta de bronze na mão. À noite, sentava-se num canto da sala, perto da lareira, e bebia uma mistura muito forte de rum com água. Na maioria das vezes, não respondia quando falavam com ele, apenas lançava um olhar feroz e bufava pelo nariz como uma sirene no nevoeiro. Nós e os frequentadores da pousada logo aprendemos a deixá-lo em paz. Todo dia, ao voltar de sua caminhada, nos perguntava se algum marinheiro havia passado pela estrada. No começo, dizia que desejava companhia, mas depois percebemos que sua real intenção era evitá-las. Quando enfim algum marujo se hospedava na Almirante Benbow (de vez em quando apareciam alguns, para descansar a caminho de Bristol), ele espiava por detrás da cortina da porta antes de entrar na sala, sempre silencioso como um rato. Ao menos para mim, não havia nada de estranho nisso, pois de certa forma eu compartilhava de suas inquietações. Certo dia, me puxou de lado e me prometeu uma moeda de quatro centavos todo começo de mês, para

que eu “ficasse atento a um marujo com uma perna só”, e que o avisasse imediatamente assim que o visse. Todo começo de mês eu cobrava meu pagamento. Ele simplesmente bufava e me media da cabeça aos pés. Mas depois de alguns dias ele repensava e pagava meus quatro centavos, repetindo suas ordens para que eu ficasse atento ao “marujo com uma perna só”.

Nem preciso dizer o quanto esse personagem pernetava me assombrava. Em noites de tempestade, quando o vento sacudia os quatro cantos da casa e as ondas rugiam pela enseada se debatendo nos rochedos, eu o via de mil formas, com mil expressões diabólicas. Às vezes a perna ia só até o joelho, às vezes o corte era já no quadril. Outras vezes era uma criatura monstruosa, já nascida com uma perna só, bem no meio do corpo. O pior dos pesadelos era quando ele vinha correndo atrás de mim, pulando cercas e valas. No final das contas, meu salário era pouco para compensar essas fantasias abomináveis.

No entanto, mesmo aterrorizado pela imagem do marujo de uma perna só, eu era quem menos temia o capitão, dentre os que o conheciam. Em algumas noites ele bebia um pouco além da conta, e então se sentava para cantar suas antigas e grosseiras canções de marinheiro, sem importunar ninguém. Mas em outras pedia uma rodada de rum para todos na sala, e a plateia amedrontada era forçada a ouvir suas histórias ou fazer coro para sua cantoria. A pousada tremeu muitas vezes com o “*Io-ho-hô*,

e uma garrafa de rum”, com os presentes engrossando o coro e temendo pela própria vida, um cantando mais alto que o outro para escapar de suas broncas. Nessas ocasiões ele se tornava extremamente desagradável. Batia na mesa pedindo completo silêncio, tinha ataques de raiva quando lhe faziam alguma pergunta, ou quando não faziam nenhuma, pois isso era sinal de que não prestavam atenção. Também não permitia que ninguém saísse da pousada antes que ficasse bêbado o suficiente para ir dormir.

O que mais aterrorizava as pessoas eram suas histórias. Relatos terríveis sobre enforcamentos, marujos condenados à prancha, tempestades em alto mar, e sobre as ilhas Dry Tortugas, além de relatos de selvagerias e lugares estranhos nas possessões espanholas no Caribe. Segundo ele, havia passado a vida entre os homens mais perversos que Deus já pôs sobre o mar, e contava essas histórias usando uma linguagem que chocava os ouvintes quase tanto quanto os crimes que descrevia. Meu pai sempre dizia que a pousada acabaria falindo, pois logo as pessoas deixariam de frequentá-la, sabendo que seriam aterrorizadas, humilhadas e que dormiriam tremendo de medo. Mas eu realmente achava que a presença dele era algo bom para nós.

A princípio as pessoas ficavam amedrontadas, mas em seguida se acostumavam e eventualmente até se divertiam. Era uma boa agitação para a vida pacata da província, e

alguns dos homens mais jovens, inclusive, fingiam admirá-lo, chamando-o de “o verdadeiro lobo do mar”, “sábio marujo” e coisas assim. Diziam que era o tipo de homem que fazia a Inglaterra ser temida nos mares.

De certa forma, ele realmente causou prejuízo, pois foi ficando semana após semana, e então mês após mês, até que o dinheiro que havia nos dado de início se esgotou. Ainda assim meu pai nunca teve coragem de cobrar mais. Se sequer mencionasse a questão, o capitão bufava tão alto que parecia rugir, e encarava meu pai até que ele saísse da sala. Meu pai fechava se revoltava com essas recusas, e estou certo de que o nervosismo e o terror que o capitão causava contribuíram para sua morte prematura e infeliz.

Durante todo o tempo em que morou conosco, o capitão nunca trocou de roupas, exceto por umas meias que comprou de um vendedor ambulante. Uma das abas de seu chapéu se despreendeu. Ele o usava mesmo assim, com a aba pendurada e balançando, apesar do incômodo. Me lembro da má aparência de seu casaco, que ele mesmo remendava, e que então já não era mais nada além de retalhos. Nunca enviou ou recebeu carta alguma e não falava com ninguém além de nossos hóspedes. Mesmo com esses, na maioria das vezes, só quando estava bêbado. Quanto ao seu baú, ninguém nunca chegou a vê-lo aberto.

A única vez que vi o capitão sendo enfrentado, já perto do fim, foi quando meu pobre pai estava já muito debilitado pela doença que o levaria. O dr. Livesey veio até

a pousada em um fim de tarde para vê-lo, comeu um pouco do jantar que minha mãe havia preparado e foi à sala fumar seu cachimbo até que trouxessem seu cavalo da aldeia, pois não tínhamos estábulo na velha Benbow. Eu o acompanhei, e me lembro de observar o contraste que o médico, alinhado, culto e de boas maneiras, peruca branca como a neve e olhos negros e brilhantes, causava entre e as pessoas simples e alegres do nosso povoado — mas principalmente o contraste com aquele espantalho imundo, inconveniente e rude que era nosso pirata, bêbado de rum, socando a mesa. De uma hora para outra, o capitão começou a entoar a sua velha cantiga:

— *Quinze homens no baú do defunto,
Io-ho-hô, e uma garrafa de rum!
O diabo e a bebida levaram os outros junto,
Io-ho-hô, e uma garrafa de rum!*

No começo, eu imaginava o “baú do defunto” idêntico à grande caixa no quarto do capitão, e esse pensamento se juntava aos meus pesadelos com o marujo de uma perna só. Mas àquela altura já nem prestávamos mais atenção na canção. Era uma velha conhecida de todos, exceto do dr. Livesey, em quem o efeito não foi dos melhores. O médico lançou um olhar breve e bastante irritado ao capitão, depois voltou à sua conversa com o velho Taylor, o jardineiro, sobre um novo tratamento para o reumatismo. Enquanto isso, nosso hóspede se empolgava cada vez mais com sua música, e por fim deu um sonoro tapa na mesa,

como sempre fazia quando exigia silêncio. Todas as vozes cessaram imediatamente, exceto a do dr. Livesey. Continuou conversando como antes, no mesmo tom e com a mesma educação, pitando seu cachimbo entre uma frase e outra. O capitão o encarou por um tempo, bateu sua mão novamente, olhou-o de forma ainda mais dura, e por fim lançou sua ordem, ríspida e grave:

— Silêncio aí no convés!

— O senhor falou comigo? — perguntou o doutor.

Quando o valentão retrucou com outro berro, confirmando, o médico respondeu:

— Pois lhe digo apenas uma coisa. Se o senhor continuar bebendo dessa maneira, logo o mundo ficará livre de um canalha.

O capitão foi tomado pela ira. Ergueu-se num salto, sacou sua navalha e, brandindo a lâmina, ameaçou cravar o doutor na parede.

O médico não moveu um só músculo. Impassível, olhando sobre os ombros e usando o mesmo tom de voz, um pouco mais enérgico para que toda a sala ouvisse, mas ainda calmo e firme, disse:

— Se o senhor não guardar sua faca neste instante, juro pela minha honra que será enforcado na próxima sessão do tribunal.

Seguiu-se uma batalha de olhares, mas o capitão logo capitulou, guardou sua faca e sentou-se novamente,

resmungando como um cão obediente. O médico continuou:

— E agora que sei que há um homem como o senhor em minha jurisdição, esteja certo de que ficarei de olho noite e dia. Não sou apenas médico, também sou juiz. Se eu ouvir meia reclamação contra o senhor, mesmo que seja apenas uma perturbação como foi esta noite, tomarei as medidas cabíveis para que seja preso e expulso daqui. Que lhe sirva de aviso.

Logo em seguida, o cavalo do dr. Livesey foi trazido e ele foi embora. O capitão não causou mais problemas naquela noite, nem nas muitas noites que se seguiram.

2.

CÃO NEGRO APARECE E SOME

Não muito tempo depois ocorreu o primeiro dos eventos misteriosos que nos livrariam do capitão, embora, como verão, não nos livraram de seus assuntos. Foi um inverno bastante rigoroso, com geadas longas e pesadas. Ficou claro desde o início que meu pobre pai tinha poucas chances de ver a primavera. Ele piorava a cada dia, e minha mãe e eu assumimos a pousada, o que nos deixou tão ocupados que não dávamos mais muita atenção a nosso desagradável hóspede.

Em uma manhã de janeiro, bem cedo — de um frio cortante —, a enseada estava cinzenta com a geada que rugia, as ondas batiam gentilmente nos rochedos, o sol ainda baixo brilhava no horizonte fazendo reluzir o topo das colinas. O capitão se levantou mais cedo do que era seu costume e logo se dirigiu à praia. Sua espada se debatia sob as abas do velho casaco azul, sua luneta repousava debaixo do braço e seu chapéu estava inclinado para trás. Lembro do rastro de fumaça que seu hálito deixava no ar, e a última coisa que ouvi, antes de ele sumir atrás do grande rochedo, foi um grunhido de indignação, como se o dr. Livesey ainda estivesse em seus pensamentos.

Minha mãe estava no andar de cima com meu pai e eu arrumava a mesa do café para quando o capitão voltasse.

Foi quando a porta do salão se abriu e um homem que eu nunca vira antes entrou. Era um sujeito pálido e corpulento, com dois dedos faltando na mão esquerda. Embora carregasse uma espada, não parecia agressivo. Eu continuava muito atento para qualquer marujo que aparecesse, com uma perna ou duas, e me lembro de que fiquei confuso ao ver aquele homem. Não tinha nenhuma característica de marinheiro, mas algo nele denunciava que era um homem do mar.

Perguntei se desejava algo, e me pediu uma dose de rum. No entanto, quando eu saía, ele se sentou em uma das mesas e fez sinal para que me aproximasse. Fiquei parado onde estava, com o pano de prato na mão.

— Vem aqui, menino. Chega mais perto — disse o sujeito.

Dei um passo em sua direção.

— Esta é a mesa do meu companheiro Bill? — perguntou com um tom malicioso.

Respondi que não conhecia nenhum Bill, e que a mesa estava posta para um de nossos hóspedes, a quem chamávamos de capitão.

— Bom, acho que meu amigo Bill gostaria de ser chamado de capitão — comentou. — Ele tem um corte na bochecha e é bastante simpático, principalmente depois de tomar umas, esse é o meu amigo Bill. Ele está na casa?

Disse a ele que Bill tinha saído para uma caminhada.

— Pra que lado, menino? Pra que lado ele foi?

Apontei para o rochedo e disse por onde o capitão costumava voltar, e a que horas, além de responder a outras perguntas.

— Rá! Pro meu companheiro Bill, me rever vai ser tão bom quanto uma dose de rum.

Sua expressão não era nada agradável ao dizer essa frase, e eu tinha minhas razões para crer que aquilo não era verdade, mesmo supondo que talvez ele estivesse sendo sincero. Mas não era da minha conta, pensei. Além disso, era difícil saber o que fazer. O estranho continuou parado atrás do batente da porta, espiando a rua como um gato espera um rato. A certa altura precisei sair, e quando já estava em direção à estrada, o forasteiro me disse para voltar imediatamente. Como não obedeci com a rapidez que ele esperava, sua face oleosa se transformou terrivelmente, e a forma como praguejou ordenando que eu voltasse me fez dar um salto. Ao entrar novamente na pousada, seus modos voltaram a ser os mesmos de antes, gentis e irônicos. Me deu um tapinha no ombro e disse que eu era um bom menino e que simpatizava muito comigo.

— Eu também tenho um menino — disse —, se parece muito com você e enche meu coração de orgulho. A melhor coisa para um rapazinho é disciplina, menino. Disciplina! Se você já tivesse navegado com Bill, não esperaria eu chamar duas vezes, não. Ah, nem pensar. Não era assim que ele levava as coisas, nem era assim que seus marujos se comportavam. E lá está ele. Sem dúvida é meu

companheiro Bill, com a luneta embaixo do braço. Que Deus o abençoe. Vamos entrar no salão, menino, e ficar atrás da porta pra fazer uma surpresa pro Bill. Deus o abençoe, sim senhor.

E como dito, o estranho voltou comigo para o salão, me colocou atrás da porta e ficou na minha frente, para que ninguém nos visse ao entrar. Eu estava bastante incomodado e receoso, como é de se imaginar. Notar que o sujeito também parecia apreensivo só piorava meu estado. Puxou o cabo do seu sabre e o deixou solto na bainha. Durante todo o tempo, engolia seco como se tivesse um caroço na garganta.

Por fim o capitão entrou, batendo a porta sem olhar para os lados, e cruzou o salão para ir tomar seu café.

— Bill — o estranho chamou, com uma voz que me pareceu intencionalmente forte e ameaçadora.

O capitão se virou para nós. Seu rosto empalideceu tanto que seu nariz ficou azulado. Parecia ter visto um fantasma, o próprio diabo, ou algo pior, se é que existe. Palavra de honra, tive pena ao vê-lo subitamente tão envelhecido e frágil.

— Ora, Bill, você me conhece. Com certeza se lembra de um velho companheiro de tripulação — disse o forasteiro.

O capitão soltou um gemido como se tivesse perdido o ar.

— Cão Negro! — falou por fim.

— E quem mais? — tornou o outro, relaxando um pouco. — O velho Cão Negro de sempre veio visitar seu companheiro Bill na pousada Almirante Benbow. Ah, Bill, Bill, esse mundão já deu muitas voltas pra nós desde que eu perdi meus dedos. — E ergueu sua mão mutilada.

— Escuta aqui — o capitão voltou a si. — Você me encontrou. Aqui estou eu. Então desembucha. O que você quer?

— É você mesmo, Bill — replicou o Cão Negro. — E você está no seu direito, Billy. Vamos tomar um copo de rum, que este bom rapaz aqui, com quem simpatizei muito, vai trazer pra nós. Se você quiser, vamos nos sentar e conversar abertamente, como velhos irmãos de convés.

Quando voltei com o rum, já estavam sentados um de frente para o outro, à mesa onde estava o café do capitão. Cão Negro próximo à porta e sentado de lado, para que pudesse ter um olho no velho conhecido, e outro, como supus, na sua retaguarda.

Ordenou que eu saísse e deixasse a porta aberta.

— E nada de espiar pela fechadura, menino! — ameaçou.

Deixei os dois a sós e fui para a cozinha.

Por um bom tempo, embora eu tivesse me esforçado para ouvir, não consegui discernir nada além de sussurros abafados. Pouco a pouco começaram a falar mais alto, e pude entender algumas palavras, na maioria impropérios vindos do capitão:

— Não, não, não, e chega disso! Se é caso de força, que enforcuem todos e acabou!

De repente houve uma explosão de xingamentos e barulhos — cadeiras e mesas sendo reviradas, seguidas pelo som de aço contra aço, e então um grito de dor. No instante seguinte, vi Cão Negro sair em disparada, com o capitão furioso atrás dele, ambos com suas espadas em punho. Escorria sangue do ombro do forasteiro. Ao passarem pela porta, o capitão quase o acertou com um golpe tão violento que certamente teria partido o homem em dois, caso a grande placa da Almirante Benbow não estivesse no caminho. Ainda hoje dá para ver a marca na parte inferior da tábua.

Esse golpe encerrou a batalha. Logo que ganhou a rua, mesmo ferido no ombro, Cão Negro correu em disparada. Em menos de um minuto desaparecia por detrás da colina. O capitão continuou parado embaixo da placa, enlouquecido. Passou várias vezes a mão pelos olhos e enfim entrou novamente na pousada.

— Jim, rum! — ordenou. Cambaleante, apoiou uma mão na parede.

— O senhor está ferido? — exclamei.

— Rum! — repetiu. — Tenho que dar o fora daqui.
Rum! Rum!

Corri para apanhar a bebida, mas estava tão desorientado com toda a confusão que me atrapalhei, quebrei um copo e entortei a torneira do barril. Enquanto

tentava me recompor, escutei um baque no salão, corri de volta e vi o capitão caído. Minha mãe descia as escadas no mesmo instante, assustada com os gritos e sons de luta, e veio em meu auxílio. Conseguimos erguer a cabeça do capitão. Respirava pesadamente e com dificuldade, mas tinha os olhos fechados e um aspecto terrível.

— Valei-me, Deus! — minha mãe exclamou. — Quanta desgraça nesta casa! E o coitado do seu pai doente!

Não fazíamos ideia de como socorrer o capitão. Só o que pudemos pensar foi que havia sofrido algum ferimento fatal na briga com o forasteiro. Por via das dúvidas, peguei o rum e tentei enfiá-lo goela abaixo, mas seus dentes estavam cerrados e seu queixo duro como ferro. Foi um alívio quando a porta se abriu e por ela entrou o dr. Livesey, que vinha para ver meu pai.

— Ah, doutor, o que faremos? — gritamos. — Onde ele está ferido?

— Ferido? Bobagem! — respondeu o doutor. — Não foi ferimento nenhum. Este homem teve um derrame, como eu avisei. Sra. Hawkins, volte lá para cima, e se possível, não conte nada ao seu marido sobre isso. Farei o que puder para salvar a vida miserável deste sujeito. Jim, traga uma bacia.

Quando retornei, o doutor já havia rasgado a manga do capitão, expondo seu braço forte de veias saltadas, tatuado em várias partes. Era possível ler “À sorte”, “Bons ventos” e “Salve Billy Bones” nitidamente gravados no

antebraço. Perto do ombro havia uma forca com um homem pendurado — que me pareceu muito bem desenhada.

— Profético — observou o doutor, pondo o dedo sobre a tatuagem. — Muito bem, senhor Billy Bones, se é esse o seu nome, vamos ver como está seu sangue. Jim, você se assusta quando vê sangue? — perguntou.

— Não, senhor — respondi.

— Ótimo, então segure a bacia. — E abriu uma veia com seu bisturi.

Uma boa quantidade de sangue foi retirada até que o capitão acordou e nos olhou confuso. Franziu o cenho ao reconhecer o doutor, mas quando me viu, pareceu aliviado. Sua cor mudou subitamente e tentou se levantar, gritando:

— Cadê o Cão Negro?

— Não tem nenhum cão negro aqui — o doutor respondeu —, a não ser o espírito que lhe acompanha. Você continuou bebendo rum e teve um derrame, exatamente como o adverti. Muito a contragosto, salvei sua vida, por pouco. Agora, sr. Bones...

— Meu nome não é esse — interrompeu o capitão.

— Pouco me importa — replicou o médico. — É o nome de um conhecido pirata, e lhe chamo assim para poupar tempo. Preste atenção: uma dose de rum não vai lhe matar, mas se o senhor tomar uma vai querer outra, e aposto minha peruca que se o senhor não parar com isso de uma vez, será seu fim. Entendeu? O senhor vai morrer e

vai para o lugar que merece, como diz a bíblia. Vamos lá, força agora, lhe ajudo a ir para a cama.

Com muito esforço subimos a escada carregando o capitão, o colocamos na cama e ele tombou a cabeça no travesseiro como se estivesse prestes a desmaiar.

— Que fique bem claro — disse o doutor. — Estou com a consciência tranquila. Rum para o senhor significa a morte.

E me puxou pelo braço para irmos ver meu pai.

— Não é nada demais — me explicou assim que fechou a porta. — O que tirei de sangue dele vai deixá-lo calminho por um tempo. Deve ficar deitado ali por uma semana. É o melhor para ele e para vocês, mas o próximo derrame será fatal.

3.

A MARCA NEGRA

Perto do meio-dia, fui até o quarto do capitão levar bebidas e remédios. Continuava praticamente na mesma posição em que o deixamos, apenas um pouco mais acima na cama, e parecia ao mesmo tempo fraco e agitado.

— Jim, você é o único aqui que vale alguma coisa, e sabe que sempre te tratei bem — me disse. — Nunca deixei de te dar suas moedas. E agora olha só, companheiro, estou à deriva, abandonado por todos. Jim, você me traz um tiquinho de rum, amigão?

— Mas o doutor... — comecei.

Seus xingamentos, em uma voz débil, mas feroz, me interromperam:

— Médicos são uns imprestáveis! E aquele doutorzinho então, o que ele sabe sobre os homens do mar? Já estive em lugares quentes como um poço de piche e vi companheiros caindo aos montes por causa da malária! Vi a terra se sacudir com um terremoto como se estivesse passando por uma tormenta. O que aquele médico de araque sabe de lugares assim? Eu sempre vivi à base de rum. Sempre foi meu pão com manteiga, meu amigo e minha mulher, e se eu não puder tomar meu rum agora, logo vou morrer na praia igual a um naufrago

desgraçado, e a culpa vai ser sua, Jim, sua e daquele doutorzinho inútil.

E continuou com suas lamúrias e pragas:

— Olha só, Jim, como minhas mãos tremem — dizia agora em tom de súplica. — Não consigo parar. Não tomei nem uma gota o dia inteirinho. Aquele doutor é um idiota, me ouça. Se eu não tomar um pouco de rum, Jim, vou começar a delirar. Já comecei a ver fantasmas. Vi o velho Flint, naquele canto atrás de você. Vi ele direitinho. Já vi muita coisa ruim, Jim, se eu começar a delirar vou dar trabalho. O doutor mesmo falou que só um copo não vai me fazer mal. Te dou um guinéu de ouro se você me trouxer um bocadinho de rum, Jim.

Ele se exaltava cada vez mais, e fiquei receoso pelo meu pai, que estava muito mal naquele dia e precisava de tranquilidade. Além disso, o doutor havia me assegurado que uma só dose não faria mal, como o próprio capitão me lembrara, mas também me sentia ofendido com a tentativa de suborno.

— Não quero seu dinheiro — eu disse —, só o que o senhor já deve ao meu pai. Vou trazer um copo, e nada mais.

Quando cheguei com a dose, ele a tomou das minhas mãos e virou o copo de uma vez.

— Agora, sim. Bem melhor, sem dúvida. Me diga uma coisa, companheiro, o médico disse por quanto tempo eu tenho que ficar atracado nesta cama velha?

— Uma semana, no mínimo — respondi.

— Diabos! — exclamou. — Uma semana! Não vai dar, eles vão me mandar a marca negra antes disso. Agorinha mesmo, aqueles patifes devem estar vindo atrás de mim. Os vagabundos não sabem cuidar do que é deles e querem tomar o dos outros. Me diz se isso é jeito de um marujo levar a vida? Eu não, sempre levei tudo contadinho. Nunca desperdicei nem perdi dinheiro, e vou passar a perna neles outra vez. Não tenho medo, não. Vou pra outros portos, companheiro, e eles que se lasquem.

Enquanto falava, levantou-se com dificuldade. Agarrou tão forte meu ombro que quase gritei. Ele movia as pernas como se estivessem inválidas. Suas palavras firmes eram um triste contraste com a fraqueza da voz que as proferia. Ficou sentado por um momento na beirada da cama.

— Aquele doutorzinho acabou comigo — resmungou.
— Meus ouvidos estão zumbindo. Me ajuda a deitar de novo.

Antes de conseguir ajudá-lo, já havia caído de volta para a posição onde estava, e assim ficou por algum tempo, sem dizer nada.

— Jim — retomou afinal —, você viu aquele marujo hoje?

— O Cão Negro?

— Ah! Cão Negro! Aquele lá não vale nada, mas quem o enviou é ainda pior. Se eu não conseguir fugir a tempo e

me colocarem a marca negra, saiba que estão atrás é do meu velho baú. Então, arranje um cavalo. Você sabe montar, não é? Bom, arranje um cavalo e... Bom, tem que ser ele! Vá falar com aquele médico imprestável e diga para ele reunir todo mundo, juízes e toda essa corja, para que venham para cá prender todos eles, aqui na Almirante Benbow. São a velha tripulação do capitão Flint, todos eles, pelo menos os que sobraram. Eu fui o imediato do Flint, fui sim, e sou o único que sabe onde fica o lugar. Ele me entregou em Savannah, quando estava à beira da morte, do mesmo jeito que estou agora, entende? Mas só abra a boca se eles vierem me colocar a marca negra, ou se avistar o Cão Negro de novo... ou o marujo de uma perna só. Principalmente ele.

— Mas o que é essa marca negra, capitão? — perguntei.

— É um aviso, companheiro. Se eles me marcarem, eu te digo. Fique de olho bem aberto, Jim, e eu divido minha parte com você, juro pela minha honra.

Divagou um pouco mais, com a voz cada vez mais fraca. Quando lhe dei seu remédio, tomou como se fosse uma criança e fez ainda uma última observação:

— Se algum dia um marujo já precisou de remédio, esse marujo sou eu.

Então caiu em um sono pesado como um desmaio, e o deixei assim. Se as coisas tivessem continuado calmas, não sei o que eu teria feito. Provavelmente contado toda essa

história ao doutor, pois tinha um medo mortal de que o capitão se arrependesse de sua confissão e acabasse comigo. Mas tudo tomou outro rumo quando meu pai morreu naquela mesma noite, o que fez todas as outras questões serem deixadas de lado. Nossa tristeza, a vinda dos vizinhos, os preparativos para o funeral, além de todo o trabalho da pousada, me deixaram tão aturdido que mal tive tempo de pensar no capitão, menos ainda de ter medo dele.

Na manhã seguinte, o capitão desceu até o salão e tomou seu café como de costume, embora tenha comido menos e bebido mais do que sua dose habitual de rum. Isso era certo, pois ele mesmo foi se servir no balcão, mal-humorado e bufando, sem que ninguém tivesse coragem de contrariá-lo. Na noite antes do enterro já estava bêbado como sempre, e era ultrajante ouvir sua cantoria em meio ao luto da casa. No entanto, fraco como estava, todos temiam que caísse morto a qualquer momento. O doutor se ocupou com um paciente a alguns quilômetros de distância e não voltou mais à pousada depois da morte de meu pai. Como eu disse, o capitão estava fraco, e parecia piorar cada vez mais. Subia e descia a escada aos tropeços, e estava sempre na sala ou na copa. Às vezes punha a cara para a rua, para sentir o cheiro do mar, apoiando-se nas paredes, sua respiração pesada e ofegante como se escalasse uma montanha. Não veio falar comigo diretamente, e presumi que tinha se esquecido de

suas confissões. Estava mais irritado e, dentro do que seu estado permitia, mais violento. Passou a desembainhar sua espada quando bêbado e colocá-la à sua frente sobre a mesa onde se sentava. Apesar disso, já não incomodava tanto as pessoas e parecia perdido em seus próprios pensamentos e divagações. A certa altura, para nossa grande surpresa, mudou seu repertório e cantou uma espécie de cantiga de amor, talvez aprendida quando jovem, antes de se lançar na vida de marinheiro.

E assim as coisas se passaram até o dia seguinte ao funeral. Por volta das três horas de uma tarde triste, gelada e nevoenta, eu estava parado à porta, perdido em meu pesar por meu pai, quando vi uma figura se aproximar pela estrada. Tratava-se nitidamente de um homem cego, pois andava tateando o caminho com sua bengala. Usava uma venda esverdeada sobre os olhos e nariz. Era corcunda, como se fosse velho ou doente, e usava uma capa de marinheiro com capuz que deformavam sua figura. Eu nunca havia visto alguém mais aterrorizante. Parou a pouca distância da pousada e gritou seu estranho bordão para o nada:

— Quem pode dizer a um pobre cego, que perdeu a visão defendendo a pátria-mãe, querida Inglaterra (Salve o Rei George!), onde ou em que parte do país ele se encontra agora?

— O senhor está na pousada Almirante Benbow, meu senhor — respondi.

— Ouço a voz de um jovem — disse ele. — Pode me dar sua mão, meu bom rapaz, e me guiar para dentro?

Estendi minha mão e aquela criatura desprezível e dissimulada a agarrou subitamente com muita força. Meu susto foi tão grande que tentei me desvencilhar, mas com um movimento do braço o cego me puxou para mais próximo dele.

— Agora, rapaz, me leve até o capitão.

— Não posso fazer isso, senhor.

— Ah, é assim? — sorriu debochado. — Me leve agora ou quebro seu braço.

E torceu meu braço tão forte que me fez gritar.

— Senhor, é para o seu próprio bem. O capitão não é mais o mesmo. Está sempre sentado com sua espada desembainhada à sua frente. Um outro senhor...

— Vamos lá, andando! — me interrompeu, com a voz mais aterrorizante, fria e cruel que eu já ouvi na vida.

Aquilo me intimidou mais do que a dor e cedi imediatamente, levando-o pela porta até o salão onde nosso velho e doente marujo estava, embriagado de rum. O cego se agarrou a mim firmemente e se apoiou sobre meu corpo de uma forma que eu mal podia suportar.

— Me leva direto pra ele, e quando o encontrar diga “tem um amigo seu aqui, Bill”. Se não fizer isso, você leva um desses. — E torceu meu braço de novo, com tanta força que pensei que fosse desmaiar.

O terror pelo cego maltrapilho me fez esquecer meu medo do capitão. Abri a porta do salão, e com minha voz trêmula repeti suas palavras.

Assim que o capitão nos viu, ficou completamente sóbrio. Sua expressão não foi de espanto, mas de alguém acometido por um mal súbito. Fez um movimento para se levantar, mas acredito que não lhe restavam forças para tanto.

— Fique quietinho aí, Bill — disse o maltrapilho. — Posso ser cego, mas consigo ouvir até um dedo se mexendo. O dever em primeiro lugar. Levante sua mão esquerda. Rapaz, pegue o braço dele e traga aqui para a minha direita.

Obedecemos à risca, e vi o cego passar algo para a mão do capitão, que se fechou instantaneamente.

— Pronto, está feito — disse o sujeito, me soltando bruscamente. Com extrema destreza e agilidade, saiu do salão e ganhou a estrada. Eu, ainda paralisado, ouvia o toc-toc da sua bengala se distanciar.

Só depois de algum tempo eu e o capitão nos recompusemos. Por fim soltei seu pulso. Ele olhava atentamente a palma de sua mão.

— Virão às dez horas! — gritou. — Tenho seis horas. Dá tempo de pegá-los ainda. — E com um salto se pôs em pé.

Cambaleou tão logo se levantou, levou a mão à garganta, se desequilibrou e caiu com o rosto no chão. O baque foi assustador.

Corri até ele, gritando para minha mãe, mas já era tarde. O capitão caiu fulminado por um derrame. É difícil explicar. Sem sombra de dúvida eu o odiava, mesmo também sentindo pena dele no final, mas ao vê-lo ali, morto, irrompi em lágrimas. Era a segunda morte que eu presenciava, e o luto da primeira ainda estava vivo em mim.

4.

O BAÚ

É claro que não perdi tempo e fui contar à minha mãe tudo o que sabia, talvez devesse até ter contado antes, pois nos vimos subitamente em uma situação difícil e perigosa. Parte do dinheiro do capitão — se é que ele teria algum — era nosso por direito, mas era improvável que sua antiga tripulação estivesse disposta a abrir mão de uma parcela do saque para pagar suas dívidas, principalmente aqueles que eu havia conhecido: o Cão Negro e o cego maltrapilho. Se eu seguisse as ordens do capitão e fosse procurar o dr. Livesey, deixaria minha mãe sozinha e desprotegida, ou seja, era algo impensável. O fato era que nem eu nem ela achávamos possível permanecer na pousada por mais tempo. Qualquer ruído nos assustava, desde o carvão estalando na cozinha até o tique-taque do relógio. Tínhamos a impressão de ouvir passos em toda a vizinhança, nos assombrando. O corpo do capitão estendido no chão da sala e o medo de que aquele detestável cego ainda estivesse por perto e voltasse a qualquer momento, me davam arrepios. Algo tinha que ser feito sem demora, e tivemos a ideia de procurar ajuda na vila próxima, imediatamente. Do modo como estávamos,

mal agasalhados, mergulhamos na névoa gelada do entardecer.

Embora não fosse possível avistar o vilarejo — do outro lado da enseada vizinha —, a distância era curta. O que mais me tranquilizava é que íamos na direção oposta à qual o cego viera, e por onde provavelmente voltaria. Não levamos muito tempo na estrada, mesmo parando de quando em quando para nos mantermos juntos e ficar à escuta. Não havia nenhum ruído suspeito, nada além do barulho distante das ondas e dos animais na mata.

Já estava escuro quando chegamos à vila, e nunca me esquecerei de como fiquei aliviado em ver as luzes amarelas das velas nas portas e janelas. No entanto, essa se mostrou a única ajuda que teríamos ali. Nem uma alma se dispôs a voltar conosco para a Almirante Benbow — algo que deveria causar vergonha aos habitantes daquele vilarejo. Quanto mais contávamos sobre nossas desgraças, mais eles (homens, mulheres, crianças, todos) se encastelavam em suas casas. O nome do capitão Flint, embora desconhecido para mim, era bem familiar para alguns ali e os enchia de terror. Alguns dos homens que trabalhavam nos campos mais distantes se recordavam, inclusive, de terem visto vários estranhos passando pela estrada. Pensaram se tratar de contrabandistas e se mantiveram afastados. Pelo menos um desses camponeses disse ter visto um pequeno navio ancorado no porto que chamávamos de Toca do Gato. Por causa disso tudo,

qualquer menção a algum conhecido do capitão já era suficiente para fazê-los morrer de medo. No final das contas, muitos se dispuseram a ir procurar o dr. Livesey, cuja casa ficava em outra direção, mas ninguém teve coragem de voltar conosco até a pousada e proteger o lugar.

Dizem que a covardia é contagiosa. O discurso, por outro lado, é encorajador. Depois de todos darem suas desculpas, minha mãe lhes devolveu um sermão. Declarou que não abriria mão do dinheiro que pertencia a seu filho, agora órfão de pai.

— E se nenhum de vocês tem coragem, Jim e eu iremos sozinhos — disse ela. — Voltaremos pelo mesmo caminho, sem nenhuma ajuda de vocês, covardes. Vamos abrir aquele baú mesmo que custe nossas vidas. Eu lhe agradeço, senhora Crossley, se puder nos emprestar essa bolsa para guardarmos o dinheiro que é nosso por direito.

É claro que eu disse que acompanharia minha mãe, e é claro que todos reprovaram nossa imprudência, mas ninguém se dignou a ir conosco. Só o que fizeram foi me dar uma pistola para me defender, e prometeram deixar cavalos de prontidão para o caso de sermos perseguidos. Um rapaz se ofereceu para ir até a casa do dr. Livesey e pedir o auxílio de oficiais armados.

Meu coração batia acelerado quando minha mãe e eu partimos para a arriscada aventura que aquela noite fria nos guardava. A lua cheia começava a despontar, furando a

névoa com sua luz avermelhada, o que nos fez apertar o passo, pois indicava que logo ficaria clara e nos deixaria expostos em nossa fuga. Andávamos rápido e em silêncio à beira da estrada. Para nosso alívio, não vimos nem ouvimos nada suspeito até chegarmos na pousada.

Tranquei a porta assim que entramos, e por um momento ficamos parados no escuro, ofegantes, com o cadáver ali ao lado. Minha mãe apanhou uma vela na cozinha, e de mãos dadas atravessamos a sala. O capitão continuava do mesmo jeito, estendido de barriga para cima, olhos arregalados e um braço esticado.

— Feche as cortinas, Jim — minha mãe sussurrou. — Eles podem nos ver de lá de fora.

Fechei e ela continuou:

— Precisamos tirar a chave dele, e quero só ver quem vai fazer isso — disse quase soluçando.

Tomei coragem e me ajoelhei. Caído no chão, perto da mão do morto, havia um pedacinho de papel, escurecido em um dos lados. Sem dúvida era a marca negra. Apanhei e vi um pequeno aviso escrito em uma caligrafia muito boa: “Você tem até as dez da noite.”

— O prazo dele era até as dez horas, mãe. — Tão logo disse isso, nosso velho relógio começou a bater.

Levamos um grande susto com as badaladas, mas era uma boa notícia: ainda eram seis da tarde.

— Vamos, Jim, a chave.

Vasculhei seus bolsos um a um. Tudo o que encontrei foram algumas moedas, um dedal, um pedaço de barbante, agulhas grossas, um rolo de fumo mordido nas pontas, uma faca com o cabo rachado, uma bússola e um isqueiro de pavio. Comecei a perder as esperanças.

— Talvez esteja amarrada no pescoço — sugeriu minha mãe.

Dominando minha forte repulsa, abri seu colarinho e lá estava a chave, presa a um cordão encerado, que cortei com sua própria faca. O achado nos encheu de ânimo e corremos para o andar de cima até o quarto onde o capitão havia se hospedado por tanto tempo, e onde o baú ficou desde a sua chegada.

Era um baú comum de marinheiro, com a letra B gravada na tampa. As bordas amassadas e lascadas por tanto tempo de maus tratos.

— Dê aqui a chave — pediu minha mãe. Mesmo com a fechadura emperrada, consegui abrir e levantar a tampa com um solavanco.

Ergueu-se um forte cheiro de tabaco e alcatrão, mas não havia nada à vista a não ser um terno de ótima qualidade, cuidadosamente escovado e dobrado. Minha mãe comentou que nunca havia sido usado. Por baixo dele havia uma porção de coisas: um quadrante, uma caneca de latão, rolos de fumo, duas lindas pistolas, uma barra de prata, um velho relógio feito na Espanha, e algumas bugigangas de pouco valor, a maioria vinda de outros

países, além de duas bússolas de bronze e seis conchas apanhadas nas Índias Ocidentais, bastante interessantes. Desde esse dia fiquei imaginando por que o capitão, em sua vida errante de homem procurado, carregava aquelas conchas consigo.

Até então, não havíamos encontrado nada de valor a não ser a prata e as bugigangas, que naquelas circunstâncias não nos interessavam em nada. Embaixo daquilo tudo havia uma velha capa de marinheiro, esbranquiçada pelos anos de maresia. Minha mãe a arrancou dali com impaciência, e vimos as últimas coisas que restavam no baú: um pacote de tecido impermeável que parecia conter alguns papéis, e um saco de lona que, ao primeiro toque, fez um tilintar de moedas.

— Vou mostrar àqueles bandidos que sou honesta — declarou minha mãe. — Vou pegar somente o que é meu por direito, e nem um centavo a mais. Abra a bolsa da senhora Crossley.

E começou a contar as moedas e a passar algumas para a bolsa que eu segurava.

Era um trabalho lento e complicado, pois as moedas eram de vários países e tinham diversos tamanhos — dobrões, luíses, guinéus, peças de oito, e sabe-se lá o que mais, todas misturadas sem critério. O que menos havia era guinéus, e somente com eles minha mãe sabia fazer contas.

Mais ou menos na metade da contagem, agarrei o braço dela, pois escutei em meio ao vento gelado um ruído que quase fez meu coração sair pela boca: o *toc-toc* da bengala do cego vindo pela estrada. Ficamos paralisados, sem respirar, ouvindo-o se aproximar cada vez mais, até bater com força na porta da pousada. A maldita criatura tentou abrir, girando a maçaneta e sacudindo o ferrolho. Seguiu-se um longo silêncio, tanto do lado de fora como de dentro. O *toc-toc* recomeçou, e para nosso grande alívio, o ouvimos se distanciar até tudo ficar em silêncio novamente.

— Mamãe, pegue logo tudo e vamos embora daqui — implorei, certo de que a porta trancada teria levantado suspeitas, e em breve toda a corja retornaria para nos pegar.

Só quem conhecesse aquele maldito cego poderia imaginar como eu estava aliviado por ter trancado a porta.

Minha mãe, no entanto, mesmo apavorada como estava, jamais aceitaria ficar com menos do que o capitão lhe devia, tampouco pegaria mais. Ainda faltava muito para as sete horas, apontou ela, dizendo que não desistiria do que era seu por direito. Continuou teimando até ouvirmos um assobio curto e baixo, vindo dos lados da colina. Foi o que bastou para nós dois.

— Vou levar o que já peguei — disse minha mãe, ficando em pé no mesmo instante.

— E eu levo isto para fechar a conta. — E apanhei o embrulho com os papéis.

Deixamos a vela ao lado do baú, atravessamos a sala Tateando, abrimos a porta e saímos em disparada. Foi no momento exato, pois a neblina estava se dissipando rapidamente e a lua já clareava as colinas em ambos os lados da estrada. Apenas no vale onde estávamos, em volta da taberna, havia ainda uma fina névoa que encobria os primeiros passos de nossa fuga. Ainda no começo do caminho para o vilarejo, apenas um pouco além do pé da colina, o luar já nos expunha. Além disso, começamos a ouvir o som de passos, e ao virarmos para averiguar, pudemos ver a luz oscilante do lampião de um deles, avançando em nossa direção.

— Filho — minha mãe rompeu o silêncio —, pegue o dinheiro e continue correndo. Vou desmaiar.

Sem dúvida nosso fim havia chegado, pensei. Amaldiçoei a covardia de nossos vizinhos. Culpei a coitada da minha mãe por ser tão honesta e gananciosa, e por ter sido tão teimosa e agora tão fraca. Por sorte, estávamos já perto da pequena ponte, e a ajudei a chegar, já cambaleante, até a margem do rio. Com um suspiro, ela desabou sobre meu ombro. Não sei como tive forças, e talvez nem tenha sido a melhor ideia, mas consegui arrastá-la até quase debaixo da ponte. Não pude ir mais longe, pois o arco era baixo demais e só me permitia rastejar até embaixo. Aquele era o único esconderijo

possível – praticamente ao lado da pousada, com minha mãe quase totalmente exposta.

5.

O CEGO ENCONTRA SEU FIM

De certa forma, minha curiosidade foi maior que meu medo, pois não consegui continuar parado ali e rastejei de volta para a margem do rio. De lá, oculto por um arbusto, eu podia observar o caminho que ia até nossa porta. Mal me posicionei e já pude ver meus perseguidores, sete ou oito deles, correndo afobados com o sujeito com o lampião um pouco à frente. Três deles corriam juntos, de mãos dadas. Mesmo em meio à nevoa, consegui discernir o cego ao centro. Sua voz confirmou minha suspeita:

— Derrubem a porta!

— Sim, senhor! — dois ou três dos capangas responderam.

Correram para a entrada da Almirante Benbow, com o sujeito do lampião logo atrás. Pararam à porta e os ouvi sussurrando, talvez pela surpresa de encontrá-la aberta. Foi uma pausa curta, no entanto, pois o cego logo deu novas ordens. Sua voz era cada vez mais alta, inflamada pela impaciência e a raiva.

— Vamos! Para dentro! — gritou, repreendendo-os pela demora.

Quatro ou cinco obedeceram imediatamente, e dois permaneceram na estrada com aquele cego medonho.

Houve um momento de silêncio, seguido por um grito de surpresa, e então uma voz gritou de dentro da casa:

— O Bill morreu!

A resposta do cego foi praguejar uma vez mais por causa da demora.

— Pois revistem ele, seus palermas, e o restante vai procurar o baú — gritou.

Pude ouvi-los subindo a escada, tão ruidosamente que a casa pareceu tremer. Logo em seguida, novos gritos de espanto, e então a janela do quarto do capitão se escancarou violentamente, e ouvi os vidros se quebrando. Vi um dos homens se debruçar no parapeito, contra o luar, e gritar para o cego na entrada:

— Pew, chegaram antes de nós! Alguém já revirou o baú!

— Mas o que queremos está aí? — indagou Pew.

— O dinheiro está.

O cego praguejou contra o dinheiro.

— Estou falando dos papéis do Flint! — exclamou.

— Não estou vendo em lugar nenhum — tornou o outro.

— Vocês aqui embaixo, revistaram o Bill? — perguntou o cego.

Outro sujeito, provavelmente o encarregado de revistar o capitão, saiu pela porta dizendo:

— Alguém já mexeu no Bill. Não sobrou nada.

— Foram os malditos da pousada. É aquele rapaz. Vou arrancar os olhos dele! — vociferou o cego Pew. — Não deve fazer muito tempo. A porta estava trancada quando eu vim aqui antes. Se espalhem e encontrem eles!

— Deve ter sido isso mesmo, até largaram a vela aqui — disse o homem na janela.

— Se espalhem e encontrem eles! Deitem a casa abaixo! — Pew ordenou novamente, batendo a bengala no chão.

Um grande alvoroço se fez em nossa velha pousada. Passos pesados marchavam por todos os lados, móveis eram revirados, portas batidas — a barulheira era tanta que ecoava nos rochedos. Então os homens começaram a sair para a rua, um após o outro, dizendo que não haviam encontrado nada. Um assobio rasgou a noite, o mesmo que havia assustado minha mãe e eu minutos atrás, mas desta vez foi repetido duas vezes. Eu havia imaginado que o assobio era do próprio cego, convocando seu bando para o ataque, mas constatava agora que vinha das colinas ao lado do vilarejo, e que pelo efeito que causou nos piratas, tratava-se de um aviso de perigo próximo.

— É o Dirk de novo! — disse um deles. — Assoviou duas vezes! Temos que zarpar, companheiros!

— Zarpar uma ova, seu palerma! — exclamou Pew. — Dirk sempre foi um covardão, não liguem pra ele. O rapaz e a mãe devem estar perto, não podem ter ido muito longe.

Aposto que estão aqui do lado! Se espalhem e procurem por eles, imbecis! Ah, se eu não fosse cego!

A bronca pareceu surtir algum efeito, pois dois dos capangas começaram a vasculhar o depósito de lenha, aparentemente de má vontade e mais preocupados com a própria segurança, enquanto os outros permaneceram na rua, hesitantes.

— Vocês estão prestes a pôr a mão numa fortuna, seus animais, e ficam aí de corpo mole! O tesouro de um rei dando sopa e vocês comendo mosca! Ninguém teve coragem de encarar o Bill, só eu, um cego! E por causa de uns palermas como vocês, vou perder minha chance! Vou ter de continuar rastejando feito um mendigo, implorando por uma dose de rum, quando podia estar andando de carruagem! Se tivessem um mínimo de iniciativa, já os teriam pego.

— Calma lá, Pew, já pegamos os dobrões — resmungou um deles.

— Devem ter escondido aquela porcaria — emendou outro. — Pegue o dinheiro, Pew, e pare com esse ataque de nervos.

“Ataque” era mesmo uma boa forma de descrever aquilo. Diante dessas objeções, a indignação de Pew foi tão grande que, dominado pela raiva, começou a atacá-los a torto e a direito, e mesmo sem enxergar acertou sua bengala em mais de um deles.

Os piratas, por sua vez, começaram a xingar o cego de nomes horríveis, e sem sucesso tentavam arrancar a bengala de suas mãos.

Essa confusão foi o que nos salvou, pois enquanto se engalfinhavam, um outro barulho veio do alto das colinas vizinhas ao vilarejo — um tropel de cavalos. Quase ao mesmo tempo, das cercas à beira da estrada veio o clarão e o estampido de um tiro de pistola. Aquele devia ser o sinal de perigo máximo, pois os bandidos debandaram de uma vez, cada qual em uma direção. Uns pela praia, outros colina acima e assim por diante. Em menos de um minuto o único que sobrou ali foi Pew, abandonado não sei se pelo pânico do momento ou como revanche pelas broncas e bengaladas. Lá ficou ele, tateando a estrada freneticamente com sua bengala e chamando pelos seus comparsas. Acabou tomando a direção errada, o caminho para o vilarejo. Passou a alguns metros de onde eu estava, gritando:

— Johnny! Cão Negro! Dirk! Não abandonem o velho Pew, amigos! Não deixem o velho Pew!

Foi bem nesse momento que quatro ou cinco cavaleiros surgiram no topo da colina, visíveis à luz do luar, descendo a todo galope.

Pew se deu conta de seu erro e com um grito se virou, mas tropeçou em uma vala e caiu rolando. Em um segundo já estava de pé e disparou novamente, completamente

desnorteado, indo de encontro ao cavalo que vinha à frente do grupo.

O cavaleiro tentou desviar, mas foi em vão. Com um grito lancinante que ecoou pela noite, Pew foi pisoteado pelos quatro cascos do animal, que não conseguiu parar. O cego caiu de lado, tombando lentamente até seu rosto tocar o chão, e não se mexeu mais.

Me levantei e chamei os homens. Já estavam parados, chocados com o acidente, e logo vi quem eram. O que vinha atrás era o rapaz do vilarejo que se dispôs a ir buscar o dr. Livesey. Os outros eram coletores de impostos que encontrou pelo caminho e teve a excelente ideia de contar-lhes o caso e trazê-los até a Almirante Benbow. O inspetor Dance ouviu os rumores sobre o navio ancorado na Toca do Gato e também decidiu ir até a pousada averiguar. Foi graças a isso que eu e minha mãe escapamos.

Pew estava morto, sem sombra de dúvida. Quanto à minha mãe, a carregamos até o vilarejo, e com um pouco de água fria e saís de cheiro ela logo se recuperou. Não deu tanta importância aos momentos de terror que havia passado, mas se ressentia pelo dinheiro que o capitão ficou lhe devendo. Enquanto isso, o inspetor foi o mais rápido que pôde até a Toca do Gato. Seus homens, no entanto, tiveram de desmontar e descer o barranco com dificuldade, puxando seus cavalos e atentos a emboscadas que poderiam vir de qualquer lugar. Por isso, não foi uma

grande surpresa quando chegaram ao porto e viram que o veleiro já estava zarpando. O inspetor deu um grito para a tripulação do navio. Uma voz respondeu que ele não deveria ficar assim tão exposto à luz do luar, ou acabaria levando chumbo, e no mesmo instante uma bala passou de raspão pelo seu braço. Em seguida, o veleiro fez uma curva e desapareceu. O inspetor Dance ficou ali, como ele mesmo disse, “a ver navios”. A única coisa que pôde fazer foi enviar um homem até B... para avisar a guarda costeira.

— E isso não adianta nada — disse o inspetor —, eles escaparam, e é isso. Pelo menos me livrei do Mestre Pew.

Àquela altura eu já havia lhe contado o que se passara na pousada.

Voltei com ele para a Almirante Benbow, e o estado da casa era pior do que o imaginado. Na fúria com que nos procuraram, nem o relógio ficou a salvo. Embora nada tivesse sido roubado de fato, além do saco de moedas do capitão e um pouco de dinheiro que havia na caixa do balcão, percebi de imediato que estávamos arruinados. Analisando o lugar, o sr. Dance não entendia o que havia acontecido.

— Você disse que eles levaram o dinheiro, não foi? Oras, então que outra coisa de valor procuravam? Mais dinheiro, imagino?

— Não, senhor. Acho que não estavam atrás de dinheiro — respondi. — Acredito que estavam procurando

o que está aqui no bolso do meu casaco, e para falar a verdade, gostaria de guardar isto em um local seguro.

— Claro, rapaz, de acordo — disse o inspetor. — Se você quiser, guardo para você.

— Eu estava pensando em deixar com o dr. Livesey.

— Faz muito bem — me interrompeu, um tanto expansivo. — Muito bem. Ele é um cavalheiro, além de ser juiz. Pensando bem, vou pessoalmente informar a ele ou ao barão sobre os acontecimentos. Afinal, Pew está morto. Não que eu sinta pena, sabe, mas o caso é que ele está morto e as pessoas podem culpar os coletores de impostos, se ficarem sabendo. Se você quiser, Hawkins, pode vir comigo.

Agradei sinceramente, e caminhamos até o vilarejo, onde os cavalos haviam ficado. Quando acabei de contar meus planos à minha mãe, já estavam todos prontos para partir.

— Dogger, o seu cavalo é bom. Leve o rapaz na garupa — disse o inspetor.

Assim que montei e me agarrei à cintura do sr. Dogger, o inspetor deu o sinal e o grupo logo tomou a estrada que levava à casa do dr. Livesey, a trote largo.

6.

OS PAPÉIS DO CAPITÃO

Cavalgamos depressa durante todo o caminho até a porta do dr. Livesey. Toda a frente da casa estava escura.

O inspetor Dance me pediu para descer do cavalo e bater, e Dogger me ajudou com o estribo. A criada abriu a porta quase imediatamente.

— O dr. Livesey está? — perguntei.

Ela respondeu que não; ele havia passado em casa à tarde, mas tinha saído para jantar com o barão, onde demoraria algum tempo.

— Então vamos para lá, rapazes — disse o inspetor.

Como a distância era curta, não subi no cavalo. Corri segurando na correia do estribo, passando pela longa alameda de árvores desfolhadas banhadas pelo luar, até chegarmos aos portões da propriedade do barão. Sua mansão branca era cercada por grandes e vistosos jardins de ambos os lados. O sr. Dance apeou, identificou-se e fomos prontamente recebidos.

Um criado nos conduziu por um corredor atapetado, até uma grande biblioteca com estantes cheias de livros em todas as paredes. Havia um busto sobre cada estante. Lá estavam o barão e o dr. Livesey, sentados com seus cachimbos em frente à lareira acesa.

Eu nunca havia visto o barão tão de perto. Era um homem alto, com mais de um metro e oitenta, de compleição larga, expressão séria e rosto severo, vincado pelo sol de tantas viagens. Suas sobrançelas eram muito escuras e ágeis, o que lhe dava um ar de homem de gênio forte. Não parecia ser mau, mas inteligente e respeitável.

— Entre, sr. Dance — disse o barão em um tom formal, porém amigável.

— Boa noite, Dance — o doutor cumprimentou com um aceno de cabeça. — E para você também, Jim, meu amigo. Que bons ventos os trazem?

O inspetor se empertigou todo e contou o caso como se apresentasse uma palestra. Dava gosto ver os dois fidalgos inclinados em suas cadeiras se entreolhando abismados. Estavam tão entretidos e chocados que até se esqueceram de fumar. Quando lhes contei que minha mãe teve coragem de voltar à hospedaria, o dr. Livesey deu um tapa em sua própria coxa, e o barão quebrou seu cachimbo ao batê-lo contra a grelha da lareira, gritando “Bravo!”. Muito antes de terminar o relato, o sr. Trelawney (que como se lembram, era o nome do barão), já havia se levantado e andava de um lado para o outro da sala. O doutor, como se quisesse ouvir melhor, havia retirado sua peruca e era estranho vê-lo ali sentado com seu cabelo natural, curto e preto.

O sr. Dance finalmente terminou de contar sua história.

— Sr. Dance — disse o barão —, o senhor é um homem de muito valor. Quanto a terem atropelado aquele canalha traiçoeiro, considero que foi uma boa ação, como pisar em uma barata. E este rapaz Hawkins aqui é um danado, pelo que vejo. Hawkins, você pode tocar aquela sineta, por favor? O sr. Dance merece uma cerveja.

— Mas então, Jim — o doutor emendou —, o que eles procuravam está com você, certo?

— Está aqui, senhor — respondi entregando a ele o pacote de tecido impermeável.

O médico examinou o embrulho por todos os lados, como se estivesse ansioso para abri-lo. No entanto, só o que fez foi guardá-lo calmamente no bolso de seu casaco.

— Barão, o inspetor pode voltar ao seu trabalho, depois que terminar sua cerveja, é claro — disse dr. Livesey. — Mas gostaria que Jim Hawkins ficasse para passar a noite em minha casa. Com sua permissão, proponho pedir para que tragam a torta fria para ele comer.

— Como quiser, Livesey — respondeu o barão. — Hawkins merece bem mais do que uma torta fria.

Então um criado trouxe uma grande torta de pombo e a colocou sobre uma mesa lateral. Me empanturrei, pois estava faminto como um leão, enquanto o sr. Dance era mais uma vez congratulado e por fim dispensado.

— E agora, barão... — começou o doutor.

— E agora, Livesey... — o barão respondeu, ao mesmo tempo.

— Uma coisa de cada vez, uma coisa de cada vez — o dr. Livesey riu. — Imagino que já tenha ouvido falar desse Flint?

— Ouvido falar? — exclamou o barão. — “Ouvido falar”, essa é boa! Foi o pirata mais sanguinário que já se viu. Barba Negra era um menino comparado a ele. Os espanhóis tinham tanto medo dele que te confesso que às vezes sentia orgulho por ele ser inglês. Vi as velas de seu navio com meus próprios olhos, navegando perto de Trinidad, mas aquele frouxo com quem eu navegava enfiou o rabo entre as pernas, desviou a rota e fugiu para o Porto da Espanha.

— Bom, eu também já ouvi falar dele, aqui mesmo na Inglaterra — tornou o médico. — Mas a questão é: ele tinha dinheiro?

— Dinheiro? Você nunca ouviu as histórias? O que esses bandidos procuram além de dinheiro? O que interessa a eles, a não ser dinheiro? Por que arriscam sua carcaça imunda, se não por dinheiro?

— Isso saberemos logo — respondeu dr. Livesey. — Mas o senhor está tão exaltado e falante que ainda não me deixou concluir meu raciocínio. O que quero saber é o seguinte: supondo que esse pacote em meu bolso seja alguma pista de onde o tesouro de Flint está enterrado, será que esse tal tesouro é valioso?

— Valioso? — exclamou o barão. — Eu te digo o quanto ele vale: se tivermos mesmo uma pista, como você disse, prepararei um navio no porto de Bristol para você e Hawkins irem junto comigo. Encontrarei esse tesouro nem que leve um ano procurando.

— Pois muito bem — assentiu o doutor. — Então, se Jim estiver de acordo, abriremos o embrulho. — E o colocou sobre a mesa.

O pacote estava costurado, e o doutor precisou sacar uma tesoura cirúrgica de sua maleta para cortar as linhas. Dentro do embrulho havia duas coisas: um caderno e um envelope lacrado.

— Primeiro vamos ver o que tem no caderno — sugeriu o doutor.

O barão e eu já estávamos debruçados sobre os ombros do médico, que tinha gentilmente sinalizado para eu me aproximar e participar da emoção da descoberta. Na primeira página havia apenas alguns garranchos, como alguém faz quando está entediado ou quer praticar a escrita. Um deles era idêntico à tatuagem do capitão: “Salve Billy Bones”. Também estava escrito “Sr. W. Bones, imediato”, “Chega de rum”, “Em Palm Key ele levou uma boa”, e ainda outras garatuñas, na maior parte palavras soltas e ininteligíveis. Fiquei imaginando *quem* havia levado uma boa, e que *boa* era essa. Podia muito bem ter sido uma facada nas costas.

— Isso não nos diz muita coisa — observou o doutor antes de folhear o caderno.

As dez ou vinte páginas seguintes continham uma série de anotações curiosas. Havia datas em uma margem da folha e quantias de dinheiro na outra, como em um livro-caixa. No entanto, em vez das descrições das despesas, entre as duas colunas havia somente cruces desenhadas, variando de número a cada linha. No dia 12 de junho, por exemplo, era possível ver claramente que foram pagas dezessete libras a alguém, mas não havia nenhuma explicação para isso além de seis cruces desenhadas. Em alguns casos, como que para não haver dúvidas, estava escrito também o local, como “mar de Caracas”, ou apenas as coordenadas geográficas, como “62° 17’ 20”, “19° 2’ 40”.

Era o registro de um período de mais de vinte anos. As quantias aumentavam ao longo do tempo. No final havia uma soma que havia sido corrigida cinco ou seis vezes, e a inscrição: “A parte de Bones”.

— Não faço ideia do que seja isso — comentou o dr. Livesey.

— Ora, está claro como o dia! — exclamou o barão. — É a contabilidade do pilantra. As cruces significam navios ou cidades que os piratas afundaram ou saquearam. As quantias são a parte do patife nos saques. Ele até incluiu detalhes onde achou que pudesse haver dúvida. Veja aqui: “mar de Caracas”. Quer dizer que abordaram algum navio perto daquela costa. Que Deus tenha piedade dos pobres

homens daquela tripulação, sem dúvida estão no fundo do mar.

— Ah, sim! — disse o médico. — Essa é vantagem de ser tão viajado. Sim, senhor! E as quantias aumentam conforme ele subia de posto na hierarquia dos piratas.

Nas últimas folhas do caderno havia ainda algumas outras anotações sobre lugares, e uma tabela de conversão entre moedas da França, Inglaterra e Espanha, para se chegar a um câmbio comum.

— Que homem tinhoso! — observou o doutor. — Não devia ser fácil passar a perna nele.

— E agora vamos ver os outros papéis — disse o barão.

O envelope estava selado em vários lugares. Dava para perceber que um dedal fora usado como sinete. Talvez fosse o mesmo dedal que encontrei no bolso do capitão. Com muito cuidado, o doutor abriu todos os lacres, até deixar cair o mapa de uma ilha. O papel continha latitudes e longitudes, medidas de profundidade, nomes de montes, baías e enseadas, e outros detalhes necessários para que um navio pudesse chegar com segurança até a praia indicada. A ilha tinha cerca de quatorze quilômetros de largura e oito de comprimento. Sua forma lembrava a de um dragão gordo. Possuía dois locais bons para atracar, protegidos por terra, e na parte central da ilha havia uma elevação chamada de “Colina da Luneta”. Além disso, havia outras inscrições adicionadas posteriormente. As que mais se sobressaíam eram três cruces vermelhas —

duas na região norte da ilha e uma a sudoeste. Embaixo dessa última, com a mesma tinta vermelha e em uma caligrafia cuidadosa (diferente dos garranchos do capitão), a indicação: “Maior parte do tesouro aqui”.

No verso do mapa, a mesma pessoa havia escrito outras informações:

Árvore alta, topo da Luneta, um quarto na direção N de NNE.

Ilha do Esqueleto, ESE na direção E.

Três metros.

A prata está no esconderijo ao norte. Pode ser encontrada seguindo o monte ao leste, a dez braças do rochedo negro que se parece com um rosto.

As armas estão em fácil esconderijo, nas dunas no ponto norte do promontório da enseada, direção E e um quarto a N.

J.F.

Era apenas isso. Mesmo sendo curtas e incompreensíveis para mim, essas informações deixaram o barão e o dr. Livesey empolgados.

— Livesey — começou o barão —, você vai abandonar esse seu trabalho miserável imediatamente. Amanhã parto para Bristol. Dentro de três semanas... três semanas, nada! Em duas semanas, no máximo dez dias, terei o melhor navio e a melhor tripulação da Inglaterra, sim senhor! Hawkins será nosso grumete. E que grumete famoso você será, Hawkins. Você, Livesey, será o médico de bordo. Serei

o almirante. Vamos levar Redruth, Joyce e Hunter. Teremos ventos favoráveis, uma viagem tranquila e vamos achar o local sem grandes dificuldades. Depois disso, nunca mais precisaremos nos preocupar com dinheiro na vida.

— Irei com você, Trelawney — declarou o dr. Livesey.
— Pode contar comigo e com Jim também. Farei tudo ao meu alcance para encontrarmos o tesouro. Só uma pessoa me preocupa.

— Quem? — indagou o barão. — Me diga quem é esse patife!

— Você! — respondeu o médico. — Você é incapaz de guardar segredo. Não somos os únicos que sabem deste mapa. Os sujeitos que atacaram a pousada hoje sem dúvida estão desesperados e são perigosos. Sem contar os outros que ficaram no navio. Não duvido que o bando seja ainda maior, todos loucos para colocar as mãos nesse tesouro. Nenhum de nós pode ficar sozinho até zarpamos. O senhor vai com Joyce e Hunter para Bristol, e enquanto isso eu fico aqui com Jim. E ninguém pode dar um pio sobre nossa descoberta.

— Livesey — tornou o barão —, como sempre, você tem razão. Minha boca será um túmulo.

PARTE DOIS

O COZINHEIRO DE BORDO

7.

MINHA PARTIDA PARA BRISTOL

Levou mais tempo do que o barão esperava até conseguirmos zarpar, e nenhum dos planos iniciais — nem o do dr. Livesey, de me manter junto dele — correu conforme o pretendido. O doutor teve de ir até Londres pedir a um médico que o substituísse em suas clínicas. O barão ficou bastante atarefado em Bristol. E eu fiquei na mansão, sob os cuidados do velho Redruth, zelador da propriedade do barão. Me sentia quase como um prisioneiro, mas sonhava acordado com a vida no mar, imaginando grandes aventuras em ilhas exóticas. Passava horas repassando o mapa em minha mente, pois me lembrava dele em detalhes. Sentado à lareira, na casa de Redruth, imaginava chegar à ilha por todos os lados possíveis; explorava cada palmo de seu terreno; subia mil vezes a colina que chamavam de Luneta, e do topo vislumbrava as paisagens mais fantásticas e diversas. Em algumas de minhas fantasias a ilha era repleta de selvagens, a quem tínhamos de combater. Em outras, cheia de animais ferozes que nos perseguiam. Nenhuma delas, porém, foi tão estranha e trágica quanto o que vivemos de fato.

Assim se passaram as semanas até que um belo dia chegou uma carta para o dr. Livesey, com a seguinte

inscrição no envelope: “Em caso de ausência do destinatário, poderá ser aberta por Tom Redruth ou pelo menino Hawkins”. Obedecendo a tais instruções, encontramos — ou melhor, eu encontrei, pois o pobre zelador tinha grandes dificuldades em ler qualquer coisa escrita à mão — as seguintes informações:

Pousada Velha Âncora, Bristol, 17 de março de 17..

Caro Livesey,

Como no momento não sei se você já se encontra na mansão ou se ainda está em Londres, mandei uma cópia desta carta para ambos os endereços.

Consegui um navio e já o equipei. Está no cais, pronto para zarpar. Você não poderia querer uma escuna melhor — até uma criança conseguiria guiá-la. Tem duas toneladas e se chama Hispaniola.

Pude comprá-la por intermédio de meu velho amigo Blandly, que se mostrou incrivelmente solícito. Esse camarada admirável não poupou esforços para me ajudar, assim como todos em Bristol, logo que ficaram sabendo de nosso destino — você sabe, o tesouro.

— Redruth! — exclamei, interrompendo a leitura. — O dr. Livesey não vai gostar nada disso. O barão acabou abrindo a boca, mesmo depois das advertências do doutor.

— Oras, está no direito dele! — resmungou o zelador.
— Eu ia achar estranho é se o barão seguisse as ordens de um médico.

Depois desse comentário, desisti de tentar argumentar e continuei lendo:

Foi o próprio Blandly quem encontrou o Hispaniola, e graças ao seu grande tino comercial, ainda por cima o conseguiu por uma pechincha. E imagine você que em Bristol há um bando de desocupados que espalham horrores sobre Blandly. Chegam ao ponto de dizer que a pobre criatura faria qualquer coisa por dinheiro, e que o Hispaniola era na verdade dele, e que o vendeu para mim por um valor absurdo — tudo lorota, obviamente. Nenhum dos infelizes, no entanto, se atreve a pôr qualquer defeito na escuna.

Por enquanto tudo corre às mil maravilhas. Exceto pelos trabalhadores — carregadores, operários etc. — que são lentos demais. Mas já dei um jeito nisso. O que me preocupava mesmo era a tripulação.

Meu plano era poder contar com uns vinte marinheiros — para o caso de encontrarmos índios, piratas ou até mesmo os malditos franceses — e tive um trabalho dos diabos para conseguir apenas meia dúzia, mas então, em um grande golpe de sorte, encontrei justamente o homem que eu procurava.

Eu estava nas docas quando, por puro acaso, um sujeito puxou papo comigo. Me contou que era um ex-marujo, agora dono de uma taberna, e que conhecia todos os marinheiros de Bristol. A vida em terra firme não havia feito bem para sua saúde e procurava trabalho como cozinheiro de bordo, para que pudesse voltar ao mar. Disse que com muito esforço havia caminhado até o porto naquela manhã, apenas para respirar a maresia.

Fiquei profundamente comovido — como você também teria ficado — e, por caridade, o contratei como nosso cozinheiro na mesma hora. Seu nome é Long John Silver e não tem uma perna. Considerei isso uma prova de seu valor, pois a perdeu servindo seu país, e sob as ordens do imortal Hawke.¹ Ele não recebe nenhuma pensão do governo, Livesey. Veja você que tempos abomináveis são esses em que vivemos.

Pois bem, pensei ter contratado apenas um cozinheiro, mas acabei encontrando uma tripulação inteira. Silver e eu conseguimos juntar, em poucos dias, um grupo dos mais valorosos homens que se pode imaginar. Um tanto mal-encarados, lá isso é verdade, mas fortes como leões. Te digo que poderíamos derrotar uma fragata.

Long John, inclusive, demitiu dois dos seis homens que eu já havia contratado. Fez-me ver logo de cara que se tratavam do tipo de marujo de água doce que só causaria problemas em uma missão de tal importância.

Minha saúde e meu ânimo estão formidáveis. Estou comendo feito um touro e dormindo feito uma pedra, mas só ficarei tranquilo quando meus velhos companheiros estiverem a bordo. Ao mar! Ao tesouro! As glórias da navegação estão mexendo com minha cabeça. Por isso, Livesey, venha logo de uma vez. Não perca mais um minuto, se me considera seu amigo.

Deixe que o menino Hawkins visite sua mãe uma última vez, acompanhado de Redruth, e depois disso, venham ambos sem demora a Bristol.

John Trelawney

P.S. — Não lhe contei que Blandly — a propósito, pedi a ele que mande um navio à nossa procura, caso não voltemos até o fim de agosto — encontrou um sujeito admirável para ser nosso timoneiro. Um homem valoroso em todos os aspectos, mas um tanto rígido demais, o que não me agrada. Long John Silver conseguiu um imediato muito competente, chamado Arrow. E temos também um contramestre que sabe todos os toques navais no apito, de forma que a bordo do Hispaniola as coisas serão à moda dos velhos navios de guerra.

Esqueci de te dizer que Silver é um homem de posses. Descobri por conta própria que tem uma conta bancária e que nunca ficou devendo um tostão. Vai deixar sua taverna sob responsabilidade de sua esposa. Por ser ela uma mulher de cor, dois solteirões como nós poderiam pensar que é seu casamento, tanto quanto sua saúde, que o fazem querer voltar à vida errante.

J.T.

P.P.S — O menino Hawkins pode passar uma noite com a mãe.

J.T.

Você pode imaginar como aquela carta me deixou animado. Eu mal podia conter minha empolgação. Se alguma vez na vida eu detestei alguém, foi o velho Tom Redruth, que não fazia nada além de grunhir e reclamar. Qualquer um dos outros criados assumiria seu posto com prazer, mas essa não era a vontade do barão, e a vontade do barão era a lei. Ninguém além do velho Redruth ousaria contestar essa lei com um resmungo que fosse.

Na manhã seguinte caminhamos até a Almirante Benbow, e lá encontrei minha mãe com boa saúde e bom humor. O capitão, que havia sido a causa de tantos problemas, estava agora onde os homens maus não incomodam mais ninguém. O barão havia mandado renovar tudo, o salão, o bar e até a placa da entrada. Comprou inclusive móveis novos, o melhor deles era uma

poltrona para que minha mãe descansasse na cozinha. Ela havia contratado um garoto como aprendiz, assim não ficaria sobrecarregada enquanto eu estivesse fora.

Foi só ao ver aquele rapaz que percebi minha situação. Àquela altura eu havia pensado apenas nas aventuras que me aguardavam, sem considerar a casa que deixava para trás. Ao ver aquele menino estranho e desajeitado, que tomaria meu lugar ao lado de minha mãe, tive minha primeira crise de choro. Receio que fiz da vida do pobre garoto um inferno, pois, sendo ele novo no serviço, logo vi inúmeras oportunidades de repreendê-lo e humilhá-lo, e aproveitei todas.

A noite se passou e, no dia seguinte após o jantar, Redruth e eu tomamos novamente a estrada a pé. Me despedi de minha mãe e da enseada onde morei desde que nasci, e da velha e querida Almirante Benbow — não tão querida agora, com a nova pintura. Uma das últimas coisas que pensei foi no capitão, que tantas vezes caminhou por aquela praia com seu chapéu inclinado, sua cicatriz no rosto e sua velha luneta de bronze. Um momento depois já havíamos virado a esquina e minha casa estava fora de vista.

A diligência do correio nos apanhou no terreno em frente à hospedaria Royal George, ao anoitecer. Fiquei espremido entre Redruth e um senhor corpulento. Mesmo com os solavancos da carruagem e o ar frio da noite, devo ter pegado no sono logo no começo da viagem. Dormi

profundamente enquanto atravessávamos colinas e vales, um após o outro. Só acordei quando me deram um cutucão nas costelas. Abri os olhos e vi que já era dia e que estávamos em uma cidade, parados em frente a um casarão.

— Onde estamos? — perguntei.

— Em Bristol — respondeu Redruth. — Chegamos.

O barão havia se fixado em uma pousada bem próxima às docas, para supervisionar as obras em nossa escuna. Tínhamos de andar até lá. Para minha alegria, o caminho atravessava o cais, o que me permitiu admirar uma infinidade de navios de diversos tamanhos, modelos e nacionalidades. Em um deles, os marinheiros cantavam enquanto se ocupavam de seus ofícios. Em outro, os homens trabalhavam pendurados no mastro, a tal altura que pareciam segurar cordas da espessura de uma teia de aranha. Embora tenha passado minha vida toda na praia, nunca havia sentido a sensação de estar tão perto do mar quanto naquele momento. O cheiro de piche misturado com a maresia era uma novidade para mim. Admirei as fantásticas carrancas de proa, em navios que haviam cruzado o oceano várias vezes. Observei a multidão de velhos marujos, com seus brincos nas orelhas, bigodes enrolados para cima e tranças oleosas de alcatrão, caminhando com o passo cadenciado pelos anos sobre o convés. Uma visão de reis ou arcebispos não teria me agradado tanto.

O melhor de tudo é que eu também me lançaria ao mar e navegaria em uma escuna ao lado de um contramestre que conhecia apitos navais, e marujos de trança que cantavam velhas canções de marinheiro. Ao mar, rumo a uma ilha desconhecida, em busca de um tesouro escondido!

Estava ainda perdido em minhas fantasias quando paramos em frente a uma grande hospedaria, de onde saiu o barão Trelawney, fardado como um oficial da marinha, em um imponente casaco azul. Veio ao nosso encontro sorrindo e imitando de forma impecável o andar dos marinheiros.

— Aí estão vocês! — nos cumprimentou. — O doutor chegou de Londres ontem à noite. Bravo! A tripulação está completa!

— Ah, senhor! — exclamei. — Quando zarpamos?

— Às velas! — respondeu. — Zarpamos amanhã!

8.

NA TAVERNA DA LUNETTA

Ao terminar meu café da manhã, o barão me pediu que entregasse um bilhete a John Silver, na Taverna da Luneta. Não tinha como errar, disse ele, era só seguir pelo cais até encontrar um pequeno bar com uma luneta de bronze na fachada. Parti sem demora, radiante com a chance de observar mais uma vez os navios e os marujos. As docas estavam em polvorosa naquele horário, e fui abrindo caminho entre a multidão de trabalhadores, carroças e cargas até o local de destino.

Era um pequeno estabelecimento, até que bastante agradável. A placa havia sido pintada recentemente, nas janelas havia cortinas limpas e bem arrumadas, e o piso estava lavado e encerado. O bar ficava entre duas ruas, com uma porta de cada lado, o que deixava o salão principal bastante iluminado, mesmo com a fumaça dos cachimbos e charutos.

A clientela era quase toda composta por homens do mar, e o falatório estava tão alto e animado que me detive à porta, hesitante.

Enquanto estive ali parado, um homem saiu do cômodo lateral para o salão, e assim que o vi tive certeza de que aquele era Long John Silver. Sua perna esquerda havia sido cortada na altura do quadril, e com o braço

direito manejava uma muleta com grande habilidade, saltitando para todos os lados com a destreza de um pássaro. Era um homem alto e forte, com o rosto largo e pálido, mas expressivo e sorridente. Parecia estar de ótimo humor, assobiando enquanto ia de uma mesa à outra, distribuindo gracejos e tapinhas no ombro dos clientes mais íntimos.

Devo confessar que desde que o barão mencionou Long John em sua carta, eu temia que ele pudesse ser o mesmo marinheiro com uma perna só que povoava meus pesadelos na Almirante Benbow. No entanto, bastou um olhar para que meu medo desaparecesse. Eu havia conhecido o capitão, o Cão Negro e o cego Pew, e estava convencido de que saberia reconhecer um pirata. Eram outro tipo de pessoa, segundo minha concepção, diferente daquele estalajadeiro simpático e asseado.

Tomei coragem, entrei e me dirigi até ele, que conversava com um cliente enquanto apoiado em sua muleta.

— Senhor Silver? — perguntei, entregando-lhe o bilhete.

— Sim, meu rapaz — me respondeu. — Silver é meu nome, sim senhor. E você, quem é?

Ao ler o bilhete do barão, me pareceu que ele teve um sobressalto.

— Ah, sim! — continuou, quase gritando e me estendendo sua mão. — Pois sim, você é nosso novo

grumete. Muito prazer em conhecê-lo! — E me cumprimentou com um firme aperto de mão.

Naquele momento, um dos clientes no fundo do salão levantou -se abruptamente e foi saindo do recinto. Como estava próximo da porta, em um segundo ganhou a rua. Seu andar apressado chamou minha atenção, e o reconheci no mesmo instante. Era o sujeito pálido e corpulento, com dois dedos faltando na mão esquerda, o primeiro pirata a atormentar o capitão na Almirante Benbow.

— Peguem aquele homem! — gritei. — É o Cão Negro!

— Pouco me importa quem seja ele, mas está saindo sem pagar! — esbravejou Silver. — Harry, corra atrás dele!

Um dos homens próximos à porta se levantou num salto e saiu em disparada atrás do pirata.

— Não deixaria um homem sair sem pagar a conta nem se fosse o Almirante Hawke! — exclamou Silver, soltando minha mão. — Quem você disse que ele era? Cachorro o quê?

— Cão Negro, senhor — respondi. — O sr. Trelawney não lhe contou sobre os piratas? Aquele homem era um deles.

— Verdade? Aqui na minha taverna? Ben, vá ajudar o Harry! — ordenou Silver. — Um dos piratas, então? Morgan, era você que estava sentado com ele? Venha aqui!

Morgan era um velho marinheiro de cabelos grisalhos e rosto pardacento, que se aproximou com ar receoso, mascando tabaco.

— Me diga, Morgan, você nunca viu aquele Cachorro... Cão Negro antes, não é? — Long John perguntou ríspidamente.

— Não, senhor — respondeu Morgan em tom humilde.

— E imagino que também não saiba o nome dele.

— Não, senhor.

— Por Deus, Tom Morgan, é bom você estar falando a verdade — exclamou o taverneiro. — Se eu souber que você anda com gente dessa laia, pode ter certeza de que nunca mais pisará aqui. Sobre o que vocês estavam conversando?

— Não sei bem ao certo, senhor — disse Morgan.

— Você tem alguma coisa na cabeça, ou só vento? — esbravejou Long John. — Não sabe ao certo, é? Imagino que você também não saiba ao certo com quem estava conversando? Diga, do que estavam falando? Viagens, capitães, navios? Desembucha! O quê?

— Ele estava falando de passar homens pela quilha² — respondeu o velho.

— Ah, passar homens pela quilha? Parece bem apropriado, já que esse pode ser o seu destino! Volta lá pro seu lugar, seu palerma!

Enquanto Morgan voltava à sua mesa, Silver sussurrou para mim, em um tom de confiança que me fez sentir lisonjeado:

— Na verdade Tom Morgan é um homem honesto, só é tapado. Mas então... — continuou, voltando a falar alto. — Cão Negro? Nunca ouvi esse nome, não. Se bem que eu

acho que... sim, eu já vi esse pilantra. Ele vinha aqui com um mendigo cego, acho que era ele.

— É ele mesmo! — afirmei. — Eu conheci esse cego também. Se chamava Pew.

— Isso! — continuou Silver, exaltado. — Pew! Era esse mesmo o nome dele. Ah, ele bem que tinha uma cara de tubarão. Se conseguirmos pegar esse Cão Negro, o capitão Trelawney vai ficar satisfeito. O Ben corre rápido, quase nenhum marujo é tão veloz quanto ele. Ben vai conseguir pegá-lo, certeza que vai! O desgraçado ficou falando de passar homens na quilha, é? Eu que vou arrastar ele na quilha.

Sem parar de falar, ia de um lado a outro da taverna, batendo duro com sua muleta no chão e dando tapas nas mesas, tão inflamado que teria convencido um juiz ou delegado. Minhas suspeitas foram reavivadas por ter encontrado Cão Negro na Taverna da Luneta, e fiquei observando nosso cozinheiro de bordo atentamente. Mas ele era perspicaz, eloquente e esperto demais para mim. Quando os dois homens voltaram, sem fôlego, disseram que haviam perdido o homem na multidão, e Long John Silver os repreendeu como se fossem eles os ladrões. Eu já estava disposto a colocar minha mão no fogo por sua inocência.

— Veja só, Hawkins — disse Long John —, em que rolo danado eu fui me meter. O que o capitão Trelawney vai pensar de mim? Aquele filho de uma cadela aqui, na

minha taverna, bebendo do meu rum! Você vem e me diz que ele é um pirata, e eu o deixo escapar debaixo do meu nariz! Hawkins, você vai contar para o capitão exatamente o que aconteceu, não é? Você ainda é jovem, mas é um rapaz inteligente e honesto. Deu para notar isso assim que você pôs os pés aqui. Você tem que entender: o que eu poderia fazer com esta minha maldita perna de pau? No tempo em que eu era oficial da marinha, teria alcançado aquele canalha, palavra que sim, e lhe daria uma boa coça, mas no meu estado atual...

Calou-se de repente, boquiaberto como se tivesse acabado de se dar conta de algo.

— A conta! — gritou. — Três doses de rum! Com mil diabos, até da conta eu me esqueci!

E deixou-se cair em um banco, rindo até escorrer lágrimas. Não pude conter meu riso também, e logo toda a taverna estava gargalhando.

— Veja só que belo idiota eu sou! — disse afinal, limpando o rosto. — Nós vamos nos dar bem, Hawkins. Eu devia era ser contratado como grumete também. Mas não adianta ficar reclamando, vamos ao trabalho. O dever em primeiro lugar, companheiros. Vou buscar meu velho chapéu de ponta, e vamos contar o que houve ao capitão. Afinal, o caso é sério, Hawkins, e nem você nem eu podemos dizer que conseguimos resolvê-lo. Não fomos nada espertos, nenhum de nós. Mas raios me partam! Essa do calote foi boa!

E voltou a rir, gargalhando com tanto gosto que mesmo não vendo tanta graça naquilo quanto ele, ri também outra vez.

Em nossa curta caminhada pelo cais, ele se mostrou uma ótima companhia, falando sobre os vários navios pelo caminho, suas cargas, peso, de que país eram, e explicava o que estava sendo feito em cada um deles — um navio recebendo carga, outro sendo descarregado, e outro sendo preparado para zarpar. De vez em quando me contava alguma história sobre navios ou marujos que tinha conhecido, e repetia expressões náuticas até que eu as aprendesse. Comecei a pensar que ele era o melhor companheiro de bordo que eu poderia ter.

Quando chegamos à hospedaria, o barão e o dr. Livesey terminavam suas cervejas, antes de irem à escuna para uma inspeção.

Long John contou a história de cabo a rabo, com muita eloquência e extremamente fiel aos acontecimentos.

— Foi bem assim, não foi, Hawkins? — me perguntava de vez em quando, e eu confirmava sempre.

Os dois fidalgos lamentaram o fato de Cão Negro ter escapado, mas todos concordamos que não havia nada a ser feito. Elogiaram Long John, que foi embora mancando em sua muleta.

— Todos a bordo às quatro da tarde! — gritou-lhe ainda o barão.

— Sim, senhor! — respondeu o cozinheiro, já distante.

— Muito bem, barão — comentou dr. Livesey. — Em geral suas descobertas não me agradam muito, mas devo dizer que simpatizei com esse John Silver.

— Esse homem foi um achado — tornou o barão.

— E agora — continuou o médico —, Jim pode subir a bordo conosco, não?

— Certamente — respondeu o barão. — Pegue seu chapéu, Hawkins, e vamos dar uma olhada no navio.

9.

PÓLVORA E ARMAS

O *Hispaniola* estava a certa distância do cais e fomos até ele de bote, abrindo caminho entre as carrancas e popas dos outros navios. Às vezes os cordames roçavam nosso casco, outras balançavam sobre nossas cabeças. Por fim subimos a bordo, onde o sr. Arrow, o imediato, nos recebeu e cumprimentou. Era um velho marinheiro vesgo de pele escura e brincos. Ele e o barão pareciam se dar bastante bem, mas logo percebi que o mesmo não acontecia entre o sr. Trelawney e o capitão.

Este último era um homem áspero e desconfiado, e parecia que tudo no navio o desagradava. Não demoraríamos a saber o motivo, pois assim que entramos na cabine um marinheiro veio procurar o barão:

— O capitão Smollett quer falar com o senhor.

— Estou sempre às ordens do capitão. Mande-o entrar — disse o barão.

O capitão, logo atrás do marujo, entrou imediatamente e fechou a porta.

— Muito bem, capitão Smollett, o que me diz? Tudo em ordem, imagino. Prontos para zarpar?

— Bem, senhor — começou o capitão —, eu prefiro ser direto, mesmo com o risco de ofendê-lo. Essa viagem não

me agrada. Não gosto da tripulação e não gosto do meu imediato. Acho melhor dizer logo.

— E imagino que o senhor também não goste do navio? — perguntou o barão, e pude perceber que estava bastante zangado.

— Isto ainda não posso responder, senhor, ainda não vi como a embarcação enfrenta o mar — retrucou o capitão. — Me parece um bom navio, é só o que posso dizer.

— E parece que o senhor também não gosta do seu chefe? — insinuou o barão.

Nesse momento o dr. Livesey interveio:

— Calma lá! — disse. — Calma lá! Falar desse modo não vai resolver nada, só vai causar brigas. O capitão já falou bastante, mas também não disse nada de fato, e eu gostaria que ele se explicasse. O senhor disse que esta viagem não lhe agrada. E por que não?

— Eu fui contratado, senhor, para cumprir o que se pode chamar de ordens sigilosas. Guiar este navio para onde este cavalheiro me indicasse. Até aí, tudo bem. Mas agora fico sabendo que todos os homens a bordo sabem mais do que eu. Isso não é lá muito justo, concorda?

— Concordo — respondeu o doutor. — Não é mesmo.

— Ainda por cima — continuou o capitão —, descobro pelos meus subordinados que vamos procurar um tesouro. Ir atrás de tesouros é um negócio traiçoeiro. Eu não gosto de viagens desse tipo, menos ainda quando deveriam ser

secretas. Me perdoe a franqueza, sr. Trelawney, mas até o papagaio já sabe.

— Está falando do papagaio de Silver? — perguntou o barão.

— É modo de falar — tornou o capitão. — Quis dizer que já está na boca do povo. Pelo que vejo, nenhum dos senhores sabe muito bem o que está fazendo, e vou dizer o que penso. Esta é uma viagem de vida ou morte, e ambas as chances são iguais.

— Entendo o que diz, e devo concordar — disse o dr. Livesey. — Estamos sim correndo riscos, mas não somos tão ingênuos quanto o senhor supõe. Também disse que não gosta da tripulação. Não são bons marinheiros?

— Não gosto desses homens, senhor — afirmou o capitão. — E já que estamos falando disso, gostaria de ter selecionado minha própria tripulação.

— Talvez fosse o certo mesmo — disse o médico. — Talvez meu amigo tivesse escolhido melhor se o senhor estivesse junto. Mas essa falta de consideração, se é que houve, não foi intencional. E também não gosta do sr. Arrow?

— Não gosto, senhor. Acredito que possa ser um bom marujo, mas dá muita liberdade à tripulação, coisa que um oficial não deve fazer. Um imediato deve ser reservado. Não se bebe com os homens no convés!

— Quer dizer que ele costuma beber? — exclamou o barão.

— Não, senhor — respondeu o capitão. — Apenas que dá muita confiança aos homens.

— Bem, vamos direto ao ponto, capitão — pediu dr. Livesey. — Diga o que gostaria de fazer.

— Os senhores estão decididos a fazer essa viagem?

— Completamente — afirmou o barão.

— Muito bem — tornou o capitão. — Já que tiveram a paciência de me ouvir até aqui, dizendo coisas que não posso provar, peço que me ouçam só um pouco mais. Os homens estão colocando a pólvora e as armas no porão da proa. Acontece que há um bom compartimento abaixo da cabine. Por que não guardar aqui? Essa é a primeira questão. A segunda é: os senhores estão em um grupo de quatro pessoas, e pelo que entendi alguns ficarão junto com a tripulação. Por que não colocam beliches aqui ao lado da cabine e ficam todos juntos?

— Algo mais? — perguntou o sr. Trelawney.

— Só mais uma coisa — continuou o capitão Smollett —, porque a conversa já se alongou bastante.

— Demais — concordou o médico.

— Vou dizer o que ouvi — prosseguiu. — Estão falando que os senhores têm o mapa de uma ilha, e que nele há cruzes que marcam onde o tesouro está. E que essa ilha fica... — e disse as coordenadas geográficas.

— Mas eu não contei nada a ninguém! — defendeu-se o barão.

— Toda a tripulação está falando — Smollett afirmou.

— Livesey, deve ter sido você ou Hawkins — acusou o sr. Trelawney.

— Não importa quem foi — respondeu o médico.

Percebi que nem ele nem o capitão levavam muito a sério os protestos do barão. Eu tampouco, para falar a verdade, pois o sr. Trelawney era realmente incapaz de guardar um segredo. Apesar disso, acredito que nesse caso ele tivesse razão, e que nenhum de nós tivesse revelado nada sobre a ilha.

— Bom, senhores — continuou o capitão —, não sei com quem o mapa está, mas faço questão de uma coisa: ninguém deve vê-lo, nem mesmo eu ou o sr. Arrow. Caso contrário, peço que aceitem minha demissão.

— Entendo — disse o médico. — O senhor quer que mantenhamos sigilo e que montemos nossa própria guarnição aqui na proa, só com pessoas de confiança e com as armas e a pólvora. Em outras palavras, o senhor teme um motim.

— Não me leve a mal, senhor — respondeu o capitão Smollett —, mas não lhe dei o direito de colocar palavras em minha boca. Nenhum capitão se lançaria ao mar se tivesse qualquer suspeita disso, por menor que fosse. Quanto ao sr. Arrow, acredito que seja verdadeiramente honesto, e digo o mesmo quanto a alguns dos homens. Aliás, talvez todos sejam. Mas sou o responsável pela segurança do navio e pela vida de cada homem a bordo. Estou vendo coisas que não considero corretas. Peço

apenas que tomem certas precauções, ou que aceitem minha demissão. Isso é tudo.

— Capitão Smollett — o doutor falou, com um sorriso —, o senhor já ouviu a fábula da montanha que pariu um rato? Me desculpe dizer isso, mas ao ouvi-lo me lembrei dela. Quando o senhor entrou aqui, poderia apostar minha peruca que sua intenção era dizer outra coisa.

— O senhor é um homem perspicaz — observou o capitão. — Quando entrei aqui, minha intenção era ser demitido. Imaginei que o sr. Trelawney não fosse ouvir uma palavra do que eu tinha a dizer.

— E não teria ouvido mesmo! — esbravejou o barão. — Se Livesey não estivesse aqui, eu já o teria mandado ao diabo. Seja como for, já ouvi. Farei como quer, mas saiba que não simpatizo nem um pouco com o senhor.

— Como queira, senhor — concluiu o capitão. — Verá que estou apenas cumprindo meu dever.

E após isso, deixou a cabine.

— Trelawney — observou o doutor —, ao contrário do que eu imaginava, acredito que você conseguiu encontrar dois marujos honestos para sua viagem. Esse homem e John Silver.

— Silver, pode ser — protestou o barão. — Mas a conduta desse patife insuportável não é digna de um homem, nem de um marinheiro, muito menos de um inglês.

— Veremos — apaziguou o médico.

Quando saímos ao convés, os homens já carregavam a pólvora e as armas para a cabine, cantarolando suas canções de marinheiro, sob a supervisão do sr. Arrow e do capitão.

A mudança me agradou bastante. Toda a escuna foi reorganizada; seis acomodações foram feitas onde antes era o porão principal da popa. Pela nova configuração, todas as cabines se conectavam com a cozinha e com o castelo de proa por um corredor à bombordo.

Originalmente, o capitão, o sr. Arrow, Hunter, Joyce, o doutor e o barão seriam seus ocupantes. Agora Redruth e eu poderíamos usar dois desses alojamentos, enquanto o sr. Arrow e o capitão dormiriam na entrecoberta, que havia sido alargada de tal forma a ficar quase do tamanho de uma cabine. Seu teto ainda era bastante baixo, obviamente, mas havia espaço para pendurar duas redes, e até mesmo o imediato pareceu satisfeito com o arranjo. Ele talvez também tivesse suas desconfianças quanto à tripulação, o que eu apenas posso supor, pois, como verão, não tivemos muito tempo para saber sua opinião.

Estávamos todos bastante atarefados carregando a pólvora e arrumando as acomodações, quando um bote chegou com os dois últimos homens e Long John.

O cozinheiro subiu a bordo pela lateral do barco com a agilidade de um macaco, e assim que viu o que estava acontecendo, perguntou:

— E então, companheiros? O que é isso tudo?

— Estamos mudando a pólvora de lugar — respondeu um dos marujos.

— Mas por que diabos? — exclamou Long John. — Assim vamos perder a maré!

— Ordens minhas! — o capitão disse rispidamente. — Pode descer para a cozinha, homem. A tripulação vai querer jantar.

— Sim, senhor — respondeu o cozinheiro, e com um aceno de cabeça, tomou seu rumo.

— Esse é um bom sujeito, capitão — comentou o doutor.

— Parece que sim, senhor — concordou o capitão Smollett. — Cuidado com isso aí, homens! Cuidado! — exclamou, repreendendo os marujos com a pólvora.

Foi quando me viu examinando um canhão giratório de bronze, localizado no meio do navio, e gritou subitamente:

— Ei, grumete! Saia já daí! Vá se apresentar ao cozinheiro e trate de arrumar o que fazer!

Enquanto eu saía dali apressado, o ouvi dizer ao doutor, quase gritando:

— Aqui no meu navio não vai ter favoritismo!

Eu certamente compartilhava da opinião do barão sobre o capitão, e senti um ódio profundo daquele homem.

10.

A VIAGEM

Trabalhamos arduamente durante toda a noite, organizando tudo. A todo momento chegavam botes trazendo amigos do barão, como o sr.

Blandly e outros, para lhe desejar boa viagem e um retorno seguro. Meu trabalho na Almirante Benbow não chegava nem à metade daquilo, portanto eu já estava completamente exausto quando, pouco depois do amanhecer, o contramestre fez soar seu apito para que a tripulação içasse as âncoras. No entanto, por mais cansado que eu estivesse, não sairia daquele convés por nada no mundo, de tão encantado que estava com tanta novidade — as ordens curtas e secas, o estridente assovio do apito, os homens apinhados em seus postos sob o brilho trêmulo das lanternas do navio.

— Ô Brasa, dá a deixa! — alguém gritou.

— Aquela antiga! — emendou outra voz.

— Agora mesmo, companheiros! — respondeu Long John, que estava em pé, apoiado em sua muleta, e logo o ar se encheu com a canção que eu já conhecia bem:

— *Quinze homens no baú do defunto...*

E toda a tripulação fez coro:

— *Io-ho-hô, e uma garrafa de rum!*

Ao terceiro “hô” todos giraram o cabrestante em um impulso conjunto.

Por mais emocionante que fosse aquele momento, imediatamente me lembrei da velha Almirante Benbow, e parecia ouvir a voz do capitão junto ao coro. Mas rapidamente a âncora foi recolhida e ficou gotejando sobre a proa. Em seguida içaram as velas, e a terra e os outros navios começaram a deslizar por ambos os lados da escuna. Antes que eu pudesse me deitar para um cochilo de meia hora, o *Hispaniola* já começava sua viagem para a Ilha do Tesouro.

Não contarei detalhes da viagem. Tudo correu relativamente sem problemas. O navio enfrentava bem o mar, a tripulação era formada por bons marinheiros, e o capitão executava suas funções com esmero. No entanto, antes de avistarmos a Ilha do Tesouro, aconteceram duas ou três coisas que merecem ser mencionadas.

A primeira delas é que o sr. Arrow se mostrou um comandante ainda menos competente do que temia o capitão. Os homens não respeitavam suas ordens e o faziam de gato e sapato. Mas isso não era o pior, pois a partir do segundo dia de viagem ele começou a aparecer no deque com olhos caídos, afogueado e falando enrolado, além de outros sinais de embriaguez. Não foram poucas as vezes em que o capitão o mandou de volta à sua cabine. Às vezes o sr. Arrow caía e se machucava. Outras vezes

passava um dia ou dois relativamente sóbrio, e realizava seu trabalho de maneira quase decente.

Entretanto, não fazíamos ideia de onde ele conseguia a bebida. Era o grande mistério do navio. Por mais que o vigiássemos, não conseguíamos descobrir. Quando perguntávamos diretamente a ele, se estivesse bêbado, apenas ria; se estivesse sóbrio, jurava solenemente que não bebia nada além de água.

O sr. Arrow não era apenas um comandante inútil e uma má influência para os outros, mas estava claro que se continuasse assim, acabaria se matando. Portanto, ninguém ficou muito surpreso — nem muito triste — quando em uma noite escura de mar revolto ele desapareceu e nunca mais foi visto.

— Homem ao mar! — gritou o capitão. — Bem, homens, isso nos poupa o trabalho de prendê-lo.

Mas o fato é que havíamos ficado sem nosso imediato. Obviamente, era necessário promover um dos homens. O candidato mais provável era Job Anderson, o contramestre, que manteve seu cargo inicial e acabou, por assim dizer, acumulando duas funções. O sr. Trelawney tinha experiência em navegação, e seus conhecimentos foram bastante úteis, pois muitas vezes assumia a guarda quando o mar estava tranquilo. Além disso, o timoneiro Israel Hands era um marujo experiente e astuto, em quem se podia confiar para quase qualquer tipo de situação.

Ele era bem íntimo de Long John Silver, e por isso, mencioná-lo me faz lembrar do nosso cozinheiro, que era chamado de Brasa pela tripulação.

Silver andava pelo navio com sua muleta presa ao pescoço por um cordão, para manter suas mãos tão livres quanto possível. Era curioso vê-lo firmar a muleta nos tabiques do piso e, apoiado nela, acompanhar os movimentos do navio. Dessa forma, cozinhava com tanta desenvoltura como se estivesse em terra firme. Nos espaços mais amplos da cozinha, havia cordas nas quais se apoiava para se movimentar — a tripulação as chamava de “os varais de Long John”. Assim ia de um canto a outro, ora calcado na muleta, ora segurando-se em seus varais, tão ágil quanto qualquer outro homem. Mas os marujos que já haviam navegado com ele se sensibilizavam em vê-lo tão diminuído.

— O Brasa não é um homem como outro qualquer — me segredou o timoneiro. — Ele teve boa educação, e antigamente, quando lhe dava na telha, podia falar tão bonito como se estivesse lendo um livro. E é corajoso também. Era capaz de enfrentar um leão! Já o vi agarrar quatro homens de uma vez e acabar com os quatro, batendo suas cabeças umas nas outras. E desarmado!

Toda a tripulação o respeitava e obedecia. Sabia como falar com cada um, e a cada um fazia um agrado especial. Me tratava com uma amabilidade sem par, e gostava da minha companhia na cozinha, que mantinha muito limpa,

com a louça sempre brilhando e seu papagaio em uma gaiola ao canto.

— Entre aqui, Hawkins — ele dizia. — Venha bater um papo com John. Você é mais do que bem-vindo, rapaz. Sente-se aí e ouça as novidades. Veja só o Capitão Flint aqui... dei esse nome ao meu papagaio por causa do famoso comandante! Ele prevê uma viagem de sucesso. Não é mesmo, Capitão?

E o papagaio respondia logo, “Peças de oito! Peças de oito!”, até dar a impressão de que ficava sem ar, ou até John cobrir sua gaiola com um lenço.

— Este pássaro aqui — explicava Long John — deve ter uns duzentos anos, Hawkins. Eles nunca morrem, e só o próprio diabo deve ser mais perverso que um bicho desses. Esse aqui já navegou com England, o grande pirata Capitão England. Já esteve em Madagascar, no Malabar, no Suriname, em Providence e em Portobello. Participou da recuperação de cargas de naufrágios. Foi em uma dessas missões que aprendeu a gritar “Peças de oito”. Não é para menos, pois puxaram 350 mil dessas moedas, Hawkins! Ele também estava junto quando o navio do vice-rei das Índias foi tomado perto de Goa. Olhando para ele, alguém pode pensar que é apenas um filhote. Mas você está farejando pólvora, não está, Capitão?³

— Todos a postos! — o papagaio respondia.

— Ah, ele tem lá o seu charme. — O cozinheiro se derretia, tirando do bolso um torrão de açúcar para dar à

ave, que bicava as grades da gaiola e seguia praguejando, fazendo jus à sua má reputação.

— Aqui está — continuava John. — Não se pode fazer chouriço sem sangue, rapaz. Veja só esse bicho, coitado. Tem uma boca assim tão suja, mas não faz ideia do que diz, pode ter certeza. Ele diria as mesmas coisas se um padre estivesse aqui.

E acariciava as plumas do animal de maneira tão solene que me fazia crer que era o melhor dos homens.

Já o barão e o capitão Smollett estavam longe de se entender. O barão não escondia seu desprezo pelo comandante do navio. O capitão, por sua vez, mal abria a boca, mas quando falavam com ele, suas respostas eram curtas e ásperas, sem nenhum rodeio. Por ter sido voto vencido, admitia que talvez tivesse se enganado quanto à tripulação, que alguns dos homens eram bons marinheiros, e que em geral a tripulação se portava bem. Quanto à embarcação, havia ganhado sua total aprovação.

— O barco obedece ao vento como uma boa esposa obedece ao marido, senhor. Mas... — completava — só o que posso dizer é que ainda falta muito para voltarmos para casa, e essa viagem não me agrada.

A esse tipo de comentário, o barão dava as costas e saía pisando duro pelo convés, de peito estufado.

— Se esse homem der mais um pio sobre isso — esbravejava o barão —, não respondo por mim.

Passamos por algumas tempestades, o que apenas comprovou a qualidade do *Hispaniola*. Os homens a bordo pareciam satisfeitos, e nem podia ser diferente. Creio que não houve tripulação mais bem tratada desde que Noé se lançou ao mar. Ao menor pretexto, a bebida era servida sem restrições. Em dias especiais, como quando alguém fazia aniversário, havia doces, e um barril de maçãs ficava sempre aberto no convés para quem quisesse se servir.

— Nunca vi isso dar bom resultado — o capitão comentava ao dr. Livesey. — Mimar demais a tripulação é oficina do diabo. É o que eu acho.

No entanto, o barril de maçãs acabou sendo providencial, como verão a seguir, pois sem ele não teríamos nos dado conta do perigo iminente e morreríamos vítimas de uma emboscada.

Contarei como o caso aconteceu.

Havíamos apanhado os ventos alísios que nos levariam à desejada ilha — não posso dar mais detalhes — e íamos a boa velocidade havia alguns dias, sem percalços. Pelas nossas estimativas, já estávamos no último dia de viagem, ou perto disso. Avistaríamos terra naquela noite, ou na manhã seguinte, no mais tardar. Seguíamos para sul-sudoeste, levados por uma brisa estável e mar calmo. O *Hispaniola* avançava implacável, banhando o gurupés com a espuma das ondas. O vento enchia nossas velas e o humor a bordo era o melhor possível, tão perto que estávamos de completar a primeira etapa de nossa viagem.

Logo após o pôr do sol, quando eu estava prestes a me recolher depois de terminado o trabalho, pensei que uma maçã cairia bem. Subi ao convés, e o vigia tinha os olhos fixos no horizonte, esperando avistar a ilha. O marinheiro ao leme se concentrava no curso do vento, assobiando despreocupadamente. Era só o que se ouvia no navio, além das ondas batendo no casco.

Tive de pular para dentro do barril, pois havia apenas poucas maçãs no fundo. Sentado ali na escuridão, com o som do mar e o movimento do navio, acabei pegando no sono, ou pelo menos estava quase, quando um homem sentou-se ruidosamente ali ao lado. O barril tremeu quando ele se apoiou, e eu estava quase saltando para fora quando ouvi sua voz. Era Silver, e antes que ele completasse suas primeiras frases, decidi permanecer escondido. Fiquei ali ouvindo, com um misto de curiosidade e medo, pois bastou ouvir o começo da conversa para que eu entendesse que a vida dos homens honestos a bordo dependeria unicamente de mim.

11.

O QUE OUVI ESCONDIDO NO BARRIL

Não, eu não — começou Silver. — O capitão era Flint. Eu era o contramestre, por causa da minha perna de pau. Perdi minha perna no mesmo ataque em que Pew ficou cego. Quem me amputou foi um mestre cirurgião, com diploma e tudo, educação clássica, coisa e tal. Mas ele foi enforcado feito um porco e ficou apodrecendo no sol como todos os outros, lá no forte de Cabo Corso. Foram os homens do capitão Roberts, isso sim, que viviam mudando seus navios de nomes, como fizeram com o *Royal Fortune* e outros. Para mim, quando um navio é batizado, o nome não muda mais. É o que eu penso. Assim foi com o *Cassandra*, que nos levou sãos e salvos de Malabar para casa, depois que o capitão England abordou o navio do vice-rei das Índias. E assim foi com o velho *Walrus*, o navio de Flint, que eu cheguei a ver lavado em sangue depois de um ataque e quase afundar com o peso do ouro roubado.

— Ah! — ouvi o rapaz mais novo da tripulação comentar admirado. — Flint foi o melhor de todos os tempos, sem dúvida!

— Davis também era danado, pelo que dizem — tornou Silver. — Mas eu nunca naveguei com ele. Comecei com o England, depois acompanhei Flint, essa foi minha

vida. E cá estou agora, tendo que me virar sozinho, por assim dizer. Com o England ganhei novecentas libras, e com o Flint, duas mil. Nada mal para um marujo. Está tudo guardadinho no banco. Te digo uma coisa, não adianta nada saber ganhar dinheiro se não souber poupar também. Onde foram parar os homens de England? Sabe-se lá. E os homens do Flint? Ora, a maioria está aqui a bordo, e bem felizes por estarem comendo pudim. Alguns deles já chegaram a ter que pedir esmola, tempos atrás. O velho Pew mesmo, quando perdeu a visão, talvez tenha se sentido diminuído com isso e para compensar torrou mil e duzentas libras em um ano, como se fosse um lorde. E cadê ele agora? Mortinho, debaixo de sete palmos de terra. Só que nos dois últimos anos o infeliz passou fome! Pedia esmola, roubava, cortava umas gargantas, e sempre passando fome, com os diabos!

— Aprontou tanto e no fim das contas não valeu de muita coisa — observou o jovem marujo.

— Quando o sujeito é burro, não vai muito longe mesmo, pode acreditar. É sempre oito ou oitenta com esse tipo — respondeu Silver. — Mas escute aqui: você ainda é jovem, e é um rapaz esperto. Percebi assim que te vi, por isso falo com você de homem pra homem.

Dá para imaginar como me senti quando ouvi aquele pilantra asqueroso elogiar o rapaz com o mesmo discurso que havia usado comigo. Acho que se pudesse, eu o teria

matado ali mesmo de dentro do barril. Ele continuou com sua ladainha, sem fazer ideia de que eu escutava tudo:

— O que acontece quando um senhor da própria sorte consegue um bom saque é o seguinte: eles têm uma vida dura, cheia de riscos, mas comem e bebem como reis. Quando terminam uma viagem, estão com os bolsos cheios de dinheiro. Só que esbanjam tudo com rum e farras, e aí logo acabam com uma mão na frente e a outra atrás, e se lançam ao mar de novo. Mas não é assim que eu levo as coisas. Eu poupo tudo, um pouquinho aqui, mais um pouco ali, sem deixar todo o dinheiro em um lugar só, que eu não sou besta de levantar suspeitas. Estou com cinquenta anos, veja você. Depois desta viagem, vou me endireitar e viver como um homem de bem. Você pode pensar que já não é sem tempo. Ah, mas até hoje levei uma boa vida, nunca me privei de nada e sempre tive cama quente e prato cheio, exceto quando estava no mar. E sabe como comecei? Lavando convés, como você.

— Bom — disse o outro —, só que agora você perdeu todo esse dinheiro, não foi? Você não vai ousar mostrar a cara em Bristol depois dessa.

— Oras, onde você acha que o dinheiro estava? — perguntou Silver em tom irônico.

— Em Bristol, num banco ou coisa assim, não? — respondeu seu companheiro.

— Estava até o dia em que zarpamos — tornou o cozinheiro. — Mas agora minha senhora já pegou tudo.

Vendemos a Luneta, com móveis, talheres e tudo. Minha patroa vai me encontrar em um lugar que combinamos. Eu até te diria onde, pois confio em você, mas os outros ficariam com inveja.

— E o senhor confia na sua esposa a esse ponto?

— Um senhor da própria sorte não costuma confiar em muita gente, e te digo que isso é o certo a se fazer. Mas eu levo as coisas a meu próprio modo, sabe? Quando alguém tenta me passar a perna, não costuma continuar vivo pra contar a história. Alguns tinham medo do Pew, outros tinham medo do Flint. Mas o Flint me respeitava. Ele tinha medo de mim, e também orgulho. E os homens do Flint eram a tripulação mais valente que já vi. Nem o diabo teria coragem de navegar com eles. Eu não sou de me gabar, e você já deve ter percebido que sou bem sociável, mas na época em que eu era contramestre, os piratas de Flint não eram flor que se cheirasse. Mas pode ficar tranquilo, você está seguro aqui no navio do velho John.

— Uma coisa eu te digo — disse o rapaz. — Eu não estava gostando nem um pouco desse trabalho até termos essa conversa, John. Mas a partir de agora, pode contar comigo.

— Você é um rapaz valente, e é esperto também — afirmou Silver, apertando a mão do jovem marujo com tanto entusiasmo que fez o barril tremer. — E nunca vi alguém que levasse mais jeito para ser senhor da própria sorte do que você.

Àquela altura eu já tinha entendido algumas das expressões que eles usavam. Quando diziam “senhor da própria sorte”, estavam se referindo simplesmente a piratas ordinários, e o que ouvi foi um dos homens supostamente honestos do navio se corrompendo — talvez o último a bordo que ainda faltava ser convencido. Logo minha suspeita se confirmou, pois após um discreto assovio de Silver, outro homem se juntou ao grupo.

— Dick está conosco — disse Long John.

— Ah, eu sabia que ele se juntaria a nós. — Ouvi a voz de Israel Hands, o timoneiro, responder. — Afinal, você não é bobo, certo, Dick?

Israel se virou para cuspir o fumo que estava mascando e continuou:

— Mas o que eu quero saber, Brasa, é o seguinte: quanto tempo ainda vamos ter que ficar navegando para lá e para cá? Já estou farto do capitão Smollett. Raios, ele já me amolou demais! Eu quero a cabine dele pra mim. Também quero o vinho deles, as comidas... tudo.

— Israel — disse Silver —, você nunca foi lá muito inteligente. Mas consegue ouvir, ou pelos menos deveria, com essas orelhas grandes. Ouça o que eu digo: até eu dar o sinal, você vai continuar no seu posto, vai trabalhar direitinho, falar manso e ficar sem beber. É isso e acabou.

— Bom, não estou dizendo o contrário — resmungou o timoneiro. — Eu quero saber é quando vai ser esse sinal.

— Quando? Mas que diabo! — esbravejou Silver. — Eu te digo quando, já que quer saber. Quando eu disser que é o momento certo. Estamos com um marinheiro de primeira linha, o capitão Smollett, guiando este navio. Temos o doutor e o barão com o mapa, que eu não sei onde está, sei? Você também não sabe. Pois então, tem que ser quando os dois encontrarem o troço e nos ajudarem a trazer tudo a bordo. E então veremos. Se eu pudesse confiar em vocês, filhos de uma cadela, deixava o capitão Smollett levar o navio até metade do caminho de volta, antes de dar o golpe.

— Somos todos bons marinheiros aqui, creio eu — comentou Dick.

— Somos todos marinheiros de convés, você quer dizer — retrucou Silver. — Claro, conseguimos manter uma rota, mas quem vai calcular e traçar as coordenadas? Ninguém chegaria a lugar nenhum! Se eu pudesse fazer como quero, deixaria o capitão Smollett nos levar até depois dos ventos alísios, pelo menos. A partir daí, não haveria mais risco de um maldito erro de cálculo, nem passaríamos aperto. Mas eu conheço bem o tipinho de vocês. Eu vou dar um jeito neles na ilha mesmo, assim que a carga já estiver a bordo. É uma desgraça que tenha que ser desse jeito, mas vocês só ficam satisfeitos quando estão bêbados. Que o diabo me carregue, já estou mais que farto de navegar com gente da laia de vocês.

— Calma aí, Long John! — exclamou Israel. — Que bicho te mordeu, homem?

— Ah, você tem ideia de quantos navios eu já vi serem tomados? E quantos moleques afobados já vi esturricando no sol, pendurados na forca de Londres? — esbravejou Silver. — E tudo por causa dessa maldita pressa, sempre ela! Entende o que estou dizendo? Não sou nenhum marinheiro de primeira viagem! Se você soubesse se manter na rota e ajustar as velas, já estaria rico. Mas não! Eu te conheço bem. Se depender de você, amanhã mesmo já vai encher a cara de rum e dane-se o mundo!

— Todo mundo te respeitava e sabia que você era um homem sério, John. Só que alguns marinheiros sabiam guiar o timão tão bem quanto você — tornou Israel. — Gostavam de uma diversão, é verdade. Não viviam ao deus-dará, mas faziam lá suas farras, como todos.

— Ah, é? — Silver continuou. — E onde estão agora? Pew era assim, e morreu sem um tostão. Flint também, e morreu de tanto rum, em Savannah. Era uma tripulação das melhores, sem dúvida. Mas acabaram como?

— Certo, mas o que faremos com eles quando os pegarmos? — Dick interveio.

— Esse é dos meus! — exclamou Silver, admirado. — É assim que eu gosto. O que você acha? Largá-los na ilha? É o que England faria. Ou fatiá-los feito presunto? Isso é o que Flint ou Billy Bones fariam.

— Billy seria o homem certo para esse serviço — comentou Israel. — “Os mortos não mordem”, era o que ele dizia. Só que ele está morto também, então sabe bem o que os defuntos fazem ou não. Billy foi o marujo mais valente que já vi.

— Pode ter certeza — concordou Silver. — Valente e esperto. Mas escutem bem, sou um homem de paz. Quase um cavalheiro. Mas a coisa é séria, e com coisa séria não se brinca. Meu voto é para que matemos todos. Quando eu virar lorde e estiver andando de carruagem, não quero nenhum desses grã-finos que agora estão lá em cima brincando de marinheiro aparecendo para me atormentar. Meu conselho é esperar o momento certo, e então acabar com todos!

— John, você é um homem como poucos — admirou-se o timoneiro.

— Pode ter certeza, Israel — respondeu Silver. — Eu só peço uma coisa: Trelawney é meu. Vou arrancar aquela sua cabeça oca com minhas próprias mãos!

E continuou, mudando de assunto:

— Dick, me faça o favor de pegar uma maçã aí no barril, que eu fiquei com a boca seca.

Imaginem como fiquei aterrorizado ao ouvir aquilo! Se eu tivesse forças, teria saltado dali e fugido, mas nem minhas pernas nem meu coração me obedeciam. Ouvi Dick se levantando, mas aparentemente alguém o interrompeu, e ouvi Hands exclamar:

— Ah, que maçã coisa nenhuma! Deixa essa porcaria para lá, John. Vamos é tomar um gole de rum.

— Dick, confio em você — disse Silver. — Mesmo assim, saiba que meu tonel de rum tem um medidor. Aqui está a chave. Desça lá, encha uma caneca e traga aqui.

Mesmo apavorado como eu estava, compreendi que era assim então que o sr. Arrows conseguia a bebida que acabou sendo seu fim.

Dick não demorou muito, mas durante sua ausência Israel ficou cochichando no ouvido de Silver. Consegui distinguir apenas umas poucas palavras, mas o que ouvi foi bem importante. Além de alguns outros pormenores do plano, pude escutar uma frase inteira: “Nenhum dos outros vai se aliar a nós”. Aquilo queria dizer que ainda restavam alguns homens leais a bordo.

Quando Dick voltou, a caneca foi passando de um para o outro.

— À sorte — foi o brinde de um.

— Ao velho Flint — respondeu outro, e Silver completou, quase cantarolando:

— Saúde e bonança, que a maré vá como veio. Que nossos bolsos e panças fiquem sempre cheios!

Nesse momento percebi uma claridade entrar pelo barril. Olhei para cima e vi que lua já ia alta e iluminava o topo do mastro principal e da vela de proa. Logo em seguida a voz do vigia ecoou:

— Terra à vista!

12.

CONSELHO DE GUERRA

Houve uma grande correria por todo o convés. Quando ouvi a confusão de pessoas vindo das cabines e do castelo de proa, aproveitei para saltar fora do barril. Como um raio contornei a vela principal e corri em direção à popa até chegar do outro lado do deque a tempo de encontrar Hunter e o dr. Livesey na amurada frontal.

Toda a tripulação já havia se reunido ali. Um nevoeiro surgiu quase ao mesmo tempo em que a lua apareceu. Ao longe, alguns quilômetros a sudoeste, podíamos ver duas colinas baixas, e atrás de uma delas outra ainda maior se erguia, com o pico ainda coberto pela névoa. Todas tinham um formato cônico e pontiagudo.

Foi tudo o que pude ver. Aquilo parecia um sonho, pois ainda não havia me recuperado do pavor de poucos minutos atrás. Foi quando ouvi as ordens do Capitão Smollett. O *Hispaniola* avançou a barlavento, seguindo o curso que nos levaria ao leste da ilha.

— Muito bem, homens! — gritou o capitão, depois que as velas foram manobradas. — Algum de vocês já esteve nesta ilha?

— Eu já, senhor — respondeu Silver. — Quando trabalhei em um navio mercante, paramos aí para pegar água.

— O ancoradouro fica ao sul, contornando uma ilhota, estou certo?

— Sim, senhor. Chamam de a Ilha do Esqueleto. Era bastante frequentada por piratas antigamente, e um marujo que navegava conosco conhecia bem todos os seus detalhes. Aquele monte ao norte é chamado de Colina do Mastro. Seguindo ao sul há três outras colinas enfileiradas. São chamadas de Traquete, Grande e Mezena, senhor. Mas a Grande, coberta pela névoa, também costumavam chamar de Luneta, porque ali deixavam um marujo de vigia enquanto a tripulação ficava lá embaixo no ancoradouro, limpando os navios. Era lá que ancoravam para limpar os navios, senhor, se me permite dizer.

— Estou com o mapa aqui — disse capitão Smollett. — Veja se o lugar é este.

Os olhos de Long John faiscaram quando segurou o mapa, mas pelo aspecto do papel, percebi que ele se frustraria. Não era o mapa que encontramos no baú de Billy Bones, e sim uma cópia idêntica — com todos os nomes, altitudes e profundidades — sem as cruces vermelhas e anotações. Por maior que fosse seu desapontamento, Silver teve a presença de espírito necessária para disfarçar.

— Sim, senhor — confirmou Silver. — O lugar é esse mesmo, sem dúvida, e muito bem traçado. Quem desenhou este mapa, senhor? Os piratas não teriam capacidade para isso, creio eu. Ah, sim, aqui está: Ancoradouro do Capitão Kidd. Era assim mesmo que meu companheiro de bordo chamava. Há uma forte corrente que contorna o lado sul, depois vira para o norte e passa pela praia a oeste. O senhor fez bem em seguir a barlavento para se aproximar da ilha. Se a intenção do senhor era ancorar e carenar o navio, não tem lugar melhor.

— Obrigado, marinheiro — disse o capitão Smollett. — Pedirei sua ajuda mais tarde. Dispensado.

Fiquei surpreso com a frieza de John ao admitir que conhecia a ilha, e também um pouco assustado quando o vi se aproximando de mim. Certamente ele não sabia que eu o escutara confabular, de dentro do barril de maçãs, com seus cúmplices. Mesmo assim sua crueldade, desfaçatez e influência sobre os homens me deixaram horrorizado, e mal pude conter um calafrio quando ele pousou sua mão sobre meu braço.

— Sim, senhor — ele me disse. — É um belo lugar, esta ilha. Um belo lugar para um rapaz desembarcar. Você vai poder se lavar no rio, trepar nas árvores, caçar umas cabras, você vai ver só. E vai se perder nessas colinas como se você mesmo fosse uma cabra. Ah, isso me rejuvenesce. Tinha até me esquecido da minha perna de pau. Que coisa boa é ser jovem e saudável, pode acreditar. Quando você

quiser sair para explorar um pouco, é só falar com o velho John aqui, que eu faço um lanchinho para você levar.

E com um tapinha no meu ombro, como se fosse o melhor dos meus amigos, saiu claudicando e desceu para a cozinha.

O capitão Smollett, o barão e o dr. Livesey conversavam no tombadilho, e mesmo aflito como eu estava para contar a eles o que sabia, não quis interrompê-los ali, tão abertamente. Enquanto ainda vasculhava minha mente à procura de um bom pretexto, o dr. Livesey me chamou para perto dele. Havia deixado seu cachimbo na cabine, e como era fumante inveterado, pediu que eu fosse buscá-lo. Assim que fiquei próximo dele o suficiente para não sermos ouvidos, disse:

— Doutor, preciso falar com o senhor. Vá com o capitão e o barão até a cabine, e invente algum motivo para mandar me chamarem. Tenho péssimas novidades.

Sua expressão se alterou levemente, mas logo se recompôs:

— Obrigado, Jim — disse em voz bem alta. — Era o que eu queria saber — como se tivesse me perguntado algo.

E com isso se virou e se juntou novamente aos outros dois. Conversaram brevemente e, mesmo que todos tenham se mantido impassíveis e com o tom de voz inalterado, estava claro que o dr. Livesey havia transmitido o meu pedido, pois logo em seguida o capitão deu uma

ordem a Job Anderson, para que toda a tripulação se reunisse no convés.

— Companheiros — começou capitão Smollett. — Quero dizer algumas palavras a vocês. Esta ilha que avistamos é o destino de nossa viagem. O sr. Trelawney, como generoso cavalheiro que é, me pediu algumas informações, e lhe respondi sem ressalvas que todos os homens a bordo cumpriram com seus deveres de maneira irretocável, superando minhas expectativas. E por isso ele, o doutor e eu desceremos à cabine para brindar à *sua* saúde e sorte, e *vocês* poderão beber e brindar à *nossa* saúde e sorte. Vou lhes dizer o que penso disso: acho formidável. E se vocês compartilham de minha opinião, deem um bom “viva”, à moda dos marinheiros, ao cavalheiro responsável por tudo isso.

Todos gritaram — o que era esperado, obviamente, mas o entusiasmo foi tanto que confesso que mal podia acreditar que aqueles mesmos homens conspiravam contra nós.

— Mais um viva para o capitão Smollett! — Long John gritou após a primeira salva.

E a segunda saudação também foi estrondosa.

Os três senhores desceram assim que os gritos cessaram, e pouco depois mandaram avisar que Jim Hawkins era esperado na cabine.

Encontrei os três à mesa, com uma garrafa de vinho espanhol e uma porção de passas. O doutor fumava sem

parar, com a peruca em seu colo. Eu sabia que aquilo era um sinal de nervosismo. Como a noite estava quente, a janela para a proa estava aberta e era possível ver o reflexo da lua nas ondas atrás do navio.

— Muito bem, Hawkins — disse o barão. — Você tem algo a nos dizer. Vamos ouvir.

Fiz o que era meu dever, e contei toda a conversa que Silver teve com seus comparsas, embora um pouco resumida. Ninguém me interrompeu, imóveis e com os olhos fixos em mim do começo ao fim do relato.

— Puxe uma cadeira, Jim — disse o dr. Livesey quando terminei.

Sentei-me com eles à mesa. Me serviram um copo de vinho e um punhado de passas. Todos os três, um após o outro, fizeram uma reverência e brindaram à minha saúde e em reconhecimento à minha sorte e coragem.

— Bem, capitão — o barão foi o primeiro a falar. — Você estava certo e eu errado. Reconheço que fui um idiota e aguardo suas ordens.

— Não foi mais idiota que eu, senhor — replicou o capitão. — Nunca conheci uma tripulação capaz de organizar um motim sem que um homem mais atento pudesse perceber algum sinal da trama e se prevenir. Mas esses... me enganaram direitinho.

— Capitão — o doutor interveio —, se me permite dizer, isso é obra de Silver. É um homem acima da média, sem dúvida.

— Pois ficaria melhor ainda no alto de uma forca, senhor — retrucou o capitão. — Mas essa conversa não leva a lugar nenhum. Vejo algumas questões aqui, e se o sr. Trelawney permitir, gostaria de expô-las.

— O senhor é o capitão. Tem todo o direito de falar abertamente — disse o sr. Trelawney com ar solene.

O capitão então prosseguiu:

— A primeira questão é: temos que continuar com o propósito da viagem, pois agora não há mais volta. Se eu der ordem para retornarmos, aí é que sem dúvida nos atacarão. A segunda questão: ainda temos algum tempo, pelo menos até o tesouro ser encontrado. E em terceiro lugar, ainda restam alguns homens leais. Mas é o seguinte, senhor, em algum momento o motim vai estourar, e minha proposta é que esperemos o momento certo de agir. Tudo na vida requer tempo e medida, como diz o ditado. Devemos esperar para pegá-los desprevenidos, quando menos esperarem. E imagino que possamos confiar em seus criados, não é, sr. Trelawney?

— Como se fossem eu mesmo — afirmou o barão.

— Eles são três — calculou o capitão. — Contando conosco e com Hawkins aqui, somos em sete. E os marinheiros leais?

— Provavelmente os homens que Trelawney contratou — apontou o doutor. — Aqueles que ele mesmo escolheu, antes de topar com Silver.

— Não — tornou o barão. — Hands também era um dos meus.

— Eu realmente pensei que Hands fosse confiável — acrescentou o capitão.

— E pensar que são todos ingleses! — o barão se exaltou. — Tenho ganas de explodir este navio.

— Bem, senhores — continuou o capitão —, o que vou dizer não ajuda muito. Devemos esperar e nos manter atentos, concordam? Não é fácil, eu sei. Seria melhor irmos às vias de fato, mas isso de nada adiantaria antes de sabermos quem está do nosso lado. É esperar e ver o que acontece. Essa é minha opinião.

— Jim pode ser de grande ajuda neste momento — disse o médico. — Além de ser observador, os marujos ficam à vontade perto dele.

— Jim, deposito uma grande fé em você — acrescentou o barão.

Ouvir aquilo me deixou desesperado, pois não me sentia nem um pouco à altura daquela responsabilidade. Ainda assim, por uma série de circunstâncias estranhas, nossa chance de salvação veio mesmo através de mim. Fosse como fosse, só podíamos confiar em apenas sete dos vinte e seis marinheiros a bordo. E um desses sete era apenas um menino, portanto eram seis homens de nós contra dezenove deles.

PARTE TRÊS

AVENTURA EM TERRA FIRME

13.

COMO COMEÇOU MINHA AVENTURA NA ILHA

Quando subi ao deque na manhã seguinte, a ilha tinha uma aparência completamente diferente. Embora já não houvesse mais brisa alguma, fizemos grande progresso durante a noite. Agora estávamos parados na calmaria, a cerca de meia milha a sudeste da costa oriental. Boa parte do terreno era coberto por bosques cinzentos. A coloração neutra era entrecortada pelo amarelo dos bancos de areia das zonas mais baixas, e pelas muitas árvores da família dos pinheiros que se elevavam acima do bosque — algumas solitárias, outras agrupadas. De maneira geral, tudo tinha uma cor uniforme e triste. Os montes eram claramente visíveis acima da vegetação, como campanários de rocha nua. Todos tinham formatos estranhos. A Colina da Luneta, a mais alta da ilha, com cerca de cem metros de altitude, apresentava a configuração mais exótica: era íngreme por todos os lados, cortada bruscamente no cume, como um pedestal de estátua.

O *Hispaniola* balançava ao sabor das ondas, com a água entrando e saindo pelos embornais. As cordas chiavam nas roldanas e o leme batia de um lado para o

outro. Todo o navio rangia, estalava e tremia como uma fábrica. Tive de segurar firme num dos cabos do mastro quando tudo pareceu girar à minha volta, pois embora eu fosse um marinheiro razoável com o navio estável em alto mar, ainda não havia me acostumado àquela sensação de ser jogado de um lado para o outro, ainda mais logo pela manhã, de estômago vazio.

Talvez tenha sido por isso, ou pelo aspecto da ilha, com seus bosques melancólicos, rudes torres de pedra e as ondas que se formavam e se chocavam nas praias inóspitas. Só sei que embora o sol brilhasse, claro e quente, as aves mergulhassem e gritassem à nossa volta, e que fosse esperado que alguém se sentisse feliz ao encontrar terra firme depois de tanto tempo no mar, meu coração estava na garganta. Desde que botei os olhos na Ilha do Tesouro, odiei cada centímetro dela.

Teríamos uma dura manhã de trabalho pela frente, pois como não havia nenhum vento, os marinheiros tiveram que sair em botes para puxar o navio por umas três ou quatro milhas margeando o cabo, até conseguirmos passar pelo estreito canal que dava acesso ao ancoradouro atrás da Ilha do Esqueleto. Fui como voluntário em um dos botes, embora, como é de se supor, não havia muito o que eu pudesse fazer. O calor estava escaldante e os homens trabalhavam praguejando sem parar. Anderson, no comando de nosso bote, em vez de tentar organizar o

trabalho, contribuía com impróprios ainda piores e mais altos.

— Bom — disse depois de um palavrão —, uma hora isto acaba.

Considerarei aquilo um mau sinal, pois até aquele dia os homens trabalhavam arduamente e de bom grado. Ao avistarem a ilha sua disciplina se afrouxou.

Durante todo o percurso, Long John ficou ao lado do timoneiro, guiando a manobra. Conhecia a passagem como a palma de sua mão, e embora o encarregado de medir a profundidade sempre encontrasse mais água que o esperado, John se manteve impassível.

— A maré vazante está puxando muito — disse Long John. — Parece que esta passagem foi esculpida à mão.

Lançamos a âncora no exato local em que o mapa indicava, a meia distância entre a ilha maior e a do Esqueleto. As margens eram de areia lisa. O mergulho da âncora causou uma revoada de pássaros que circularam ruidosamente sobre as copas das árvores, mas em menos de um minuto se acalmaram e tudo mergulhou de novo no silêncio.

O local era completamente resguardado por um bosque cerrado, e dava para ver as marcas da maré cheia nos troncos das primeiras árvores. As margens eram planas em sua maior parte, e os topos das colinas se erguiam ao longe, aqui e ali, formando um estranho anfiteatro. Dois riachos desaguavam em um pântano, na falta de melhor

descrição, e a folhagem ao redor desse trecho da enseada parecia ter um brilho quase tóxico. Olhando do navio, não era possível ver nem a cabana nem a paliçada, ocultas pelo arvoredo. Não fosse pelo mapa, poderíamos pensar que éramos os primeiros a encontrar aquela ilha desde o início dos tempos.

O ar estava completamente parado. Não havia nenhum som além das ondas quebrando nas praias e contra os rochedos mais além. Um odor estranho e pungente pairava sobre o ancoradouro — cheiro de substrato de folhas encharcadas e troncos podres. Notei o doutor inspirando fundo algumas vezes, com uma careta de quem prova um ovo podre.

— Se o tesouro está aqui, eu não sei — disse ele. — Mas aposto minha peruca que nesse pântano tem malária.

Se nos botes o comportamento dos homens já era alarmante, tornou-se realmente ameaçador quando voltaram a bordo. Deitaram-se espalhados pelo convés, murmurando uns com os outros. A ordem mais insignificante era recebida com expressões de contrariedade e cumprida com evidente má vontade. Essa atitude contagiou até os homens leais, pois ninguém fazia o menor esforço para melhorar os ânimos. Como uma tempestade se anunciando, estava muito claro que um motim pairava sobre nós.

O perigo era evidente não só para nós da cabine superior. Long John ia de grupo em grupo realizando

tarefas e distribuindo conselhos, portando-se como o melhor dos homens. Fez o máximo que pôde para demonstrar boa vontade e disposição; era todo sorrisos. Quando uma ordem era dada, se empertigava em sua muleta e respondia com um amigável “Sim, senhor!”. Quando não tinha mais o que fazer, cantava uma canção atrás da outra, tentando disfarçar o descontentamento da tripulação.

De todos os sinais sombrios daquela tarde pesada, a óbvia inquietude de Long John era o pior.

Reunimos nosso conselho na cabine.

— Senhor — começou o capitão —, se eu der mais uma ordem que seja, a tripulação toda cai sobre nós. O senhor já percebeu como as coisas estão. Estou recebendo respostas atravessadas. Se eu tentar retrucar, nos atacam imediatamente. Se eu fizer vista grossa, Silver perceberá que tem algo estranho e o motim começa do mesmo jeito. Nosso destino está nas mãos de apenas um homem.

— E que homem é esse? — perguntou o barão.

— O próprio Silver, senhor — tornou o capitão. — Ele está tão ansioso quanto nós para que as coisas se acalmem. A discordância no grupo é evidente. Se Silver tiver a oportunidade, conseguirá dissuadi-los, e proponho justamente dar essa chance a ele. Vamos permitir que tirem uma tarde de folga na ilha. Se aceitarem, tomamos o navio e usamos as armas para nos defender. Caso se recusem, então nos entrincheiramos na cabine e seja o que

Deus quiser. No caso de irem apenas alguns, pode estar certo de que Silver os trará de volta dóceis como cordeirinhos.

E assim foi feito. Aos homens de confiança foram dadas pistolas. Hunter, Joyce e Redruth foram postos a par da situação, e receberam a notícia com menos alarme e mais coragem do que esperávamos. O capitão então foi ao convés e se dirigiu à tripulação.

— Rapazes! — disse o capitão. — Tivemos um dia estafante e estamos todos exaustos e de mau humor. Um passeio na terra não fará mal a ninguém. Os botes já estão na água, quem quiser pode passar a tarde na ilha. Darei um tiro de aviso meia hora antes do pôr do sol.

Creio que os mais tolos devem ter pensado que tropeçariam no tesouro tão logo pisassem em terra, pois se alegraram no mesmo instante, com vivas que ecoaram nos morros e fizeram a passarada novamente se levantar aos gritos e sobrevoar o ancoradouro.

O capitão teve a astúcia de não ficar por ali. Sumiu logo da vista de todos, deixando a excursão a cargo de Silver — e penso que fez muito bem. Se tivesse continuado no convés, seria impossível fingir que não sabia o que se passava. Estava claro como o dia. Silver era o real capitão de uma tripulação pronta a se rebelar. Os homens leais — e logo eu teria a prova de que ainda restavam alguns a bordo — deviam ser um tanto estúpidos. Ou melhor, suponho que a verdade é que todos os marinheiros estavam

descontentes com a conduta dos líderes do motim, uns mais, outro menos. Alguns poucos, sendo verdadeiramente íntegros, não podiam ser convencidos nem corrompidos. Uma coisa é ser preguiçoso ou dissimulado, outra bem diferente é tomar um navio e assassinar inocentes.

O grupo finalmente se dividiu. Seis marujos ficariam a bordo, e os treze restantes, incluindo Silver, começaram a tomar os botes.

Foi então que me veio à mente a primeira das ideias ousadas que acabariam nos salvando. Se Silver havia deixado seis homens a bordo, estava claro que não conseguiríamos tomar e defender o navio. Mas como eram apenas seis, os homens do barão não precisariam de minha ajuda para proteger a cabine. Logo, decidi também ir à ilha. Em uma fração de segundo, escorreguei pelo cabo da amurada e me encolhi sob as lonas de um dos botes, quase no mesmo instante em que ele partia.

Ninguém notou minha presença, exceto pelo remador na proa, que disse:

— É você, Jim? Fique de cabeça baixa.

Silver, que estava em outro bote, virou seus olhos atentos para nós e perguntou se era eu que estava ali. Naquele momento me arrependi do que tinha feito.

Cada bote tentava chegar à praia primeiro, mas o nosso havia saído com alguma vantagem, sendo ao mesmo tempo o mais leve e o mais bem manobrado. Chegamos bem à frente dos outros. Assim que o barco parou entre as

árvores da margem, agarrei um galho, saltei e corri até me embrenhar na mata. Silver e o restante estavam ainda a uns cem metros atrás de nós.

— Jim! Jim! — pude ouvi-lo gritar.

Como é de se imaginar, não lhe dei atenção. Continuei correndo, pulando e me esgueirando pela mata até ficar sem forças.

14.

O PRIMEIRO ATAQUE

Fiquei tão aliviado por ter fugido de Long John que relaxei e comecei a apreciar a paisagem à minha volta, fascinado pela terra estranha onde me encontrava.

Em minha corrida, atravessei um terreno pantanoso cheio de salgueiros, juncos, árvores exóticas e bizarras que se erguiam das zonas alagadas. À minha frente abria-se uma clareira arenosa e irregular, de cerca de um quilômetro e meio. Havia alguns pinheiros e diversas árvores de tronco retorcido, parecidas com carvalhos, mas de folhagem clara como salgueiros. Ao fundo da clareira erguia-se um dos montes e seus dois estranhos picos escarpados brilhavam ao sol.

Pela primeira vez pude sentir o encantamento da exploração. A ilha era desabitada, a tripulação havia ficado para trás e não havia nenhum ser vivo à minha frente a não ser aves e animais selvagens inofensivos. Perambulei por entre as árvores. Em alguns lugares cresciam plantas com flores que eu desconhecia. De vez em quando encontrava uma cobra, e uma delas, oculta na fenda de uma pedra, ergueu sua cabeça e sibilou para mim como um pião rodando. Mal sabia eu que se tratava de uma mortífera cascavel, e que o ruído vinha do guizo em sua cauda.

Em seguida cheguei a um extenso bosque das tais árvores parecidas com carvalhos — vim a saber depois que se chamavam azinheiras —, que cresciam pelo terreno arenoso e tinham galhos caprichosamente retorcidos e folhagem espessa. O bosque se estendia desde o topo de uma duna, crescendo e alargando-se até alcançar o brejo salpicado de juncos no qual um dos riachos desaguava até chegar à enseada. O brejo exalava vapores com o sol forte, e em meio à névoa era possível ver a silhueta da Colina da Luneta.

De repente começou um alvoroço entre os juncos: um pato selvagem levantou voo grasnando, seguido por outro e mais outro, até que se ergueu uma grande nuvem de pássaros sobrevoando o brejo aos gritos. Na hora compreendi que deviam ser os marujos se aproximando pelas margens. Tive logo a confirmação, pois em seguida ouvi suas vozes ao longe. Apurei o ouvido e percebi que se aproximavam.

Tomado de pânico, rastejei para debaixo dos galhos de um carvalho e ali fiquei agachado, aflito e sem fazer qualquer barulho.

Reconheci a voz de Silver conversando com outro homem. Ele contava uma longa história e de vez em quando seu companheiro o interrompia. Pela entonação, a conversa estava animada, quase agressiva, mas não consegui distinguir uma só palavra.

Aparentemente fizeram uma pausa, e talvez até tivessem se sentado, pois não só deixaram de se aproximar, como os pássaros também se acalmaram e voltaram a pousar pelo pântano.

Foi quando senti que estava desperdiçando uma oportunidade, pois se já havia sido imprudente ao ponto de vir à ilha com aqueles criminosos, podia ao menos tentar ouvir o que diziam. O mínimo a fazer seria me aproximar tanto quanto possível, protegido pela copa baixa das árvores.

Identifiquei claramente onde estavam, não apenas pelo som das vozes, mas porque alguns pássaros alarmados ainda sobrevoavam os intrusos.

Engatinhei até eles com facilidade, mas devagar, e quando pude enfim olhar por uma abertura entre os galhos, avistei um pequeno vale gramado às margens do pântano, resguardado pelas árvores, onde Long John Silver e outro homem da tripulação conversavam frente a frente.

O sol os acertava em cheio. Silver havia deixado seu chapéu no chão e olhava para o outro com uma expressão de apelo em sua grande face rosada e brilhante de suor.

— Companheiro — ele dizia —, é só porque tenho muita consideração por você. Muita consideração, pode acreditar! Se eu não confiasse em você, acha que estaria te avisando? Já está tudo arranjado, não tem mais volta. Só estou te contando isso para salvar seu pescoço. Se algum daqueles vagabundos soubesse que estou fazendo isso, o

que você acha que aconteceria comigo, Tom? Me diga, o quê?

— Silver — respondeu o outro homem com uma voz rouca e trêmula, e notei que sua face também estava avermelhada. — Silver, você já é mais velho e é honesto, ou pelo menos é o que dizem. Além disso, você tem dinheiro, não é nenhum marujo pobretão. A não ser que eu esteja enganado, é um homem valente. Está me dizendo que vai se deixar levar por essa laia? Logo você? Deus é minha testemunha, prefiro perder uma mão a fazer parte disso. Não posso faltar com meu dever de...

Tom foi subitamente interrompido por um ruído. Eu acabava de descobrir um dos homens leais — no mesmo momento, ouvia sinais de outro. No pântano, a uma boa distância, ouviu-se o que pareceu um grito de raiva, seguido de outro. Então um berro horrível e longo ecoou diversas vezes pela Colina da Luneta. Novamente a passarada do brejo se levantou num rodopio que escureceu o céu. Aquele grito mortal ainda latejou em minha cabeça por um bom tempo depois do silêncio se reestabelecer, quando apenas o adejar dos pássaros e o distante rumor das ondas perturbavam a languidez da tarde.

O barulho fez Tom saltar de susto como um cavalo atijado, mas Silver sequer piscou. Permaneceu imóvel, acomodado em sua muleta e os olhos fixos em seu companheiro, como uma cobra prestes a dar o bote.

— John! — exclamou o marinheiro, estendendo-lhe a mão.

— Para trás! — disse Silver, afastando-se com um salto que me pareceu tão ágil quanto o de um atleta.

— Como quiser, John Silver — tornou o outro. — É o peso em sua consciência que o faz se assustar assim. Mas em nome de Deus, o que foi aquilo?

— Ah, aquilo? — retrucou Silver com um sorriso largo, porém mais cauteloso que nunca. Seus olhos apertados brilhavam como contas de vidro em sua grande face. — Aquilo? Imagino que tenha sido Alan.

Tom reagiu com a bravura de um herói.

— Alan! — gritou. — Que Deus receba sua alma de bom marinheiro. Quanto a você, John Silver, por muito tempo te considerei um amigo, mas não mais. Se me matarem como um cão, morrerei cumprindo meu dever. Você matou Alan, não foi? Pois me mate também, se tiver coragem. Duvido que seja capaz.

E com isso o valente marujo deu as costas para o cozinheiro e começou a caminhar de volta para a praia. Não iria muito longe, porém. Com um rugido, John agarrou-se ao galho de uma árvore e atirou sua muleta, que riscou o ar como um dardo. A ponta do inusitado projétil atingiu Tom entre os ombros com uma força impressionante. O marujo ergueu os braços, soltou o ar numa espécie de soluço e caiu.

Era impossível saber a gravidade do ferimento. A julgar pelo som que fizera, sua espinha deve ter se partido no mesmo instante, porém Tom não teve tempo de se recuperar. Silver, ágil com um macaco mesmo sem sua muleta, já estava sobre ele no momento seguinte, e cravou sua faca duas vezes no corpo inerte do marujo. De meu esconderijo pude ouvi-lo grunhir com o esforço dos golpes.

Eu não sei ao certo como é desmaiar, mas sei que nos instantes seguintes senti como se estivesse envolto em uma névoa estranha que fazia tudo girar. Silver, os pássaros, o topo da Colina da Luneta, tudo rodopiava diante dos meus olhos, e uma confusão de vozes e sinos reverberava em meus ouvidos.

Quando voltei a mim, o monstro já estava recomposto, com sua muleta debaixo do braço e o chapéu sobre a cabeça. À sua frente, Tom jazia imóvel. Sem lhe dar atenção, o assassino limpava calmamente o sangue de sua faca na grama. Tudo continuava igual, o sol brilhava inclemente sobre o brejo fumegante e o topo da colina. Eu mal podia acreditar que havia acabado de presenciar um assassinato, que momentos antes uma vida havia sido interrompida brutalmente bem diante dos meus olhos.

John retirou um apito do bolso e soprou uma série de silvos que atravessaram o ar escaldante. Obviamente não entendi aquele sinal, mas fui imediatamente tomado pelo pânico. Outros homens chegariam. Talvez me encontrassem ali. Já haviam assassinado dois homens

honestos. Se mataram Tom e Alan, por que não me matariam?

Comecei a rastejar no mesmo instante, da forma mais rápida e silenciosa que podia, tentando voltar para a parte aberta do bosque. Ouvia ainda os gritos entre o velho pirata e seus companheiros, o que me fez voar. Assim que saí da mata, corri como nunca, sem me preocupar para onde ia, desde que fosse para longe dos assassinos. Em minha fuga, o medo crescia cada vez mais dentro de mim, até se tornar uma espécie de transe.

Não poderia estar mais perdido. Quando fosse disparado o tiro de aviso para retornar ao navio, como eu poderia reencontrar aqueles criminosos ainda com sangue nas mãos? Não torceriam meu pescoço como se faz a uma galinha assim que me vissem? E minha ausência não seria a prova de que eu sabia de seus crimes, o que também selava meu destino? Estava tudo acabado, pensei. Adeus, *Hispaniola*. Adeus, barão, doutor e capitão! Só me restava morrer de fome ou pelas mãos dos amotinados.

Como eu disse, pensava nisso tudo enquanto corria, e sem perceber estava já próximo ao pé da pequena colina de dois picos, onde as azinheiras cresciam mais espaçadas e tinham o aspecto e tamanho de árvores de floresta. Em meio a elas havia alguns pinheiros dispersos, de quatro a cinco metros de altura. O ar também era diferente, mais fresco do que no charco.

Foi quando um novo susto me paralisou e
descompassou meu coração.

15.

O HOMEM DA ILHA

Aquela parte da encosta era íngreme e rochosa. Do alto rolaram algumas pedras que ricochetearam ruidosamente entre as árvores. Olhei instintivamente para cima e vi um vulto saltando com grande rapidez para detrás de um pinheiro. Se era um urso, um macaco ou um homem, não consegui identificar. Parecia escuro e peludo, foi só o que pude ver. O terror dessa nova aparição me deixou imóvel.

Ao que tudo indicava, eu estava cercado. Atrás de mim os assassinos, à minha frente um ser desconhecido à espreita. Então preferi enfrentar os perigos que eu já conhecia, em vez daquele novo. O próprio Silver agora parecia menos terrível se comparado àquela criatura da floresta. Dei meia volta e, sem deixar de olhar para trás, retomei o caminho pelo qual viera, que me levaria de volta aos botes.

O vulto surgiu novamente e, dando a volta pela lateral, passou à minha frente. É verdade que eu estava cansado, mas me dei conta de que mesmo que eu tivesse acabado de acordar não seria páreo para aquele adversário. A criatura deslizava por entre os troncos com a agilidade de uma gazela, mas corria em duas pernas como um homem. Porém, ao contrário de qualquer homem que eu já

tinha visto, dobrava-se quase ao meio enquanto corria. Ainda assim era um homem, já não restava dúvidas.

Me lembrei do que já tinha ouvido sobre canibais. Estava a ponto de gritar por socorro, mas a constatação de que se tratava simplesmente de um homem, mesmo que fosse um selvagem, me tranquilizou. E o medo que eu sentia de Silver cresceu novamente. Paralisado, tentava encontrar uma rota de fuga quando me lembrei de minha pistola. Sem a sensação de vulnerabilidade completa, a coragem reacendeu meu espírito. Decidido, me volvei e caminhei rumo ao homem da ilha a passos firmes.

Ele já se escondera atrás de outro tronco, mas creio que não tirou os olhos de mim, pois assim que comecei a caminhar em sua direção, reapareceu e começou a se aproximar. Então hesitou, deu alguns passos para trás, avançou novamente, e por fim, para meu espanto e confusão, caiu de joelhos e juntou as mãos em súplica.

Ao ver aquilo, parei novamente.

— Quem é você? — perguntei.

— Ben Gunn — me respondeu com uma voz áspera e desajeitada que soou como uma fechadura enferrujada. — Sou o pobre Ben Gunn, sou sim. Não falo com um cristão⁴ há três anos.

Foi quando percebi que se tratava de um homem branco como eu, com feições até que apresentáveis. Sua pele, onde era possível vê-la, estava bastante queimada do sol. Até seus lábios eram escuros, e seus olhos claros

destoavam em uma face tão bronzeada. De todos os mendigos que eu já havia visto ou imaginado, ele era o mais maltrapilho e desgrenhado. Vestia um traje feito de retalhos de velas e lonas de navio atados com os mais estranhos fechos: rebites de latão, lascas de madeira e retalhos de tecido. Um cinturão velho com fivela de latão era a única peça inteira em sua rudimentar vestimenta.

— Três anos! — exclamei. — O senhor naufragou?

— Não, companheiro — respondeu ele. — Fui exilado.

Eu já havia ouvido aquela palavra, e sabia que era um castigo terrível praticado pelos piratas, no qual o condenado era deixado em uma ilha deserta e distante, apenas com uma arma e um pouco de munição.

— Fui exilado há três anos — continuou. — Sobrevivi à base de carne de cabra, frutas silvestres e ostras. É o que eu digo, um homem tem que se virar onde quer que esteja. Mas rapaz, você não faz ideia da vontade que estou de um pouco de comida cristã. Por acaso você não teria um bocadinho de queijo aí com você, não é? Não? Eu sempre sonho que estou comendo queijo — quase sempre tostado — mas aí acordo e estou aqui, na ilha.

— Se eu conseguir voltar a bordo, te dou todo o queijo você puder comer — prometi.

Durante toda a conversa ele apalpava meu casaco, tocava minhas mãos e admirava minhas botas. Quando não estava falando, aparentava uma alegria infantil por

estar na presença de outro ser humano. Mas ao ouvir minhas últimas palavras, sobressaltou-se, assustado.

— Como assim, se você conseguir voltar a bordo? — repetiu. — Quem te impediria?

— Não estava me referindo a você — me apressei em dizer.

— Nisso você está certo! Então você... Mas como é mesmo seu nome, companheiro?

— Jim.

— Jim, Jim — repetiu alegremente. — Sabe, Jim, tive uma vida tão dura que você ficaria constrangido só de ouvir. Por exemplo, olhando para mim agora, você não diria que minha mãe era uma santa, não é?

— Bem, não necessariamente — respondi.

— Pois é — continuou —, mas era mesmo. E eu era um menino bem-educado e muito devoto, podia recitar o evangelho tão rápido que mal se distinguiam as palavras. E me tornei isto, Jim. Tudo começou quando me meti a jogar e a apostar. Jogávamos moedas nas lápides atrás da igreja, veja você! Foi como começou, mas não parou por aí. E minha mãe bem que me avisou, ela previu tudo, aquela santa! Mas foi a divina providência que me colocou aqui. Tive tempo de repensar toda a minha vida aqui, sozinho nesta ilha, e voltei a ser devoto. Já quase não bebo mais rum. Quer dizer, só um dedinho para brindar, quando eu tiver a oportunidade. Estou decidido a ser um homem bom,

e sei como fazer isso. E tem outra coisa, Jim — olhou para os lados e baixou a voz —, eu sou rico.

Ao ouvir aquilo, tive certeza de que o pobre coitado havia enlouquecido em sua solidão, e ele deve ter percebido pela minha expressão, pois repetiu categoricamente:

— Rico! Rico, estou dizendo! E digo mais: vou fazer de você um homem. Ah, Jim, que sorte a sua ter sido o primeiro a me encontrar.

Após dizer aquilo, foi como se uma sombra passasse por seu rosto. Apertou ainda mais minha mão e me apontou o dedo ameaçadoramente.

— Mas me diga a verdade, Jim: aquele não é o navio do Flint, é?

Aquela pergunta acendeu uma ideia em minha mente. Julguei ter encontrado um aliado, e prontamente respondi:

— Não é o navio do Flint, pois ele está morto. Mas te direi a verdade, já que me pediu: infelizmente para nós, alguns homens da antiga tripulação do Flint estão a bordo.

— Não me diga que também está um homem... com uma perna só? — perguntou, quase perdendo o fôlego.

— Silver?

— Silver! Esse mesmo.

— Ele é o cozinheiro de bordo, e é quem está encabeçando o motim.

Ele ainda agarrava meu pulso e, ao ouvir aquilo, quase o torceu.

— Se foi Long John que te mandou aqui — disse ele —, eu sou um homem morto. Mas o que você acha que vai acontecer com vocês?

Naquele instante decidi revelar tudo a ele, e lhe contei a história de nossa viagem e os apuros em que nos encontrávamos. Ele ouviu com grande interesse e me deu um tapinha na cabeça quando terminei meu relato.

— Você é um bom rapaz, Jim, e vocês estão em uma enrascada, não é? Bem, pode deixar que o Ben Gunn vai dar um jeito. Ben Gunn caiu do céu para vocês. Mas me diga, você acha que esse barão seria generoso com quem o ajudasse... já que ele está em apuros, como você mencionou?

Disse a ele que o barão era o homem mais generoso que eu conhecia.

— Mas entenda uma coisa — continuou Ben Gunn. — Não estou dizendo que quero que ele me dê um emprego de estalajadeiro, condutor de carruagem, nem nada disso. Isso não me interessa, Jim. Quero saber se ele me deixaria ficar com umas mil libras de um tesouro que, no final das contas, já é meu.

— Tenho certeza que sim — respondi. — Afinal, o tesouro seria dividido entre os marinheiros.

— E me levaria para casa também? — acrescentou com perspicácia.

— Ora, o barão é um cavalheiro! — exclamei. — Além disso, se nos livrarmos dos bandidos, precisaremos da sua ajuda para conduzir o navio de volta.

— Ah, sim — tornou ele. — Precisarão mesmo.

Ben Gunn pareceu mais aliviado, e continuou:

— Então é o seguinte. Só vou contar isso, e mais nada. Eu estava no navio de Flint quando ele enterrou o tesouro. Ele e mais seis marujos dos bravos. Ficaram na ilha por quase uma semana, enquanto o restante de nós esperou no velho *Walrus*, ancorado na costa. Um belo dia finalmente deram o sinal e o Flint apareceu sozinho em um bote, com a cabeça enrolada em um lenço azul. O sol estava nascendo, e ele estava tão pálido que parecia um cadáver vindo sobre as águas. Voltou sozinho. Os seis marujos estavam mortos e enterrados. Como ele fez aquilo, nenhum homem a bordo conseguiu entender. Se foi luta, assassinato, morte súbita... afinal, era um contra seis. O imediato era Billy Bones e o contramestre era Long John. Perguntaram sobre o tesouro. “Quem quiser, pode ficar na ilha e procurar. Este navio vai atrás de mais ouro!”, foi o que ele disse.

“Bom, e três anos atrás eu trabalhava em outro navio quando avistamos esta ilha. ‘Rapazes, o tesouro de Flint está aqui. Vamos ancorar e encontrá-lo’, eu disse. O capitão não gostou nada da ideia, mas a tripulação foi unânime e ancoramos. Procuramos por doze dias, e a cada dia ficavam mais zangados comigo, até que uma manhã

decidiram voltar a bordo. ‘Quanto a você, Ben Gunn’, me disseram, ‘toma aqui um mosquete’, disseram, ‘uma pá e uma picareta. Pode ficar e procurar o tesouro do Flint sozinho’, foi o que disseram.

“Bom, Jim, e daí estou aqui há três anos. Desde então não sei o que é um prato de comida cristã. Mas veja, olhe para mim. Eu tenho cara de marujo de convés? Não, certo? E não sou mesmo, isso eu te digo.”

Fez uma pausa, piscou e beliscou-me com força.

— É só você dizer essas palavras para o barão, Jim — continuou. — “Ele não é nenhum marujo de convés”, é só dizer isso. “Ele ficou sozinho na ilha por três anos, dia e noite, com sol e chuva, e de vez em quando ele rezava”, você diz, “de vez em quando ele pensava na mãezinha dele, como se ela ainda estivesse viva”, você diz, “mas na maior parte do tempo ele estava ocupado com outra coisa”, é isso o que você vai dizer. Daí você dá um beliscão nele, desse jeito.

E me beliscou novamente, com uma expressão de cumplicidade.

— Então — continuou — você diz para ele, muito sério: “Gunn é um homem de bem”, você diz, “e ele valoriza muito mais, muito mais, um cavalheiro bem-nascido do que esses que se intitulam senhores da própria sorte, visto que ele mesmo foi um deles.”

— Não entendi nada do que você disse — respondi. —, mas isso não vem ao caso. Ainda não sei como vou conseguir voltar a bordo.

— Ah, sim, essa é a questão, sem dúvida — concordou. — Temos o meu barquinho, que eu fiz com minhas próprias mãos. Eu o deixo ali embaixo daquela pedra branca. Na pior das hipóteses, podemos tentar usá-lo depois que escurecer. Epa! — assustou-se. — O que foi isso?

Naquele momento, embora ainda faltassem uma ou duas horas para anoitecer, o estrondo de um canhão ecoou por toda a ilha.

— Começou a luta! — gritei. — Venha comigo!

Esqueci todos os meus medos e comecei a correr em direção ao ancoradouro. O maltrapilho trotava ao meu lado sem o menor esforço.

— Para a esquerda, para a esquerda! — o exilado me guiava. — Pegue a trilha à esquerda, companheiro! Passe por debaixo das árvores! Foi aqui que matei minha primeira cabra. Agora elas não ficam mais aqui, ficam todas amontoadas nos picos das montanhas, porque têm medo do Benjamin Gunn. Ah, e ali é o *cetimério*.

Provavelmente quis dizer “cemitério”.

— Está vendo esses morros? Às vezes eu vinha aqui rezar, quando eu achava que era domingo ou algum dia santo. Não é igual a uma capela, mas tem alguma coisa de solene. Você bem vê que Ben Gunn estava desamparado... sem padre, nem bíblia, nem sequer uma imagem santa.

E continuava falando ao meu lado enquanto corríamos, sem esperar nem receber resposta.

Após um longo intervalo, o tiro de canhão foi seguido por uma descarga de armas menores.

Outra pausa, e então, a menos de trezentos metros, vi a bandeira britânica tremulando sobre o bosque.

PARTE QUATRO
A PALIÇADA

16.

RELATO DO DR. LIVESEY: COMO O NAVIO FOI ABANDONADO

Passava um pouco da uma e meia — três badaladas do sino, em código náutico — quando os dois botes deixaram o *Hispaniola* em direção à ilha. Eu, o capitão e o barão ficamos na cabine discutindo. Se houvesse um mínimo de vento a nosso favor, atacaríamos os seis amotinados que restaram a bordo, levantaríamos âncora e nos lançaríamos ao mar. No entanto, o vento deixava a desejar e, para completar nosso desamparo, Hunter veio nos avisar que Jim Hawkins havia pulado em um dos botes e ido para a ilha junto com a tripulação.

Nunca nos passou pela cabeça duvidar da honestidade de Jim Hawkins, mas temíamos por sua segurança. Considerando os ânimos em que os homens estavam, era pouco provável que o víssemos com vida novamente. Descemos ao convés. Com o calor, o piche das juntas do tablado borbulhava, e o odor me revirou o estômago. Se alguma vez já foi possível reconhecer malária ou disenteria pelo cheiro, era o caso daquele abominável ancoradouro. Os seis canalhas estavam sentados sob a vela do castelo de proa, murmurando. Era possível ver os botes amarrados na costa, junto à desembocadura do rio, cada qual com um

homem sentado. Um deles assobiava a melodia de *Lillibullero*.⁵

A espera era torturante, portanto decidimos que Hunter e eu tomaríamos a canoa de apoio até a ilha, em busca de informações.

Os botes estavam atracados à direita, mas Hunter e eu avançamos em direção à paliçada, conforme o mapa indicava. Os dois vigias se assustaram com nossa chegada. A *Lillibullero* cessou abruptamente e vi a dupla discutindo sobre o que fazer. Caso tivessem decidido ir atrás de Silver e avisá-lo de nossa incursão, as coisas tomariam um rumo diferente. No entanto, imagino que tinham ordens para não sair dali, por isso permaneceram onde estavam e voltaram à canção.

O rio fazia uma ligeira curva após a costa. Manobrei o barco de modo a ficar oculto por ela. Saímos da vista dos botes mesmo antes de tocarmos a terra. Tão logo saltei da canoa, me pus a caminhar o mais rápido que podia. Sob meu chapéu usava um lenço de seda para amainar o calor e levava um par de pistolas para minha proteção.

Não precisei andar nem cem metros para chegar à paliçada.

Descrevo-a a seguir: uma nascente brotava de uma elevação de terra. Sobre essa elevação, logo atrás da fonte, construíram uma cabana robusta feita com toras de madeira, capaz de abrigar cerca de quarenta homens. Em cada uma das paredes havia uma seteira de onde se podia

atirar com mosquetes. Uma clareira foi aberta ao redor, que por sua vez foi cercada por uma paliçada de cerca de dois metros de altura. Não havia nenhuma passagem, e a estrutura era forte o suficiente para impedir ataques furtivos. Além disso, a clareira era bem aberta e deixaria qualquer invasor facilmente exposto. As pessoas que se abrigassem ali teriam todas as vantagens: um abrigo seguro de onde era possível atirar nos inimigos como se fossem patos. Seriam necessários apenas mantimentos e uma boa vigilância, pois exceto em casos de ataque surpresa, poderiam muito bem resistir a um regimento.

O que mais me admirou foi a nascente. Apesar de nossa cabine no *Hispaniola* ser bastante satisfatória, com muitas armas, munição e comida (além dos excelentes vinhos), havíamos nos esquecido de uma coisa: água. Estava pensando nisso quando ressoou pela ilha o grito de um homem sendo morto. Assassinatos não eram nenhuma novidade para mim — servi o exército sob as ordens de sua alteza real, o Duque de Cumberland, e fui ferido na batalha de Fontenoy, na Bélgica. No entanto, naquele momento meu coração parou. “Mataram Jim Hawkins”, foi a primeira coisa que pensei.

Uma coisa é ter sido soldado, outra bem diferente é ser médico. Não há tempo para hesitações nessa profissão. Assim, sem perder tempo, corri de volta à costa e saltei para a canoa.

Por sorte, Hunter era um bom remador. Singramos as águas sem demora e eu logo estava novamente a bordo de nossa escuna.

Como era de se esperar, encontrei todos muito nervosos. O barão estava sentado, pálido como um fantasma, preocupado com a situação perigosa em que havia nos colocado. Que alma boa! E um dos homens no castelo de proa não estava muito melhor.

— Aquele homem ali — disse o capitão Smollett, apontando com a cabeça — é um marinheiro novato. Quando ouviu o grito ficou a ponto de desmaiar. Acredito que com um pouco de tato ele se junta a nós.

Contei meu plano ao capitão, e junto definimos os detalhes para levá-lo a cabo.

Colocamos o velho Redruth na galeria entre a cabine e o castelo de proa, equipado com três ou quatro mosquetes e um colchão para se proteger. Hunter levou um dos botes até o portaló, e Joyce e eu o carregamos com pólvora, mosquetes, biscoitos, carne de porco, uma barrica de conhaque e minha imprescindível maleta de remédios e utensílios médicos.

Enquanto isso, o barão e o capitão ficaram no deque. Smollett chamou o timoneiro, o mais alto na hierarquia dos que haviam ficado a bordo.

— Sr. Hands — declarou o capitão —, estamos armados com duas pistolas cada um. Qualquer movimento e vocês seis serão mortos imediatamente.

Os homens recuaram, apreensivos. Após confabularem brevemente, todos desceram ao porão da proa. Sem dúvida queriam dar a volta por baixo do navio e nos atacar pelas costas. Mas quando deram com Redruth à espera deles na galeria, voltaram correndo, e uma cabeça surgiu na abertura do convés.

— Para baixo, canalha! — gritou o capitão.

E a cabeça desapareceu. Não ouvimos mais um pio dos seis covardes marujos.

Na pressa, carregamos a canoa até não caber mais nada. Joyce e eu saltamos pelo portaló e voltamos para a ilha a toda velocidade.

Nossa segunda incursão alarmou os vigias, e a *Lillibullero* foi interrompida outra vez. Um pouco antes de virarmos a curva do rio, de onde nos perderiam de vista, um deles desceu do seu barco e desapareceu na mata. Estive a ponto de mudar os planos e destruir seus botes, mas temi que Silver e os outros estivessem próximos e minha afobação colocasse tudo a perder.

Desembarcamos no mesmo ponto de antes e começamos a equipar a cabana. Da primeira vez, nós três fizemos o trajeto com o que éramos capazes de carregar e jogamos tudo por sobre a paliçada. Joyce então ficou de guarda — apesar de ser apenas um, estava armado com meia dúzia de mosquetes. Hunter e eu voltamos à canoa para outro carregamento. E assim continuamos sem parar até tudo estar arrumado. Os dois criados assumiram suas

posições na cabana e eu, com as forças que me restavam, retornei para o *Hispaniola*.

Encher a canoa de suprimentos do navio uma segunda vez não era tão perigoso quanto parecia. Apesar de eles estarem em maior número, tínhamos a vantagem das armas. Nenhum dos amotinados em terra tinha um mosquete, e antes de conseguirem se aproximar o suficiente para disparar suas pistolas, conseguiríamos acertá-los uma meia dúzia de vezes, ou assim pensávamos.

O barão esperava por mim na janela da popa, já completamente restabelecido. Ele lançou um cabo, prendeu a canoa e começamos a carregá-la com itens de sobrevivência. Pegamos mais carne de porco, pólvora e biscoitos, um sabre cada um e apenas um mosquete para todos. Jogamos o restante das armas e pólvora na água, e como a profundidade era de apenas quatro metros, enquanto nos afastávamos era possível ver o sol refletindo no aço que agora repousava no fundo do mar cristalino.

A maré começava a baixar e o navio começou a girar em torno da âncora. Ouvimos ao longe os gritos dos vigias na terra. Embora isso tenha nos tranquilizado, pois indicava que Joyce e Hunter estavam a salvo, distantes dali, era um sinal de que não poderíamos perder tempo.

Redruth saiu da galeria e saltou para a canoa, e então remamos até a amurada, de onde seria mais fácil para o capitão Smollett juntar-se a nós.

— Marinheiros! — gritou o capitão. — Estão me ouvindo?

Nenhuma resposta do castelo de proa.

— É com você, Abraham Gray! Estou falando com você!

Novamente silêncio.

— Gray! — continuou Smollett, gritando um pouco mais alto. — Vou deixar este navio e te ordeno a seguir seu capitão. Sei que no fundo você é um bom homem, e digo inclusive que nenhum de vocês aí é tão mau quanto quer parecer. Estou olhando para meu relógio. Darei trinta segundos para quem quiser se juntar a nós.

Seguiu-se uma pausa.

— Vamos, meu rapaz — prosseguiu o capitão. — Não perca mais tempo. A cada segundo que passa arrisco mais minha vida e a destes cavalheiros.

Foi possível ouvir um som de luta, e Abraham Gray surgiu com um corte de faca no rosto. Correu em direção ao capitão como um cachorrinho.

— Vou com o senhor — disse o rapaz.

No momento seguinte ambos saltaram para a canoa e começamos a remar. Conseguimos deixar o navio, mas ainda estávamos longe de nossa paliçada.

17.

RELATO DO DR. LIVESEY: A ÚLTIMA VIAGEM DA CANOA

A quinta viagem que eu fiz com a canoa foi bem diferente das outras. Para começar, aquela bacia que chamávamos de barco estava completamente sobrecarregada. Levava cinco homens adultos, sendo que três deles — Trelawney, Redruth e o capitão — tinham mais de um metro e oitenta, ou seja, mais peso do que ela podia suportar. Além disso, estava abarrotada com carne, pólvora e os outros pacotes. A parte dianteira da canoa estava ligeiramente afundada e a água entrava a cada movimento. Após navegar por alguns metros, minha calça e a aba do meu casaco já estavam completamente encharcados.

O capitão ordenou que nos distribuíssemos pelo barco, e com isso ganhamos um pouco mais de estabilidade. Ainda assim, tínhamos medo até de respirar.

Em segundo lugar, a maré vazante começava a puxar — uma forte corrente seguia pela baía em direção oeste, depois virava para o sul em direção ao mar alto, passando pelos estreitos que havíamos cruzado pela manhã. Qualquer onda representava um perigo para nossa pesada embarcação, mas o pior foi que a correnteza nos desviou

do curso e nos afastou do ponto de desembarque. Se nos deixássemos levar pela maré, chegaríamos à praia onde estavam os botes, e os piratas poderiam nos atacar a qualquer momento.

— Não consigo manter o curso para a paliçada, senhor — avisei o capitão. Eu tentava manobrar enquanto ele e Redruth remavam, por estarem mais descansados. — A maré está forte demais. Conseguem remar com mais força?

— Se remarmos mais forte, a canoa afunda — respondeu ele. — O senhor precisa aguentar firme até começarmos a avançar.

Continuei tentando e percebi que só conseguíamos navegar pela corrente se eu mantivesse a proa voltada para o leste, com a canoa em um ângulo reto à direção que precisávamos seguir.

— Desse jeito não vamos chegar nunca — afirmei.

— Se esta é a única forma de seguirmos, devemos continuar — replicou o capitão. — Temos de ir contra a corrente. Se apanharmos o vento diretamente, não sabemos em que ponto da costa iremos parar, e os piratas podem nos atacar. Devemos seguir a corrente até ela enfraquecer, depois damos a volta pela praia.

— A corrente já está enfraquecendo, senhor — disse o jovem Gray, sentado nas lonas da proa. — Pode diminuir um pouco o ritmo.

— Obrigado, meu rapaz — respondi naturalmente, como se já o houvéssemos aceitado como um de nós.

— O canhão! — exclamou de repente o capitão, e notei algo de estranho em sua voz.

— Já cuidei disso — afirmei, julgando que se referia ao risco de bombardearem a paliçada. — Eles não têm como levar o canhão até a praia, e mesmo que pudessem, jamais conseguiriam atravessar o bosque com ele.

— Olhe para trás, doutor — tornou o capitão.

Havíamos nos esquecido completamente do canhão maior, fixo na popa. E para nosso pânico, lá estavam os cinco amotinados restantes retirando sua “jaqueta”, que era como chamavam a cobertura de lona que o envolvia. Naquele momento também me lembrei que havíamos deixado a pólvora e a munição do canhão no navio, bastava que os malditos arreventassem a porta da cabine para ter acesso a elas.

— Israel era o artilheiro de Flint — disse Gray com a voz trêmula.

Mesmo arriscando nossa pele, apontamos a canoa para a praia. Já estávamos afastados o suficiente da correnteza para conseguirmos manter o curso sem precisar forçar os remos, e assim fiz. O problema é que isso nos fazia ficar paralelos ao *Hispaniola*, ou seja, éramos um alvo fácil.

Era possível tanto ver como ouvir Israel Hands, aquele bêbado maldito, rolando as munições pelo deque.

— Quem aqui atira melhor? — perguntou o capitão.

— O barão, sem sombra de dúvida — afirmei.

— Sr. Trelawney, teria a bondade de acertar um daqueles homens, por favor? Hands, se possível — pediu o capitão.

Trelawney fez mira, calmo como um monge.

— Mas atire com cuidado, senhor, ou afundaremos. Todos os outros, tentem deixar o barco estável para o barão poder mirar.

Paramos de remar e nos inclinamos todos para lados opostos, mantendo o equilíbrio para que o barão empunhasse sua arma. O movimento foi tão bem feito que nem uma gota de água invadiu a canoa.

Naquela altura, já haviam girado o canhão sobre seu eixo e Hands se expunha ao colocar a munição na boca do cano. Apesar disso, não conseguimos atingi-lo. Quando Trelawney atirou ele já estava abaixado, a bala passou zunindo sobre ele e acertou um dos outros homens.

Seu grito foi respondido não somente por seus companheiros a bordo, como também por algumas vozes em terra. Quando olhamos para a praia, vimos os outros piratas surgindo entre as árvores e saltando para dentro de seus botes.

— Lá vêm os outros, senhor! — avisei.

— Força nos remos, então! — exclamou o capitão. — Pouco importa se a canoa afundar. Se não chegarmos até a praia, está tudo acabado.

— Estão embarcando em apenas um dos botes, senhor! — notei. — Os outros devem estar dando a volta por terra, para nos pegar pelo outro lado.

— Pois vão correr até cansar, senhor! — retrucou o capitão. — Um marujo não vale nada na terra. Estou preocupado é com o canhão. Somos alvos fáceis aqui! Nem minha esposa erraria esse tiro. Quando estiverem prestes a atirar, barão, nos avise que pararemos de remar e tentaremos nos proteger.

Ao mesmo tempo, avançávamos a um bom ritmo para um barco em situação tão precária, e praticamente sem fazer água. Nos aproximávamos da costa, mais trinta ou quarenta remadas e chegaríamos à praia, pois a maré vazante havia revelado um pequeno banco de areia próximo às árvores. O bote já não oferecia perigo, agora já fora de vista novamente. A maré vazante, até há pouco tão cruel conosco, agora se redimia e retardava nossos inimigos. O único perigo iminente era o canhão.

— Eu poderia tentar acertar outro deles — sugeri o capitão.

Estava claro que disparariam o canhão a qualquer segundo. Sequer haviam olhado para o companheiro caído, embora não estivesse morto, pois o vi rastejando.

— Preparem-se! — gritou o barão.

— Recuar! — o capitão completou quase ao mesmo tempo.

Ele e Redruth travaram os remos com tanta força que a popa afundou inteira na água. No mesmo instante o canhão disparou. Foi o primeiro disparo que Jim ouviu, já que o tiro do barão não lhe chegou aos ouvidos. Nenhum de nós soube ao certo por onde a bala passou, mas imagino que foi sobre as nossas cabeças, e que o deslocamento de ar contribuiu para que a canoa se desestabilizasse.

De qualquer maneira, a popa passou a afundar lentamente, até cerca de um metro. Eu o capitão nos posicionamos em pé na proa, um de frente para o outro. Os outros três afundaram completamente e emergiram em seguida.

Até então não havíamos sofrido nenhum dano de fato. Todos estavam vivos e poderíamos alcançar a praia em segurança. Nossas provisões, no entanto, haviam se perdido e, para piorar, apenas duas das cinco armas estavam em condições de uso. Por instinto, ergui a minha sobre a cabeça e a mantive seca. O capitão levava a dele em uma bandoleira presa ao ombro, muito sabiamente com a coronha virada para cima. As outras três submergiram.

Para piorar nossa situação, vozes se aproximavam pelo bosque que margeava a costa. Além do risco de ataque em nosso caminho para a paliçada, não sabíamos se Hunter e Joyce seriam capazes de protegê-la caso houvesse uma investida dos piratas. Sabíamos que Hunter era valente, mas não tínhamos tanta certeza quanto a Joyce,

um criado tão bem-educado e gentil que talvez não estivesse à altura do combate.

Isso tudo nos preocupava enquanto tentávamos chegar à praia o mais rápido possível, deixando para trás nossa pobre canoa e uma boa parte de nossas provisões e munição.

18.

RELATO DO DR. LIVESEY: O PRIMEIRO DIA DE LUTA CHEGA AO FIM

Caminhamos o mais rápido possível pela trilha que nos separava da paliçada, com as vozes dos piratas cada vez mais próximas. Logo já podíamos ouvir seus passos enquanto se embrenhavam pelos galhos da parte mais densa do bosque.

Percebi que o confronto aconteceria antes do esperado e olhei para minha arma.

— Capitão — eu disse —, Trelawney tem um tiro certo. Dê sua arma a ele, já que a dele está inutilizada.

Os dois trocaram de armas. Trelawney, calmo e frio desde o começo do conflito, parou um momento para se aprontar. Percebi que Gray estava desarmado e lhe passei meu sabre. Ficamos todos um tanto aliviados ao vê-lo cuspir na mão, franzir o cenho e brandir a espada. Cada gesto seu demonstrava que era um aliado de valor.

Mais quarenta passos e chegamos ao fim do bosque, onde a paliçada erguia-se à nossa frente. Estávamos no meio do lado sul da fortaleza, e foi quando sete amotinados — liderados por Job Anderson, o contramestre — vieram alucinados pelo sudoeste.

Estancaram com o susto ao nos encontrarem ali, e antes que pudessem se recuperar, o barão e eu disparamos, acompanhados por Hunter e Joyce que atiraram de dentro da casa. Foram quatro tiros desordenados, mas que cumpriram seu propósito: um dos inimigos foi atingido e caiu, enquanto o resto deu meia-volta e sumiu entre as árvores.

Depois de recarregarmos, caminhamos por fora da paliçada para averiguar o homem caído. Estava morto, sem dúvida — a bala o atingira no coração.

Mal tivemos tempo de nos alegrar, logo em seguida um tiro de pistola foi disparado do bosque. A bala passou zunindo pelos meus ouvidos e atingiu o pobre Tom Redruth, que cambaleou e foi ao chão. Eu e o barão devolvemos o disparo, mas como não sabíamos onde mirar, provavelmente apenas desperdiçamos munição. Recarregamos e fomos ao socorro de Tom.

O capitão e Gray já o estavam examinando, e eu nem precisei tocá-lo para saber que estava condenado.

Acredito que a rapidez com que revidamos ao disparo assustou novamente os amotinados, pois conseguimos erguer o pobre zelador, que gemia e sangrava, por sobre a paliçada e o carregamos até a cabana sem grande dificuldade.

O coitado não havia dito uma só palavra de surpresa, queixa, medo, ou mesmo aprovação, desde o começo de nossos problemas até aquele momento em que o

deitávamos na cabana para morrer. Defendeu a galeria como um troiano; seguiu cada ordem sem questionar, com prontidão e excelência; era o mais velho de nosso grupo, com uma diferença de uns vinte anos; e morria agora nosso velho criado, fiel e atencioso.

O barão se ajoelhou a seu lado e beijou sua mão, chorando como uma criança.

— Estou indo embora, doutor? — perguntou.

— Tom, meu caro — respondi. — Você vai voltar para casa.

— Queria ter acertado um tiro neles antes.

— Tom — disse o barão —, você me perdoa, não é?

— Seria o mais educado de minha parte, não é, senhor? — foi sua resposta. — Seja como for, que assim seja. Amém.

Depois de alguns momentos de silêncio, Tom perguntou se alguém poderia fazer uma prece.

— É o costume, senhor — desculpou-se.

E dali a pouco, sem mais uma palavra, expirou.

Enquanto isso, o capitão retirava várias coisas de seus bolsos — eu já havia notado que seu casaco parecia excessivamente inchado — uma bandeira britânica, uma bíblia, um rolo de corda, caneta e nanquim, seu diário de bordo e uma quantidade impressionante de tabaco. Ele havia encontrado uma longa tora de pinheiro perto da paliçada, e com a ajuda de Hunter a cravou no canto da cabana, no ângulo formado pelos troncos que a

sustentavam. Subiu sozinho ao telhado e hasteou a bandeira.

Aquilo pareceu lhe trazer grande alívio. Desceu de volta à cabana e começou a fazer um inventário de nossos suprimentos, como se nada mais importasse. Ainda assim, não descuidou de Tom. Após a passagem do criado, o capitão surgiu com outra bandeira e respeitosamente cobriu seu corpo.

— Não se aflija, senhor — disse, apertando a mão do barão. — Ele agora está bem. Um homem que morre no cumprimento de seu dever para com seu capitão e seu patrão não tem nada a temer. Pode parecer blasfêmia, mas é um fato.

Então me puxou de lado:

— Dr. Livesey, os senhores acreditam que o grupo de socorro chegará em quantas semanas?

Respondi a ele que não era uma questão de semanas, mas de meses. O combinado foi que se não estivéssemos de volta até agosto, Blandly enviaria um grupo de busca. Nem antes nem depois.

— Faça as contas você mesmo — eu disse.

— Pois então — tornou o capitão, coçando a cabeça —, mesmo contando com a ajuda divina, nosso destino é incerto.

— O que você quer dizer?

— Que é uma pena, senhor, que tenhamos perdido todas aquelas provisões. É o que quis dizer. Conseguimos

nos virar com o que temos de armas e munição, mas estamos com pouca comida. Tão pouca, dr. Livesey, que talvez seja até bom termos uma boca a menos para alimentar.

E apontou para o cadáver debaixo da bandeira.

Foi quando uma bala de canhão passou rugindo sobre o telhado da cabana e caiu no bosque bem atrás de nós.

— Diabos! — gritou o capitão. — Chumbo neles! Já estamos com pouca pólvora mesmo, rapazes!

O segundo tiro passou mais próximo, a bala de canhão caiu no interior da paliçada erguendo uma nuvem de areia, mas sem causar danos.

— Capitão, é praticamente impossível ver a casa do navio — disse o barão. — Eles devem estar mirando na bandeira. Não seria mais sábio recolhê-la?

— E admitir nossa derrota? — exclamou o capitão. — Não, senhor, nunca!

Creio que de certa forma todos concordamos com suas palavras. Não se tratava apenas de orgulho de marinheiros. Era o sinal de que lutávamos com honra e mostrávamos ao inimigo que não nos abateríamos com sua artilharia.

O bombardeio prosseguiu por toda a noite. As balas voavam sobre a cabana, caíam antes da paliçada, ou atingiam a clareira. No entanto, eles tinham que mirar tão alto que o disparo perdia força e os balaços afundavam na areia fofa. Não havia o risco de ricochetes, e apesar de uma das balas ter atravessado o telhado e o assoalho da cabana,

logo nos acostumamos àquela brincadeira um tanto bruta. Era como assistir a uma partida de críquete.

— Tem um lado bom nisso tudo — observou o capitão.

— Provavelmente não há ninguém no bosque à nossa frente, por conta dos tiros. A maré já recuou bastante e algumas de nossas provisões devem estar descobertas. Alguns voluntários podem ir até lá e pegar a carne de porco.

Gray e Hunter foram primeiro. Armados até os dentes, conseguiram sair da paliçada, mas viram que a missão seria inútil. Ou os amotinados eram mais corajosos do que supúnhamos, ou confiavam muito na pontaria de Israel. Quatro ou cinco deles carregavam nossas provisões para um dos botes, atracado ali perto e a salvo da correnteza. Silver comandava a operação da popa, e todos estavam armados com mosquetes que haviam trazido escondidos na viagem.

O capitão sentou-se para escrever em seu diário, e começou seu registro do dia:

Alexander Smollett, capitão. David Livesey, médico de bordo. Abraham Gray, assistente de carpinteiro. John Trelawney, proprietário do navio. John Hunter e Richard Joyce, criados do proprietário, civis. São estes, dentre a tripulação do navio, os que permaneceram leais. Desembarcaram no dia de hoje e hastearam a bandeira britânica na cabana da Ilha do Tesouro, com provisões racionadas para dez dias.

Thomas Redruth, criado do proprietário do navio, civil, foi alvejado e morto pelos amotinados. James Hawkins, grumete...

Neste momento me perguntei qual teria sido o destino do pobre Jim Hawkins.

Ouvimos um chamado vindo dos lados do bosque atrás da cabana.

— Alguém está nos chamando! — disse Hunter, que estava de vigia.

— Doutor! Barão! Capitão! Alô, Hunter, é você? — alguém gritou.

Corri para a porta e vi Jim Hawkins, são e salvo, pulando para dentro da paliçada.

19.

RELATO RETOMADO POR JIM HAWKINS: A GUARNIÇÃO DA PALIÇADA

Ben Gunn parou de correr assim que viu a bandeira britânica, me segurou pelo braço e sentou-se.

— Veja — disse ele—, lá estão seus amigos, sem dúvida.

— É mais provável que sejam os amotinados — respondi.

— Isso, não! — exclamou ele. — Só quem vem a esta ilha são senhores da própria sorte, por isso Silver hastearia a *Jolly Roger*,⁶ pode ter certeza. Não, são seus amigos que estão ali. E com todo esse tiroteio, imagino que estão levando a melhor. Conseguiram tomar a paliçada, construída há muitos anos por Flint. Aquele tinha uma cabeça boa, o Flint! Quando estava sóbrio, não tinha para ninguém! Não tinha medo de nada, não, senhor. Flint era um homem distinto.

— Bom, talvez sejam eles então — concordei. — Mais uma razão para corrermos até lá.

— Não, companheiro, não é assim. Você é um bom rapaz, ou assim me parece. Mas ainda é muito jovem para entender certas coisas. Ben Gunn entende do riscado. Eu

não apareceria lá junto com você nem se me oferecessem rum. Nem por rum, até eu conhecer esse cavalheiro que você

me falou. E não se esqueça do que eu disse: “Ben Gunn valoriza muito...”, é o que você vai dizer, “valoriza muito os cavalheiros bem-nascidos”. E então dá um beliscão nele.

E me beliscou pela terceira vez, com o mesmo ar de cumplicidade.

— E quando quiserem falar com Ben Gunn, você sabe onde encontrá-lo, Jim. No mesmo lugar de hoje. E quem for lá, tem de ir com uma bandeira branca, e deve ir sozinho. Ah, e você vai dizer o seguinte: “Ben Gunn tem suas próprias razões”, você diz.

— Certo, acho que entendi. Você tem uma proposta a fazer, e quer conversar com o barão ou com o doutor, e vai estar no mesmo lugar em que nos encontramos hoje. É isso?

— “A que horas?” E você vai dizer: “da hora que o sol apontar meio-dia até às seis da tarde”.

— Tudo bem — interrompi. — Posso ir agora?

— Não vai se esquecer? — me perguntou ansioso. — “Valoriza cavalheiros, tem princípios”, você diz. Princípios. Isso é o principal, princípios de homem para homem. Bem, então — ele ainda me segurava — acho que você pode ir agora, Jim. Ah, e se você encontrar Silver, não vai entregar o Ben, não é? Por nada neste mundo. Diga que você não

sabe de nada. Se você encontrar os piratas pela ilha, diga apenas que amanhã muitas mulheres ficarão viúvas.

O estrondo de um disparo o interrompeu, e uma bala de canhão atravessou a copa das árvores e caiu a menos de cem metros de onde conversávamos. No momento seguinte já estávamos correndo, cada um em uma direção.

Disparos constantes sacudiram a ilha por pelo menos uma hora, com os projéteis despencando sobre o bosque. Fui me movendo pelos esconderijos que eu encontrava, sempre sob a mira dos disparos, ou assim me parecia. Depois de um bom tempo de bombardeio, embora eu ainda não tivesse coragem de ir diretamente para a paliçada — principal alvo das balas —, de alguma maneira consegui me recompor e dei uma longa volta pelo lado leste até me esgueirar entre as árvores mais próximas da cabana.

O sol havia acabado de se pôr, a brisa marinha sacudia o bosque e enrugava a superfície cinzenta do ancoradouro. A maré havia recuado bastante e grandes bancos de areia estavam visíveis. Após um dia de calor, o vento que penetrava em meu casaco começava a esfriar.

O *Hispaniola* continuava no mesmo lugar, mas agora a *Jolly Roger* — a bandeira negra dos piratas — tremulava no mastro principal. Pude ver o clarão vermelho do canhão disparando outra bala que riscou o ar com um grande estrondo. Foi a última artilharia.

Observei abaixado por um tempo o alvoroço que se seguiu ao ataque. Na praia perto da paliçada os piratas

destruíam algo com seus machados. Era a pobre canoa de apoio, vim a saber depois. Mais além, perto da desembocadura do rio, uma grande fogueira crepitava entre as árvores, e um dos botes ia e voltava daquele ponto até navio. Os homens, antes tão abatidos, agora gritavam como crianças. Era possível perceber pelas suas vozes que estavam bêbados.

Pensei que conseguiria chegar à paliçada, afinal. Eu ainda estava a uma grande distância, na ponta de areia que cercava o ancoradouro ao leste e que fazia a ligação com a Ilha do Esqueleto. Quando enfim me levantei, vi ao longe uma pedra alta e solitária, que se erguia entre os arbustos e se destacava por sua coloração mais clara. Era a pedra branca que Ben Gunn havia mencionado, onde ficava seu barquinho que eu poderia usar, caso necessário.

Adentrei novamente o bosque até chegar à retaguarda da paliçada, do lado que dava para a praia, e logo fui recebido calorosamente pelo grupo de homens honestos.

Depois de lhes contar tudo o que se passara comigo, olhei ao meu redor. A cabana inteira — paredes, assoalho e teto —, era feita com troncos de pinheiro de diversos tamanhos. O piso ficava a cerca de um metro acima do chão de areia. À frente da porta havia um pequeno alpendre, e abaixo dele a nascente jorrava em um poço artificial inusitado: nada menos que uma enorme chaleira de ferro, sem o fundo, fincada na areia “até as tampas”, como disse o capitão.

A casa estava bastante danificada, praticamente apenas a estrutura restava intacta. Em um dos cantos havia uma pequena laje de pedra, montada para servir de lareira, e um velho e enferrujado cesto de ferro para conter as brasas.

Todas as árvores da parte interna da paliçada e do pé da colina haviam sido cortadas para a construção da cabana, e pelos tocos que restaram percebia-se que ali havia antes um bosque alto e frondoso. A maior parte do terreno havia sido limpa ou aterrada após a remoção das árvores. Apenas ao redor do fio de água que corria da chaleira cresciam um grosso tapete de musgo e alguns arbustos que verdejavam pela areia. Ao redor da paliçada — perto demais, disseram alguns — o bosque era alto, denso e pujante, com pinheiros crescendo no interior da ilha e uma variedade de carvalhos mais próximos da praia.

O vento frio da noite, ao qual já me referi, passava assobiando por cada fresta da rústica construção e polvilhava o chão com areia fina. A areia entrava em nossos olhos, dentes, comida, dançava na água da chaleira, invadia tudo como se quisesse cobrir o mundo. Nossa chaminé era um buraco quadrado no teto. Apenas uma pequena parte da fumaça chegava a sair pelo telhado, o resto empestevava a casa e nos fazia tossir e lacrimejar.

Além disso, o novato Gray estava com o rosto todo enfaixado por conta da facada que levava ao escapar dos

amotinados. O pobre Tom Redruth jazia ainda colado à parede, esticado sob a bandeira britânica.

Se tivéssemos ficado ociosos provavelmente nos entregaríamos à melancolia, mas o capitão Smollett jamais permitiria isso. Convocou todos os homens e nos dividiu em grupos de sentinelas. Eu, o doutor e Gray seríamos os primeiros. O barão, Hunter e Joyce nos renderiam. Como estávamos cansados, dois homens foram buscar lenha e outros dois foram cavar a cova para Redruth. O doutor ficou encarregado de preparar a comida, eu vigiava a porta e o capitão ia de um em um, para nos animar e oferecer ajuda.

De vez em quando o doutor saía para tomar um ar e descansar os olhos, ardendo de tanta fumaça, e sempre conversava um pouco comigo.

— Smollett é um homem melhor que eu — comentou.
— E não digo isso à toa, Jim.

Em outra ocasião, saiu e se manteve em silêncio por um tempo. Então inclinou a cabeça e olhou para mim.

— Esse Ben Gunn é confiável? — indagou.

— Não sei dizer, senhor — respondi. — Sequer tenho certeza se está bom da cabeça.

— Se ainda existe a dúvida, é porque lhe resta um pouco de sanidade. Não se pode esperar que um homem que está há três anos em uma ilha deserta, Jim, passando o diabo, pareça tão normal quanto eu e você. Não é da

natureza humana viver desse jeito. Você disse que ele gosta de queijo, não é?

— Isso mesmo, senhor, queijo — respondi.

— Veja só, Jim, como é bom ser frugal na alimentação. Você já viu minha lata de rapé, certo? Mas já me viu cheirando rapé? É porque nessa lata eu coloquei um pedaço de queijo parmesão. É um queijo italiano, muito nutritivo. Será um presente para Ben Gunn!

Antes do jantar, enterramos Tom na areia e ficamos ao redor da sepultura por alguns minutos, em uma cerimônia improvisada. Os homens haviam recolhido bastante lenha, mas ainda não era suficiente, segundo o capitão, que sacudiu a cabeça em desaprovação dizendo:

— Amanhã precisaremos trabalhar com mais afinco.

Mais tarde, após uma dose de conhaque e um pouco de carne de porco, os três líderes se juntaram em um canto para discutir nosso futuro.

Queimaram as pestanas pensando em como agir. O grupo de socorro demoraria ainda muito tempo e nossas provisões eram tão poucas que não havia saída a não ser nos entregarmos. Decidiram que nossa melhor chance seria matar os piratas um a um até que se rendessem ou que fugissem no *Hispaniola*. O bando já havia sido reduzido de dezenove para quinze. Dois estavam feridos, e pelo menos um deles — o que havia sido atingido ao lado do canhão — estava em estado grave, se não morto. Deveríamos aproveitar cada oportunidade de abater um

deles, tomando extremo cuidado para resguardar nossas vidas. Além disso, tínhamos outros dois aliados: o rum e o calor.

Quanto ao primeiro, embora estivéssemos a quase um quilômetro de distância, era possível ouvi-los gritando e cantando até tarde da noite. Quanto ao segundo, o doutor apostou sua peruca que, por estarem acampados junto ao pântano e sem nenhum medicamento, metade morreria de malária em menos de uma semana.

— Por isso — acrescentou o dr. Livesey —, se não nos matarem antes, logo irão embora com o navio. Afinal de contas, sempre poderão voltar à pirataria, não é?

— É o primeiro navio que perco na vida — lamentou-se o capitão Smollett.

Como podem imaginar, eu estava morto de cansaço. Fui me deitar, e depois de me revirar muito, dormi feito uma pedra.

Acordei com a movimentação e as vozes dos outros. Acordados há muito tempo, fizeram café e aumentaram consideravelmente nossa pilha de lenha.

— Bandeira branca! — alguém avisou, e logo depois gritou surpreso. — É o Silver, em pessoa!

Levantei-me com um salto, esfreguei os olhos e corri espiar por uma das frestas da parede.

20.

A MISSÃO DIPLOMÁTICA DE SILVER

De fato, dois homens aguardavam na parte de fora da paliçada. Um deles tremulava um pano branco, e o outro era ninguém menos que o próprio Silver, aparentando tranquilidade.

Ainda era muito cedo, e fazia o maior frio que eu já havia sentido — um frio que penetrava os ossos. O céu estava limpo e o topo das árvores brilhava ao sol. Apesar disso, Silver e seu tenente ainda estavam envoltos em sombras, e a bruma branca que se acumulara no pântano durante a noite os cobria até os joelhos. A combinação de frio e umidade era um triste retrato da ilha: um local pantanoso, doentio, insalubre.

— Fiquem aí dentro, homens — ordenou o capitão. — Sem dúvida é alguma cilada.

Então se dirigiu ao pirata:

— Quem vem lá? Diga o que quer, ou atiraremos.

— Trégua! — gritou Silver.

O capitão abrigava-se no alpendre, cuidadosamente protegido de algum tiro à traição, caso fosse essa a intenção dos piratas. Voltou-se para falar conosco:

— Grupo do doutor, fiquem na retaguarda. Dr. Livesey, proteja o lado norte, por favor. Jim, tome o lado leste.

Gray, oeste. O resto fiquem abaixados e prontos para atirar. Muita atenção, homens, e tomem cuidado.

Dirigiu-se novamente aos amotinados:

— E o que você quer com essa trégua? — exclamou.

Foi a vez do acompanhante de Silver responder:

— Senhor, o capitão Silver pede permissão para entrar e negociar.

— *Capitão Silver?* Não conheço, quem é? — ironizou o capitão Smollett, e conseguimos ouvi-lo falar para si mesmo: — Então é capitão? Vejam só, já se promoveu.

Então Long John respondeu por si mesmo:

— Sou eu, senhor. Esses pobres coitados me elegeram capitão depois que o senhor desertou — disse, enfatizando a última palavra. — Estamos dispostos a nos render, se conseguirmos chegar a um acordo. Estou sendo sincero. Só peço sua palavra, capitão Smollett, de que vai me deixar sair ileso desta paliçada, e que se decidirem atirar, que pelo menos me dê um minuto para sair do alcance dos primeiros disparos.

— Meu senhor, não tenho o menor interesse em conversar — respondeu o capitão Smollett. — Se tem algo a me dizer, pode entrar, mas é só isso. Se houver alguma emboscada, será da parte de vocês, e que Deus os ajude.

— Está ótimo, capitão! — Long John gritou amavelmente. — Conversar com o senhor já é o suficiente. Reconheço que é um cavalheiro, pode confiar em mim.

Pudemos ver o homem da bandeira branca tentando conter Silver. Não era de se admirar, dada a resposta do capitão Smollett. No entanto, Silver apenas riu e deu-lhe um tapinha nas costas, como se a ideia de sofrer algum ataque fosse absurda. Então se aproximou da paliçada, jogou sua muleta para dentro, apoiou sua perna, e com grande habilidade e força transpôs a cerca. Caiu ileso na clareira.

Confesso que eu prestava demasiada atenção em Silver para fazer valer meu posto de sentinela. Na verdade, já havia deixado de vigiar a fresta na parede e espiava tudo por trás do capitão, que se sentara no batente da porta, cotovelos apoiados nos joelhos, a cabeça apoiada nas mãos, e olhos fixos na água que gotejava da chaleira para a areia. Assobiava uma antiga canção britânica chamada *Come lasses and lads*.²

Silver teve muito trabalho para conseguir passar pela elevação de terra. Além de íngreme, a areia fofa e cheia dos tocos criava um terreno árduo para sua muleta. Mas ele foi magnânimo em seu esforço silencioso e conseguiu enfim ficar diante do capitão, a quem saudou com muito respeito. Estava devidamente alinhado para a ocasião: vestia um casacão azul até os joelhos, coberto de botões de latão, e usava um belo chapéu enfeitado com fitas, inclinado para trás.

— Enfim chegou, homem — disse o capitão, erguendo a cabeça. — É melhor se sentar.

— O senhor não vai me convidar para entrar, capitão?
— queixou-se Long John. — É uma manhã muito fria para sentar na areia.

— Ora, Silver — retrucou o capitão —, se você fosse leal, estaria agora sentado em sua cozinha. Foi você quem quis assim. Enquanto era o cozinheiro de bordo, sempre recebeu todo o meu respeito. Agora você é capitão Silver, um pirata amotinado ordinário. Nesse caso, que vá para o diabo!

— Está certo, capitão — replicou o cozinheiro, tentando se acomodar como podia. — O senhor vai ter que dar uma mãozinha para eu me levantar depois, mas sem problemas. Que bela casinha o senhor tem aqui. Ah, olha só o Jim! Um ótimo dia para você, Jim. Doutor, como vai o senhor? Vejam só, todos juntos aqui como uma família feliz.

— Se tem algo a dizer, homem, desembuche! — irritou-se o capitão.

— Tem razão, capitão Smollett — apaziguou Silver. — O dever acima de tudo. Serei franco. A jogada de vocês esta noite foi muito boa. Não vou negar. Você tem homens muito bons de porrete aqui. E também não vou negar que alguns dos meus marujos ficaram assustados, talvez todos eles. Acho que até eu fiquei um pouco, deve ser por isso que estou aqui disposto a negociar. E pode ter certeza de que não vão nos pegar desprevenidos outra vez, capitão, não vão mesmo! Vamos fazer grupos de vigia e manear

um pouco no rum. Aliás, ontem eu não bebi, estava apenas exausto. Se eu tivesse acordado um segundo mais cedo, pegaria o senhor com a boca na botija. Ele ainda não estava morto quando cheguei perto dele.

— Sim, e então? — disse o capitão, tentando parecer o mais calmo possível.

Smollett não fazia ideia do que Silver estava falando, mas não se deixava trair pelo seu tom de voz. Já eu me lembrei das últimas palavras de Ben Gunn e desconfiei do que havia ocorrido. Imaginei que ele tivesse feito uma visita aos piratas enquanto dormiam, bêbados, ao redor da fogueira. Com alegria me dei conta de que tínhamos apenas quatorze inimigos agora.

— É o seguinte — continuou Silver —, queremos o tesouro e vamos pegá-lo, isso é o que nos interessa. E imagino que o interesse de vocês é saírem daqui com vida. Vocês têm o mapa, certo?

— Talvez — respondeu o capitão.

— Eu sei que têm. Não precisa ser tão arredio, isso não vai ajudar em nada. O negócio é que queremos o mapa. E saiba que eu nunca tive intenção de causar nenhum mal aos senhores.

— Isso não me vale de nada — interrompeu o capitão.
— Sabemos exatamente quais eram as suas intenções e para nós pouco importa, agora que seus planos fracassaram.

O capitão olhava calmamente para Silver, e começou a encher seu cachimbo.

— Se por acaso Abe Gray... — começou Silver.

— Alto lá! — exclamou o capitão. — Eu não perguntei nada a Gray e ele não me disse nada. E se quer saber, você, ele e esta maldita ilha podem ir para o inferno! É o que penso!

Esse rompante botou Silver em seu lugar. Ele estava ficando cada vez mais exaltado, mas agora parecia retomar seu autocontrole.

— Está no seu direito — contornou Silver. — Quem sou eu para discutir com um cavalheiro? E já que o senhor vai fumar, vou tomar a liberdade de lhe acompanhar.

Silver pôs fumo em seu cachimbo e o acendeu. Os dois ficaram fumando em silêncio por um bom tempo. Às vezes se encaravam, às vezes sopravam cinzas, às vezes cuspiam de lado. Observá-los era como assistir a uma peça de teatro.

— Bem — retomou Silver —, é o seguinte. O senhor nos dá o mapa do tesouro e deixa de atirar nos pobres marujos ou de esmagar a cabeça deles durante a noite. Se fizer isso, te damos duas escolhas. Vocês podem embarcar conosco depois que pegarmos o tesouro, e dou minha palavra de que os deixaremos em algum porto seguro. Caso não aceitem, tendo em vista que alguns dos meus homens têm cabeça quente e podem querer acertar contas, vocês podem continuar protegidos aqui. Dividimos nossos

mantimentos com vocês de forma justa e dou minha palavra de que avisaremos o primeiro navio que encontrarmos para vir aqui pegá-los. Você há de convir que é uma boa proposta. Não conseguirão nada melhor que isso. E espero — erguendo a voz — que todos os homens aí dentro pensem no que eu falei. Minha proposta vale para todos.

O capitão Smollett levantou-se e bateu as cinzas do cachimbo em sua mão.

— Isso é tudo? — perguntou.

— Era o que eu tinha para dizer — respondeu John. — Se recusarem, só o que terão de minha parte são tiros de mosquete.

— Muito bem — devolveu o capitão. — Pois ouça então a minha proposta. Vocês se entregam um por um, desarmados, e os levo algemados para a Inglaterra, onde terão um julgamento justo. Se não se entregarem, eu, Alexander Smollett, marinheiro britânico, juro que os enviarei ao inferno. Vocês não conseguirão encontrar o tesouro, tampouco conseguirão conduzir o navio. Nenhum de seus homens sabe traçar coordenadas. Vocês não são páreo para nós. Gray escapou de um grupo de cinco dos seus. O navio está encalhado em um banco de areia, sr. Silver, e nenhum de seus marujos tem competência para tirá-lo de lá. Aqui neste momento eu te digo, e Deus é testemunha de que será meu último aviso. A próxima vez que o encontrar meterei uma bala em seu peito. Agora saia

daqui, homem! Vá embora rastejando o mais rápido que puder.

O rosto de Silver se transformou. Seus olhos faiscavam de ódio. Sacudiu a brasa do cachimbo.

— Me ajude a levantar! — exclamou.

— Não farei isso — replicou o capitão.

— Quem vai me ajudar? — vociferou Silver.

Nenhum de nós moveu um dedo. Rosnando os mais baixos palavrões, rastejou pela areia até se apoiar no alpendre e conseguir se erguer na muleta. Então cuspiu na fonte de água.

— Aí está — gritou — o que penso sobre vocês! Antes de completar uma hora, vou queimar este barraco até não sobrar mais nada! Riam agora, malditos, riam! Em menos de uma hora estarão rindo no inferno. Terão sorte os que morrerem.

E rogando pragas terríveis, saiu tropeçando pela areia. Depois de quatro ou cinco tentativas frustradas, conseguiu saltar a paliçada com a ajuda do homem da bandeira branca, e desapareceu entre as árvores.

21.

O ATAQUE

Assim que Silver desapareceu, o capitão — que o ficou observando atentamente — virou-se para o interior da casa e não viu um homem sequer em seu posto designado de vigia, exceto por Gray. Foi a primeira vez que o vimos realmente zangado.

— A seus postos! — gritou.

Voltamos às nossas posições e o capitão continuou:

— Gray, vou registrar seu nome no diário de bordo.

Você se portou como um marinheiro de valor. Sr. Trelawney, muito me admira o senhor. Pensei que havia servido o exército. Se foi assim que lutou em Fontenoy, senhor, melhor seria ter ficado em seu alojamento.

Cada homem do grupo de vigia do doutor voltou à sua posição na parede. O restante recarregava os mosquetes. Todo estavam envergonhados pela dura repreensão.

O capitão continuou olhando para fora por mais alguns momentos, em silêncio. Então disse:

— Rapazes, eu fui bem agressivo com Silver. Foi de propósito, para que ele fique furioso e perca a cabeça. Em menos de uma hora, segundo ele, seremos atacados. Estamos em menor número, nem preciso dizer, mas temos a vantagem de lutar aqui da cabana. E até um minuto atrás eu também teria dito que lutamos com mais

disciplina. Não tenho a menor dúvida de que podemos vencê-los, depende de vocês.

Então inspecionou todos os pontos da casa e afirmou que tudo estava em ordem.

Nas duas paredes mais estreitas, dos lados leste e oeste, havia apenas duas aberturas para atirar. No lado sul, onde ficava o alpendre, outras duas. Na parte de trás, ao norte, havia cinco. Estávamos equipados com vinte mosquetes para sete homens. A lenha havia sido organizada em quatro pilhas — que nos serviam de mesas —, cada uma em um dos cantos da casa, e sobre cada mesa havia munição e quatro mosquetes carregados, tudo pronto para ser usado. Ao meio, os sabres estavam alinhados.

— Apaguem o fogo — ordenou o capitão. — Já não está mais frio, e a fumaça só vai atrapalhar nossa visão.

O sr. Trelawney carregou o cesto de ferro para fora da casa e apagou as brasas com areia.

— Hawkins ainda não tomou café. Sirva-se, Hawkins, mas coma sem sair de seu posto — prosseguiu o capitão. — Apresse-se, rapaz, talvez você não tenha tempo de acabar de comer. Hunter, sirva uma rodada de conhaque aos homens.

Enquanto isso tudo transcorria, o capitão finalizava mentalmente seu plano.

— Doutor, o senhor vigia a porta — prosseguiu. — Mas não se exponha, fique na parte de dentro e atire pela

varanda. Hunter, você cobre o lado leste. Joyce, você fica na parede oeste, meu rapaz. Sr. Trelawney, que tem a melhor pontaria, fique com Gray na parede maior, a de trás, que tem cinco seteiras. É de onde virá o perigo maior. Se eles conseguirem invadir a paliçada e começarem a atirar pelas aberturas, ficaremos em maus lençóis. Hawkins, nem eu nem você atiramos muito bem. Ficaremos na retaguarda para recarregar as armas e ajudar no que for preciso.

Enquanto o capitão dava suas instruções, o dia ficava mais quente. Quando o sol se elevou acima do nosso bosque, atingiu a clareira em cheio e a neblina se dissipou rapidamente. Logo a areia já estava escaldante e a resina vertia das toras da cabana. Despimos nossas jaquetas e casacos, desabotoamos nossas camisas e arregaçamos nossas mangas. Permanecemos imóveis em nossas posições, ardendo de calor e ansiedade.

Uma hora se passou.

— Malditos sejam! — resmungou o capitão. — Essa calmaria é pior que o marasmo do Equador. Gray, assobie para chamar o vento.

Exatamente naquele momento ouvimos o primeiro sinal do ataque.

— Com licença, senhor — disse Joyce. — Se eu vir alguém, posso atirar?

— Claro que sim! — esbravejou o capitão.

— Muito obrigado, senhor — Joyce respondeu com a mesma educação.

Tudo continuou tranquilo por algum tempo, mas as palavras de Smollett deixaram todos em alerta, com ouvidos e olhos atentos. Os atiradores estavam com suas armas em punho e o capitão se posicionou ao centro da cabana, com a boca contraída em uma expressão sombria.

Alguns segundos se passaram até que Joyce repentinamente apontou seu mosquete e disparou. O estrondo ainda ecoava quando foi respondido por incontáveis disparos, em uma artilharia desordenada como um bando de gansos, atingindo todos os lados da paliçada. Várias balas acertaram a cabana, mas nenhuma chegou a penetrar pelas paredes. Quando a fumaça dos disparos se dissipou, a fortaleza e o bosque ao redor pareciam tranquilos como se nada houvesse acontecido. Nenhum galho se mexia, nenhum reflexo de mosquete denunciava a presença de nossos inimigos.

— Você acertou seu alvo? — perguntou o capitão.

— Não, senhor — respondeu Joyce. — Acredito que não.

— Ao menos disse a verdade — murmurou Smollett. — Recarregue a arma dele, Hawkins. Doutor, quantos calcula que estavam aí do seu lado?

— Posso dizer com precisão — afirmou dr. Livesey. — Três tiros foram disparados deste lado. Vi os três clarões. Dois deles estavam próximos um do outro, e o terceiro estava mais distante, a oeste.

— Três! — repetiu o capitão. — E quantos foram aí do seu lado, sr. Trelawney?

Essa conta era mais difícil de se fazer. Foram muitos os disparos do lado norte. Sete pelos cálculos do barão, oito ou nove de acordo com Gray. Estava claro, portanto, que o ataque maior viria por ali, e que nos outros lados seríamos apenas incomodados por alguns tiros dispersos. Apesar disso, o capitão Smollett não alterou seus planos. Se porventura os amotinados invadissem a paliçada, argumentou ele, usariam as seteiras para atirar dentro da cabana, nos matando como patos.

Não tivemos muito tempo para pensar nisso. Subitamente e fazendo grande algazarra, uma nuvem de piratas saltou das árvores ao norte e correu em direção à paliçada. Ao mesmo tempo, os outros lados do bosque abriram fogo novamente. Uma bala zuniu porta adentro e fez o mosquete do doutor em pedaços.

Os invasores saltaram a cerca com a destreza de macacos. Gray e o barão dispararam inúmeras vezes. Três piratas tombaram, um para o lado de dentro e dois para fora. Um desses últimos, no entanto, ficou mais assustado que ferido, pois ergueu-se em seguida e desapareceu entre as árvores.

Dois morreram, um fugiu, quatro conseguiram penetrar em nosso terreno. Outros sete ou oito homens, abrigados pelas árvores e certamente armados com vários

mosquetes, continuaram disparando em vão contra a cabana.

Os quatro que transpuseram a paliçada correram para a cabana aos gritos, com os piratas no bosque engrossando o coro para encorajá-los. Vários tiros foram disparados, mas nossos atiradores estavam tão afobados que nenhum acertou o alvo. Em um instante, os quatro bandidos atravessaram a duna e estavam à nossa frente.

A cabeça de Job Anderson, o contramestre, surgiu por uma das aberturas das paredes.

— Pra cima deles, marujos! Todos pra cima deles! — ordenou em uma voz de trovão.

Ao mesmo tempo, outro pirata agarrou o mosquete de Hunter pelo cano, puxou-o de suas mãos pela seteira e o empurrou de volta em um golpe tão violento que nosso companheiro caiu desacordado. Um terceiro deu a volta pela parte de fora da casa e apareceu subitamente à porta, atirando-se sobre o doutor com um sabre em punho.

Nossa situação havia sido revertida completamente. Em um momento estávamos seguros, atirando em um inimigo exposto. No instante seguinte estávamos sob ataque sem conseguir revidar.

A fumaça tomou completamente o interior da cabana, o que nos deu certa segurança. Meu ouvido zumbia com os gritos confusos, estampidos de pistola e com o gemido incessante de alguém.

— Para fora, rapazes, vamos enfrentá-los em campo aberto! Peguem os sabres! — gritou o capitão.

Apanhei uma das espadas da pilha, ao mesmo tempo em que alguém puxava outra, me fazendo um corte nas articulações dos dedos que eu mal senti. Alguém corria bem próximo atrás de mim, mas eu não sabia quem. Logo em frente, o doutor perseguia seu agressor pela duna, até que consegui alcançá-lo. O pirata caiu de costas, com um grande corte de sabre no rosto.

— Circulem a casa, homens! Deem a volta! — ordenou o capitão, e mesmo em meio à confusão notei algo diferente em sua voz.

Obedeci automaticamente e dei a volta pelo lado esquerdo da casa, com o sabre na mão. Assim que me virei, fiquei cara a cara com Anderson. Com um rugido, ele ergueu seu facão, que reluziu ao sol. Sequer tive tempo de me assustar. Antes que ele desse o golpe, saltei para o lado, tropecei na areia e caí rolando pela duna.

Um pouco antes, quando eu estava saindo pela porta, pude ver os outros amotinados saltando pela paliçada para nos atacar. Um deles, de gorro vermelho e com um sabre na boca, já estava com uma das pernas para o lado de dentro. O tempo que levei para levantar novamente foi tão curto que ele ainda estava na mesma posição, mas já era possível ver a cabeça de outro surgindo pelas pontas da cerca. Apesar disso, esse curto período foi só o que bastou para que a luta terminasse e saíssemos vitoriosos.

Gray, que era quem estava atrás de mim, acertou o timoneiro com seu sabre antes que ele tivesse tempo de se recompor do golpe malsucedido. Outro foi atingido por um tiro no mesmo instante em que disparou por uma das aberturas da parede. Caiu agonizante, com a pistola fumegando em suas mãos. Pude ver também um terceiro cair morto por um só golpe do doutor. Dos quatro que haviam invadido nossa fortaleza, apenas um ainda estava vivo, mas já havia largado seu sabre e tentava escalar a paliçada para fugir, aterrorizado.

— Atirem! Quem estiver na cabana, atire! — gritou o capitão. — E vocês, rapazes, protejam-se!

Mas sua ordem não foi atendida, nenhum tiro foi disparado, e o último intruso conseguiu saltar a cerca e fugir pelo bosque com o restante. Em três segundos, já não havia mais nenhum sinal dos piratas, a não ser pelos cinco mortos, quatro dentro da paliçada e um fora.

Eu, Gray e o doutor corremos para dentro. Os sobreviventes logo pegariam seus mosquetes e recomeçariam o tiroteio.

A essa altura, já quase não havia mais fumaça dentro da casa, e pudemos ver o quanto nossa vitória havia custado. Hunter estava caído perto de seu posto, atordoado. Joyce estava estendido junto à outra parede, baleado na cabeça. Bem ao centro da sala, o barão amparava o capitão, um mais pálido que o outro.

— O capitão foi ferido — disse o sr. Trelawney.

— Eles fugiram? — perguntou o sr. Smollett.

— Os que conseguiram, sim — respondeu o doutor. — Mas cinco deles nunca mais vão correr na vida.

— Cinco! — exclamou o capitão. — Não estamos tão mal. Com cinco a menos de um lado e três de outro, a luta agora é quatro de nós contra nove deles. Nossas chances melhoraram. Éramos sete contra dezenove, estávamos em situação muito pior.

O número de amotinados era na verdade oito, pois o pirata atingido pelo sr. Trelawney ao lado do canhão do convés morrera na mesma noite em que fugimos do navio. Obviamente, não tínhamos conhecimento desse fato na ocasião.

PARTE CINCO

MINHA AVENTURA NO MAR

22.

COMO COMEÇOU MINHA AVENTURA NO MAR

Os amotinados não voltaram mais — não houve sequer um tiro vindo do bosque. Tiveram sua “cota do dia”, como o capitão disse, então tivemos tempo para nos recompor, tratar dos feridos e jantar. Mesmo sendo arriscado, o barão e eu cozinhamos na clareira, e mesmo lá fora mal conseguíamos nos concentrar, impressionados pelos gritos de dor que vinham da cabana.

Dos oito feridos em combate, apenas três ainda estavam vivos — o pirata que havia sido atingido por uma das sentinelas da cabana, Hunter e o capitão Smollett. Dentre eles, o único consciente era o capitão. O amotinado acabou morrendo, a despeito dos esforços do doutor. Hunter, não importava o que fizéssemos, continuava desacordado. Ficaram ambos estendidos na casa o dia todo, respirando pesadamente. O pirata teve o peito perfurado pelo golpe e também fraturou o crânio na queda. Morreu durante a noite, sem fazer nenhum ruído.

Quanto ao capitão, embora seus ferimentos fossem graves, não eram fatais. Nenhum órgão fora atingido. O disparo de Anderson — que foi quem o alvejou primeiro —

partiu sua omoplata e chegou a ferir levemente seu pulmão. Uma segunda bala apenas rasgou e deslocou alguns músculos da panturrilha. Ele se recuperaria sem problemas, segundo o doutor, mas nas semanas seguintes não deveria andar nem mexer o braço. Deveria inclusive ficar em silêncio o máximo que pudesse.

Já o meu pequeno corte nos dedos não era mais grave que uma picada de mosquito. O doutor fez uma atadura e me deu um puxão de orelha em troca do atendimento.

Após o almoço, o barão e o doutor sentaram-se com o capitão, um tanto afastados de nós, para decidirem o que fazer. A conversa terminou um pouco depois do meio-dia. O doutor apanhou seu chapéu e sua pistola, prendeu um sabre no cinto, colocou o mapa no bolso, e com um mosquete no ombro atravessou a paliçada pelo lado norte até sumir entre as árvores.

Gray e eu estávamos sentados no canto oposto da cabana, para dar privacidade aos nossos superiores. Ao ver o doutor saindo, Gray, que estava fumando, ficou tão pasmo que esqueceu de levar seu cachimbo à boca.

— O que ele está fazendo, em nome de Davy Jones?⁸
— exclamou. — O dr. Livesey ficou louco?

— Claro que não — respondi. — Ele é o homem mais sensato da tripulação, pelo que sei.

— Olha, companheiro — tornou Gray —, se ele não está louco, então quem não está entendendo nada sou eu.

— Imagino que o doutor tenha algum plano — respondi. — E se eu estiver certo, ele deve estar indo se encontrar com Ben Gunn.

Minha suposição se confirmaria mais tarde. No momento, a casa estava quente como um caldeirão, e a areia da clareira à nossa frente parecia queimar sob o sol. Comecei a ter ideias não muito inteligentes. Senti inveja do doutor caminhando pelo bosque fresco e sombreado, ouvindo o canto dos pássaros e sentindo o perfume dos pinheiros, enquanto eu cozinhava

dentro da cabana com minhas roupas grudando na resina das paredes. O sangue pelo chão e as pessoas mortas ao meu redor me fizeram sentir uma repulsa quase tão forte quanto meu medo.

Durante todo o tempo que passei limpando a cabana, e depois lavando a louça do almoço, o nojo e a inveja cresciam dentro mim. Em um momento em que ninguém me observava, enchi meus bolsos com biscoitos que retirei de um dos sacos de suprimentos, como primeira medida para minha fuga.

Você pode pensar que eu estava sendo tolo e que certamente faria besteira, mas eu estava determinado e, além disso, tomava todas as precauções possíveis. Caso algo me acontecesse, os biscoitos me manteriam até o dia seguinte, pelo menos.

Em seguida apanhei um par de pistolas, e como já tinha munição e pólvora comigo, me senti devidamente armado.

Meu plano não era necessariamente ruim. A intenção era ir até o pontal de areia ao lado do ancoradouro, encontrar a pedra branca que eu havia avistado na noite anterior e ver se era lá mesmo que Ben Gunn guardava seu barco. A meu ver, era algo perfeitamente plausível. No entanto, eu estava certo de que não me deixariam sair da paliçada, por isso sairia à francesa, quando ninguém estivesse olhando. Era essa forma grosseira de executar o plano que o tornava tão ruim. Mas eu era apenas um garoto naquela época, e estava decidido.

As circunstâncias acabaram por me dar uma ótima oportunidade. Gray e o barão se ocupavam com os curativos do capitão, e o caminho ficou livre para mim. Saltei a paliçada na parte mais densa do bosque, e antes que notassem minha ausência eu já ia longe.

Essa foi minha segunda ideia estúpida, bem pior do que primeira. Eu havia deixado a cabana sob a proteção de apenas dois homens saudáveis. Mas assim como a primeira ideia, o objetivo era salvar a todos nós.

Tomei o caminho para a costa leste da ilha, pois queria contornar a praia sem ser visto do ancoradouro. Já era final de tarde, embora ainda estivesse quente e ensolarado. Enquanto eu caminhava oculto pelas árvores altas, ouvia ao fundo não apenas as ondas quebrando

continuamente, mas o ranger de galhos e da folhagem que indicava que a brisa estava mais forte que o normal. Logo comecei a sentir correntes de ar fresco, e com mais alguns passos cheguei ao final do bosque, de onde avistei o mar azul brilhando até o horizonte e as ondas espalhando espuma pela areia.

Nunca havia visto o mar da Ilha do Tesouro tão calmo, com o sol faiscando, o ar completamente parado, a superfície da água lisa e azul. Mas ainda assim grandes ondas explodiam ao longo da costa, trovejando sem parar. Acredito que seria possível ouvi-las de qualquer lugar da ilha.

Caminhei pela praia com uma grande alegria dentro de mim, até que, julgando já ter avançado o suficiente para o sul, me abriguei atrás de alguns arbustos e prossegui com cuidado até chegar ao local mais alto do pontal.

Atrás de mim o mar, à frente o ancoradouro. O vento parecia esgotado pelo esforço fora do comum e não se fazia mais sentir. Em seu lugar soprava uma brisa leve vinda do sul e sudeste, trazendo uma espessa neblina. As águas do ancoradouro, protegidas pela Ilha do Esqueleto, estavam calmas como no dia em que chegamos. A superfície lisa criava um espelho que refletia o *Hispaniola* perfeitamente, com a *Jolly Roger* tremulando no mastro.

Silver estava à frente de um dos botes, ao lado do navio — era impossível não o reconhecer. Na popa, alguns homens se debruçavam na amurada, entre eles o pirata de

gorro vermelho que tentou transpor a paliçada. Pareciam conversar e rir, embora eu obviamente não pudesse ouvi-los àquela distância.

Tomei um grande susto com gritos horríveis que vieram daquela direção, até que me lembrei de Capitão Flint, o papagaio — e acho cheguei até a vê-lo, com sua plumagem colorida, pousado no pulso de Silver.

Pouco tempo depois o bote partiu em direção à praia e o homem de gorro vermelho desceu pela escada do tombadilho com um companheiro.

O sol se escondia atrás da Colina da Luneta e a neblina se acumulava rapidamente, escurecendo o céu cada vez mais. Se eu quisesse encontrar o barquinho de Ben Gunn, não poderia perder tempo.

Era possível distinguir a pedra branca entre os arbustos lá embaixo, a pouco mais de cem metros de distância, mas levei um bom tempo para chegar até ela rastejando. Já era quase noite quando enfim consegui tocá-la. Logo abaixo havia uma pequena cavidade coberta de relva, oculta por um pequeno barranco e cercada por touceiras de capim que chegavam à altura dos joelhos. No meio desse buraco havia uma pequena tenda feita com couro de cabra, semelhante às de ciganos.

Entreí pela cavidade, ergui um lado da tenda e lá estava o barquinho de Ben Gunn. Tinha um aspecto singular e grosseiro. Era uma forte estrutura irregular de madeira entrelaçada, dentro da qual esticava-se uma

cobertura de couro de cabra, com o pelo voltado para a parte interna. Era muito pequeno, até mesmo para mim, e fiquei imaginando como seria possível um adulto navegar com aquilo. Havia um pequeno assento na parte mais baixa, uma espécie de viga ia de uma extremidade à outra, e um remo duplo.

Aquele tipo de barco, conhecido como *coracle*, era usado antigamente na Inglaterra, mas eu nunca havia visto um até aquele dia. Cheguei a ver outro parecido anos mais tarde, e posso dizer que o de Ben Gunn era o pior *coracle* já construído. Ainda assim, o barquinho tinha lá suas vantagens, pois era leve e fácil de carregar.

Após encontrar o barco, era de se esperar que eu voltasse logo para a paliçada, mas tive outra ideia que me deixou obstinado. Acredito que eu a colocaria em prática mesmo que o próprio capitão Smollett me proibisse. Meu plano era ir até o *Hispaniola* na calada da noite, cortar suas cordas e deixá-lo à deriva até que encalhasse em algum lugar na praia. Em minha cabeça, os amotinados estariam tão alquebrados pela derrota daquela manhã que logo decidiriam levantar âncora e partir mar afora. Seria muito fácil impedir essa fuga, pensei, ainda mais agora que eu sabia que os vigias do navio ficavam sem botes de apoio, ou seja, o risco era mínimo.

Esperei até escurecer e me fartei de biscoitos. A noite estava perfeita para os meus propósitos. A névoa encobria todo o céu. Quando os últimos raios de sol desapareceram

da Ilha do Tesouro, uma escuridão absoluta a envolveu. Quando enfim consegui retirar o barquinho da cavidade e comecei a caminhar com ele nos ombros, aos tropeços, havia somente dois pontos visíveis em todo ancoradouro.

O primeiro era uma grande fogueira acesa no pântano, e os piratas, deitados, bebiam e cantavam em redor dela. O outro era um fraco ponto de luz que mal se destacava na escuridão, indicando a posição do navio. A maré o havia feito girar. Sua popa agora estava voltada para mim. A única luz acesa a bordo era a da cabine. O que eu avistava era somente o reflexo que essa forte luz fazia no nevoeiro.

A maré já havia recuado bastante, por isso tive de percorrer um longo trecho de areia, afundando várias vezes até o tornozelo para chegar à água. Com alguma força e destreza, finalmente consegui colocar o barquinho sobre a superfície, com a quilha submersa.

23.

A FORÇA DA MARÉ

Como eu havia previsto, a pequena embarcação era bastante segura para uma pessoa do meu tamanho e peso. Era leve e flutuava bem, mas imprevisível e difícil de manobrar. O que quer que eu fizesse, mantê-la na direção correta era quase impossível. Ela apenas girava em círculos. O próprio Ben Gunn chegou a admitir que “era um barquinho um tanto caprichoso, até você pegar o jeito”.

Eu certamente não havia pegado o jeito, pois avançava em todas as direções, menos na que eu queria. Naveguei próximo à praia a maior parte do tempo, e não chegaria ao navio se a maré não tivesse me ajudado. Por mais que remasse, era inútil, mas a correnteza foi a minha sorte e só assim cheguei ao *Hispaniola*.

O navio ergueu-se à minha frente como um vulto ainda mais escuro que a noite. Só depois seu casco e mastros tomaram forma. No momento seguinte, ou assim me pareceu (afinal, quanto mais eu avançava, mais forte era a correnteza), consegui segurar a amarra da âncora.

A corda estava esticada como a de um arco, tamanha a tensão que a maré impunha sobre a âncora. Ao redor do casco, na escuridão, a água borbulhava e cantava como uma cascata. Bastava um corte e o *Hispaniola* ficaria ao sabor da maré.

Parecia bem fácil, mas então pensei que uma amarra daquela espessura, cortada abruptamente, seria tão perigosa quanto um coice de cavalo. Ou seja, talvez meu pequeno barco voasse pelos ares, comigo dentro.

Fiquei paralisado, e teria abandonado meu plano se novamente a sorte não sorrisse para mim. O vento que até há pouco soprava do sudeste mudou de direção para sudoeste depois do anoitecer. Eu meditava sobre o que fazer quando uma lufada apanhou o *Hispaniola* e o impeliu contra a corrente. Para minha alegria, senti o cabo lacear e submergir minha mão com seu peso.

Decidido, peguei minha navalha, abri-a com meus dentes e cortei as fibras entrelaçadas uma a uma, até restarem somente duas. Aguardei um novo sopro de vento que aliviasse a tensão do cabo antes completar o serviço.

Eu ouvia vozes vindas da cabine o tempo todo, mas, para ser sincero, estava tão concentrado em outras coisas que mal as notava. Enquanto esperava a nova lufada, pude prestar atenção.

Reconheci a voz do timoneiro Israel Hands, artilheiro de Flint em tempos passados. O outro, claramente, era meu amigo de gorro vermelho. Estavam ambos muito bêbados, e pelo visto continuariam bebendo, pois ouvi um deles abrir a escotilha da cabine, gritar algo incompreensível e atirar algo que supus ser uma garrafa vazia. Era perceptível que, além de embriagados, também estavam furiosos. Gritavam palavrões sem parar e, de vez

quando, tinham acessos de raiva que me davam a certeza de que acabariam se engalfinhando. Depois se acalmavam novamente, até o próximo rompante, que também se amainava sem maiores consequências.

Na direção da praia, eu podia ver a grande fogueira crepitando entre as árvores. Alguém cantava uma velha e monótona canção de marinheiro, com a voz baixa e vibrante ao final de cada verso. Parecia uma canção sem fim, que só acabaria quando o cantor se cansasse. Me lembrei de uma parte da letra, pois a ouvira algumas vezes durante a viagem:

Apenas um homem voltou com vida ao porto.

Os outros setenta e cinco estavam todos mortos.

Me pareceu uma canção um tanto sombria, considerando as perdas que haviam sofrido pela manhã. No entanto, pelo que eu já conhecia, aqueles piratas eram tão insensíveis quanto os mares por onde navegavam.

O vento voltou, finalmente. A escuna virou-se levemente e se aproximou de mim na escuridão. Senti a corda afrouxar outra vez, e em um último e certo esforço cortei o que restava dela.

A brisa não era suficiente para segurar o *coracle*, e fui instantaneamente puxado de encontro ao casco do *Hispaniola*. Ao mesmo tempo, o navio começou a girar lentamente até ficar atravessado em meio à corrente.

Remei com todas as minhas forças, temendo afundar a qualquer momento. Quando percebi que não conseguiria

afastar meu barco do casco, me esforcei para chegar mais perto da popa. Fiquei a uma distância segura do meu perigoso vizinho, e quando dei meu último impulso para me afastar, minhas mãos tocaram uma corda fina pendurada na amurada da popa. Agarrei-a instantaneamente.

Não sei dizer por que fiz aquilo. Foi por puro instinto a princípio, mas quando puxei a corda e vi que estava firme, a curiosidade tomou conta de mim e quis espiar o que acontecia na cabine.

Escalei a corda lentamente, até uma altura que correspondia a aproximadamente metade da minha. Sob enorme risco, avistei o teto e uma parte do interior da cabine.

Enquanto isso, o navio e meu barquinho eram levados rapidamente pela correnteza, já passando em frente à grande fogueira na praia. O navio estava “falando alto”, como dizem os marinheiros, quebrando as ondas e espirrando água ao redor. Não entendia como os marujos não perceberam nada, até que ergui minha cabeça um pouco acima do batente da janela e pude ver melhor. Bastou um só olhar — que foi só o que me atrevi a fazer. Hands e seu companheiro estavam atracados em um abraço feroz, cada um apertando o pescoço do outro.

Desci de volta para o meu barco, e foi na hora certa, pois quase já sem forças para me segurar na corda, poderia cair no mar. Só que vi foram os dois piratas em conflito,

seus rostos vermelhos e furiosos sob a luz e a fumaça do lampião. Tive de fechar os olhos por alguns instantes para me acostumar à escuridão novamente.

A canção interminável enfim cessara, e o grupo em volta da fogueira agora entoava o refrão que eu já conhecia tão bem:

*Quinze homens no baú do defunto,
Io-ho-hô, e uma garrafa de rum!
O diabo e a bebida levaram os outros junto,
Io-ho-hô, e uma garrafa de rum!*

Eu pensava como a briga na cabine era de fato obra do diabo e da bebida, quando senti o barco dar um solavanco. Em seguida, uma guinada brusca pareceu mudar seu curso. A velocidade também aumentou, para meu espanto.

Abri meus olhos imediatamente. À minha volta, via apenas as ondulações causadas pelo movimento do navio, que pareciam brilhar e atingiam ruidosamente meu barco. Eu era arrastado pela correnteza junto com o *Hispaniola*, embora um pouco mais atrás, e me pareceu que ele alterava seu curso. Mesmo na escuridão, enxerguei seus mastros levemente inclinados. Quando olhei mais atentamente, tive certeza de que se virava para o sul.

Olhei para trás e senti meu coração subir à garganta. Estávamos passando exatamente pela fogueira na praia. Em um ângulo reto, a correnteza levava consigo a escuna e meu *coracle* em direção ao mar alto, cada vez mais rápida, agitada e barulhenta.

O navio à minha frente deu uma guinada repentina e violenta, virando-se talvez uns vinte graus. Quase ao mesmo tempo, um grito irrompeu a bordo, seguido por outro. Ouvi passos apressados na escada que levava ao convés e entendi que os dois bêbados haviam deixado a briga de lado pois perceberam a catástrofe à sua frente.

Deitei-me no fundo de meu pequeno barco e fiz minhas últimas orações. Eu estava certo de que, após sairmos do canal entre as duas ilhas, apanharíamos ondas violentas que terminariam de vez com meus problemas. Embora eu me conformasse com a morte, era insuportável ver meu destino fatal se aproximar.

Devo ter permanecido deitado por horas, sacudido pelo vaivém incessante das ondas que espirravam água em mim. Eu esperava a morte a qualquer instante. Cada vez mais cansado e sonolento, em um estado de quase torpor, apesar do pavor que sentia, acabei por cair no sono e sonhei com minha casa, a velha Almirante Benbow.

24.

NAVEGANDO COM O CORACLE

Já era dia quando eu acordei, sacolejando perto da ponta sudoeste da Ilha do Tesouro. O sol havia nascido, mas ainda se escondia atrás da imponente Colina da Luneta, que daquele lado descia quase ao nível do mar em um deslumbrante penhasco.

O Cabo da Enguia e a Colina Mezena estavam ao meu lado. A colina era escura e sem vegetação. O cabo era repleto de penhascos de cerca de quinze metros, cercado por rochas caídas à sua volta. Aproximadamente quinhentos metros me separavam da praia, e meu primeiro pensamento foi o de remar até lá.

Logo desisti. A cada segundo, as ondas rebentavam nos rochedos, lançando sonoros jatos de água para o alto. Se eu ousasse me aproximar, poderia morrer ao ser arremessado contra as pedras pontiagudas. Além disso, seria impossível escalar aquele penhasco tão escarpado.

Para completar, enormes monstros de aparência escorregadia, como lesmas gigantes, rastejavam pelas pedras mais planas, outros mergulhavam ruidosamente no mar. Eram quarenta ou cinquenta deles, e seus rugidos ameaçadores ecoavam pelas rochas.

Depois descobri que eram leões-marinhos, completamente inofensivos. Mas sua aparência, a

dificuldade da escalada e a violência das ondas foram mais que suficientes para que eu descartasse aquele porto. Preferia morrer de fome à deriva do que enfrentar todos aqueles perigos.

Logo uma nova chance se apresentou, ou assim me pareceu. Ao norte do Cabo da Enguia havia uma extensa faixa de terra onde a maré baixa descobria uma pequena praia de areia amarelada. Mais além, havia um outro cabo — chamado de Cabo da Mata, segundo o mapa — com um bosque de pinheiros verdes que chegava quase ao mar.

Me lembrei de que Silver havia dito que a corrente seguia para o norte ao longo de toda a costa oeste da ilha, e a julgar pela minha posição, era ela quem parecia me levar. Decidi deixar o Cabo da Enguia para trás e poupar forças para quando tivesse de remar até o Cabo da Mata, que parecia ser mais seguro.

O mar estava calmo. O vento soprava de maneira constante e suave em direção ao norte, as ondas subiam e desciam sem quebrar.

Se o mar estivesse bravo, eu já estaria morto há tempos, mas naquelas condições era surpreendente observar como meu leve barquinho navegava sem nenhum problema. Às vezes eu voltava a me deitar dentro dele, mantinha meu olhar quase na altura da borda, e via uma grande ondulação azul se levantar contra mim. O *coracle* apenas chacoalhava um pouco, dançava como se tivesse molas e deslizava pelas ondas com a leveza de um pássaro.

Depois de certo tempo, comecei a ficar mais ousado e sentei-me para testar minhas habilidades como remador. Qualquer mudança na distribuição de peso deixava o *coracle* completamente instável. Um leve movimento meu e o barquinho se moveu repentinamente. Caiu em uma inclinação de onda tão íngreme que até senti vertigens. Em seguida, se enfiou na dobra de outra onda e eu fui atingido por um jato de espuma.

Encharcado e aterrorizado, voltei a me deitar imediatamente. O barquinho retomou sua navegação suave e me carregou pelas ondas com a mesma leveza de antes. Me convenci ser impossível manobrá-lo e, portanto, que esperanças eu teria de voltar à terra firme em segurança?

Comecei a ser tomado pelo pânico, mas consegui me manter lúcido. Me movendo com extremo cuidado, retirei lentamente a água do barco com meu chapéu. Depois, novamente deitado com o olhar na altura da borda, passei a estudar o que fazia o barquinho deslizar tão suavemente pelas ondulações.

Notei que as ondas não eram as montanhas grandes, lisas e reluzentes que víamos da terra ou de um navio. Na verdade, eram semelhantes a topografias terrestres, com montes, picos, clareiras e vales. Quando o *coracle* navegava sem interferências, movia-se de um lado para o outro, traçando uma rota, por assim dizer, pelas partes mais baixas, evitando aclives e cristas instáveis.

— Bem, então — pensei comigo mesmo —, está claro que devo ficar deitado sem interferir em seu equilíbrio, mas também posso colocar os remos na água e, nas partes mais calmas, dar um ou dois impulsos em direção à terra.

Imediatamente coloquei meu plano em ação. Me apoiei sobre os cotovelos — uma posição bastante incômoda —, e de vez em quando remava para colocar o barquinho rumo à praia.

Era um trabalho lento e cansativo, mas pouco a pouco me aproximava da terra. Quando cheguei mais perto do Cabo da Mata, notei que mesmo que não o alcançasse, já avançara uns cem metros para o oeste. Estava bastante próximo, aliás. Avistei as copas das árvores ao sabor da brisa, e tive certeza de que conseguiria chegar às margens do próximo cabo.

Não seria sem tempo, pois a sede me torturava. O sol forte se espelhava no mar infinitamente, a água salgada secou sobre mim e criou uma crosta de sal sobre meus lábios. Tudo isso fazia a garganta queimar e cabeça doer. A visão das árvores tão próximas quase me levou ao desespero, mas a corrente logo me afastou da margem. Ao olhar para a grande extensão de mar à minha frente, uma outra visão alterou o curso dos meus pensamentos.

A cerca de meio quilômetro, lá estava o *Hispaniola* com suas velas içadas. Tive certeza de que seria capturado, mas estava tão atordoado de sede que fiquei dividido entre

o alívio e o medo. Não tive tempo de me decidir, pois a surpresa só me permitiu observar, boquiaberto.

O *Hispaniola* tinha a vela principal e as duas bujarronas abertas. Suas belas lonas alvas brilhavam ao sol como neve prateada. Quando o avistei, o vento preenchia completamente as velas, levando o navio para noroeste. Presumi que os homens a bordo dariam a volta na ilha para retornarem ao ancoradouro. No entanto, começaram a guinar cada vez mais para o oeste, o que me fez pensar que haviam me visto e vinham em meu encalço. Até que o *Hispaniola* se virou de frente para o vento, o que fez com que o navio parasse, abanando suas velas na direção contrária.

— Como são atrapalhados — pensei. — Devem estar bêbados como gambás. — E imaginei a reprimenda que receberiam do capitão Smollett.

Entretanto, a escuna continuou virando, foi atingida por outra lufada, acelerou por cerca de um minuto até parar novamente contra o vento. Isso ocorreu repetidas vezes — vento em popa e em proa, girando sem parar, aos solavancos e paradas bruscas. A cada volta retornava à mesma posição: suas velas abanando na direção contrária ao vento. Estava claro que não havia ninguém ao leme. Sendo assim, onde estariam os piratas? Provavelmente mortos de tanto beber ou abandonaram o navio, pensei. Portanto, talvez eu conseguisse subir a bordo e levar o *Hispaniola* de volta ao capitão.

A correnteza empurrava o *coracle* e a escuna para o sul com mesma velocidade. A rota do navio, no entanto, era errática e intermitente. Passava tanto tempo parado que era difícil dizer se estava realmente se movendo. Eu estava certo de que conseguiria alcançá-lo facilmente, se tivesse a coragem de me erguer e remar. Essa ideia tinha um ar de aventura que me entusiasmou, e a lembrança do barril de água em minha cabine no navio me deu o ânimo necessário.

Assim que me levantei, recebi imediatamente um jato de água, mas me mantive firme em meu propósito e comecei a remar com toda a força e cuidado em direção ao desgovernado *Hispaniola*. Uma onda jogou tanta água em meu barquinho que tive de parar e esvaziá-lo um pouco. Meu coração batia forte como um martelo, mas aos poucos peguei o jeito e consegui guiar meu *coracle* entre os cavados das ondas, com alguns espirros ocasionais de espuma em meu rosto.

Eu me aproximava cada vez mais da escuna e já podia ver reluzir o latão do leme que girava desordenado, sem nenhuma alma a bordo. Estava convencido de que haviam abandonado o navio. Era isso ou estavam caídos de bêbados na cabine, onde eu talvez pudesse trancá-los e tomar a embarcação.

Durante algum tempo, o *Hispaniola* se comportou da pior maneira possível para os meus planos: ficou imóvel. Sua proa estava quase ao sul, mas sem deixar de se mover.

Em cada uma de suas voltas as velas se enchiam parcialmente, até ficarem de novo contra o vento. Era o pior comportamento possível porque, mesmo que tomasse um aspecto de abandono, com as velas a girar e a bater pelo convés, ainda assim o navio continuava a fugir de mim, não apenas empurrado pela corrente, mas também impelido pelo vento, outra força considerável.

Finalmente pareceu surgir uma oportunidade. O vento abrandou e, obedecendo à maré, o *Hispaniola* rodopiou suavemente até ficar com a popa virada para mim. A janela da cabine continuava aberta e o lampião ainda queimava sobre a mesa. A vela principal ficou suspensa e solta como uma bandeira. Exceto pelo movimento da correnteza, o navio estava imóvel.

Redobrei meus esforços e recuperei a distância perdida pelos desvarios da escuna.

Cheguei a menos de cem metros dela, quando o vento voltou em um só golpe. Novamente as velas se encheram e o navio arrancou novamente, aos solavancos.

Quase me desesperei, mas logo percebi que aquilo era motivo de alegria. O *Hispaniola* deu outra volta até ficar com o casco virado para mim — e continuou virando, encurtando cada vez mais a distância entre nós. Eu podia ver as ondulações causadas pelo bico de proa. O navio parecia cada vez maior em comparação ao *coracle*.

Foi então que compreendi. Havia pouco tempo para hesitação e menos ainda se quisesse me salvar. Eu estava

na crista de uma onda enquanto a escuna atravessava outra ao lado. O gurupés passou sobre minha cabeça. Me coloquei em pé e saltei, fazendo o *coracle* afundar com o impulso. Com uma mão consegui agarrar a viga dianteira e apoiei meu pé no estai, na base do casco. Enquanto tentava me segurar, ofegante, uma pancada seca indicou que o *Hispaniola* havia atropelado e afundado meu coracle, e que minha única saída seria retomar o navio.

25.

A JOLLY ROGER CAI SOB MINHAS MÃOS

Eu mal havia me apoiado no gurupés quando um novo golpe de vento fez a bujarrona tremer e rugir como um canhão. Com isso, o *Hispaniola* sacudiu até a quilha, mas como todas as outras velas ainda estavam cheias, logo a lona triangular voltou a cair, solta em seu mastro.

Esse movimento quase me jogou ao mar, portanto não havia tempo a perder. Apoiando-me no gurupés, dei o impulso que faltava e mergulhei para o tombadilho.

A vela principal, ainda inflada, me impedia de ver todo o convés do castelo da proa. Não havia uma alma à vista. O deque, que não era lavado desde o início do motim, estava cheio de pegadas, e uma garrafa quebrada rolava desgovernada e batia nos escoadouros como um animal que tenta fugir.

Outra lufada de vento atingiu subitamente o *Hispaniola*. O navio arrancou novamente, fazendo a bujarrona gemer e o leme bater descontrolado. A verga principal girou para dentro e estufou as velas, descortinando minha visão da lateral do convés.

Foi quando vi os dois guardiões do navio. O sujeito de gorro vermelho deitado de costas, duro como pedra, braços abertos como um crucificado e dentes à mostra. Israel Hands encostado na amurada, cabeça caída e mãos estendidas, pálido como cera, apesar de seu bronzeado.

Por algum tempo, o navio continuou a dar trancos e a inclinar-se como um cavalo selvagem, as velas se enchiam ora de um lado, ora do outro, e as vergas giravam em todas as direções até que o mastro rangeu com a pressão. De vez em quando o costado batia forte de encontro às ondas, fazendo a água respingar pelos escoadouros. Era curioso notar como o movimento do mar era percebido com mais clareza em um navio do porte do *Hispaniola*, em comparação com meu humilde e desvalido *coracle*, que agora jazia no fundo do mar.

A cada solavanco, o pirata de gorro vermelho era jogado de um lado para o outro, mas — em uma cena tétrica — nem sua postura nem seu sorriso medonho eram perturbados pelos maus tratos. A cada solavanco, também, Hands parecia afundar mais em si mesmo, escorregando pela amurada e afastando seus pés um do outro, de modo que seu rosto foi gradualmente se escondendo. Por fim, só o que eu podia ver era uma orelha e uma parte de sua barba.

Também notei manchas escuras de sangue no chão ao redor deles, e tive certeza de haviam se matado em sua fúria ébria.

Com o navio imóvel, tive um momento para observar e pensar no que fazer. Israel se virou parcialmente, e com um gemido grave ergueu-se um pouco até voltar à posição em que eu o havia encontrado. Sua voz demonstrava que estava com muita dor, à beira da morte, e me sensibilizei ao vê-lo fragilizado, com a mandíbula caída. Então me lembrei de quando o ouvi de dentro do barril, e toda piedade se esvaiu de mim.

Caminhei para a popa até chegar ao mastro principal.

— Estou de volta a bordo, sr. Hands — disse com ironia.

Ele revirou seus olhos pesadamente, mas estava atordoado demais para demonstrar qualquer emoção. Apenas balbuciou uma palavra:

— Rum...

Me dei conta que não havia tempo a perder, então me desviei da verga, que outra vez girava sobre o convés, e desci até o camarote.

Era uma bagunça difícil de descrever. Na busca pelo mapa, os piratas arrombaram todas as gavetas, baús e compartimentos trancados. O chão estava pegajoso de lama. Provavelmente os criminosos haviam se sentado para beber ou tramar seus planos depois de terem chapinhado pelo pântano. As anteparas, todas pintadas de branco com detalhes em dourado, estavam imundas de marcas de mãos. Dezenas de garrafas vazias rolavam pelo assoalho e tilintavam pelos cantos. Um dos livros de

medicina do doutor estava aberto sobre a mesa, com várias páginas arrancadas. Imaginei que as tivessem usado para acender cachimbos. Em meio a toda essa confusão o lampião ainda queimava uma luz mortífera, lançando uma fumaça ocre no ambiente.

Fui até o depósito de bebidas; todos os barris haviam sumido e uma quantidade espantosa de garrafas havia sido consumida e descartada. Estava claro que, desde o início do motim, nem um único deles havia permanecido sóbrio.

Vasculhei até encontrar uma garrafa com um pouco de rum para dar a Hands. Também encontrei alguns biscoitos para mim, além de frutas secas, uma boa quantidade de passas e um pedaço de queijo. Levei tudo ao convés, escondi meus mantimentos atrás do leme, longe do alcance dos piratas, e fui direto ao reservatório de água. Bebi até matar minha sede. Depois disso fui dar o rum ao moribundo.

Ele só largou a garrafa após dar generosos goles.

— Ah! — disse ele. — Com os diabos, era disso que eu precisava!

Eu já comia, sentado em meu canto.

— Está com muita dor? — perguntei.

Ele resmungou, ou melhor, grunhiu algo.

— Se o doutor estivesse aqui, ele me consertaria em dois tempos. Mas veja você, eu nunca tive lá muita sorte, sempre foi assim comigo. Quanto àquele camarão ali, está mortinho — acrescentou, apontando o homem de gorro

vermelho. — Não era lá um marujo que prestasse. E você, de que buraco saiu?

— Oras, eu vim tomar o navio, sr. Hands — respondi.

— E faça o favor de se dirigir a mim como seu capitão, daqui para frente.

Lançou-me um olhar atravessado, mas nada disse. Já não estava mais tão pálido, embora ainda tivesse um péssimo aspecto. Escorregava pela amurada e se erguia novamente conforme o navio sacolejava.

— Assim sendo — continuei —, não posso navegar com essa bandeira, sr. Hands. Se me dá licença, vou baixá-la. É melhor um mastro sem nada do que assim.

Desviando novamente da verga, caminhei até o mastro, arriei a amaldiçoada bandeira negra e a joguei ao mar.

— Deus salve o rei! — declarei, agitando meu chapéu.

— E a queda do capitão Silver!

Hands me olhava atentamente, com uma expressão maliciosa em seu rosto ainda caído sobre o peito.

— Imagino... — ele disse por fim. — Imagino, capitão Hawkins, que o senhor vai querer atracar. Talvez fosse bom conversarmos.

— Mas claro — respondi. — Essa é minha intenção, sr. Hands. E por favor, diga o que tem a dizer. — E voltei para minha refeição, comendo com gosto.

— Esse homem aí — disse, com um aceno fraco em direção ao cadáver — se chamava O'Brien, um irlandês

fedorento. Nós manejamos as velas para levar o navio de volta. Como pode ver, ele esticou as canelas. Bateu com as doze. E não vejo ninguém aqui que saiba conduzir este barco. Pelo que sei, você não é homem para isso, não sem minha ajuda. Então é o seguinte: você me dá comida, bebida e um lenço ou um trapo para atar minha ferida, e eu te ensino a conduzir. A meu ver, isso é mais do que justo.

— Pois te digo uma coisa — retruquei. — Não tenho a menor intenção de voltar para o ancoradouro do capitão Kidd. Meu plano é dar a volta e ancorar na enseada ao norte, longe da vista de todos.

— E é um plano e tanto! — exclamou. — Olha, não sou tão estúpido quanto você pensa. Eu entendo das coisas, sabe? Tentei fazer minha jogada, perdi, você me passou a perna. Quer ir até a enseada ao norte? Vamos lá, você é quem manda. Eu não tenho escolha, navegaria até a Doca da Execução⁹ na situação que estou.

Considerarei sua proposta razoável e a aceitei no ato. Em três minutos já navegávamos tranquilamente, com um bom vento que soprava ao longo da costa da Ilha do Tesouro. Tudo indicava que cruzaríamos o Cabo Norte por volta do meio dia e a enseada antes da maré alta. Lá poderíamos aportar em segurança e esperar que a vazante nos deixasse descer à praia.

Amarrei a barra do leme e desci para minha cabine, onde encontrei o lenço de seda de minha mãe. Com ele, ajudei Hands a fazer um torniquete e conter o

sangramento do grande corte em sua coxa. Após comer um pouco e tomar mais um bocado de rum, ele melhorou visivelmente, sentou-se ereto e começou a falar mais alto e claro. Parecia um novo homem.

O vento nos favorecia imensamente. Planamos sobre as águas, com a paisagem passando rápido e mudando ao nosso lado a cada minuto. Logo deixamos as colinas para trás e o terreno que víamos agora era baixo e arenoso, com pequenos pinheiros esparsos. Em seguida alcançamos o penhasco na ponta norte da ilha.

Eu estava empolgado em meu posto de comando, e também contente com o céu claro e com as diferentes paisagens que apreciávamos. Havia bastante água e comida, e minha consciência, tão pesada por ter fugido da paliçada, agora me dava uma trégua pelo grande êxito. Tudo ia às maravilhas, exceto pelo olhar constante e debochado do timoneiro, que acompanhava todos os meus movimentos com um estranho sorriso que surgia continuamente em seu rosto. Era um sorriso que carregava algo de dor e perversidade. O sorriso de um homem cansado da vida, mas além disso, seu olhar tinha um véu de desfaçatez, uma sombra traiçoeira que me perseguia incessantemente.

26.

ISRAEL HANDS

O vento pareceu atender aos nossos desejos e agora nos arrastava para o oeste. Passaríamos facilmente da ponta nordeste da ilha até a entrada da enseada ao norte. O único empecilho é que não conseguiríamos lançar a âncora, pois para isso precisaríamos de marujos. Com isso, seria arriscado tentar aportar antes da maré recuar o suficiente. Estávamos, portanto, à mercê do tempo. O timoneiro me ensinou como manter o navio parado — o que eu só consegui após inúmeras tentativas. Sentamo-nos em silêncio para outra refeição.

— Capitão — disse ele após um tempo, com o mesmo sorriso irônico —, precisamos dar um jeito aqui no meu companheiro O'Brien. Talvez fosse melhor jogá-lo ao mar. Não que ele me incomode aí onde está, tampouco estou arrependido do que fiz, mas não é algo agradável de se olhar, não acha?

— Não consigo carregar esse homem, nem me sinto confortável com essa tarefa. No que depender de mim, ele continua aí — afirmei.

— Este navio é agourento, Jim — ele prosseguiu, piscando um olho. — Já morreu muita gente aqui nesse *Hispaniola*. Perdemos vários marujos desde que saímos de

Bristol. Nunca vi tanto azar. Olha só o O'Brien aqui. Foi um dos que bateu as botas. Eu não entendo desses assuntos, mas você que é um rapaz estudado, me diga: acha que quando um homem morre, acaba tudo, ou ele volta a viver algum dia?

— Quando alguém mata um homem, sr. Hands, quem morre é o corpo, não o espírito. O senhor já deve saber disso — respondi. — O'Brien está em outro mundo agora, talvez até olhando para nós.

— Ah! — retrucou. — Que pena. Sendo assim, matar alguém não tem serventia nenhuma. De qualquer maneira, espíritos não fazem lá muita coisa, então não dou importância para eles. Olha, Jim, agora que você disse o que pensa, me faria a gentileza de descer até a cabine e pegar um... um... que diabos! Esqueci o nome! Bom, me traga uma garrafa de vinho, Jim. Esse rum é muito forte para mim.

A hesitação do timoneiro me pareceu muito estranha, e o fato de preferir vinho ao rum só agravou minha desconfiança. Não acreditei nem um pouco naquela história. Devia ser algum pretexto, sem dúvida. Estava claro que queria ficar sozinho no convés, mas não compreendi sua intenção. Ele evitava me olhar diretamente. Seus olhos percorriam todas as direções, às vezes subiam ao céu, às vezes passavam rapidamente pelo cadáver de O'Brien. Sempre com aquele sorriso e com uma parte da língua para fora, em uma expressão tão culpada e

constrangida que até uma criança perceberia que ele tramava algo. Entretanto, respondi sem hesitar, pois sabia que levava vantagem sobre um sujeito tão estúpido. Por isso mesmo não teria dificuldade em fazê-lo acreditar que eu não suspeitava de nada.

— Vinho, então? — perguntei. — Bem melhor. Prefere tinto ou branco?

— Para mim tanto faz, companheiro — tornou ele. — Desde que seja forte e venha muito, qual a diferença?

— Muito bem. Trarei um porto então, sr. Hands. Mas terei de procurar.

E assim descí à despensa fazendo o máximo de barulho possível. Então tirei meus sapatos e corri silenciosamente para a galeria contígua, subi a escada do castelo de proa e espiei pela escotilha. Como esperado, a pior de minhas suspeitas se confirmou.

Hands se levantou apoiando as mãos nos joelhos. Embora fosse visível que sentia muita dor na perna (ouvi-o abafar um gemido). Rastejou pelo convés com uma rapidez considerável. Em menos de um minuto chegou aos esquadros de bombordo e debaixo de um rolo de corda tirou um facão, ou melhor, um punhal manchado de sangue até o cabo. Olhou para a arma por alguns instantes com uma expressão de satisfação e testou o fio da lâmina com o dedo. Então escondeu-a dentro de sua jaqueta e rastejou de volta para o lugar onde estava.

Era tudo o que eu precisava saber. Israel podia se locomover, tinha uma arma e planejava usá-la para me matar — por isso quis tanto ficar sozinho no convés. O que eu ainda não sabia era o que planejava fazer depois, se rastejaria desde a Enseada Norte até o acampamento do pântano ou se dispararia o canhão na esperança de que seus comparsas ouvissem e fossem resgatá-lo.

Entretanto, eu podia confiar nele em um ponto, que era de comum interesse: o navio. Ambos precisávamos de um porto seguro, de onde, no momento certo, o *Hispaniola* pudesse zarpar novamente com o mínimo de trabalho e risco. Supus que minha vida estaria a salvo até que esse momento chegasse.

Enquanto minha cabeça se ocupava com esses assuntos, meu corpo também permaneceu bastante ativo. Corri furtivamente de volta para a despensa, calcei meus sapatos e apanhei a esmo uma garrafa de vinho, o pretexto necessário para retornar ao convés.

Hands estava na mesma posição em que o deixei, escorado na amurada com os olhos baixos, como se até mesmo a luz o incomodasse. No entanto, ergueu os olhos quando eu me aproximei, quebrou o gargalo da garrafa com evidente prática e deu um bom gole, celebrando com seu brinde habitual:

— À sorte!

Permaneceu parado por alguns minutos, e então tirou um rolo de fumo do bolso e me pediu que cortasse um pedaço.

— Lasca um naco para mim — disse. — Não tenho faca, e mesmo que tivesse, estou sem forças. Ah, Jim, acho que dessa eu não passo. Lasca um naco para mim, porque é bem capaz que seja meu último. Logo vou para minha morada eterna.

— Eu corto um pedaço do fumo, mas se eu estivesse tão mal quanto o senhor, começaria a rezar como um bom cristão — respondi.

— Por quê? De que vale isso, me explica?

— Por quê? — exclamei. — O senhor acabou de me perguntar sobre os mortos! Viveu uma vida de traição, pecado, mentiras e assassinato! Uma de suas vítimas está aí ao seu lado, e o senhor me pergunta por quê? Para pedir a misericórdia divina, sr. Hands, por isso!

Minha resposta foi um tanto exaltada, pois eu pensava no punhal ensanguentado dentro de sua jaqueta e em suas intenções de usá-lo para acabar comigo. Hands, por sua vez, tomou um grande gole de vinho e pôs-se a falar com uma seriedade surpreendente:

— Por trinta anos — começou ele —, eu naveguei pelos mares e vi coisas boas e ruins, mal e bem, céus limpos e tempestades, fome, morte e tudo o mais. E lhe digo uma coisa, nunca vi a bondade produzir algo que preste. Eu ataco antes de ser atacado, esse é meu lema. Homens

mortos não mordem. É isso o que penso. Amém, ou seja lá o que se diz. E agora escute uma coisa — acrescentou, mudando bruscamente de tom —, já chega dessas tolices. A maré já está boa. Faça o que eu disser, capitão Hawkins. Vamos entrar na enseada rapidinho e acabar logo com isso.

Estávamos a uns três quilômetros da praia, mas era uma manobra complicada. Além de estreita e rasa, a entrada para o ancoradouro também era rodeada de barrancos pelos dois lados, portanto o navio tinha de ser muito bem conduzido para entrar. Não havia dúvidas de que Hands era um excelente piloto, e eu tentava obedecer às suas ordens com exatidão e rapidez. Manejamos o navio com cuidado, raspando levemente nas margens — uma manobra tão precisa que dava gosto de ver.

Assim que atravessamos um trecho sinuoso da baía, a terra se fechou ao nosso redor. Os bosques em ambos os lados da Enseada Norte eram tão densos quanto os do ancoradouro ao sul, mas a passagem longa e estreita mais parecia um rio. Logo à nossa frente, na costa sul, vimos os destroços de um navio já bastante deteriorado. Era uma grande embarcação de três mastros, mas jazia há tanto tempo sob as intempéries que estava recoberto de algas gotejantes, com o convés tomado de arbustos e flores silvestres. Era uma triste visão, mas indicava que aquelas águas eram calmas.

— Ali — disse Hands — é o trecho ideal para encalhar o navio. Areia fina e lisa, sem cavidades, árvores ao redor e aquele outro barco que mais parece um jardim.

— Depois de encalharmos, como conseguiremos retirá-lo daí? — perguntei.

— Fácil, fácil — respondeu ele. — Basta amarrar um cabo no navio, levá-lo até aquela outra margem, dar a volta em um pinheiro grande, puxá-lo de volta e amarrar no cabrestante. Aí é esperar a maré. Quando a água subir, puxamos a corda com força, e o navio vira e sai sem problemas. Agora preste atenção, rapaz. Estamos quase chegando, e o navio está rápido demais. Vire um pouco a estibordo... assim... mantenha... estibordo... um pouco a bombordo... mantenha... firme!

Eu obedecia a seus comandos quase sem respirar, até que ele subitamente gritou:

— Agora, rapaz, vire a barlavento!

Girei o leme com toda a força e o *Hispaniola* virou rapidamente, seguindo direto para a praia rasa e arborizada.

A euforia dessa última manobra me distraiu da vigilância rigorosa que eu mantinha sobre o timoneiro até então. Me concentrei tanto na expectativa do navio tocar a areia que me esqueci do perigo que pairava sobre minha cabeça. Me debrucei na amurada para observar as ondas se espalharem ao redor do casco.

Na posição em que estava, eu era uma presa mais do que fácil, mas um sobressalto me fez virar a cabeça. Talvez eu tenha ouvido o assoalho ranger ou visto seu vulto pelo canto do meu olho. Talvez tenha sido apenas instinto. Quando me virei, Hands vinha em minha direção com seu punhal na mão direita.

Ambos gritamos quando nossos olhos se encontraram, mas enquanto o meu foi um grito estridente de terror, o dele foi um rugido de fúria, como um touro solto na arena. Ao mesmo tempo em que ele se lançou contra mim, eu saltei para o lado. Ao fazer isso, tive de largar o leme, que deu uma guinada súbita para sotavento. Foi o que salvou minha vida, pois uma das barras acertou Hands no peito, deixando-o atordoado.

Antes que ele se recuperasse, saí do canto em que havia me cercado e corri para o convés. Quando passei um pouco além do mastro principal, parei, saquei minha pistola e, embora ele já corresse novamente em minha direção, fiz a pontaria com calma e puxei o gatilho. A arma disparou, mas não houve clarão nem barulho: a água do mar havia encharcado a pólvora. Como não me lembrei de secar e recarregar minhas únicas armas? Agora estava naquela situação, como um leitão diante do açougueiro.

Mesmo ferido, a rapidez com que se movia era impressionante. O cabelo desgrenhado dançava sobre a face avermelhada pelo esforço e fúria. Não havia tempo para usar a outra pistola — e eu tinha certeza de que

também falharia. Uma coisa era clara: eu não poderia continuar recuando, pois ele me deixaria sem saída no canto da proa, assim como havia feito na outra extremidade do navio. Se isso acontecesse, minha vida terminaria naqueles vinte centímetros de lâmina ensanguentada. Apoiei minhas mãos no mastro, que era bastante largo, e esperei, com todos os meus nervos tremendo.

Ele percebeu que minha intenção era desviar, e também parou. Ficamos por alguns momentos em movimentos de ameaça de ataque e fintas recíprocas. Era como brincar com as crianças nas pedras da Colina Negra, perto de casa. Mas nunca antes eu havia brincado de pega-pega apostando a vida. Ainda assim, era um jogo infantil, e eu precisava levar a melhor sobre um velho marinheiro com a perna ferida. O fato é que aquilo me deu coragem e eu me permiti alguns pensamentos sobre como finalizaria a questão. Não tinha dúvidas de que conseguiria escapar aos seus ataques pelo tempo que quisesse, mas não vislumbrava nenhuma chance de fuga definitiva.

Enquanto estávamos nesse impasse, o *Hispaniola* subitamente afundou parte de seu casco na areia, para em seguida, num movimento rápido, cambalear para bombordo até ficar em uma inclinação de quarenta e cinco graus, fazendo com que a água invadissem os esquadros e formasse uma piscina entre o tombadilho e a amurada.

Fomos derrubados imediatamente e rolamos quase juntos até as bordas. O pirata morto, ainda de braços abertos, nos seguiu de perto na queda. Caímos tão próximos um do outro que minha cabeça atingiu o pé do timoneiro, uma pancada tão forte que meus dentes tremeram. Mesmo zonzinho, fui o primeiro a levantar, pois o cadáver caíra sobre Hands. Era impossível correr sobre o convés, inclinado como estava, então tive de procurar outra forma de escapar — e teria de ser o mais rápido possível, pois meu algoz já vinha em meu encalço. Rápido como um raio, agarrei a vela da mezena e a escalei sem respirar até conseguir me apoiar em uma das vergas.

Minha agilidade me salvou. Enquanto escalava, o punhal atingiu o mastro a poucos centímetros do meu pé. Israel me olhava boquiaberto, parado como uma estátua, surpreso e frustrado.

Com o tempo que ganhei, imediatamente passei a limpar e recarregar a pistola que eu ainda não havia disparado. Para aumentar minhas chances, logo em seguida fiz o mesmo com a outra.

Minha recuperação deixou Hands desconcertado. Ele percebeu que a sorte se virava contra ele. Após hesitar por alguns segundos, pôs o punhal na boca, agarrou a vela e começou a escalá-la, devagar e penosamente. Seus movimentos eram lentos e, a julgar por seus gemidos, bastante dolorosos. Tive tempo de sobra para preparar minhas armas. Quando ainda estava a um terço da

distância eu já tinha uma pistola em cada mão, então falei:

— Mais um passo, sr. Hands, e estouro sua cabeça. Homens mortos não mordem, sabia? — acrescentei com um sorriso irônico.

Ele parou no mesmo instante. Pela forma como contorcia sua face percebia-se que tentava encontrar uma saída. Era um esforço lento e inútil, e resguardado pela minha posição de segurança, comecei a rir. Seu rosto mantinha a mesma expressão perplexa. Retirou o punhal da boca para falar, mas fora isso, continuou imóvel.

— Jim — começou ele —, acredito que estamos sem saída, tanto você quanto eu, e precisamos chegar a um acordo. Se não fosse nossa queda, eu teria acabado com você, mas minha má sorte não permitiu. Acho que vou ter de me render, e é muito duro para um marujo do meu porte aceitar a derrota para um grumete como você.

Suas palavras inflavam meu ego e eu sorria distraído, peito estufado como um galo, quando de repente, em um movimento rápido, dobrou seu braço com a mão sobre o ombro. Algo zuniu pelo ar como uma flecha. Senti o golpe e uma dor aguda. A adaga cravara meu ombro ao mastro. Atordoado pela dor e surpresa — em um movimento quase inconsciente — disparei minhas duas pistolas, e ambas caíram de minhas mãos. Não foram a única coisa a cair. Com um grito abafado, o timoneiro largou a lona e mergulhou de cabeça no mar.

27.

“PEÇAS DE OITO”

Com a inclinação do navio, os mastros estavam suspensos sobre o mar — a única coisa que eu via da cruzeta onde estava empoleirado. Hands, como havia escalado apenas uma parte do mastro, caiu entre mim e a amurada, agora submersa. Emergi em uma mancha de espuma e sangue para tornar a afundar, dessa vez para sempre. Quando a água se acalmou, pude vê-lo contorcido na areia branca, à sombra do casco do *Hispaniola*. Um ou dois peixes passaram por ele. Com o movimento da corrente, ele às vezes parecia se mover também, como se quisesse se levantar. Mas morto como estava, seria impossível. Baleado e afogado, viraria comida de peixe no mesmo lugar em que tinha planejado me matar.

Logo após essa constatação, passei a me sentir enjoado, fraco e aterrorizado. O sangue escorria quente pelo meu pescoço e costas. O punhal que prendia meu ombro ao mastro queimava como ferro em brasa. Apesar disso, nenhum desses males me preocupava — podia suportá-los sem grandes pesares. O que me horrorizava era a possibilidade de despencar e afundar na água verde sobre o corpo do timoneiro.

Agarrei-me ao mastro com ambas as mãos, ferindo minhas unhas, e fechei os olhos como se isso pudesse me livrar do perigo. Pouco a pouco minha mente e minha pulsação se acalmaram e me recompus.

Meu primeiro impulso foi retirar o punhal, mas ou estava fundo demais ou me faltou a coragem necessária para puxá-lo. Após uma tentativa que me fez estremecer, desisti. Ironicamente, foi esse estremecimento que me libertou. Por muito pouco a faca não erra seu alvo, e me prendia apenas por uma fina camada de pele, que meu movimento se encarregou de cortar. O sangue começou a escorrer mais rápido, mas não me deixei impressionar. Só o que me prendia ao mastro era meu casaco e a camisa.

Me desvencilhei com um puxão, e deslizei por um dos cabos de bombordo até chegar novamente ao convés. Por nada no mundo teria descido pelos cabos do lado oposto, do qual Israel havia caído.

Desci à cabine e tentei cuidar do meu ferimento como pude; doía muito e ainda sangrava bastante, mas não era um corte profundo ou grave. Conseguia mover meu braço sem muito esforço. Olhei em volta, e como o navio agora era, por assim dizer, todo meu, tinha de me livrar de seu último passageiro — o cadáver de O'Brien.

Ele havia rolado até a amurada, como contei, contorcido como um fantoche macabro, em tamanho real, mas sua cor e aparência em nada se pareciam com as de uma pessoa. Na posição em que estava, não seria difícil

levantá-lo. Minhas últimas e trágicas experiências haviam me deixado quase indiferente aos mortos. Agarrei-o pela cintura como um saco de aveia e o atirei ao mar. Após um mergulho barulhento, apenas o gorro vermelho continuou boiando. Quando a água se acalmou, pude vê-lo ao lado de Israel, ambos se remexendo com o vai e vem da corrente. Apesar de jovem, O'Brien era já bastante calvo. Era uma estranha cena, aquela careca pousada nos joelhos de seu assassino, enquanto os peixes os circulavam em movimentos ágeis.

A maré começou a virar e eu estava sozinho no navio. O sol já se punha e as sombras dos pinheiros se alongavam pela margem oeste, atravessavam o ancoradouro e desenhavam figuras no convés. O vento noturno soprava mais forte e, mesmo com a proteção das duas colinas ao leste, o cordame assobiava baixinho e as velas eram sacudidas de um lado para o outro.

Percebi que aquilo representava perigo para o navio. Consegui soltar as bujarronas e as estendi no convés, mas a vela principal seria um problema. Quando o *Hispaniola* se inclinou, a verga inferior girou para dentro d'água, afundando consigo meio metro de lona. A meu ver, isso tornava o risco ainda maior, mas recolhê-la sozinho seria um trabalho tão árduo que hesitei. Por fim, peguei minha faca e cortei os cabos que a prendiam ao mastro. A parte superior caiu imediatamente, e uma barriga de lona solta flutuou à tona. Por mais que eu puxasse, seu peso era

demais para mim, ou seja, não havia nada mais a fazer. Dali em diante, tanto eu quanto o *Hispaniola* dependeríamos apenas da sorte.

A essa altura todo o ancoradouro estava escuro — me lembro apenas de que alguns dos últimos raios de sol escapavam por entre as árvores, brilhando como joias no manto florido do navio destruído. Começou a esfriar e a maré baixava rapidamente. O *Hispaniola* se inclinava cada vez mais sobre seu casco.

Com dificuldade, fui até a amurada e olhei para baixo. Parecia estar já bem raso. Segurando o cabo cortado com ambas as mãos, deslizei para fora do navio. A água mal chegava à minha cintura, e a areia, apesar de marcada pela corrente, estava bem firme. Cheguei à praia me sentindo muito bem, com o *Hispaniola* inclinado atrás de mim e sua grande vela dançando sobre as águas da baía. No mesmo instante, o sol se pôs completamente e a brisa soprou na escuridão entre os pinheiros.

Depois de tudo o que passei, finalmente estava em terra firme, e não voltava de mãos vazias. Nossa escuna estava livre dos piratas e nossos homens poderiam novamente subir a bordo e voltar ao mar. Eu queria muito voltar à cabana e me gabar dos meus feitos. Talvez eu fosse repreendido por minha saída furtiva, mas a recuperação do *Hispaniola* compensaria o desafio. Eu tinha esperanças de que mesmo o capitão Smollett reconhecesse meus esforços.

Comecei a caminhar de volta para a paliçada de meus companheiros entre esses pensamentos e um ótimo humor. Me lembrei de que o rio que passava mais ao leste do ancoradouro do Capitão Kidd descia da colina de dois picos à minha esquerda. Portanto, tomei essa direção na esperança de encontrar o rio e atravessá-lo enquanto ainda fosse estreito. O bosque não era muito fechado e, seguindo trilhas pelos arbustos mais baixos, contornei a colina. Logo eu atravessava o riacho, com água pelas canelas.

Cheguei próximo ao local onde havia encontrado Ben Gunn, o exilado. Eu caminhava com cuidado, olhando para todos os lados. A noite já ia completamente escura e, ao passar pelo desfiladeiro entre os dois picos, notei um clarão ao longe. Inicialmente imaginei se tratar da fogueira do jantar do homem da ilha. No entanto, logo deduzi que ele não seria tão descuidado ao ponto de se expor daquela maneira. Se eu via o brilho daquela fogueira, talvez Silver e seus homens acampados no pântano também a vissem.

A noite ficou mais e mais escura, dificultando cada vez mais a orientação. Os picos atrás de mim e a Colina da Luneta à direita desapareciam lentamente. As estrelas eram esparsas e pálidas e eu constantemente tropeçava em arbustos ou escorregava em buracos na areia.

De repente uma claridade me atingiu. Olhei para cima e vi a fraca luz do luar brilhando sobre o pico da Colina da Luneta. Em seguida o disco prateado se ergueu por detrás das árvores. A lua nascera.

Com essa nova aliada, venci rapidamente o que faltava do caminho. Cheguei até a correr, tão impaciente por chegar logo à paliçada. Contudo, no bosque ao redor da fortaleza, diminuí o passo e me aproximei mais lentamente. Seria um final irônico para minha aventura se eu fosse baleado por engano por meus próprios companheiros.

Cada vez mais alta, a lua iluminava as áreas mais abertas do bosque. Notei à minha frente, entre as árvores, outra tonalidade de luz. Clara e vermelha, com um brilho intermitente — como brasas de uma fogueira se apagando.

Juro que não fazia ideia do que poderia ser.

Finalmente cheguei às margens da clareira. O luar iluminava o lado oeste, mas a escuridão envolvia todo o resto, incluindo a cabana, cortada por fochos de luz prateada. Ao fundo da casa uma imensa fogueira apagada ainda lançava o brilho intenso de brasas, causando um forte contraste com a suave luz da lua. Não havia nenhuma alma à vista, nenhum ruído além do vento.

Parei com o coração palpitando de espanto e talvez um pouco de terror. Não era nosso costume fazer fogueiras tão grandes. Aliás, as ordens do capitão eram para que fôssemos econômicos com a lenha, e temi que algo de ruim houvesse acontecido em minha ausência.

Caminhei com cuidado pela margem direita da paliçada, oculto pelas sombras. Saltei a cerca na parte mais escura do terreno.

Por precaução, fui engatinhando até um dos cantos da casa, em completo silêncio. Quando me aproximei senti um grande alívio. O ronco dos meus companheiros não era exatamente agradável — eu inclusive já me queixara com eles, mas naquele momento foi como música para meus ouvidos. Um canto de sereias que me assegurava que tudo estava bem.

Mas uma coisa estava clara: a péssima vigilância. Se por acaso eu fosse Silver e seus companheiros, não restaria ninguém vivo ao amanhecer. Era uma das desvantagens de ter um capitão ferido, pensei. Fui novamente tomado pela culpa de tê-los abandonado em uma situação daquelas e com tão poucos guardas.

Fui até a porta e a abri. O interior da casa completamente escuro não permitia distinguir nada. Só ouvia o ressonar constante dos homens e um ou outro ruído, como um estalo ou bater de asas que não consegui identificar.

Entrei na casa com os braços estendidos à minha frente. Pensei, sorrindo, que poderia me deitar no lugar de sempre e ver que cara fariam ao me encontrar ali pela manhã.

Meu pé bateu em algo no chão: era a perna de um dos homens, que se virou com um resmungo, mas não acordou.

De repente, uma voz estridente irrompeu na escuridão:

— Peças de oito! Peças de oito! Peças de oito! — E muitas vezes mais, sem parar ou mudar o tom, como um pequeno moinho trabalhando.

Era o Capitão Flint, o papagaio verde de Silver! O som que eu ouvira era ele bicando uma das toras. O pássaro era um vigia melhor do que qualquer homem, e anunciava minha chegada com seu bordão monocórdio.

Não tive tempo de pensar em nada. Com os gritos esganiçados do papagaio, os homens acordaram e se levantaram. A voz de Silver ecoou como uma maldição:

— Quem está aí?

Virei para fugir e dei um encontrão violento em alguém. Recuei e me atirei nos braços de outro, que me agarrou.

— Dick, traz uma tocha! — disse Silver ao perceber que o intruso havia sido capturado.

Um dos homens saiu da cabana e voltou logo em seguida com uma acha em brasa.

PARTE SEIS
CAPITÃO SILVER

28.

EM TERRITÓRIO INIMIGO

O brilho vermelho da tocha iluminou o interior da cabana e me mostrou que o pior dos meus medos se tornara realidade. Os piratas haviam tomado a paliçada e a casa. Lá estavam o barril de conhaque, a carne de porco e os biscoitos, tal como eu os havia deixado. Mas o que multiplicou meu terror foi ver que não havia nem sinal de prisioneiros. Só o que pude pensar foi que todos os meus companheiros estavam mortos, e senti um peso no coração por não ter ficado com eles.

Os piratas estavam em seis; ninguém mais havia sobrevivido. Cinco deles estavam em pé, com os rostos vermelhos e inchados, subitamente acordados de seu sono de embriaguez. O sexto estava apenas apoiado nos cotovelos, com uma palidez cadavérica e uma atadura ao redor da cabeça, manchada pelo sangue de uma ferida recente. Me lembrei do homem que havia sido atingido por um disparo e fugido entre as árvores, sem dúvida era ele.

O papagaio estava sobre um dos ombros de Silver, que alisava sua plumagem. O próprio Silver me pareceu mais pálido e tenso do que o habitual. Ainda vestia o casacão azul que usou em sua missão diplomática, agora em estado muito pior, manchado de lama e desgastado pelos galhos da floresta.

— Vejam só — disse ele — se não é Jim Hawkins, diabos me levem! Veio fazer uma visitinha, é? Pois bem, entre. Você é bem-vindo aqui.

Sentou-se sobre o barril de conhaque e começou a encher seu cachimbo.

— Dick, me empresta o fogo — pediu Silver e, quando o fumo estava bem aceso, prosseguiu: — Pronto, rapaz, enfie esta tocha na pilha de lenha. E vocês, homens, podem se deitar! Não precisam ficar acordados por causa do sr. Hawkins. Ele não vai levar a mal. Pois muito bem, Jim — continuou, parando de fumar —, aqui está você, que surpresa agradável para o velho John. Quando te conheci, vi que era um rapaz inteligente, mas por essa eu não esperava. Não mesmo.

Como era de se imaginar, eu não conseguia responder nada a ele. Os piratas haviam me colocado de costas para a parede, e assim fiquei, olhando para Silver e tentando parecer tranquilo, mas com o coração apertado de desespero.

Silver deu mais algumas tragadas em seu cachimbo, serenamente, e continuou:

— Sabe, Jim, já que você está aqui, falarei francamente. Sempre gostei de você. É um rapaz valente e me lembra a mim mesmo na sua idade. Minha vontade sempre foi que você se juntasse a nós e recebesse sua parte, e assim se tornasse um legítimo senhor da própria sorte. E agora, meu menino, é o que você terá de fazer. O

capitão Smollett é um bom marinheiro, reconheço, mas um tanto rígido demais. “O dever em primeiro lugar”, é o que ele diz, e está certo. Mas seria melhor você ficar longe dele. Até o médico está doido para pôr as mãos em você. “Malandro ingrato”, foi como ele te chamou. A história toda é a seguinte: você não pode voltar para sua antiga turma, pois eles não querem mais saber de você. Imagino que também não vai querer montar uma terceira tripulação sozinho, afinal, seria um grupo bem pequeno. Só o que te resta é se juntar ao capitão Silver.

Seu relato era um bom sinal. Significava que meus amigos ainda estavam vivos e, mesmo tendo acreditado em parte do que Silver falou — que estavam ressentidos com minha deserção —, o que ouvi aliviou minhas preocupações.

— Não vou dizer que você está em nossas mãos — continuou Silver —, embora esteja, pode acreditar. Sou sempre a favor de uma boa conversa, penso que ameaças não resolvem nada. Se a proposta te agrada, você é bem-vindo para se juntar a nós. E se não te agrada, Jim, bem, você é livre para recusar. Sua decisão será bem aceita, companheiro. E que o diabo me leve se houver proposta mais justa que essa!

— Eu tenho de responder agora? — perguntei com a voz trêmula.

O tom irônico de Silver me fez sentir como se a morte pairasse sobre mim. Minhas bochechas queimavam e meu coração batia tão acelerado que chegava a doer.

— Ninguém está te pressionando, rapaz — tornou ele.
— Pense com calma. Ninguém aqui está com pressa, companheiro, e sua companhia nos agrada muito, você sabe.

— Bem, se eu preciso tomar uma decisão, tenho o direito de saber qual é a situação real. Por que vocês estão aqui na paliçada e onde estão meus amigos? — perguntei, tentando mostrar coragem.

— Situação real? — resmungou um dos piratas. — Também queria encontrar quem soubesse!

— Talvez seja melhor você ficar de boca fechada até falarem contigo, meu amigo — exclamou Silver ríspidamente.

E voltando ao seu amigável tom inicial, me respondeu:

— Ontem de manhã, sr. Hawkins, de madrugada ainda, o dr. Livesey foi até nosso acampamento com uma bandeira de trégua. Ele chegou e me disse, “Capitão Silver, está tudo acabado para o senhor. O navio sumiu”. Bem, talvez a gente estivesse tomando um copo ou dois, e cantando um pouco para passar o tempo, não sei dizer. O fato é que nenhum de nós estava prestando atenção no navio. Quando olhamos, com os diabos, não é que tinha sumido mesmo? Meus marujos ficaram completamente

embasbacados, e te garanto que eu era o mais surpreso de todos. “Pois então”, disse o médico, “vamos negociar”. Sentamo-nos para negociar, e cá estamos nós, na cabana com os suprimentos, o rum e a lenha que vocês já tinham feito o favor de cortar. Ou, seja, ganhamos do mastro à quilha, por assim dizer. E não sei aonde seus companheiros foram, só sei que debandaram.

E, tranquilamente, deu outra tragada em seu cachimbo.

— E não se engane, você não estava incluído no acordo — continuou —, pois no final eu perguntei a ele, “Vocês estão em quantos?”. “Em quatro”, ele me respondeu, “mas um está ferido. Não sei onde aquele moleque ingrato foi parar, nem quero saber. Ele já nos causou muitos problemas”. Foram as palavras dele.

— E nada mais? — perguntei.

— Bem, é tudo o que eu tenho para dizer — respondeu Silver.

— E agora tenho que decidir o que fazer?

— Agora tem que decidir o que fazer, isso mesmo.

— Bem, não sou tão bobo quanto pensam e sei muito bem o que me espera. Caso o pior aconteça, pouco me importa. Desde que encontrei vocês, já vi muitos morrerem — eu me exaltava cada vez mais. — O que tenho a dizer é o seguinte: pelo que vejo, vocês estão em uma péssima situação aqui. Perderam o navio, o tesouro e vários de seus homens. Todo o seu plano foi por água abaixo. E sabem

quem foi o responsável por isso? Eu! Na noite em que avistamos a ilha, eu estava dentro do barril de maçãs. Ouvi você, John, e você, Dick Johnson, e também o Hands, que agora está no fundo do mar. E logo em seguida reportei cada palavra que disseram. Fui eu quem cortou o cabo da âncora do navio, eu quem matou os homens a bordo, e eu que o escondi em um lugar onde nenhum de vocês conseguirá encontrá-lo. Eu estou rindo por último, pois estava em vantagem desde o começo. Uma mosca me mete mais medo do que vocês. Façam o que quiserem, me matem ou me deixem viver. Digo apenas uma coisa: se me pouparem, esqueço tudo o que se passou, e farei o possível para salvá-los quando forem julgados por pirataria. A escolha é de vocês. Se me matarem, serei apenas mais uma de suas vítimas, o que não lhes ajudará em nada. Se me pouparem, terão uma testemunha que pode salvá-los da força.

Calei-me, pois já estava sem fôlego. Para meu espanto, nenhum deles moveu um músculo. Continuaram sentados, me encarando como um rebanho de ovelhas. Antes que dissessem qualquer coisa, continuei:

— Sendo assim, sr. Silver, acredito que quem decide aqui é o senhor. Caso escolham me matar, peço apenas a gentileza de contarem meus feitos ao doutor.

— Levarei isso em consideração — Silver respondeu em um tom de voz tão estranho que não consegui saber se

caçoava de mim ou se estava impressionado pela minha coragem.

— E tem mais! — gritou Morgan, o velho marujo de rosto bronzeado que eu havia visto na taberna de Long John, em Bristol. — O menino conheceu o Cão Negro.

— E não é só isso, com os diabos! — acrescentou o cozinheiro. — Também foi ele quem falsificou o mapa do Billy Bones. Desde o começo, Jim Hawkins está atrapalhando nossa vida!

— E agora já chega! — completou Morgan, com um palavrão, levantando-se com um salto e sacando sua faca com a agilidade de um garoto.

— Alto lá! — gritou Silver. — Quem você pensa que é, Tom Morgan? Por acaso acha que é o capitão? Você está precisando de uma lição, inferno! Se me enfrentar, vai ter o mesmo destino que muitos tiveram antes de você, nesses últimos trinta anos. Alguns eu pendurei no mastro, outros fiz andar pela prancha, mas todos viraram comida de peixe, malditos sejam! Quem me dá nos nervos não costuma ver o dia seguinte, Tom Morgan, pode apostar.

Morgan ficou imóvel, mas alguns do grupo começaram a resmungar.

— Tom está certo — disse um deles.

— Já aturei ordens demais — acrescentou outro. — Prefiro a força a ser atormentado por você, John Silver.

— Algum dos senhores quer tentar a sorte comigo? — rosnou Silver, inclinando-se no barril, o cachimbo ainda ardendo em sua mão direita. E continuou:

— Digam o que querem, vocês têm boca, não têm? Comigo é assim, quem quer, leva. Não vivi todos esses anos para agora vir um filho de uma cadela me desafiar. Estou aqui! Quem tiver coragem, que pegue seu sabre. Corto o maldito em dois antes do meu cachimbo se apagar.

Ninguém se moveu e ninguém respondeu.

— Essa é a laia de vocês — acrescentou, levando o cachimbo à boca. — Todos muito engraçadinhos, mas na hora do vamos ver não são lá grande coisa. Mas talvez vocês saibam ouvir. Eu sou o capitão porque fui eleito. Eu sou o capitão porque sou de longe o melhor marujo aqui. E já que vocês não têm coragem de me enfrentar como senhores da própria sorte, então vão me obedecer, com mil diabos! Eu gosto do menino! Nunca vi um rapaz melhor! Ele é mais homem do que qualquer um de vocês nesta casa, e digo mais: quem tocar num fio de cabelo dele vai se ver comigo, podem apostar!

Seguiu-se uma longa pausa. Continuei contra a parede, com meu coração batendo forte como uma marreta, mas agora já vislumbrava um fio de esperança. Silver se recostou na parede atrás dele, de braços cruzados e com o cachimbo no canto da boca, calmo como se estivesse em uma igreja. No entanto, seu olhar ainda vagava furtivo, atento a cada um de seus capangas. Os

piratas, por sua vez, foram pouco a pouco se juntando no canto oposto da cabana, e seus sussurros zuniam em meu ouvido como um silvo de cobra. Erguiam suas cabeças alternadamente e a luz vermelha da tocha iluminava suas expressões nervosas. Não era para mim que olhavam, porém; era para Silver.

— Parece que vocês querem dizer alguma coisa — disse Silver, cuspidando longe. — Desembuchem logo ou calem a boca.

— Com todo o respeito, senhor — um dos homens respondeu. — O senhor é bem flexível com algumas regras, mas talvez pudesse seguir outras delas. A tripulação está descontente com tantos maus tratos. Temos direitos como qualquer outro marujo, se me permite ser franco. E de acordo com suas próprias regras, podemos conversar entre nós. Por isso, com sua licença, reconhecemos que o senhor é o capitão, mas reivindicamos o direito de fazer uma reunião da tripulação lá fora.

E com uma afetada reverência, esse sujeito alto, de cerca de trinta e poucos anos, aspecto enfermo e olhos amarelos andou calmamente até a porta e desapareceu. Os outros seguiram seu exemplo, e um após o outro passavam por Silver prestando uma continência e dando suas próprias justificativas.

— Apenas seguindo regras — desculpou-se um.

— Reunião de tripulação — acrescentou Morgan.

E assim, com um ou outro comentário, todos saíram e deixaram Silver e eu sozinhos com a tocha.

O cozinheiro tirou seu cachimbo da boca no mesmo instante.

— Escute aqui, Jim Hawkins — disse em um sussurro quase inaudível. — Você está a um passo de perder a vida, e o que é muito pior, de ser torturado também. Eles vão me destituir. Mas eu estou do seu lado haja o que houver, pode acreditar. Minha intenção era outra, mas o que você disse me convenceu. Eu estava desesperado por ter perdido o tesouro, e com medo de acabar na forca. Mas percebi que você apareceu na hora certa. Pensei comigo mesmo, “ajude o Hawkins, John, que ele te ajudará. Você é a última chance que ele tem, e com os diabos, ele é a sua também! Uma mão lava a outra”, foi o que eu pensei. Você salva meu pescoço e eu ganho uma testemunha.

Eu estava começando a entender a situação.

— Você quer dizer que está tudo perdido? — perguntei.

— É o que eu estou dizendo, diabos me levem! — respondeu ele. — Perdemos o navio e estamos a ponto de perder a vida, a verdade é essa. Quando olhei para a baía e vi que o navio tinha sumido... bem, sou um sujeito forte, mas naquela hora perdi o ânimo. E quanto a essa tripulação reunida lá fora, não passam de um bando de idiotas e covardes. Eu te salvo deles... se eu conseguir. Mas

olha só, Jim, é elas por elas. Você trata de salvar Long John da força.

Eu estava atordoado. O que ele me pedia parecia impossível. Ele, o velho pirata, o idealizador e líder do motim.

— Farei tudo o que eu puder — afirmei.

— Negócio fechado! — exclamou Long John. — Você fala com bravura, e temos uma chance agora, com os diabos!

Foi mancando até a pilha de lenha onde estava a tocha e acendeu novamente seu cachimbo.

— Você precisa entender, Jim — disse ao voltar. — Eu não sou nenhum maluco. Estou do lado do barão agora. Sei que você escondeu o navio em algum lugar. Não sei como fez isso, mas sei que ele está bem guardado. Acho que Hands e O'Brien ficaram moles. Nunca achei que fossem lá grande coisa mesmo. Mas me escute bem. Não farei perguntas, tampouco vou aceitar ser questionado. Reconheço quando perco, e reconheço um rapaz leal quando vejo um. Ah, você ainda é jovem, Jim! Poderíamos ter conquistado muitas coisas juntos!

Foi ao barril de conhaque e tirou um pouco em uma caneca de lata.

— Aceita um gole, companheiro? — ofereceu ele. Após minha recusa, continuou: — Bom, eu vou tomar um dedinho. Para me dar força, porque vai vir confusão por aí.

Falando nisso, por que afinal o médico me deu o mapa, Jim?

A surpresa em meu rosto foi tão genuína que ele percebeu que seria inútil fazer mais perguntas.

— Pois é, ele me deu — prosseguiu. — E tem coisa aí, sem dúvida. Tem algo por trás disso, Jim. Algo bom ou ruim.

E tomou outro gole de conhaque, sacudindo sua cabeça grande e loura, como um homem que espera pelo pior.

29.

DE NOVO A MARCA NEGRA

A reunião dos piratas se prolongou por algum tempo, até que um deles voltou à cabana e, repetindo a mesma reverência (que me parecia um tanto irônica), pediu a tocha emprestada. Após a permissão de Silver, o emissário saiu novamente, nos deixando no escuro.

— O tempo vai fechar, Jim — comentou Silver, que a essa altura já falava comigo em um tom amigável e relaxado.

Fui até a seteira mais próxima e olhei para fora. As brasas da grande fogueira haviam se apagado e lançavam um brilho tão fraco e fugidio que entendi por que precisavam da tocha. Os conspiradores estavam agrupados no centro da clareira, na metade do caminho até a cerca. Um deles segurava a tocha e outro estava de cócoras no centro do grupo. Em sua mão era possível ver uma lâmina que refletia em diversas cores o luar e o clarão da tocha. Os outros piratas se inclinavam ligeiramente para observar o que o homem ao centro fazia. Afinal, pude ver que, além da faca, ele tinha também um livro nas mãos. Eu ainda tentava compreender por que razão teria algo tão insólito nas mãos quando ele enfim se levantou e todo o grupo começou a vir em direção à cabana.

— Estão voltando — comentei ao me virar e caminhar para a posição em que estava anteriormente. Pareceu-me pouco digno ser apanhado espiando.

— Pois que venham, rapaz. Que venham — respondeu Silver alegremente. — Ainda tenho uma carta na manga.

A porta se abriu e os cinco piratas entraram, amontoados em um grupo compacto, até que um deles foi empurrado para frente. Em qualquer outra circunstância teria sido engraçado vê-lo andando tão devagar, hesitando a cada passo e com a mão direita estendida e fechada.

— Venha até aqui, rapaz — exclamou Silver. — Não vou te morder. Passe para cá, patife. Conheço bem as regras. Não vou fazer mal a um mensageiro.

Mais confiante após esse encorajamento, o pirata deu um passo à frente e entregou algo a Silver, para em seguida voltar depressa para junto do grupo.

O cozinheiro analisou o que lhe havia sido entregue.

— A marca negra! Bem que eu esperava — comentou ele. — Onde vocês arranjam papel? Ora, mas que negócio é esse? Isso aqui dá azar! Vocês cortaram um pedaço da bíblia! Quem foi o idiota que cortou uma bíblia?

— Estão vendo? — exclamou Morgan. — Estão vendo? Bem que eu avisei! Isso traz coisa ruim, foi o que eu falei.

— Pois é, vocês mesmos selaram seu destino — continuou Silver. — Vão acabar na forca, é o que eu acho. Quem é o desmiolado que tinha uma bíblia?

— O Dick — um deles respondeu.

— Ah, o Dick? Então Dick pode começar a rezar — advertiu Silver. — Ele acabou de escrever sua própria sorte, pode apostar.

Foi quando o homem alto de olhos amarelos interveio:

— Chega de conversa mole, John Silver! Você recebeu a marca negra. A tripulação decidiu, como manda a lei. Abra o bilhete e leia, como manda a lei. Depois poderá falar o que quiser.

— Muito obrigado, George — tornou o cozinheiro. — Você sempre levou as coisas muito a sério e sabe as regras de cor, dá até gosto. Bem, vamos ver o que é. Ah, sim! *Deposto*. É isso então? Muito bem escrito, sem dúvida. Juro que parece impresso. É a sua letra, George? Você está se destacando muito. Não vai ser surpresa nenhuma se você for o próximo capitão. Mas me faça a gentileza de passar a tocha de novo, por favor? Meu cachimbo apagou.

— Ora, Brasa — respondeu George. — Você já não engana mais ninguém. Você se considera muito engraçado, mas a brincadeira acabou. Desça desse barril e tome parte na votação.

— Achei que você conhecesse bem as regras — observou Silver, com desdém. — Bem, se não conhece, eu conheço. Vou continuar aqui, ainda como capitão, saiba disso, até vocês dizerem quais são suas queixas e eu ter a chance de respondê-las. Enquanto isso não for feito, a

marca negra não vale de nada. Veremos o que acontece depois.

— Não se preocupe com isso — respondeu George. — Estamos *todos* bem entendidos aqui. Primeiro, você arruinou essa viagem, e teria que ser muito cara de pau para negar isso. Depois, você deixou nossos inimigos escaparem desta armadilha aqui muito facilmente. Por que eles queriam tanto sair daqui? Eu não sei, mas está claro que essa era a intenção deles. E além disso, você não permitiu que fôssemos atrás deles. Já entendemos o seu plano direitinho, John Silver. Você quer ficar com todo o tesouro para si, é isso o que você quer. E para finalizar, tem esse moleque aí.

— Isso é tudo? — Silver perguntou calmamente.

— É mais do que suficiente — afirmou George. — Vamos esturricar na forca por causa das suas trapalhadas.

— Pois muito bem, vou responder suas queixas, uma por uma. Então eu arruinei a viagem? Todos vocês sabiam do plano, e se o tivessem seguido estaríamos agora a bordo do *Hispaniola*, como planejado, tudo mundo vivo, de barriga cheia e com o tesouro no porão, com os diabos! Quem se virou contra mim? Quem quer tirar meu posto legítimo de capitão? Quem quis me dar a marca negra logo no dia em que desembarcamos e começou esse joguinho? Ah, é um belo jogo, nisso estamos de acordo. Um jogo que vai acabar com todo mundo pendurado na Doca da Execução de Londres, isso sim. E quem são os responsáveis

por isso? Anderson, Hands, e você, George Merry! Você é o único do seu grupo de insolentes que ainda está vivo! E ainda tem a audácia de querer me destituir? Logo você, que fez tudo ir por água abaixo? Com mil diabos! Nunca ouvi nada igual!

Silver fez uma pausa, e foi possível notar que suas palavras tiveram efeito sobre os rebelados.

— Isso responde à sua primeira queixa — exclamou o acusado, limpando o suor da testa. Estava tão exaltado que seus gritos faziam a casa tremer. — Juro, me dá náusea ter de falar isso. Vocês não têm brio nem memória, nem suas mães chamariam vocês de marinheiros! Senhores da própria sorte, pois sim! Estão mais para futriqueiros!

— Continue, John — disse Morgan. — Fale para todos ouvirem.

— Ah, todos! — exclamou John. — Que belo grupo, não é mesmo? Você mesmo disse que essa viagem foi arruinada. Mas duvido que faça ideia de como as coisas estão ruins para nós! Estamos tão perto da força que meu pescoço chega a tremer só de pensar nisso. Talvez já tenham visto piratas acorrentados, com os pássaros sobrevoando e os marujos caçoando deles enquanto afundam com a maré. “Quem é aquele?”, alguém diz. “Ah, é John Silver. Velho conhecido”, responde outro. E dá para ouvir o tilintar das correntes dentro da água. Essa é a nossa situação, de cada um aqui. Graças a você, ao Hands e ao Anderson, e aos idiotas que foram na conversa de vocês. E

se quer saber sobre o moleque, diabos me levem, ele não é nosso refém? Vamos jogar essa vantagem fora? Nem pensar! Ele pode ser nossa última chance, e não é de se admirar! E vocês querem matá-lo? Eu não vou fazer parte disso, companheiros! Sobre a terceira queixa, ah, tenho muito a dizer sobre isso! Talvez vocês não achem grande coisa poder se tratar com um médico de verdade quando precisam. Você, John, está aí com a cabeça quebrada. E você, George Merry, há menos de seis horas estava tiritando de febre, e ainda agora está com os olhos amarelos feito bananas! Talvez vocês também não saibam que há um navio de resgate vindo para cá? Pois bem, está vindo e não tarda muito a chegar. E aí vamos ver se é bom ou não ter um refém. Sobre eu ter aceitado o acordo, oras, vocês praticamente me pediram de joelhos. Imploraram, de tão desesperados que estavam! E teriam morrido de fome se eu não tivesse aceitado. Isso tudo é ninharia perto de... Vejam vocês mesmos! Por isso eu aceitei!

E mostrou um documento que reconheci imediatamente. Nada menos que o mapa da ilha, o mesmo papel amarelado e com as três cruces vermelhas que eu encontrei no fundo do baú do capitão. Por que o doutor teria dado o mapa a eles, eu não fazia ideia.

E se era inexplicável para mim, para os amotinados a visão daquele mapa era algo inacreditável. Correram para ele como gatos sobre ratos. Cada um mais ávido que o outro para examiná-lo. Era arrancado de mão em mão por

onde passava. Pelos gritos, palavrões e risadas, parecia que já tinham o tesouro em mãos e já iam em segurança pelo mar.

— É verdade! — disse um deles. — É do Flint, sem dúvida. Assinado J.F., sublinhado e com a voltinha no final. Ele sempre assinava assim.

— Muito bonito — comentou George —, mas de que nos serve isso, se não temos navio?

Silver colocou-se de pé bruscamente, apoiando uma mão na parede:

— Estou te avisando, George — exclamou —, mais uma gracinha sua e vamos resolver isso na espada! De que nos serve? Ora, me diga você! Foi graças a você e seus amiguinhos que perdi meu navio. Graças à sua interferência, maldito seja! Você tem menos cérebro que uma barata! Se quiser continuar falando, que seja com educação, pois está em seu direito.

— É justo — respondeu o velho Morgan.

— Justo, não é? Imagino que seja mesmo — retrucou o cozinheiro. — Você perdeu o navio, eu encontrei o tesouro. Quem se saiu melhor? E agora quem não quer mais saber disso sou eu, inferno! Escolham quem quiserem para ser o capitão daqui para frente! Para mim já chega!

— Queremos você, Silver! — gritaram os piratas. — Brasa até a morte! Brasa é o nosso capitão!

— Então é assim, não é? — gabou-se o cozinheiro. — George, acho que você vai ter que esperar até as próximas

eleições, meu amigo! E como não guardo rancor, te desejo toda a sorte do mundo. Nunca fui vingativo. E o que fazemos com essa marca negra agora, companheiros? Não vale muita coisa, não é? Só serviu para o Dick estragar sua bíblia e selar a própria sorte.

— Mas o que eu jurar sobre essa bíblia ainda vale, não vale? — murmurou Dick, claramente preocupado com a maldição que havia trazido sobre si mesmo.

— Uma bíblia faltando um pedaço? — çaçou Silver. — Acho que não adianta muita coisa. Vale tanto quanto jurar sobre o jornal de ontem.

— É mesmo? — exclamou Dick, mais alegre. — Bom, acho que pode ser útil continuar com ela.

— Olhe aqui, Jim. Uma lembrancinha para você — disse Silver, me entregando o papel.

Não era mais largo que uma moeda inglesa. Um dos lados estava em branco, pois era a última página da bíblia. No outro lado era possível ler um ou dois versículos do Apocalipse: “Ficarão de fora os cães e os assassinos”. A página impressa havia sido pintada com cinzas, que já começavam a sair e sujavam meus dedos. Na página em branco, também com cinzas, estava escrito apenas uma palavra: *Deposto*. Neste momento, ainda tenho comigo esse pedaço de papel, mas não restou nele nenhum traço da palavra a não ser o decalque, como se escrito com a unha.

Assim se encerraram as deliberações daquela noite. Pouco tempo depois, após uma rodada de conhaque, nos deitamos para dormir. A sutil vingança de Silver foi colocar George Merry como sentinela e ameaçá-lo de morte caso mostrasse qualquer sinal de rebeldia.

Demorei muito tempo para pregar os olhos, pois minha cabeça fervia. Eu havia matado um homem naquela tarde, a situação em que me encontrava era bastante perigosa e, acima de tudo, estava irremediavelmente envolvido no frágil jogo que Silver começara. De um lado, manter os amotinados unidos e leais, e do outro, por todos meios, possíveis ou impossíveis, tentar redimir-se e salvar sua vida miserável. Silver dormia o sono dos justos e roncava alto. Mesmo sendo perverso como era, meu coração estava apertado por ele, de pensar nas ameaças que o rondavam e no cadafalso que o aguardava.

30.

LIBERDADE CONDICIONAL

Fui acordado — aliás, todos fomos, pois até mesmo o vigia se ergueu assustado do batente da porta, onde cochilava — por uma voz clara e potente que gritava para nós da entrada da floresta.

— Ó de casa! Aqui é o médico!

E era mesmo o doutor. Por mais feliz que eu estivesse em ouvi-lo novamente, meu contentamento não foi completo. Tive vergonha de encará-lo ao lembrar de minha conduta insubordinada e furtiva, que havia resultado naquela situação: estar em péssima companhia e cercado de perigos.

Provavelmente era madrugada quando ele se levantou, pois o sol mal havia nascido naquele momento. Corri para uma das seteiras e o vi parado na mesma posição de Silver em sua missão diplomática anterior, coberto até os joelhos pela névoa que se erguia.

— Mas é o senhor, doutor? Muito bom dia! — cumprimentou Silver, completamente desperto e irradiando bom humor. — Acordou cedo, muito bem. Deus ajuda quem cedo madruga, é o que dizem. George, não fique aí parado, ajude o dr. Livesey a subir a bordo. Por aqui está tudo ótimo, seus pacientes estão felizes e bem.

E continuou falando, parado sobre a elevação da clareira, apoiado em sua muleta e com uma mão na parede da cabana. Seu tom de voz, gestos e expressões eram os mesmo de quando o conhecemos.

— Ah, e também temos uma surpresa para o senhor!
— prosseguiu Silver. — Apareceu um forasteiro por aqui, há-há! Nosso novo hóspede, senhor, saudável e firme como um atleta. Dormiu feito uma pedra, dormiu mesmo, do lado do John aqui. Dormiu a noite todinha sem se mexer.

Nesse momento o dr. Livesey já havia atravessado a paliçada e estava próximo do cozinheiro. Percebi como sua voz se alterou ao perguntar:

— Não me diga que é o Jim!

— O próprio, do mesmo jeitinho de sempre! — respondeu Silver.

O médico estancou, sem dizer nada. Passaram-se alguns segundos até que se movesse novamente.

— Pois bem — disse afinal —, o dever em primeiro lugar, como você mesmo diria, Silver. Vamos dar uma olhada nesses pacientes.

Em seguida entrou na cabana, me cumprimentou com um sorriso amarelo e um aceno de cabeça, e logo começou a tratar dos doentes e feridos. Parecia tranquilo, embora imagino que soubesse que sua vida estava por um fio ali entre aqueles demônios traiçoeiros. Conversava com cada um como se estivesse em uma visita médica corriqueira na casa de uma família inglesa. Aparentemente os piratas se

contagiaram com seu exemplo, pois também se comportavam como se nada houvesse ocorrido e o dr. Livesey ainda fosse o médico de bordo. E eles, leais marinheiros de convés.

— Você está cada vez melhor, meu amigo — o doutor disse ao sujeito com a cabeça enfaixada. — Mas foi por muito pouco. Sua cabeça deve ser de ferro. E você, George, como está? Sua cor já está bem melhor. Seu fígado estava do avesso. Tomou o remédio? Homens, ele tomou o remédio?

— Sim, senhor, tomou direitinho — Morgan respondeu.

— Vocês sabem que, como sou o médico do motim... ou o médico da prisão, expressão que me agrada mais — continuou dr. Livesey, parecendo muito satisfeito —, para mim é uma questão de honra todos estarem saudáveis para o Rei Jorge (que Deus o abençoe!) e a forca.

Os rebelados entreolharam-se, mas engoliram a ofensa em silêncio.

— Dick não está muito bem, senhor — apontou um deles.

— É mesmo? — tornou o doutor. — Bem, venha cá, Dick, e me deixe ver sua língua. Ah, não é surpresa nenhuma! Uma língua dessa mete medo até nos franceses! Mais um com febre.

— Ah, pronto! — disse Morgan. — É nisso que dá rasgar bíblias.

— Isso aconteceu por serem tão cabeças de bagre, como vocês mesmos dizem — cutucou o doutor. — Não sabem a diferença entre ar puro e contaminado? Preferiram se deitar em um lamaçal pestilento em vez de procurar um acampamento seco. O mais provável, creio eu, mas é apenas minha opinião, é que vão passar por maus bocados até seus organismos expulsarem a malária. Quem mandou dormirem no brejo? Silver, me admira você. É o menos tonto de todos aqui, mas parece desconhecer princípios básicos de saúde e higiene.

Após tomarem seus remédios, os homens ouviram as recomendações do dr. Livesey com uma submissão risível, como se fossem crianças de orfanato e não piratas sanguinários.

— Bem, isso é tudo por hoje — disse o doutor. — Agora eu gostaria de dar uma palavrinha com o rapaz, por favor.

E apontou a cabeça para mim com desdém.

George Merry estava parado na porta, cuspidando e reclamando do sabor do remédio. Assim que ouviu essa frase, deu meia-volta e gritou, já vermelho:

— Não! — seguido de um palavrão.

Silver deu um tapa no barril.

— Calado! — rosnou e olhou em volta como se fosse de fato um leão. — Sabe, doutor — já em seu tom amigável de sempre —, eu estava mesmo pensando nisso, sabendo que o senhor costumava ter muita estima pelo menino.

Não temos como agradecer sua generosidade, e como acabou de ver, confiamos no senhor e tomamos nossos remédios como se fosse rum. Acho que encontrei um modo de todos ficarem satisfeitos. Hawkins, para mim você é um jovem cavalheiro, mesmo que não seja de nascimento. Então me dá sua palavra de cavalheiro de que não vai tentar abandonar o barco?

Imediatamente confirmei.

— Então, doutor — continuou Silver —, o senhor faça a gentileza de sair da paliçada, e eu levo o garoto até a cerca pelo lado de dentro. Imagino que vocês consigam conversar cada um de um lado da estacada. Tenha um ótimo dia, doutor, e por favor mande nossos cumprimentos ao barão e ao capitão Smollett.

Uma explosão de descontentamento, até então contida pelo olhar duro de Silver, se espalhou assim que o médico saiu da cabana. Todos acusavam o cozinheiro de ser duas-caras — por tentar negociar um acordo exclusivo para si e sacrificar os interesses de seus cúmplices e vítimas, ou seja, exatamente o que estava fazendo. O caso me parecia tão óbvio que não podia imaginar como ele conseguiria reverter a ira de seus companheiros. No entanto, Silver era duas vezes mais homem que os outros, e sua vitória na noite anterior ainda reverberava em suas cabeças. Chamou-os de tolos e de outros xingamentos inimagináveis, disse que era preciso que eu conversasse com o doutor, esfregou o mapa na cara deles e perguntou

se achavam boa ideia romper o trato exatamente no dia em que partiriam em busca do tesouro.

— Pelo diabo que não! — gritou ele. — Vamos romper o trato quando chegar a hora certa, até lá vou enrolar o médico. Se for preciso até engraxo as botas dele com conhaque!

Em seguida mandou que acendessem a fogueira e saiu mancando com sua muleta, com uma mão apoiada em meu ombro. Os piratas ficaram na cabana, confusos e calados pela eloquência de Silver, mas nada convencidos.

— Devagar, rapaz, devagar — disse ele. — Se perceberem que estamos com pressa, nos cercam num piscar de olhos.

Então atravessamos bem lentamente o trecho de areia até o ponto onde o doutor nos esperava do outro lado da paliçada. Quando chegamos a uma distância que possibilitava a conversa, Silver parou.

— Lembre-se de que fiz isso também, doutor — disse ele. — Além disso, o menino vai te contar como salvei a vida dele e até fui deposto por isso, pode acreditar. Doutor, quando um homem coloca toda a vela ao vento como eu fiz, apostando a própria pele, não merece que alguém lhe dê um pouco de esperança? Não se trata somente da minha vida agora. O rapaz também faz parte do acordo. Seja sincero comigo, doutor, e me dê uma palavra de conforto, por piedade.

Silver era outro homem lá fora, de costas para seus amigos e para a cabana. Suas bochechas pareciam caídas, sua voz tremia, nunca se viu um homem tão abatido.

— Ora, John, não vá me dizer que está com medo? — caçoou dr. Livesey.

— Doutor, eu não sou covarde. Eu não, nem um pouco! — E estalou os dedos. — Mesmo se estivesse com medo, não diria. Mas admito com franqueza, chego a tremer quando penso na força. O senhor é um homem bom e honesto, nunca conheci ninguém melhor! Sei que não vai se esquecer das coisas boas que fiz, como também não vai esquecer dos meus maus feitos, sei disso. Vou me afastar, veja só, e deixar o senhor e Jim à vontade. Lembre-se disso também, pois estou fazendo mais do que deveria!

Como dito, deu alguns passos para trás até ficar a uma distância onde não seria possível ouvir nossa conversa, sentou-se sobre um tronco cortado e começou a assoviar. De vez em quando se virava e olhava para os lados, às vezes para mim e o doutor e outras vezes para seus companheiros rebelados, que se ocupavam com a fogueira e entravam e saíam da cabana preparando carne de porco e pão para o café da manhã.

— Então é aqui que você está, Jim — disse o doutor com a voz triste. — Fez a cama e agora tem que se deitar, rapaz. Deus sabe que não sou capaz de lhe condenar, mas uma coisa eu digo, mesmo com o risco de você se ofender. Você não ousaria fugir quando o capitão Smollett estava

bem, e ter ido embora desse jeito quando ele se feriu e sem poder fazer nada, por Deus, foi uma grande covardia.

Confesso que nesse momento comecei a chorar.

— Doutor, o senhor não precisa nem dizer. Eu já me culpei o suficiente, e além disso, minha vida está por um triz. Se Silver não interviesse, eu já estaria morto agora. Acredite em mim, doutor, eu posso até morrer, e ousou dizer que mereço, mas o que eu tenho medo é de ser torturado. Se decidirem me torturar...

— Jim! — interrompeu o doutor, com a voz completamente alterada. — Jim, eu não posso ouvir mais nada. Pule a cerca e vamos fugir.

— Eu dei minha palavra, doutor.

— Eu sei, eu sei! — exclamou. — Mas isso de nada importa agora, Jim. Eu assumo a culpa, a desonra, tudo, rapaz, mas não posso deixá-lo aqui. Pule! Um salto e você está livre, e correremos como antílopes.

— Não posso — respondi. — O senhor sabe muito bem que no meu lugar faria o mesmo, assim como o barão e o capitão, e é o que tenho de fazer. Silver confiou em mim. Eu lhe dei minha palavra e vou voltar. Mas o senhor não me deixou terminar, doutor. Se me torturarem, pode ser que eu acabe dizendo onde o navio está. Eu roubei o navio, com um pouco de sorte e outro tanto de ousadia. Está na Enseada Norte, na praia mais ao sul, encalhado pela maré baixa. Com a maré alta é possível tirá-lo de lá.

— O navio! — exclamou o doutor.

Contei rapidamente as minhas aventuras, enquanto ele escutava atentamente.

— Parece até que a mão do destino está nisso tudo — observou o doutor quando terminei minha história. — A cada etapa, você salva nossas vidas. Acha que existe alguma chance de deixarmos que você perca a sua? Seria muita ingratidão, rapaz. Você descobriu a conspiração para o motim, você encontrou Ben Gunn, talvez a melhor coisa que já fez na vida, mesmo que viva até os noventa anos. Ah, por Júpiter, por falar no Ben Gunn, aquele lá é o diabo em pessoa! Silver! — gritou. — Vou lhe dar um conselho! — e prosseguiu quando o cozinheiro se aproximou: — Não tenha pressa em procurar o tesouro.

— Faço o que está a meu alcance, senhor, mas não poderei atendê-lo — respondeu Silver. — Desculpe, mas só consigo salvar minha vida e a do garoto se eu for atrás do tesouro, isso eu garanto.

— Bem, Silver, se é assim, eu lhe digo mais. Se encontrar o tesouro, tome cuidado com as tempestades — acrescentou o doutor.

— Falando francamente, senhor, isso não me diz nada. Quais são suas intenções? Por que quis sair da cabana, por que me deu o mapa? Eu não sei seus motivos, sei? Ainda assim, fiz tudo o que o senhor me pediu, sem abrir a boca e sem ganhar nada com isso até agora! Mas calma lá, tudo tem limite. Se o senhor não pode explicar claramente qual é o seu plano, seja sincero, e eu abandono o navio.

— Não, não posso dizer mais nada além disso — dr. Livesey respondeu, pensativo. — Entenda, Silver, o segredo não é meu, senão lhe contaria, juro. Mas estamos juntos. Não tenha dúvida de que farei tudo o que puder e um pouco mais, correndo o risco de ser punido pelo capitão! Antes de mais nada, para que você tenha um pouco de esperança, Silver: se escaparmos vivos, farei tudo ao meu alcance para salvá-lo, exceto jurar em falso.

O rosto de Silver se iluminou.

— Eu sei que o senhor não diz mais nada porque não pode. Não diria nem se fosse minha mãe! — exclamou.

— Essa é minha primeira concessão — afirmou o doutor. — A segunda é um conselho: mantenha o rapaz sempre por perto, e se precisar de ajuda, me chame. Virei imediatamente. Isso por si só já lhe mostra que falo sério. Até mais, Jim.

Então o dr. Livesey apertou minha mão pelo vão da paliçada, acenou com a cabeça para Silver e partiu rapidamente para o bosque.

31.

A CAÇA AO TESOURO — A SETA DE FLINT

Jim, se eu salvei sua vida, você também salvou a minha — Silver disse ao ficarmos sozinhos. — Eu vi o sinal do doutor para fugir. Vi sim, de canto do olho. E você se negou, tão claro como se eu tivesse ouvido. Jim, isso conta a seu favor. Foi o primeiro vislumbre de esperança que tive desde o ataque fracassado, e devo isso a você. Agora, Jim, devemos partir nessa caça ao tesouro, sem saber o que nos espera, e não gosto nada disso. Temos de ficar juntos, quase colados, para termos alguma chance de salvar nossos pescoços mesmo que a sorte esteja contra nós.

Nesse momento um homem gritou da fogueira, nos avisando de que a refeição estava pronta. Estavam espalhados pela clareira, cada um sentando com seu prato de pão e carne de porco frita. O fogo que acenderam era grande o suficiente para assar um boi, e tão quente que só era possível se aproximar com o vento a favor — e mesmo assim com cuidado. Seguindo o mesmo pensamento, sem preocupação com o desperdício, cozinham o triplo do necessário para a refeição. Um deles, inclusive, com um riso descarado jogou suas sobras ao fogo, que estalou e

avançou com o estranho combustível. Nunca em minha vida vi pessoas tão negligentes. “Viver ao Deus-dará” é a única expressão que consigo pensar para descrevê-los. Agiam assim tanto com a comida como com a vigilância. Embora fossem corajosos para se enfiarem em qualquer luta sem pensar duas vezes, seu despreparo para campanhas mais longas saltava aos olhos.

Silver comia mais afastado, com o Capitão Flint pousado em seu ombro, e não disse sequer uma palavra sobre os abusos de seus homens. Aquilo me surpreendeu, pois ele nunca me parecera tão estratégico quanto naqueles dias.

— É isso aí, companheiros — disse ele. — Vocês têm sorte de ter o Brasa aqui, com minha cabeça boa, para pensar por vocês. Consegui o que queria, consegui sim. Está certo, eles estão com o navio. Onde, eu ainda não sei, mas quando colocarmos as mãos no tesouro, vamos revirar esta ilha até encontrar. E para isso, companheiros, nossos botes são uma grande vantagem.

E continuou a falar, com a boca cheia de carne fumegante. Dessa forma, aos poucos restaurava o ânimo e a confiança dos homens. Suspeito que também o fazia por si mesmo.

— Quanto ao nosso refém — continuou —, acredito que já conversou bastante com seus amiguinhos queridos. Já sei o que preciso saber, graças a ele, e já está tudo resolvido. Quando formos atrás do tesouro, vou levá-lo

preso em uma corda, pois ele vale ouro para nós, tanto agora como em caso de imprevistos. Quando estivermos no navio com o tesouro, voltando felizes da vida para casa, então teremos uma conversinha com o sr. Hawkins e daremos o que lhe cabe por toda sua gentileza.

Não era de se estranhar que os homens estivessem de bom humor. Quanto a mim, estava completamente sem esperanças. Caso o plano arquitetado por Silver se mostrasse factível, ele, que já era duplamente traidor, sem dúvida o colocaria em prática. Ele mantinha um pé de cada lado, e certamente preferiria ficar rico e livre ao lado dos piratas a simplesmente se livrar da força, que era o melhor que podia esperar ficando ao nosso lado.

E mesmo que se visse forçado a depender da ajuda do dr. Livesey, ainda assim havia grandes riscos. Como seria quando seus comparsas percebessem que suas suspeitas eram reais, e tivéssemos de lutar por nossas vidas — um aleijado e um menino — contra cinco marinheiros fortes e experientes?

Além dessa dupla preocupação, havia o mistério sobre o que meus amigos haviam feito, o abandono da paliçada, a entrega do mapa, tudo sem explicação. O último aviso do doutor fora ainda mais incompreensível: “Cuidado com as tempestades”. Com isso tudo, é possível imaginar como meu café da manhã foi desagradável. Estava apreensivo em acompanhar meus captores na busca pelo tesouro.

Caso alguém pudesse nos ver, ficaria intrigado com aquele grupo curioso. Todos em suas puídas vestes de marinheiro e, exceto por mim, armados até os dentes. Silver levava duas armas a tiracolo, uma à frente e outra atrás, além de seu grande sabre e uma pistola em cada bolso do casaco. Completando sua estranha aparência, o Capitão Flint ia pousado em seu ombro, tagarelando bordões marítimos sem sentido. Amarrado pela cintura, eu seguia Silver sem oferecer resistência. Ele ora puxava a corda com sua mão livre, ora a prendia em seus poderosos dentes. Era como se eu fosse um urso amestrado.

Os resto deles levava cargas variadas. Alguns levavam pás e picaretas — a primeira coisa que desembarcaram do *Hispaniola* —, outros carne de porco, pão e conhaque para o almoço. Notei que todas essas provisões faziam parte da nossa reserva da cabana, ou seja, Silver havia dito a verdade na noite passada. Se não tivesse feito o acordo com o doutor, ele e os amotinados, agora longe do navio, teriam que sobreviver somente de água e caça. Água não era sua bebida favorita, e marinheiros em geral não são bons atiradores. Além disso, se as provisões de comida estavam baixas, era provável que as de pólvora também.

Assim equipados, partimos todos — inclusive o sujeito com a cabeça quebrada, que definitivamente deveria ter ficado no abrigo — e descemos aos tropeços, um após o outro, até chegar à praia, onde os dois botes nos esperavam. Ambos tinham marcas das trapalhadas ébrias

dos piratas. Um tinha o banco partido e ambos estavam emporcalhados e cheios de lama. Como medida de segurança, deveriam ser levados conosco, portanto criamos dois grupos e seguimos pelo leito do ancoradouro.

Enquanto remávamos, os piratas começaram a discutir sobre o mapa. A cruz vermelha era, claramente, grande demais para servir de guia; as anotações no verso, como verão, eram um tanto ambíguas. Conforme devem se lembrar, diziam o seguinte:

Árvore alta, topo da Luneta, um quarto na direção N de NNE.

*Ilha do Esqueleto, ESE na direção E.
Três metros.*

A principal referência era, portanto, uma árvore alta. A questão era que bem à nossa frente o ancoradouro era cercado por um penhasco de cerca de cem metros de altura que se estendia ao norte até juntar-se à encosta da Colina da Luneta, e erguia-se ao sul até a elevação escarpada chamada de Colina Mezena. O planalto era repleto de pinheiros de vários tamanhos. Em alguns pontos da vegetação erguiam-se árvores de uma espécie diferente, elevando-se perto de quinze metros acima das outras. Só seria possível saber qual delas seria a “árvore alta” examinando o local, e com o auxílio de uma bússola.

E mesmo assim, cada homem a bordo apontava uma árvore diferente como sendo a mais alta. Por estarmos

ainda na metade do caminho, Silver apenas dava de ombros e dizia para esperarem até chegarmos.

Seguindo as orientações de Silver, remávamos devagar para que os marujos não se exaurissem antes da hora. Após um longo percurso, chegamos à foz do segundo rio, que descia da Colina da Luneta por uma vertente arborizada. Nesse ponto, desembarcamos na margem esquerda e começamos a escalar a encosta até o planalto.

No início avançamos lentamente por conta do terreno lamacento e alagadiço, e da vegetação emaranhada do pântano. Mas conforme subíamos a encosta o chão foi ficando mais pedregoso e o bosque se abria com outros tipos de árvores, mais espaçadas. Afinal, chegamos a uma área bastante agradável da ilha. Arbustos perfumados, alguns em flor, substituíram quase que completamente a relva. Arvoredos de noqueiras verdes se intercalavam com os frondosos pinheiros de tronco avermelhado, e os aromas de ambos se misturavam. Além disso, a brisa fresca e leve combinada aos raios de sol nos revigorava maravilhosamente.

Os piratas se espalharam por todos os lados, aos gritos e saltos. Silver e eu ficamos bem para trás, mais ou menos no meio da encosta — eu era rebocado pela corda enquanto ele caminhava com dificuldade pelo cascalho escorregadio, quase sem fôlego. De vez em quando eu precisava ajudá-lo a subir, para evitar que tropeçasse e rolasse morro abaixo.

Assim seguimos por cerca de um quilômetro, e estávamos quase chegando à borda do planalto quando um dos homens mais à esquerda começou a gritar, aparentemente aterrorizado. Seus berros descontrolados fizeram com que todos corressem em sua direção.

— Não é possível que ele tenha encontrado o tesouro!
— exclamou o velho Morgan, nos ultrapassando velozmente pela direita. — Ainda estamos longe do topo!

Realmente, tratava-se de algo bem diferente ao chegarmos lá. Um esqueleto humano e restos da roupa ao seu redor jaziam ao pé de um grande pinheiro envolto por trepadeiras — que haviam inclusive tomado alguns dos ossos menores. Imagino que um calafrio percorreu a espinha de todos, sem exceção.

— Era um marinheiro — comentou George Merry que, mais corajoso que os demais, foi averiguar os trapos mais de perto. — Pelo menos, isto parece ser um uniforme da marinha... e de boa qualidade.

— E esperava o quê? — retrucou Silver. — Imagino que não encontraríamos um bispo neste lugar. Mas os ossos estão dispostos de uma maneira muito estranha, nada natural.

E realmente, observando com atenção, parecia impossível que o corpo estivesse em uma posição normal. Exceto por alguns ossos fora do lugar (talvez obra de pássaros que se alimentaram do cadáver ou do crescimento da trepadeira), o homem estava perfeitamente alinhado.

Seus pés estavam virados para um lado e suas mãos, estendidas acima da cabeça como um mergulhador, apontavam a direção oposta.

— Acho que entendi uma coisa com esta minha cachola! — observou Silver. — Aqui está a bússola. Ali em frente está o ponto mais alto da Ilha do Esqueleto, que se sobressai nitidamente. Alinham a bússola de acordo com os ossos e vamos ver o que ela mostra.

Dito e feito. O esqueleto apontava diretamente para a ilha, e a bússola mostrava claramente o lés-sudeste.

— Eu sabia! — gritou Silver. — Este homem é uma seta! Bem ali em cima fica a estrela polar, mostrando o local do tesouro. Diabos me carreguem! Me dá calafrios de lembrar do Flint. Essa piada é a cara dele, sem dúvida! Ele veio com seis homens aqui em cima e matou todos. Carregou este até aqui e o deixou alinhado com a bússola, que os diabos me levem! É um esqueleto grande e o cabelo era loiro. Hum, pode ser o Allardyce. Lembra do Allardyce, Tom Morgan?

— Sim, sim... — respondeu Morgan. — Lembro bem dele, me devia dinheiro e desembarcou levando minha faca.

— Falando em facas— completou outro —, por que a dele não está por aqui? Flint não costumava revirar os bolsos de quem matava, e acho que não teria muita serventia pros pássaros.

— Pelos céus, é verdade! — exclamou Silver.

— Não tem nada aqui — observou Merry, ainda apalpando os ossos. — Nem um tostão, nem ao menos uma lata de fumo. Para mim, isso não é normal, não.

— Raios, não é mesmo! — Silver concordou. — Não é normal nem educado. Que diabos! Companheiros, se Flint estivesse vivo, estaríamos lascados aqui. Assim como eles, nós somos em seis. E só sobraram seus ossos para contar a história.

— Eu o vi morto, com meus próprios olhos — comentou Morgan. — Billy me deixou entrar na cabine. Vi Flint esticado, com moedas sobre os olhos.

— Sim, está mortinho e a sete palmos no chão — completou o homem com a cabeça enfaixada. — Mas se espíritos existem, o de Flint certamente está por aí. Flint era um bom homem, mas teve uma morte horrível.

— Foi mesmo — acrescentou outro. — Flint era esquentado, não vivia sem rum e de vez em quando cantava, companheiros, mas só conhecia “Quinze homens”. Desde então nunca mais gostei de ouvir essa canção. Era uma noite bem quente, eu deixei a janela aberta e pude ouvi-lo cantar claramente... e ele já estava à beira da morte.

— Está bem, está bem — interrompeu Silver. — Já chega dessa conversa. Ele já morreu e não está mais por aqui, isso eu sei. Não durante o dia, pelo menos, isso eu garanto. Quem não arrisca, não petisca. Vamos lá pegar nosso ouro.

E com isso retomamos a caminhada. Apesar do sol quente e da luz intensa, os piratas não se espalharam nem saíram gritando pela floresta. Andavam próximos uns dos outros e falavam aos sussurros. A imagem do pirata morto havia deixado uma forte impressão em seus ânimos.

32.

A CAÇA AO TESOURO — A VOZ VINDA DAS ÁRVORES

Assim que chegamos ao topo do planalto, todos se sentaram, em parte para se refazer do efeito causado pelo esqueleto, em parte porque Silver precisava descansar.

A plataforma era ligeiramente inclinada para o oeste, e o local onde paramos nos dava uma boa vista de ambos os lados. À nossa frente, além das copas das árvores era possível ver o Cabo da Mata, com sua praia recortada. Atrás de nós podíamos ver não somente o ancoradouro e a Ilha do Esqueleto, mas uma grande extensão de mar entre a ponta do cabo e as terras baixas ao leste. A Colina da Luneta erguia-se acima de nós, pontilhada de pinheiros solitários, enegrecidos pela sombra do precipício. O único som que se ouvia era o das ondas quebrando, ecoando por todos os lados, e o zumbido dos incontáveis insetos no matagal. Nenhum homem, nenhuma vela sobre o mar. A amplitude da paisagem acentuava a sensação de solidão.

Silver sentou-se e começou a fazer anotações usando sua bússola.

— São três “árvores altas” alinhadas com a Ilha do Esqueleto — começou ele. — Acredito que a “encosta da

Luneta” seja aquele ponto mais baixo ali. Vai ser brincadeira de criança encontrar a coisa agora. Talvez fosse bom comermos primeiro.

— Estou sem nenhuma fome — resmungou Morgan. — Ficar lembrando do Flint... acho que foi isso... me revirou o estômago.

— Bom, meu amigo, dê graças a Deus por ele estar morto — retrucou Silver.

— Ele era um demônio asqueroso — exclamou um terceiro pirata, estremeando. — E aquela cor azulada na cara dele?

— Era por causa do rum — completou Merry. — Era azul mesmo! Me lembro de ter percebido também. Pois é.

Desde que haviam encontrado o esqueleto que os fez recordar Flint, os homens falavam cada vez mais baixo. A essa altura quase sussurravam, portanto mal se ouvia a conversa em meio ao silêncio da floresta. De repente, dentre as árvores à nossa frente uma voz trêmula, alta e estridente entoou o conhecido refrão:

*Quinze homens no baú do defunto,
Io-ho-hô, e uma garrafa de rum!*

Nunca vi homens mais apavorados do que aqueles piratas. Suas faces ficaram lívidas como que por mágica. Alguns pularam de susto, outros agarraram os braços dos vizinhos, Morgan jogou-se no chão.

— É o Flint, por...! — gritou Merry.

A canção parou tão subitamente quanto começou. Pode-se dizer que fora interrompida, como se alguém tivesse tapado a boca do cantor. Vibrando por entre as árvores naquele dia claro e ensolarado, a música me pareceu etérea e suave. Meus companheiros tiveram uma impressão diferente.

— Vamos lá — Silver disse, esforçando-se para que as palavras saíssem de sua boca. — Isso não foi nada. Parece piada de bêbado, não sei de quem é a voz, mas é alguém querendo nos pregar uma peça. Alguém de carne e osso, garanto.

Seu discurso restituiu-lhe a coragem, assim como a cor de seu rosto. Os piratas também se reconfortaram e já se recompunham quando a voz irrompeu novamente. Dessa vez, não cantando, mas em um grito distante que ecoou até desaparecer entre os penhascos da Coluna da Luneta.

— Darby M’Graw! — berrou a voz. Ao menos, era o termo que melhor descrevia o grito. — Darby M’Graw! Darby M’Graw! — gritava incessantemente, e então um pouco mais alto, com um palavrão que omito: — Vá buscar o rum, Darby!

Os piratas permaneceram plantados no chão, com os olhos quase saltando das órbitas. Ficaram em silêncio, apavorados, mesmo um bom tempo depois da voz ter cessado.

— Já chega! — murmurou um deles, quase sem fôlego
— Vamos embora!

— Foi a última coisa que ele disse! — suspirou
Morgan. — A última coisa antes de morrer.

Dick estava com sua bíblia e rezava fervorosamente. Ele teve uma boa educação antes de se envolver com más companhias e se lançar à vida no mar.

Silver continuava impávido, sem dar o braço a torcer. Mas era possível ouvir seus dentes batendo.

— Ninguém nesta ilha conheceu Darby — sussurrou Silver. — Ninguém além de nós.

E então continuou, com grande esforço:

— Companheiros, estou aqui para pegar o tesouro, e ninguém vai me impedir, seja homem ou demônio. Nunca tive medo do Flint enquanto ele estava vivo, e com os diabos, não é morto que vou fugir dele. A meio quilômetro daqui há setecentas mil libras nos esperando. Quando foi que algum senhor da própria sorte abriu mão de um tesouro desses por causa de um marujo bêbado de cara azul, mesmo morto?

No entanto, seu sermão não foi suficiente para encorajar seus comparsas. Com efeito, as palavras que escolheu pareceram amedrontá-los ainda mais.

— Calma lá, John! — disse Merry. — Não dá para desafiar uma alma penada.

Todos ficaram aterrorizados diante dessa resposta. Se pudessem, teriam corrido para longe dali naquele instante,

mas o medo os mantinha juntos um do outro, e próximos de John, como se sua ousadia os protegesse. Silver, por sua vez, havia conseguido dominar seus próprios temores.

— Alma penada? — retrucou Silver. — Pode até ser, mas uma coisa ficou clara para mim. A voz fez eco.

Ninguém nunca viu um espírito com sombra, então por que faria eco, posso saber? Não faz muito sentido, não é?

Seu argumento me pareceu bem pobre, mas nunca se sabe o que é capaz de impressionar os supersticiosos. Para minha surpresa, George Merry ficou bastante aliviado:

— Bem, isso é verdade — disse ele. — Você é um sujeito inteligente, John, sem dúvida. A postos, companheiros! A tripulação se deixou impressionar, foi só isso. E pensando bem, parecia a voz do Flint, não vou negar, mas não era exatamente igual. Parecia alguém imitando Flint... parecia...

— Com mil diabos, foi Ben Gunn! — rosnou Silver.

— Isso mesmo! — exclamou Morgan, levantando-se num salto. — Ben Gunn!

— Mas isso também não faz sentido, não é? — indagou Dick. — Ben Gunn não está aqui em pessoa, assim como o Flint também não está.

Os mais velhos caçoaram dessa observação com desdém.

— Ninguém se importa com Ben Gunn — retrucou Merry. — Morto ou vivo, é um zé ninguém.

Era espantoso ver como haviam recobrado os ânimos, suas faces estavam até coradas outra vez. Logo já conversavam vivamente, às vezes parando para escutar. Logo depois, como os gritos haviam cessado, apanharam suas ferramentas e se puseram a caminhar. Merry ia na frente com a bússola de Silver para que não se desviassem da linha da Ilha do Esqueleto. Suas palavras eram verdadeiras: vivo ou morto, ninguém se importava com Ben Gunn.

Dick caminhava agarrado à sua bíblia olhando assustado para os lados. No entanto, ninguém se solidarizou com ele, e Silver até caçou de tanta cautela:

— Eu disse que você tinha estragado sua bíblia. Se não serve nem para fazer juramentos, por que um espírito se importaria com ela? Não vale nada! — E estalou os dedos, ajeitando-se em sua muleta.

Mas Dick seguia inconsolável. Logo ficou claro para mim que ele adoecia cada vez mais. Sua febre, agravada pelo calor, cansaço e pelos sustos recentes, subia muito depressa, como o dr. Livesey previra.

O terreno era aberto no planalto, facilitando a caminhada. Como mencionei, a plataforma pendia para o oeste, portanto estávamos agora em uma descida. Os pinheiros, de diversos tamanhos, eram esparsos, e o sol banhava grandes áreas abertas onde cresciam azaleias e nogueiras. Cruzávamos o ponto noroeste da ilha, de um lado cobertos pela encosta da Colina da Luneta, agora mais

próxima, e do outro a paisagem se estendia até a baía oeste onde eu havia passado apuros com o *coracle*.

Chegamos à primeira das três árvores altas, e a bússola nos indicou que não era o ponto certo. O mesmo se deu com a segunda. A terceira erguia-se mais de sessenta metros acima dos arbustos, um gigante com um tronco vermelho que poderia servir de casa e cuja sombra poderia abrigar um batalhão. Era perfeitamente visível do mar, tanto a oeste quanto a leste, e poderia muito bem servir de referência em um mapa.

No entanto, meus companheiros não se impressionaram com seu tamanho, interessados apenas nas setecentas mil libras enterradas em algum lugar debaixo de sua vasta copa. Conforme se aproximavam, a expectativa apagava todo o medo que sentiam. Seus olhos faiscavam, seus pés ficavam mais leves e rápidos, suas almas ansiavam por aquela fortuna, uma vida de extravagâncias e prazeres seduzia cada um deles.

Silver resmungava e mancava com sua muleta, narinas abertas e trêmulas, praguejando enlouquecido com as moscas que pousavam em sua pele oleosa. Puxava furiosamente a corda que me prendia a ele e de vez em quando se virava para me lançar um olhar mortal. Já não fazia questão de dissimular nada, e eu podia ler seus pensamentos como a um livro. Com o tesouro tão próximo, tudo o mais fora deixado de lado: sua promessa e a advertência do doutor agora eram passado, e eu não tinha

dúvidas de que suas intenções eram desenterrar o tesouro e, depois de cortar a garganta de cada homem honesto na ilha, encontrar o *Hispaniola* e partir encoberto pela noite. Seguiria seu plano inicial e deixaria a ilha cheio das riquezas obtidas com seus crimes.

Abalado como estava por tais pensamentos, eu tinha dificuldades em acompanhar o passo acelerado dos caçadores de tesouro. Às vezes tropeçava, e nesses momentos Silver puxava a corda ainda mais forte e me cravava seus olhares assassinos. Dick, que havia ficado para trás e agora era o último do grupo, balbuciava ao mesmo tempo preces e maldições em seu delírio febril, o que contribuía para minha inquietação. Para completar, eu estava assombrado pela tragédia que havia ocorrido naquele planalto, quando o diabólico pirata de rosto azul — que morrera em Savannah, cantando e pedindo rum — matou seus seis cúmplices com as próprias mãos. Aquele bosque, agora tão tranquilo, deve ter se enchido com os gritos das vítimas. Ao pensar nisso, parecia que eu podia ouvi-los.

Enfim chegamos ao final da mata.

— Eia, companheiros, todos juntos agora! — gritou Merry, e os que estavam à frente começaram a correr.

Pararam de repente, antes mesmo de percorrerem cem metros. Ouviu-se um grito abafado. Silver apertou o passo, afundando sua muleta na terra como se estivesse possuído, e logo a seguir também tivemos de parar.

À nossa frente havia uma grande escavação, não muito recente, pois os lados haviam cedido e a grama crescia no fundo. Dentro desse buraco havia um cabo de picareta partido em dois e tábuas soltas de diversas caixas de madeira, espalhadas. Em uma dessas tábuas estava marcado a ferro o nome *Walrus* — o navio de Flint.

Não havia lugar para dúvidas. O tesouro havia sido encontrado e levado; nada mais restava das setecentas mil libras.

33.

A QUEDA DE UM LÍDER

Nunca na história houve reviravolta maior. Parecia que cada um dos homens havia sido atingido por um raio. Silver, no entanto, recompôs-se do choque quase instantaneamente. Dedicara cada pensamento e esforço seu àquele dinheiro, como um atleta antes da prova definitiva. Foi como se tivesse morrido por um segundo, mas renasceu logo em seguida, recuperou o ânimo e o raciocínio e alterou seus planos antes que os outros tivessem tempo para assimilar a decepção.

— Jim — sussurrou para mim —, pegue isto e prepare-se.

E me passou uma pistola de cano duplo.

Em seguida, começou a andar discretamente para o lado, até que ficamos nós dois de um lado do buraco e os piratas no lado oposto. Olhou para mim e acenou com a cabeça, como se dissesse “estamos encurralados”, ou pelo menos foi o que entendi. Sua expressão não era nada amigável, e eu estava já tão irritado com suas constantes mudanças de humor que não pude me conter e acabei sussurrando:

— Então você mudou de time novamente.

Não houve tempo para resposta. Os piratas, aos gritos e impropérios, começaram a saltar para dentro do buraco e

a cavar com as próprias mãos, revirando as tábuas. Morgan encontrou uma moeda de ouro, e a exibiu com uma torrente de palavras. Era uma moeda de dois guinéus, que foi sendo passada de mão em mão.

— Dois guinéus! — rosnou Merry, mostrando a moeda a Silver. — Não é exatamente uma fortuna, é? Então você é bom negociador, hein? Nunca te passaram para trás, não é, seu cabeça de bagre!

— Continuem cavando, rapazes — disse Silver, frio e insolente. — Vão achar mais alguns tostões, não tenho dúvida.

— Tostões?! — vociferou Merry. — Ouviram isso, companheiros? Silver já sabia de tudo, estou lhes dizendo! Está na cara dele, basta olhar!

— Ah, Merry... — tornou Silver. — Bancando o capitão de novo? Você é bem abusado, isso sim.

Dessa vez todos concordaram com Merry. Começaram a escalar para fora do buraco, disparando olhares furiosos. Notei algo favorável: todos subiam pelo lado oposto ao nosso.

E assim ficamos dois em um lado, cinco de outro, a cova entre nós, sem que ninguém tivesse coragem de atacar primeiro. Silver não movia um músculo. Observava-os, altivo em sua muleta, frio como sempre. Era um homem valente, não se pode negar.

Por fim, Merry achou conveniente dizer algo:

— Companheiros, temos dois inimigos do outro lado. Um velho aleijado que nos trouxe até aqui e só desgraçou nossa vida. O outro é um moleque de quem quero arrancar o coração. Agora, companheiros...

Merry começou a levantar a voz e o braço, pronto para disparar. Foi então que — *Bam! Bam! Bam!* — três tiros de mosquete relampearam de dentro do bosque. Merry mergulhou no buraco da escavação. O homem de cabeça enfaixada rodopiou e caiu estendido ao seu lado, morto, mas ainda se contorcendo. Os outros três deram meia volta e fugiram a toda velocidade.

Antes que eu pudesse piscar, Long John descarregou sua pistola em Merry, que ainda se debatia. Enquanto o pobre coitado ainda revirava os olhos, agonizante, Silver lhe disse:

— Agora estamos quites, George.

No mesmo instante, Gray, Ben Gunn e o doutor saíram de trás das nogueiras e se juntaram a nós, com suas armas ainda fumegantes.

— Em frente! — gritou dr. Livesey. — Depressa, rapazes! Temos que pegá-los antes que cheguem aos botes.

E disparamos a correr, por entre arbustos que batiam em nosso peito.

É preciso reconhecer o empenho de Silver em nos acompanhar. Nunca vi um homem se esforçar tanto quanto ele, saltando com sua muleta como se seu peito fosse explodir. O doutor também se impressionou. Mesmo

assim, já estava a uns trezentos metros atrás de nós, e quase desmaiando, quando chegamos à beira da encosta.

— Doutor! — gritou Silver. — Olhe lá! Não precisamos ter pressa!

E, de fato, não havia motivo para nos apressarmos. De onde estávamos, era possível vê-los correndo por uma área mais aberta do planalto, ainda seguindo a mesma direção, rumo à Colina Mezena. Já estávamos entre eles e os botes, portanto nos sentamos para tomar fôlego, enquanto Long John se aproximou, limpando o suor do rosto.

— Muito obrigado, doutor — disse ele. — O senhor chegou na hora certinha, bem a tempo de salvar Hawkins e eu. Então era você mesmo, Ben Gunn! Você é dos bons, sem dúvida.

— Era eu, sim, o Ben Gunn — respondeu o exilado, se contorcendo de vergonha como uma enguia. E após uma longa pausa, acrescentou: — E como vai, sr. Silver? Eu vou muito bem, obrigado, e você?

— Ben, Ben... — sussurrou Silver. — E pensar que você me pregou uma peça.

O doutor pediu a Gray que pegasse uma das picaretas deixadas para trás pelos amotinados, e enquanto descíamos calmamente a trilha até os botes, o médico contou, em poucas palavras, tudo o que havia se passado. Silver estava muito interessado no relato. Ben Gunn, o exilado um tanto tapado, foi o herói de toda a história, do começo ao fim.

Ben encontrou o esqueleto em uma de suas longas e solitárias caminhadas pela ilha. Foi ele quem mexeu nos ossos, encontrou e desenterrou o tesouro (era sua a picareta quebrada encontrada na escavação). Ele carregou as moedas nas costas, em várias viagens, desde o pinheiro gigante até sua caverna abaixo da colina de dois picos, no noroeste da ilha. E lá o tesouro ficou, em segurança, por dois meses até o *Hispaniola* chegar à ilha.

O doutor conseguiu arrancar-lhe esse segredo na tarde do ataque, e na manhã seguinte, ao encontrar o ancoradouro deserto, foi falar com Silver, entregou-lhe o mapa (já inútil) e todas as provisões da cabana, pois que a caverna estava repleta de carne de cabra curada pelo próprio Ben. Dr. Livesey abriu mão de tudo o que tinham para que pudessem sair da paliçada em segurança e se realocarem na colina de dois picos, onde ficariam longe da malária e poderiam vigiar o dinheiro de perto.

— Quanto a você, Jim — continuou o médico —, mesmo com o coração apertado, fiz o que julguei ser o melhor para aqueles que cumpriram fielmente seu dever. E por sua própria escolha, você não fazia mais parte desse grupo.

Naquela manhã, ao perceber que eu estaria presente quando os piratas tivessem a grande decepção que ele havia planejado, o doutor correu até a caverna, deixou o capitão aos cuidados do barão e, com Gray e o exilado, cruzou a ilha em diagonal até o grande pinheiro. Logo

percebeu que os amotinados chegariam antes ao local. Ben Gunn, com seus pés ágeis, foi enviado na frente com a missão de me salvar como fosse possível. O exilado teve então a ideia de usar as superstições de seus antigos companheiros contra eles mesmos, e seu plano foi tão bem-sucedido que o doutor e Gray tiveram tempo de chegar e ficar de tocaia antes que os bandidos encontrassem a escavação.

— Ah, minha sorte é que eu estava com o Hawkins aqui — comentou Silver. — O senhor teria deixado eles fazerem picadinho do velho John, sem nem pensar duas vezes, doutor.

— Sem pensar duas vezes — confirmou dr. Livesey, sorrindo.

Enfim chegamos aos botes. O doutor destruiu um deles com a picareta e embarcamos no outro para dar a volta na ilha até a Enseada Norte.

Era um percurso de doze a quatorze quilômetros. Silver, embora quase morto de cansaço, foi posto para remar junto aos outros, e logo deslizávamos com rapidez pelo mar calmo. Não demorou e passamos pelos canais, e dobramos o cabo sudeste da ilha, por onde tínhamos rebocado o *Hispaniola* quatro dias antes.

Ao passar pela colina de dois picos vimos um homem em pé, apoiado em seu mosquete, na escura entrada da caverna de Ben Gunn. Era o barão. Agitamos um lenço e

Ihe demos três vivas, com Silver engrossando o coro com o mesmo entusiasmo dos demais.

Cinco quilômetros adiante, logo na entrada da Enseada Norte, o que encontramos, senão o *Hispaniola*, à deriva? A última maré o havia levantado, e se acaso o vento e a corrente fossem tão fortes quanto no ancoradouro ao sul, jamais o encontraríamos novamente, ou talvez ficasse encalhado definitivamente. A não ser pela vela principal, suas avarias eram poucas. Providenciamos uma nova âncora e a lançamos a uma braça e meia de profundidade. Então voltamos para a Baía do Rum, a praia mais próxima da caixa-forte de Ben Gunn. Gray tomou o bote novamente, agora sozinho, e voltou ao *Hispaniola*, onde passaria a noite de vigia.

Uma rampa suave subia da praia até a entrada da caverna. O barão nos encontrou ao final dela. Tratou-me com educação e gentileza, sem me culpar ou mesmo congratular por minha fuga. Mas enrubescceu ligeiramente após a cordial continência de Silver:

— John Silver, você é um traidor vil e abjeto. Um traiçoeiro desprezível. Disseram-me para não levá-lo à justiça. Bem, não farei isso. Mas suas vítimas pesarão em suas costas como mil grilhões.

— Eu lhe agradeço imensamente, senhor — tornou Silver, com outra continência.

— Não ouse me agradecer! — vociferou o barão. — Estou deixando de cumprir meu dever. Fique longe de mim.

Em seguida entramos todos na gruta. O local era espaçoso e arejado, com uma pequena fonte que alimentava um fosso de água cristalina e samambaias que pendiam das paredes. O chão era de areia. O capitão Smollett estava deitado ao lado de uma grande fogueira, e em um canto afastado, onde a luz das chamas mal chegava, cintilavam grandes pilhas de moedas e colunas de barras de ouro. Enfim o tesouro de Flint, que de tão longe viemos buscar e pelo qual sete tripulantes do *Hispaniola* perderam a vida. E quantas outras mortes para que aquela fortuna fosse acumulada? Quanto sangue e desgraça, quantos navios afundados, quantos homens lançados ao mar, quantas balas de canhão, humilhações, mentiras, crueldades? Nenhum homem seria capaz de calcular. E ainda restavam três naquela ilha — Silver, o velho Morgan e Ben Gunn — que haviam tomado parte nesses crimes, na vã esperança de terem também sua parte em ouro.

— Entre, Jim — convidou o capitão Smollett. — À sua maneira, você é um bom rapaz, Jim, mas acho que não navegaremos juntos de novo. Você tem padrinhos demais, na minha opinião. É você, John Silver? O que faz aqui, homem?

— Vim cumprir meu dever, senhor — respondeu Silver.

— Ah! — completou o capitão, e foi só o que disse.

O jantar naquela noite foi bem agradável, na companhia de meus amigos. E foi um banquete, com a carne curada de Ben Gunn, alguns outros petiscos e uma garrafa do vinho do *Hispaniola*. Tenho certeza de que nunca se viu homens mais alegres ou satisfeitos. E Silver nos fez companhia, sentado quase na escuridão, comendo com apetite, atendendo com prontidão cada pedido e até mesmo participando discretamente das risadas. Era novamente o mesmo marinheiro simpático, educado e prestativo de quando partimos de Bristol.

34.

O FINAL

No dia seguinte nos pusemos a trabalhar logo cedo, pois não seria tarefa fácil transportar aquela imensa quantidade de ouro da gruta até a praia, e depois mais cinco quilômetros de bote até a *Hispaniola*, ainda mais com nosso grupo reduzido. Os três piratas que ainda restavam na ilha não representavam mais problema algum. Uma única sentinela na encosta da colina era suficiente para nos proteger de qualquer possível ataque. Além disso, pensamos que já estivessem fartos de lutar.

E assim o trabalho foi realizado com a maior rapidez possível. Gray e Ben Gunn iam e voltavam com o bote, enquanto o restante empilhava o tesouro na praia. Cada homem adulto conseguia carregar duas barras de ouro por vez, suspensas por cordas. Como eu não seria muito útil no transporte de cargas, passei o dia todo na caverna enchendo sacos de biscoito com moedas.

Era um acervo extraordinário, com uma diversidade similar às moedas de Billy Bones, mas muito maior e mais variada. Organizá-las foi uma das tarefas mais prazerosas que já tive. Moedas inglesas, francesas, espanholas, portuguesas, georges e luíses, dobrões e guinéus, moidores e cequins, todos os reis europeus dos últimos séculos

cunhados em suas faces, além de estranhas peças orientais com relevos que lembravam ramos de plantas ou teias de aranha. Moedas redondas, quadradas e furadas ao centro, como se fossem pingentes de colar. A coleção contava com exemplares de moedas do mundo todo, creio eu. Era tão numerosa quanto a folhagem de outono, o que me deixou com dor nas costas e nos dedos.

O trabalho consumiu dias. A cada noite uma nova fortuna enchia os porões do navio, com mais dinheiro esperando na praia no dia seguinte. Durante todo esse tempo, nem sinal dos amotinados sobreviventes.

Na terceira noite (se não me engano), quando eu e o doutor caminhávamos pela encosta da colina, que dá vista para a parte mais baixa da ilha, ouvimos um ruído, sem saber se era gemido ou cantoria. Foi um som breve, sucedido pelo mesmo silêncio de antes.

— Que Deus os perdoe — disse o médico. — São os amotinados!

— Completamente bêbados, senhor — a voz de Silver soou logo atrás de nós.

Silver, devo dizer, tinha toda a liberdade do mundo e, mesmo tratado com frieza todo o tempo, parecia considerar-se novamente um caro membro da tripulação. Era impressionante a forma como aceitava o desprezo dos outros e a delicadeza com a qual tentava reconquistá-los. Ainda assim, todos o tratavam como inimigo, a não ser Ben Gunn, que ainda tinha medo de seu antigo contramestre, e

eu, que não me esquecia que lhe devia a vida, embora talvez tivesse mais motivos que todos para odiá-lo, pois o vira premeditando novas traições quando se viu encurralado no planalto. Portanto, não é de se estranhar que a resposta do doutor tenha sido um tanto áspera:

— Estão bêbados ou delirando — disse ele.

— Tem razão, doutor — continuou Silver. — E qualquer que seja o caso, não faz diferença para nós.

— Imagino que o senhor desconheça a palavra compaixão — respondeu o doutor com ironia —, por isso minha forma de pensar talvez lhe surpreenda, sr. Silver. Mas se eu tivesse certeza de que estão delirando, pois comprovei que pelo menos um deles tem febre, seria meu dever sair deste acampamento, colocar minha vida em risco, e prestar-lhes cuidados médicos.

— Me perdoe, senhor, mas seria um grande erro de sua parte — afirmou Silver. — O senhor perderia sua vida, pode estar certo disso. Estou do lado de vocês agora, como unha e carne, e não gostaria que nosso grupo perdesse nenhum membro, muito menos o senhor, a quem eu devo tanto. Mas aqueles homens lá embaixo não são de se confiar. Não conseguiriam ser honestos nem se quisessem. Além do mais, também nunca confiariam no senhor.

— Não — tornou o doutor. — O confiável aqui é você, como sabemos.

Aquele foi praticamente nosso último contato com os três piratas, a não ser por um tiro distante que ouvimos

certa vez e imaginamos que estivessem caçando. Fizemos uma reunião e decidimos abandoná-los na ilha — para a enorme satisfação de Ben Gunn, devo dizer, e com o apoio caloroso de Gray. Deixamos uma boa quantidade de pólvora e munição, o estoque de carne curada, alguns remédios, além de outros suprimentos como ferramentas, peças de roupa, uma vela sobressalente, dois rolos de corda e, a pedido do doutor, um belo pedaço de fumo.

Deixar essas provisões para os amotinados foi nossa última tarefa na ilha. Já havíamos embarcado o tesouro, uma reserva de água e o restante da carne de cabra, para o caso de imprevistos. Por fim, numa bela manhã, só nos restava içar a âncora. Zarpamos pela Enseada Norte, com a mesma bandeira sob a qual o capitão defendeu a paliçada tremulando em nosso mastro.

Os piratas deviam estar nos observando mais de perto do que pensávamos, como logo comprovamos. Ao passarmos pelos estreitos, tivemos de navegar muito próximos ao cabo sul, e lá vimos os três ajoelhados na areia, com as mãos em súplica. Creio que todos sentiram pena ao deixá-los em uma situação tão precária, mas não poderíamos correr o risco de outro motim. Além disso, levá-los para casa apenas para que fossem enforcados seria uma gentileza cruel. O doutor gritou para avisá-los onde tínhamos deixado as provisões. Ainda assim, continuaram chamando nossos nomes e implorando que, pelo amor de Deus, não os abandonássemos na ilha para morrer.

Por fim, quando viram que o navio seguia seu curso e que não podíamos mais ouvi-los, um deles — não sei dizer qual — ergueu-se com um grito desolado, tirou o mosquete do ombro e disparou um tiro que passou zunindo por cima da cabeça de Silver e atravessou a vela principal.

Esse ataque fez com que nos protegêssemos atrás das amuradas, e quando olhei novamente já não estavam mais na praia, que por sua vez também sumia com a distância. E foi assim que o motim terminou. Antes do meio-dia, para minha imensurável felicidade, o pico mais alto da Ilha do Tesouro já sumia no horizonte azul do mar.

Éramos uma tripulação tão reduzida que cada homem a bordo tinha de ajudar em todos os trabalhos — exceto o capitão que, embora já bastante recuperado, ainda necessitava de repouso e ficou deitado em um colchão próximo à popa, de onde dava suas ordens. Traçamos a rota para o porto mais próximo, na América Espanhola, pois não podíamos arriscar seguir viagem sem antes contratar novos tripulantes. A situação em que nos encontrávamos, agravada por ventos fortes e duas tempestades, fez com que ficássemos esgotados antes mesmo de chegar à civilização novamente.

O sol já ia se pondo quando lançamos âncora em uma baía linda e bem abrigada, onde botes repletos de homens negros, índios mexicanos e mestiços vendiam frutas e legumes, e se ofereciam para mergulhar em busca de moedas. Todos aqueles rostos simpáticos (principalmente

os negros), o sabor das frutas tropicais e, acima de tudo, as brilhantes luzes da cidade criavam um agradável contraste à nossa temporada sombria e sangrenta na ilha.

Desembarquei com o doutor e o barão para um passeio noturno. Eles acabaram fazendo amizade com um capitão da marinha inglesa, que nos convidou ao seu navio. Para resumir, passamos horas tão agradáveis que já amanhecia quando voltamos ao *Hispaniola*.

Ben Gunn nos esperava sozinho no convés, e assim que embarcamos nos fez uma revelação, contorcendo-se muito enquanto falava. Silver se fora. O exilado havia sido cúmplice de sua fuga algumas horas antes, e justificou-se dizendo que só havia feito isso para preservar nossas vidas, que certamente estariam em perigo se “o homem de uma perna só continuasse a bordo”. E não era só isso: o cozinheiro não partira de mãos vazias. Quando ninguém estava vigiando, fez um buraco na parede da galeria onde estava o tesouro e conseguiu pegar um saco de moedas, com cerca de trezentos ou quatrocentos guinéus, para financiar suas futuras empreitadas.

Acredito que todos ficamos aliviados por termos nos livrado dele a um preço tão baixo.

Contratamos novos tripulantes e fizemos uma viagem tranquila de volta para casa. O *Hispaniola* aportou em Bristol bem quando o sr. Blandly já pensava em preparar o navio de resgate. De todos os que partiram no *Hispaniola*, apenas cinco homens retornaram. *O diabo e a bebida*

levaram os outros junto, sem dúvida, mas ainda assim tivemos melhor sorte que a tripulação da outra canção:

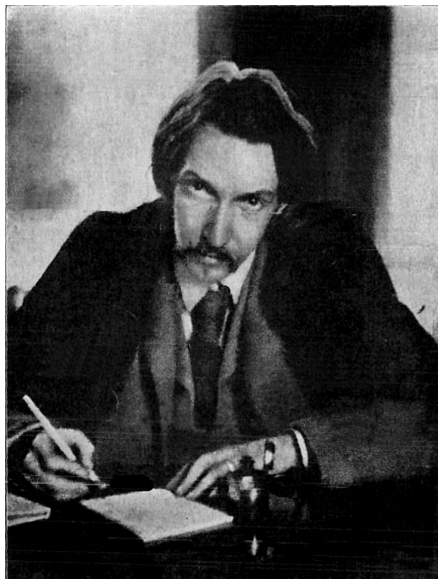
*Apenas um homem voltou com vida ao porto,
Os outros setenta e cinco estavam todos mortos.*

O tesouro rendeu uma boa fortuna para todos, que a usaram de maneira inteligente ou imprudente, de acordo com sua natureza. O capitão Smollett se aposentou da vida no mar. Gray não só poupou sua parte, mas tomado por um desejo repentino de progredir na vida, estudou a sério a profissão de marinha. Hoje em dia é imediato e sócio de um belo navio de quatro mastros, além de ser casado e pai de família. Ben Gunn recebeu mil libras, que torrou em três semanas, ou para ser mais exato, em dezenove dias, pois no vigésimo já estava pedindo esmolas novamente. Conseguiu finalmente um emprego em uma estalagem no interior, exatamente o que ele temia. Ainda está vivo, é querido pelos camponeses (exceto pelos mais novos, que caçoam dele) e é um excelente cantor no coral da igreja, onde se apresenta aos domingos e em dias santos.

Ninguém nunca mais ouviu de Silver. Finalmente me liberei do assustador marujo de uma perna só. Imagino que tenha voltado para sua velha esposa negra e talvez leve uma vida confortável em companhia do Capitão Flint. Talvez seja otimismo demais pensar assim, pois as chances de ele aquietar-se em um mundo diferente do seu são muito pequenas.

As armas e as barras de prata ainda estão, pelo que sei, no mesmo lugar em que Flint as enterrou, e por mim podem ficar lá para sempre. Eu não voltaria àquela ilha amaldiçoada nem amarrado. Em meus piores pesadelos, ouço as ondas quebrando em suas praias, ou acordo sobressaltado com a voz do Capitão Flint ainda ecoando em meus ouvidos:

— Peças de oito! Peças de oito!



Robert Lewis Balfour Stevenson nasceu em 1850, em Edimburgo, na Escócia. Sua saúde frágil o manteve boa parte da infância na cama. Para passar o tempo, inventava histórias e as contava para sua mãe. Formou-se em direito, profissão que nunca exerceu. Aos 23 anos, já convivia com escritores e escrevia para revistas. Adulto, sua tuberculose o fez viajar e morar em diversos países, sempre em busca de climas que amenizassem a doença. Um desses lugares foi a França, onde conheceu e se apaixonou por Fanny Vandergrift Osbourne, dez anos mais velha. Quando Fanny retornou

a São Francisco, nos Estados Unidos, Stevenson foi atrás dela. Os dois se casaram em 1880.

De volta à Escócia, em 1881, Stevenson começou a criar a história Ilha do tesouro para divertir seu enteado, Lloyd, ao ver o menino desenhando em uma tarde chuvosa. Stevenson desenhou um mapa que levava a um tesouro escondido por piratas e assim começou a história. No final de sua vida, fixou-se nas Ilhas Samoa, onde ganhou status de celebridade local e o apelido Tusitala, que quer dizer “contador de histórias”. Lá viveu até morrer, em 1894.

NOTAS

1. O almirante Edward Hawke defendeu a Inglaterra de uma invasão francesa em 1759, em Quiberon Bay. Posteriormente, tornou-se barão e membro do parlamento inglês.
2. Passar um homem pela quilha (keelhauling, em inglês, e giro de chiglia, em italiano) era um antigo método de punição utilizado pelos piratas e pela marinha de diversos países. Data da Grécia Antiga e consistia em amarrar um homem ao mastro e jogá-lo ao mar, para que fosse arrastado para debaixo do navio e ferido pelas cracas acumuladas no casco.
3. Estes e outros relatos sobre pirataria foram registrados por Howard Pyle em O livro dos piratas.
4. Antiga forma de se referir a um homem civilizado.
5. Lillibullero foi uma marcha marcial cuja composição é creditada a Thomas Wharton. Ficou famosa no Reino Unido após a chamada Revolução Gloriosa, de 1688.
6. Nome dado às típicas bandeiras piratas, com uma caveira cruzada por ossos ou espadas. Sua origem é incerta.

7. Come lasses and lad é uma canção do século 17 que foi sendo alterada com o passar dos anos. Durante muito tempo foi uma brincadeira juvenil e, por ser antiga e histórica, desde o século 19 era também tocada como marcha real britânica. Foi uma das marchas do exército inglês na Primeira Guerra Mundial.

8. Davy Jones foi um lendário pirata que teria vivido no século 18. Não se sabe se realmente existiu, mas seu nome se tornou uma interjeição de espanto ou maldição entre piratas.

9. A Doca da Execução era um lugar às margens do Tâmisa, em Londres, usado para enforcar piratas, contrabandistas e amotinados condenados à morte pelos tribunais da marinha britânica por mais de 400 anos.

Treasure Island

Robert Louis Stevenson

PART ONE
THE OLD BUCCANEER

1.

THE OLD SEA-DOG AT THE ADMIRAL BENBOW

SQUIRE TRELAWNEY, Dr. Livesey, and the rest of these gentlemen having asked me to write down the whole particulars about Treasure Island, from the beginning to the end, keeping nothing back but the bearings of the island, and that only because there is still treasure not yet lifted, I take up my pen in the year of grace 17__ and go back to the time when my father kept the Admiral Benbow inn and the brown old seaman with the sabre cut first took up his lodging under our roof.

I remember him as if it were yesterday, as he came plodding to the inn door, his sea-chest following behind him in a hand-barrow—a tall, strong, heavy, nut-brown man, his tarry pigtail falling over the shoulder of his soiled blue coat, his hands ragged and scarred, with black, broken nails, and the sabre cut across one cheek, a dirty, livid white. I remember him looking round the cover and whistling to himself as he did so, and then breaking out in that old sea-song that he sang so often afterwards:

*"Fifteen men on the dead man's chest—
Yo-ho-ho, and a bottle of rum!"*

in the high, old tottering voice that seemed to have been tuned and broken at the capstan bars. Then he rapped on the door with a bit of stick like a handspike that he carried, and when my father appeared, called roughly for a glass of rum. This, when it was brought to him, he drank slowly, like a connoisseur, lingering on the taste and still looking about him at the cliffs and up at our signboard.

"This is a handy cove," says he at length; "and a pleasant sittuated grog-shop. Much company, mate?"

My father told him no, very little company, the more was the pity.

"Well, then," said he, "this is the berth for me. Here you, matey," he cried to the man who trundled the barrow; "bring up alongside and help up my chest. I'll stay here a bit," he continued. "I'm a plain man; rum and bacon and eggs is what I want, and that head up there for to watch ships off. What you mought call me? You mought call me captain. Oh, I see what you're at—there"; and he threw down three or four gold pieces on the threshold. "You can tell me when I've worked through that," says he, looking as fierce as a commander.

And indeed bad as his clothes were and coarsely as he spoke, he had none of the appearance of a man who sailed before the mast, but seemed like a mate or skipper accustomed to be obeyed or to strike. The man who came with the barrow told us the mail had set him down the

morning before at the Royal George, that he had inquired what inns there were along the coast, and hearing ours well spoken of, I suppose, and described as lonely, had chosen it from the others for his place of residence. And that was all we could learn of our guest.

He was a very silent man by custom. All day he hung round the cove or upon the cliffs with a brass telescope; all evening he sat in a corner of the parlour next the fire and drank rum and water very strong. Mostly he would not speak when spoken to, only look up sudden and fierce and blow through his nose like a fog-horn; and we and the people who came about our house soon learned to let him be. Every day when he came back from his stroll he would ask if any seafaring men had gone by along the road. At first we thought it was the want of company of his own kind that made him ask this question, but at last we began to see he was desirous to avoid them. When a seaman did put up at the Admiral Benbow (as now and then some did, making by the coast road for Bristol) he would look in at him through the curtained door before he entered the parlour; and he was always sure to be as silent as a mouse when any such was present. For me, at least, there was no secret about the matter, for I was, in a way, a sharer in his alarms. He had taken me aside one day and promised me a silver fourpenny on the first of every month if I would only keep my "weather-eye open for a seafaring man with one leg" and let him know the moment he appeared. Often

enough when the first of the month came round and I applied to him for my wage, he would only blow through his nose at me and stare me down, but before the week was out he was sure to think better of it, bring me my four-penny piece, and repeat his orders to look out for "the seafaring man with one leg."

How that personage haunted my dreams, I need scarcely tell you. On stormy nights, when the wind shook the four corners of the house and the surf roared along the cove and up the cliffs, I would see him in a thousand forms, and with a thousand diabolical expressions. Now the leg would be cut off at the knee, now at the hip; now he was a monstrous kind of a creature who had never had but the one leg, and that in the middle of his body. To see him leap and run and pursue me over hedge and ditch was the worst of nightmares. And altogether I paid pretty dear for my monthly fourpenny piece, in the shape of these abominable fancies.

But though I was so terrified by the idea of the seafaring man with one leg, I was far less afraid of the captain himself than anybody else who knew him. There were nights when he took a deal more rum and water than his head would carry; and then he would sometimes sit and sing his wicked, old, wild sea-songs, minding nobody; but sometimes he would call for glasses round and force all the trembling company to listen to his stories or bear a chorus to his singing. Often I have heard the house

shaking with "Yo-ho-ho, and a bottle of rum," all the neighbours joining in for dear life, with the fear of death upon them, and each singing louder than the other to avoid remark. For in these fits he was the most overriding companion ever known; he would slap his hand on the table for silence all round; he would fly up in a passion of anger at a question, or sometimes because none was put, and so he judged the company was not following his story. Nor would he allow anyone to leave the inn till he had drunk himself sleepy and reeled off to bed.

His stories were what frightened people worst of all. Dreadful stories they were—about hanging, and walking the plank, and storms at sea, and the Dry Tortugas, and wild deeds and places on the Spanish Main. By his own account he must have lived his life among some of the wickedest men that God ever allowed upon the sea, and the language in which he told these stories shocked our plain country people almost as much as the crimes that he described. My father was always saying the inn would be ruined, for people would soon cease coming there to be tyrannized over and put down, and sent shivering to their beds; but I really believe his presence did us good. People were frightened at the time, but on looking back they rather liked it; it was a fine excitement in a quiet country life, and there was even a party of the younger men who pretended to admire him, calling him a "true sea-dog" and

a "real old salt" and such like names, and saying there was the sort of man that made England terrible at sea.

In one way, indeed, he bade fair to ruin us, for he kept on staying week after week, and at last month after month, so that all the money had been long exhausted, and still my father never plucked up the heart to insist on having more. If ever he mentioned it, the captain blew through his nose so loudly that you might say he roared, and stared my poor father out of the room. I have seen him wringing his hands after such a rebuff, and I am sure the annoyance and the terror he lived in must have greatly hastened his early and unhappy death.

All the time he lived with us the captain made no change whatever in his dress but to buy some stockings from a hawker. One of the cocks of his hat having fallen down, he let it hang from that day forth, though it was a great annoyance when it blew. I remember the appearance of his coat, which he patched himself upstairs in his room, and which, before the end, was nothing but patches. He never wrote or received a letter, and he never spoke with any but the neighbours, and with these, for the most part, only when drunk on rum. The great sea-chest none of us had ever seen open.

He was only once crossed, and that was towards the end, when my poor father was far gone in a decline that took him off. Dr. Livesey came late one afternoon to see the patient, took a bit of dinner from my mother, and went

into the parlour to smoke a pipe until his horse should come down from the hamlet, for we had no stabling at the old Benbow. I followed him in, and I remember observing the contrast the neat, bright doctor, with his powder as white as snow and his bright, black eyes and pleasant manners, made with the coltish country folk, and above all, with that filthy, heavy, bleared scarecrow of a pirate of ours, sitting, far gone in rum, with his arms on the table. Suddenly he—the captain, that is—began to pipe up his eternal song:

*"Fifteen men on the dead man's chest—
Yo-ho-ho, and a bottle of rum!
Drink and the devil had done for the rest—
Yo-ho-ho, and a bottle of rum!"*

At first I had supposed "the dead man's chest" to be that identical big box of his upstairs in the front room, and the thought had been mingled in my nightmares with that of the one-legged seafaring man. But by this time we had all long ceased to pay any particular notice to the song; it was new, that night, to nobody but Dr. Livesey, and on him I observed it did not produce an agreeable effect, for he looked up for a moment quite angrily before he went on with his talk to old Taylor, the gardener, on a new cure for the rheumatics. In the meantime, the captain gradually brightened up at his own music, and at last flapped his hand upon the table before him in a way we all knew to mean silence. The voices stopped at once, all but Dr.

Livesey's; he went on as before speaking clear and kind and drawing briskly at his pipe between every word or two. The captain glared at him for a while, flapped his hand again, glared still harder, and at last broke out with a villainous, low oath, "Silence, there, between decks!"

"Were you addressing me, sir?" says the doctor; and when the ruffian had told him, with another oath, that this was so, "I have only one thing to say to you, sir," replies the doctor, "that if you keep on drinking rum, the world will soon be quit of a very dirty scoundrel!"

The old fellow's fury was awful. He sprang to his feet, drew and opened a sailor's clasp-knife, and balancing it open on the palm of his hand, threatened to pin the doctor to the wall.

The doctor never so much as moved. He spoke to him as before, over his shoulder and in the same tone of voice, rather high, so that all the room might hear, but perfectly calm and steady: "If you do not put that knife this instant in your pocket, I promise, upon my honour, you shall hang at the next assizes."

Then followed a battle of looks between them, but the captain soon knuckled under, put up his weapon, and resumed his seat, grumbling like a beaten dog.

"And now, sir," continued the doctor, "since I now know there's such a fellow in my district, you may count I'll have an eye upon you day and night. I'm not a doctor only; I'm a magistrate; and if I catch a breath of complaint

against you, if it's only for a piece of incivility like tonight's, I'll take effectual means to have you hunted down and routed out of this. Let that suffice."

Soon after, Dr. Livesey's horse came to the door and he rode away, but the captain held his peace that evening, and for many evenings to come.

2.

BLACK DOG APPEARS AND DISAPPEARS

IT was not very long after this that there occurred the first of the mysterious events that rid us at last of the captain, though not, as you will see, of his affairs. It was a bitter cold winter, with long, hard frosts and heavy gales; and it was plain from the first that my poor father was little likely to see the spring. He sank daily, and my mother and I had all the inn upon our hands, and were kept busy enough without paying much regard to our unpleasant guest.

It was one January morning, very early—a pinching, frosty morning—the cove all grey with hoar-frost, the ripple lapping softly on the stones, the sun still low and only touching the hilltops and shining far to seaward. The captain had risen earlier than usual and set out down the beach, his cutlass swinging under the broad skirts of the old blue coat, his brass telescope under his arm, his hat tilted back upon his head. I remember his breath hanging like smoke in his wake as he strode off, and the last sound I heard of him as he turned the big rock was a loud snort of indignation, as though his mind was still running upon Dr. Livesey.

Well, mother was upstairs with father and I was laying the breakfast-table against the captain's return when the parlour door opened and a man stepped in on whom I had never set my eyes before. He was a pale, tallowy creature, wanting two fingers of the left hand, and though he wore a cutlass, he did not look much like a fighter. I had always my eye open for seafaring men, with one leg or two, and I remember this one puzzled me. He was not sailorly, and yet he had a smack of the sea about him too.

I asked him what was for his service, and he said he would take rum; but as I was going out of the room to fetch it, he sat down upon a table and motioned me to draw near. I paused where I was, with my napkin in my hand.

"Come here, sonny," says he. "Come nearer here."

I took a step nearer.

"Is this here table for my mate Bill?" he asked with a kind of leer.

I told him I did not know his mate Bill, and this was for a person who stayed in our house whom we called the captain.

"Well," said he, "my mate Bill would be called the captain, as like as not. He has a cut on one cheek and a mighty pleasant way with him, particularly in drink, has my mate Bill. We'll put it, for argument like, that your captain has a cut on one cheek—and we'll put it, if you like, that that cheek's the right one. Ah, well! I told you. Now, is my mate Bill in this here house?"

I told him he was out walking.

"Which way, sonny? Which way is he gone?"

And when I had pointed out the rock and told him how the captain was likely to return, and how soon, and answered a few other questions, "Ah," said he, "this'll be as good as drink to my mate Bill."

The expression of his face as he said these words was not at all pleasant, and I had my own reasons for thinking that the stranger was mistaken, even supposing he meant what he said. But it was no affair of mine, I thought; and besides, it was difficult to know what to do. The stranger kept hanging about just inside the inn door, peering round the corner like a cat waiting for a mouse. Once I stepped out myself into the road, but he immediately called me back, and as I did not obey quick enough for his fancy, a most horrible change came over his tallowy face, and he ordered me in with an oath that made me jump. As soon as I was back again he returned to his former manner, half fawning, half sneering, patted me on the shoulder, told me I was a good boy and he had taken quite a fancy to me. "I have a son of my own," said he, "as like you as two blocks, and he's all the pride of my 'art. But the great thing for boys is discipline, sonny—discipline. Now, if you had sailed along of Bill, you wouldn't have stood there to be spoke to twice—not you. That was never Bill's way, nor the way of sich as sailed with him. And here, sure enough, is my mate Bill, with a spy-glass under his arm, bless his old 'art, to be

sure. You and me'll just go back into the parlour, sonny, and get behind the door, and we'll give Bill a little surprise—bless his 'art, I say again."

So saying, the stranger backed along with me into the parlour and put me behind him in the corner so that we were both hidden by the open door. I was very uneasy and alarmed, as you may fancy, and it rather added to my fears to observe that the stranger was certainly frightened himself. He cleared the hilt of his cutlass and loosened the blade in the sheath; and all the time we were waiting there he kept swallowing as if he felt what we used to call a lump in the throat.

At last in strode the captain, slammed the door behind him, without looking to the right or left, and marched straight across the room to where his breakfast awaited him.

"Bill," said the stranger in a voice that I thought he had tried to make bold and big.

The captain spun round on his heel and fronted us; all the brown had gone out of his face, and even his nose was blue; he had the look of a man who sees a ghost, or the evil one, or something worse, if anything can be; and upon my word, I felt sorry to see him all in a moment turn so old and sick.

"Come, Bill, you know me; you know an old shipmate, Bill, surely," said the stranger.

The captain made a sort of gasp.

"Black Dog!" said he.

"And who else?" returned the other, getting more at his ease. "Black Dog as ever was, come for to see his old shipmate Billy, at the Admiral Benbow inn. Ah, Bill, Bill, we have seen a sight of times, us two, since I lost them two talons," holding up his mutilated hand.

"Now, look here," said the captain; "you've run me down; here I am; well, then, speak up; what is it?"

"That's you, Bill," returned Black Dog, "you're in the right of it, Billy. I'll have a glass of rum from this dear child here, as I've took such a liking to; and we'll sit down, if you please, and talk square, like old shipmates."

When I returned with the rum, they were already seated on either side of the captain's breakfast-table—Black Dog next to the door and sitting sideways so as to have one eye on his old shipmate and one, as I thought, on his retreat.

He bade me go and leave the door wide open. "None of your keyholes for me, sonny," he said; and I left them together and retired into the bar.

For a long time, though I certainly did my best to listen, I could hear nothing but a low gattling; but at last the voices began to grow higher, and I could pick up a word or two, mostly oaths, from the captain.

"No, no, no, no; and an end of it!" he cried once. And again, "If it comes to swinging, swing all, say I."

Then all of a sudden there was a tremendous explosion of oaths and other noises—the chair and table went over in a lump, a clash of steel followed, and then a cry of pain, and the next instant I saw Black Dog in full flight, and the captain hotly pursuing, both with drawn cutlasses, and the former streaming blood from the left shoulder. Just at the door the captain aimed at the fugitive one last tremendous cut, which would certainly have split him to the chine had it not been intercepted by our big signboard of Admiral Benbow. You may see the notch on the lower side of the frame to this day.

That blow was the last of the battle. Once out upon the road, Black Dog, in spite of his wound, showed a wonderful clean pair of heels and disappeared over the edge of the hill in half a minute. The captain, for his part, stood staring at the signboard like a bewildered man. Then he passed his hand over his eyes several times and at last turned back into the house.

"Jim," says he, "rum"; and as he spoke, he reeled a little, and caught himself with one hand against the wall.

"Are you hurt?" cried I.

"Rum," he repeated. "I must get away from here. Rum! Rum!"

I ran to fetch it, but I was quite unsteadied by all that had fallen out, and I broke one glass and fouled the tap, and while I was still getting in my own way, I heard a loud fall in the parlour, and running in, beheld the captain lying

full length upon the floor. At the same instant my mother, alarmed by the cries and fighting, came running downstairs to help me. Between us we raised his head. He was breathing very loud and hard, but his eyes were closed and his face a horrible colour.

"Dear, deary me," cried my mother, "what a disgrace upon the house! And your poor father sick!"

In the meantime, we had no idea what to do to help the captain, nor any other thought but that he had got his death-hurt in the scuffle with the stranger. I got the rum, to be sure, and tried to put it down his throat, but his teeth were tightly shut and his jaws as strong as iron. It was a happy relief for us when the door opened and Doctor Livesey came in, on his visit to my father.

"Oh, doctor," we cried, "what shall we do? Where is he wounded?"

"Wounded? A fiddle-stick's end!" said the doctor. "No more wounded than you or I. The man has had a stroke, as I warned him. Now, Mrs. Hawkins, just you run upstairs to your husband and tell him, if possible, nothing about it. For my part, I must do my best to save this fellow's trebly worthless life; Jim, you get me a basin."

When I got back with the basin, the doctor had already ripped up the captain's sleeve and exposed his great sinewy arm. It was tattooed in several places. "Here's luck," "A fair wind," and "Billy Bones his fancy," were very neatly and clearly executed on the forearm; and up near

the shoulder there was a sketch of a gallows and a man hanging from it—done, as I thought, with great spirit.

"Prophetic," said the doctor, touching this picture with his finger. "And now, Master Billy Bones, if that be your name, we'll have a look at the colour of your blood. Jim," he said, "are you afraid of blood?"

"No, sir," said I.

"Well, then," said he, "you hold the basin"; and with that he took his lancet and opened a vein.

A great deal of blood was taken before the captain opened his eyes and looked mistily about him. First he recognized the doctor with an unmistakable frown; then his glance fell upon me, and he looked relieved. But suddenly his colour changed, and he tried to raise himself, crying, "Where's Black Dog?"

"There is no Black Dog here," said the doctor, "except what you have on your own back. You have been drinking rum; you have had a stroke, precisely as I told you; and I have just, very much against my own will, dragged you headforemost out of the grave. Now, Mr. Bones—"

"That's not my name," he interrupted.

"Much I care," returned the doctor. "It's the name of a buccaneer of my acquaintance; and I call you by it for the sake of shortness, and what I have to say to you is this; one glass of rum won't kill you, but if you take one you'll take another and another, and I stake my wig if you don't break off short, you'll die—do you understand that?—die, and go

to your own place, like the man in the Bible. Come, now, make an effort. I'll help you to your bed for once."

Between us, with much trouble, we managed to hoist him upstairs, and laid him on his bed, where his head fell back on the pillow as if he were almost fainting.

"Now, mind you," said the doctor, "I clear my conscience—the name of rum for you is death."

And with that he went off to see my father, taking me with him by the arm.

"This is nothing," he said as soon as he had closed the door. "I have drawn blood enough to keep him quiet awhile; he should lie for a week where he is—that is the best thing for him and you; but another stroke would settle him."

3.

THE BLACK SPOT

ABOUT noon I stopped at the captain's door with some cooling drinks and medicines. He was lying very much as we had left him, only a little higher, and he seemed both weak and excited.

"Jim," he said, "you're the only one here that's worth anything, and you know I've been always good to you. Never a month but I've given you a silver fourpenny for yourself. And now you see, mate, I'm pretty low, and deserted by all; and Jim, you'll bring me one noggin of rum, now, won't you, matey?"

"The doctor—" I began.

But he broke in cursing the doctor, in a feeble voice but heartily. "Doctors is all swabs," he said; "and that doctor there, why, what do he know about seafaring men? I been in places hot as pitch, and mates dropping round with Yellow Jack, and the blessed land a-heaving like the sea with earthquakes—what to the doctor know of lands like that?—and I lived on rum, I tell you. It's been meat and drink, and man and wife, to me; and if I'm not to have my rum now I'm a poor old hulk on a lee shore, my blood'll be on you, Jim, and that doctor swab"; and he ran on again for a while with curses. "Look, Jim, how my fingers fidges," he continued in the pleading tone. "I can't keep 'em still, not

I. I haven't had a drop this blessed day. That doctor's a fool, I tell you. If I don't have a drain o' rum, Jim, I'll have the horrors; I seen some on 'em already. I seen old Flint in the corner there, behind you; as plain as print, I seen him; and if I get the horrors, I'm a man that has lived rough, and I'll raise Cain. Your doctor hisself said one glass wouldn't hurt me. I'll give you a golden guinea for a noggin, Jim."

He was growing more and more excited, and this alarmed me for my father, who was very low that day and needed quiet; besides, I was reassured by the doctor's words, now quoted to me, and rather offended by the offer of a bribe.

"I want none of your money," said I, "but what you owe my father. I'll get you one glass, and no more."

When I brought it to him, he seized it greedily and drank it out.

"Aye, aye," said he, "that's some better, sure enough. And now, matey, did that doctor say how long I was to lie here in this old berth?"

"A week at least," said I.

"Thunder!" he cried. "A week! I can't do that; they'd have the black spot on me by then. The lubbers is going about to get the wind of me this blessed moment; lubbers as couldn't keep what they got, and want to nail what is another's. Is that seamanly behaviour, now, I want to know? But I'm a saving soul. I never wasted good money of mine, nor lost it neither; and I'll trick 'em again. I'm not

afraid on 'em. I'll shake out another reef, matey, and daddle 'em again."

As he was thus speaking, he had risen from bed with great difficulty, holding to my shoulder with a grip that almost made me cry out, and moving his legs like so much dead weight. His words, spirited as they were in meaning, contrasted sadly with the weakness of the voice in which they were uttered. He paused when he had got into a sitting position on the edge.

"That doctor's done me," he murmured. "My ears is singing. Lay me back."

Before I could do much to help him he had fallen back again to his former place, where he lay for a while silent.

"Jim," he said at length, "you saw that seafaring man today?"

"Black Dog?" I asked.

"Ah! Black Dog," says he. "*He's* a bad un; but there's worse that put him on. Now, if I can't get away nohow, and they tip me the black spot, mind you, it's my old sea-chest they're after; you get on a horse—you can, can't you? Well, then, you get on a horse, and go to—well, yes, I will!—to that eternal doctor swab, and tell him to pipe all hands—magistrates and sich—and he'll lay 'em aboard at the Admiral Benbow—all old Flint's crew, man and boy, all on 'em that's left. I was first mate, I was, old Flint's first mate, and I'm the on'y one as knows the place. He gave it me at Savannah, when he lay a-dying, like as if I was to

now, you see. But you won't peach unless they get the black spot on me, or unless you see that Black Dog again or a seafaring man with one leg, Jim—him above all."

"But what is the black spot, captain?" I asked.

"That's a summons, mate. I'll tell you if they get that. But you keep your weather-eye open, Jim, and I'll share with you equals, upon my honour."

He wandered a little longer, his voice growing weaker; but soon after I had given him his medicine, which he took like a child, with the remark, "If ever a seaman wanted drugs, it's me," he fell at last into a heavy, swoon-like sleep, in which I left him. What I should have done had all gone well I do not know. Probably I should have told the whole story to the doctor, for I was in mortal fear lest the captain should repent of his confessions and make an end of me. But as things fell out, my poor father died quite suddenly that evening, which put all other matters on one side. Our natural distress, the visits of the neighbours, the arranging of the funeral, and all the work of the inn to be carried on in the meanwhile kept me so busy that I had scarcely time to think of the captain, far less to be afraid of him.

He got downstairs next morning, to be sure, and had his meals as usual, though he ate little and had more, I am afraid, than his usual supply of rum, for he helped himself out of the bar, scowling and blowing through his nose, and no one dared to cross him. On the night before the funeral

he was as drunk as ever; and it was shocking, in that house of mourning, to hear him singing away at his ugly old sea-song; but weak as he was, we were all in the fear of death for him, and the doctor was suddenly taken up with a case many miles away and was never near the house after my father's death. I have said the captain was weak, and indeed he seemed rather to grow weaker than regain his strength. He clambered up and down stairs, and went from the parlour to the bar and back again, and sometimes put his nose out of doors to smell the sea, holding on to the walls as he went for support and breathing hard and fast like a man on a steep mountain. He never particularly addressed me, and it is my belief he had as good as forgotten his confidences; but his temper was more flighty, and allowing for his bodily weakness, more violent than ever. He had an alarming way now when he was drunk of drawing his cutlass and laying it bare before him on the table. But with all that, he minded people less and seemed shut up in his own thoughts and rather wandering. Once, for instance, to our extreme wonder, he piped up to a different air, a kind of country love-song that he must have learned in his youth before he had begun to follow the sea.

So things passed until, the day after the funeral, and about three o'clock of a bitter, foggy, frosty afternoon, I was standing at the door for a moment, full of sad thoughts about my father, when I saw someone drawing slowly near along the road. He was plainly blind, for he

tapped before him with a stick and wore a great green shade over his eyes and nose; and he was hunched, as if with age or weakness, and wore a huge old tattered sea-cloak with a hood that made him appear positively deformed. I never saw in my life a more dreadful-looking figure. He stopped a little from the inn, and raising his voice in an odd sing-song, addressed the air in front of him, "Will any kind friend inform a poor blind man, who has lost the precious sight of his eyes in the gracious defence of his native country, England—and God bless King George!—where or in what part of this country he may now be?"

"You are at the Admiral Benbow, Black Hill Cove, my good man," said I.

"I hear a voice," said he, "a young voice. Will you give me your hand, my kind young friend, and lead me in?"

I held out my hand, and the horrible, soft-spoken, eyeless creature gripped it in a moment like a vise. I was so much startled that I struggled to withdraw, but the blind man pulled me close up to him with a single action of his arm.

"Now, boy," he said, "take me in to the captain."

"Sir," said I, "upon my word I dare not."

"Oh," he sneered, "that's it! Take me in straight or I'll break your arm."

And he gave it, as he spoke, a wrench that made me cry out.

"Sir," said I, "it is for yourself I mean. The captain is not what he used to be. He sits with a drawn cutlass. Another gentleman—"

"Come, now, march," interrupted he; and I never heard a voice so cruel, and cold, and ugly as that blind man's. It cowed me more than the pain, and I began to obey him at once, walking straight in at the door and towards the parlour, where our sick old buccaneer was sitting, dazed with rum. The blind man clung close to me, holding me in one iron fist and leaning almost more of his weight on me than I could carry. "Lead me straight up to him, and when I'm in view, cry out, 'Here's a friend for you, Bill.' If you don't, I'll do this," and with that he gave me a twitch that I thought would have made me faint. Between this and that, I was so utterly terrified of the blind beggar that I forgot my terror of the captain, and as I opened the parlour door, cried out the words he had ordered in a trembling voice.

The poor captain raised his eyes, and at one look the rum went out of him and left him staring sober. The expression of his face was not so much of terror as of mortal sickness. He made a movement to rise, but I do not believe he had enough force left in his body.

"Now, Bill, sit where you are," said the beggar. "If I can't see, I can hear a finger stirring. Business is business. Hold out your left hand. Boy, take his left hand by the wrist and bring it near to my right."

We both obeyed him to the letter, and I saw him pass something from the hollow of the hand that held his stick into the palm of the captain's, which closed upon it instantly.

"And now that's done," said the blind man; and at the words he suddenly left hold of me, and with incredible accuracy and nimbleness, skipped out of the parlour and into the road, where, as I still stood motionless, I could hear his stick go tap-tap-tapping into the distance.

It was some time before either I or the captain seemed to gather our senses, but at length, and about at the same moment, I released his wrist, which I was still holding, and he drew in his hand and looked sharply into the palm.

"Ten o'clock!" he cried. "Six hours. We'll do them yet," and he sprang to his feet.

Even as he did so, he reeled, put his hand to his throat, stood swaying for a moment, and then, with a peculiar sound, fell from his whole height face foremost to the floor.

I ran to him at once, calling to my mother. But haste was all in vain. The captain had been struck dead by thundering apoplexy. It is a curious thing to understand, for I had certainly never liked the man, though of late I had begun to pity him, but as soon as I saw that he was dead, I burst into a flood of tears. It was the second death I had known, and the sorrow of the first was still fresh in my heart.

4.

THE SEA-CHEST

I LOST no time, of course, in telling my mother all that I knew, and perhaps should have told her long before, and we saw ourselves at once in a difficult and dangerous position. Some of the man's money—if he had any—was certainly due to us, but it was not likely that our captain's shipmates, above all the two specimens seen by me, Black Dog and the blind beggar, would be inclined to give up their booty in payment of the dead man's debts. The captain's order to mount at once and ride for Doctor Livesey would have left my mother alone and unprotected, which was not to be thought of. Indeed, it seemed impossible for either of us to remain much longer in the house; the fall of coals in the kitchen grate, the very ticking of the clock, filled us with alarms. The neighbourhood, to our ears, seemed haunted by approaching footsteps; and what between the dead body of the captain on the parlour floor and the thought of that detestable blind beggar hovering near at hand and ready to return, there were moments when, as the saying goes, I jumped in my skin for terror. Something must speedily be resolved upon, and it occurred to us at last to go forth together and seek help in the neighbouring hamlet. No

sooner said than done. Bare-headed as we were, we ran out at once in the gathering evening and the frosty fog.

The hamlet lay not many hundred yards away, though out of view, on the other side of the next cove; and what greatly encouraged me, it was in an opposite direction from that whence the blind man had made his appearance and whither he had presumably returned. We were not many minutes on the road, though we sometimes stopped to lay hold of each other and hearken. But there was no unusual sound—nothing but the low wash of the ripple and the croaking of the inmates of the wood.

It was already candle-light when we reached the hamlet, and I shall never forget how much I was cheered to see the yellow shine in doors and windows; but that, as it proved, was the best of the help we were likely to get in that quarter. For—you would have thought men would have been ashamed of themselves—no soul would consent to return with us to the Admiral Benbow. The more we told of our troubles, the more—man, woman, and child—they clung to the shelter of their houses. The name of Captain Flint, though it was strange to me, was well enough known to some there and carried a great weight of terror. Some of the men who had been to field-work on the far side of the Admiral Benbow remembered, besides, to have seen several strangers on the road, and taking them to be smugglers, to have bolted away; and one at least had seen a little lugger in what we called Kitt's Hole. For that

matter, anyone who was a comrade of the captain's was enough to frighten them to death. And the short and the long of the matter was, that while we could get several who were willing enough to ride to Dr. Livesey's, which lay in another direction, not one would help us to defend the inn.

They say cowardice is infectious; but then argument is, on the other hand, a great emboldener; and so when each had said his say, my mother made them a speech. She would not, she declared, lose money that belonged to her fatherless boy; "If none of the rest of you dare," she said, "Jim and I dare. Back we will go, the way we came, and small thanks to you big, hulking, chicken-hearted men. We'll have that chest open, if we die for it. And I'll thank you for that bag, Mrs. Crossley, to bring back our lawful money in."

Of course I said I would go with my mother, and of course they all cried out at our foolhardiness, but even then not a man would go along with us. All they would do was to give me a loaded pistol lest we were attacked, and to promise to have horses ready saddled in case we were pursued on our return, while one lad was to ride forward to the doctor's in search of armed assistance.

My heart was beating finely when we two set forth in the cold night upon this dangerous venture. A full moon was beginning to rise and peered redly through the upper edges of the fog, and this increased our haste, for it was plain, before we came forth again, that all would be as

bright as day, and our departure exposed to the eyes of any watchers. We slipped along the hedges, noiseless and swift, nor did we see or hear anything to increase our terrors, till, to our relief, the door of the Admiral Benbow had closed behind us.

I slipped the bolt at once, and we stood and panted for a moment in the dark, alone in the house with the dead captain's body. Then my mother got a candle in the bar, and holding each other's hands, we advanced into the parlour. He lay as we had left him, on his back, with his eyes open and one arm stretched out.

"Draw down the blind, Jim," whispered my mother; "they might come and watch outside. And now," said she when I had done so, "we have to get the key off *that*; and who's to touch it, I should like to know!" and she gave a kind of sob as she said the words.

I went down on my knees at once. On the floor close to his hand there was a little round of paper, blackened on the one side. I could not doubt that this was the *black spot*; and taking it up, I found written on the other side, in a very good, clear hand, this short message: "You have till ten tonight."

"He had till ten, Mother," said I; and just as I said it, our old clock began striking. This sudden noise startled us shockingly; but the news was good, for it was only six.

"Now, Jim," she said, "that key."

I felt in his pockets, one after another. A few small coins, a thimble, and some thread and big needles, a piece of pigtail tobacco bitten away at the end, his gully with the crooked handle, a pocket compass, and a tinder box were all that they contained, and I began to despair.

"Perhaps it's round his neck," suggested my mother.

Overcoming a strong repugnance, I tore open his shirt at the neck, and there, sure enough, hanging to a bit of tarry string, which I cut with his own gully, we found the key. At this triumph we were filled with hope and hurried upstairs without delay to the little room where he had slept so long and where his box had stood since the day of his arrival.

It was like any other seaman's chest on the outside, the initial "B" burned on the top of it with a hot iron, and the corners somewhat smashed and broken as by long, rough usage.

"Give me the key," said my mother; and though the lock was very stiff, she had turned it and thrown back the lid in a twinkling.

A strong smell of tobacco and tar rose from the interior, but nothing was to be seen on the top except a suit of very good clothes, carefully brushed and folded. They had never been worn, my mother said. Under that, the miscellany began—a quadrant, a tin canikin, several sticks of tobacco, two brace of very handsome pistols, a piece of bar silver, an old Spanish watch and some other

trinkets of little value and mostly of foreign make, a pair of compasses mounted with brass, and five or six curious West Indian shells. I have often wondered since why he should have carried about these shells with him in his wandering, guilty, and hunted life.

In the meantime, we had found nothing of any value but the silver and the trinkets, and neither of these were in our way. Underneath there was an old boat-cloak, whitened with sea-salt on many a harbour-bar. My mother pulled it up with impatience, and there lay before us, the last things in the chest, a bundle tied up in oilcloth, and looking like papers, and a canvas bag that gave forth, at a touch, the jingle of gold.

"I'll show these rogues that I'm an honest woman," said my mother. "I'll have my dues, and not a farthing over. Hold Mrs. Crossley's bag." And she began to count over the amount of the captain's score from the sailor's bag into the one that I was holding.

It was a long, difficult business, for the coins were of all countries and sizes—doubloons, and louis d'ors, and guineas, and pieces of eight, and I know not what besides, all shaken together at random. The guineas, too, were about the scarcest, and it was with these only that my mother knew how to make her count.

When we were about half-way through, I suddenly put my hand upon her arm, for I had heard in the silent frosty air a sound that brought my heart into my mouth—the

tap-tapping of the blind man's stick upon the frozen road. It drew nearer and nearer, while we sat holding our breath. Then it struck sharp on the inn door, and then we could hear the handle being turned and the bolt rattling as the wretched being tried to enter; and then there was a long time of silence both within and without. At last the tapping recommenced, and, to our indescribable joy and gratitude, died slowly away again until it ceased to be heard.

"Mother," said I, "take the whole and let's be going," for I was sure the bolted door must have seemed suspicious and would bring the whole hornet's nest about our ears, though how thankful I was that I had bolted it, none could tell who had never met that terrible blind man.

But my mother, frightened as she was, would not consent to take a fraction more than was due to her and was obstinately unwilling to be content with less. It was not yet seven, she said, by a long way; she knew her rights and she would have them; and she was still arguing with me when a little low whistle sounded a good way off upon the hill. That was enough, and more than enough, for both of us.

"I'll take what I have," she said, jumping to her feet.

"And I'll take this to square the count," said I, picking up the oilskin packet.

Next moment we were both groping downstairs, leaving the candle by the empty chest; and the next we had

opened the door and were in full retreat. We had not started a moment too soon. The fog was rapidly dispersing; already the moon shone quite clear on the high ground on either side; and it was only in the exact bottom of the dell and round the tavern door that a thin veil still hung unbroken to conceal the first steps of our escape. Far less than half-way to the hamlet, very little beyond the bottom of the hill, we must come forth into the moonlight. Nor was this all, for the sound of several footsteps running came already to our ears, and as we looked back in their direction, a light tossing to and fro and still rapidly advancing showed that one of the newcomers carried a lantern.

"My dear," said my mother suddenly, "take the money and run on. I am going to faint."

This was certainly the end for both of us, I thought. How I cursed the cowardice of the neighbours; how I blamed my poor mother for her honesty and her greed, for her past foolhardiness and present weakness! We were just at the little bridge, by good fortune; and I helped her, tottering as she was, to the edge of the bank, where, sure enough, she gave a sigh and fell on my shoulder. I do not know how I found the strength to do it at all, and I am afraid it was roughly done, but I managed to drag her down the bank and a little way under the arch. Farther I could not move her, for the bridge was too low to let me do more than crawl below it. So there we had to stay—my mother

almost entirely exposed and both of us within earshot of the inn.

5.

THE LAST OF THE BLIND MAN

MY curiosity, in a sense, was stronger than my fear, for I could not remain where I was, but crept back to the bank again, whence, sheltering my head behind a bush of broom, I might command the road before our door. I was scarcely in position ere my enemies began to arrive, seven or eight of them, running hard, their feet beating out of time along the road and the man with the lantern some paces in front. Three men ran together, hand in hand; and I made out, even through the mist, that the middle man of this trio was the blind beggar. The next moment his voice showed me that I was right.

"Down with the door!" he cried.

"Aye, aye, sir!" answered two or three; and a rush was made upon the Admiral Benbow, the lantern-bearer following; and then I could see them pause, and hear speeches passed in a lower key, as if they were surprised to find the door open. But the pause was brief, for the blind man again issued his commands. His voice sounded louder and higher, as if he were afire with eagerness and rage.

"In, in, in!" he shouted, and cursed them for their delay.

Four or five of them obeyed at once, two remaining on the road with the formidable beggar. There was a pause,

then a cry of surprise, and then a voice shouting from the house, "Bill's dead."

But the blind man swore at them again for their delay.

"Search him, some of you shirking lubbers, and the rest of you aloft and get the chest," he cried.

I could hear their feet rattling up our old stairs, so that the house must have shook with it. Promptly afterwards, fresh sounds of astonishment arose; the window of the captain's room was thrown open with a slam and a jingle of broken glass, and a man leaned out into the moonlight, head and shoulders, and addressed the blind beggar on the road below him.

"Pew," he cried, "they've been before us. Someone's turned the chest out alow and aloft."

"Is it there?" roared Pew.

"The money's there."

The blind man cursed the money.

"Flint's fist, I mean," he cried.

"We don't see it here nohow," returned the man.

"Here, you below there, is it on Bill?" cried the blind man again.

At that another fellow, probably him who had remained below to search the captain's body, came to the door of the inn. "Bill's been overhauled a'ready," said he; "nothin' left."

"It's these people of the inn—it's that boy. I wish I had put his eyes out!" cried the blind man, Pew. "There were no

time ago—they had the door bolted when I tried it. Scatter, lads, and find 'em."

"Sure enough, they left their glim here," said the fellow from the window.

"Scatter and find 'em! Rout the house out!" reiterated Pew, striking with his stick upon the road.

Then there followed a great to-do through all our old inn, heavy feet pounding to and fro, furniture thrown over, doors kicked in, until the very rocks re-echoed and the men came out again, one after another, on the road and declared that we were nowhere to be found. And just the same whistle that had alarmed my mother and myself over the dead captain's money was once more clearly audible through the night, but this time twice repeated. I had thought it to be the blind man's trumpet, so to speak, summoning his crew to the assault, but I now found that it was a signal from the hillside towards the hamlet, and from its effect upon the buccaneers, a signal to warn them of approaching danger.

"There's Dirk again," said one. "Twice! We'll have to budge, mates."

"Budge, you skulk!" cried Pew. "Dirk was a fool and a coward from the first—you wouldn't mind him. They must be close by; they can't be far; you have your hands on it. Scatter and look for them, dogs! Oh, shiver my soul," he cried, "if I had eyes!"

This appeal seemed to produce some effect, for two of the fellows began to look here and there among the lumber, but half-heartedly, I thought, and with half an eye to their own danger all the time, while the rest stood irresolute on the road.

"You have your hands on thousands, you fools, and you hang a leg! You'd be as rich as kings if you could find it, and you know it's here, and you stand there skulking. There wasn't one of you dared face Bill, and I did it—a blind man! And I'm to lose my chance for you! I'm to be a poor, crawling beggar, sponging for rum, when I might be rolling in a coach! If you had the pluck of a weevil in a biscuit you would catch them still."

"Hang it, Pew, we've got the doubloons!" grumbled one.

"They might have hid the blessed thing," said another. "Take the Georges, Pew, and don't stand here squalling."

Squalling was the word for it; Pew's anger rose so high at these objections till at last, his passion completely taking the upper hand, he struck at them right and left in his blindness and his stick sounded heavily on more than one.

These, in their turn, cursed back at the blind miscreant, threatened him in horrid terms, and tried in vain to catch the stick and wrest it from his grasp.

This quarrel was the saving of us, for while it was still raging, another sound came from the top of the hill on the

side of the hamlet—the tramp of horses galloping. Almost at the same time a pistol-shot, flash and report, came from the hedge side. And that was plainly the last signal of danger, for the buccaneers turned at once and ran, separating in every direction, one seaward along the cove, one slant across the hill, and so on, so that in half a minute not a sign of them remained but Pew. Him they had deserted, whether in sheer panic or out of revenge for his ill words and blows I know not; but there he remained behind, tapping up and down the road in a frenzy, and groping and calling for his comrades. Finally he took a wrong turn and ran a few steps past me, towards the hamlet, crying, "Johnny, Black Dog, Dirk," and other names, "you won't leave old Pew, mates—not old Pew!"

Just then the noise of horses topped the rise, and four or five riders came in sight in the moonlight and swept at full gallop down the slope.

At this Pew saw his error, turned with a scream, and ran straight for the ditch, into which he rolled. But he was on his feet again in a second and made another dash, now utterly bewildered, right under the nearest of the coming horses.

The rider tried to save him, but in vain. Down went Pew with a cry that rang high into the night; and the four hoofs trampled and spurned him and passed by. He fell on his side, then gently collapsed upon his face and moved no more.

I leaped to my feet and hailed the riders. They were pulling up, at any rate, horrified at the accident; and I soon saw what they were. One, tailing out behind the rest, was a lad that had gone from the hamlet to Dr. Livesey's; the rest were revenue officers, whom he had met by the way, and with whom he had had the intelligence to return at once. Some news of the lugger in Kitt's Hole had found its way to Supervisor Dance and set him forth that night in our direction, and to that circumstance my mother and I owed our preservation from death.

Pew was dead, stone dead. As for my mother, when we had carried her up to the hamlet, a little cold water and salts and that soon brought her back again, and she was none the worse for her terror, though she still continued to deplore the balance of the money. In the meantime the supervisor rode on, as fast as he could, to Kitt's Hole; but his men had to dismount and grope down the dingle, leading, and sometimes supporting, their horses, and in continual fear of ambushes; so it was no great matter for surprise that when they got down to the Hole the lugger was already under way, though still close in. He hailed her. A voice replied, telling him to keep out of the moonlight or he would get some lead in him, and at the same time a bullet whistled close by his arm. Soon after, the lugger doubled the point and disappeared. Mr. Dance stood there, as he said, "like a fish out of water," and all he could do was to dispatch a man to B— to warn the cutter. "And that,"

said he, "is just about as good as nothing. They've got off clean, and there's an end. Only," he added, "I'm glad I trod on Master Pew's corns," for by this time he had heard my story.

I went back with him to the Admiral Benbow, and you cannot imagine a house in such a state of smash; the very clock had been thrown down by these fellows in their furious hunt after my mother and myself; and though nothing had actually been taken away except the captain's money-bag and a little silver from the till, I could see at once that we were ruined. Mr. Dance could make nothing of the scene.

"They got the money, you say? Well, then, Hawkins, what in fortune were they after? More money, I suppose?"

"No, sir; not money, I think," replied I. "In fact, sir, I believe I have the thing in my breast pocket; and to tell you the truth, I should like to get it put in safety."

"To be sure, boy; quite right," said he. "I'll take it, if you like."

"I thought perhaps Dr. Livesey—" I began.

"Perfectly right," he interrupted very cheerily, "perfectly right—a gentleman and a magistrate. And, now I come to think of it, I might as well ride round there myself and report to him or squire. Master Pew's dead, when all's done; not that I regret it, but he's dead, you see, and people will make it out against an officer of his Majesty's

revenue, if make it out they can. Now, I'll tell you, Hawkins, if you like, I'll take you along."

I thanked him heartily for the offer, and we walked back to the hamlet where the horses were. By the time I had told mother of my purpose they were all in the saddle.

"Dogger," said Mr. Dance, "you have a good horse; take up this lad behind you."

As soon as I was mounted, holding on to Dogger's belt, the supervisor gave the word, and the party struck out at a bouncing trot on the road to Dr. Livesey's house.

6.

THE CAPTAIN'S PAPERS

HE rode hard all the way till we drew up before Dr. Livesey's door. The house was all dark to the front.

Mr. Dance told me to jump down and knock, and Dogger gave me a stirrup to descend by. The door was opened almost at once by the maid.

"Is Dr. Livesey in?" I asked.

No, she said, he had come home in the afternoon but had gone up to the hall to dine and pass the evening with the squire.

"So there we go, boys," said Mr. Dance.

This time, as the distance was short, I did not mount, but ran with Dogger's stirrup-leather to the lodge gates and up the long, leafless, moonlit avenue to where the white line of the hall buildings looked on either hand on great old gardens. Here Mr. Dance dismounted, and taking me along with him, was admitted at a word into the house.

The servant led us down a matted passage and showed us at the end into a great library, all lined with bookcases and busts upon the top of them, where the squire and Dr. Livesey sat, pipe in hand, on either side of a bright fire.

I had never seen the squire so near at hand. He was a tall man, over six feet high, and broad in proportion, and he had a bluff, rough-and-ready face, all roughened and

reddened and lined in his long travels. His eyebrows were very black, and moved readily, and this gave him a look of some temper, not bad, you would say, but quick and high.

"Come in, Mr. Dance," says he, very stately and condescending.

"Good evening, Dance," says the doctor with a nod. "And good evening to you, friend Jim. What good wind brings you here?"

The supervisor stood up straight and stiff and told his story like a lesson; and you should have seen how the two gentlemen leaned forward and looked at each other, and forgot to smoke in their surprise and interest. When they heard how my mother went back to the inn, Dr. Livesey fairly slapped his thigh, and the squire cried "Bravo!" and broke his long pipe against the grate. Long before it was done, Mr. Trelawney (that, you will remember, was the squire's name) had got up from his seat and was striding about the room, and the doctor, as if to hear the better, had taken off his powdered wig and sat there looking very strange indeed with his own close-cropped black poll.

At last Mr. Dance finished the story.

"Mr. Dance," said the squire, "you are a very noble fellow. And as for riding down that black, atrocious miscreant, I regard it as an act of virtue, sir, like stamping on a cockroach. This lad Hawkins is a trump, I perceive. Hawkins, will you ring that bell? Mr. Dance must have some ale."

"And so, Jim," said the doctor, "you have the thing that they were after, have you?"

"Here it is, sir," said I, and gave him the oilskin packet.

The doctor looked it all over, as if his fingers were itching to open it; but instead of doing that, he put it quietly in the pocket of his coat.

"Squire," said he, "when Dance has had his ale he must, of course, be off on his Majesty's service; but I mean to keep Jim Hawkins here to sleep at my house, and with your permission, I propose we should have up the cold pie and let him sup."

"As you will, Livesey," said the squire; "Hawkins has earned better than cold pie."

So a big pigeon pie was brought in and put on a sidetable, and I made a hearty supper, for I was as hungry as a hawk, while Mr. Dance was further complimented and at last dismissed.

"And now, squire," said the doctor.

"And now, Livesey," said the squire in the same breath.

"One at a time, one at a time," laughed Dr. Livesey.

"You have heard of this Flint, I suppose?"

"Heard of him!" cried the squire. "Heard of him, you say! He was the bloodthirstiest buccaneer that sailed. Blackbeard was a child to Flint. The Spaniards were so prodigiously afraid of him that, I tell you, sir, I was sometimes proud he was an Englishman. I've seen his top-sails with these eyes, off Trinidad, and the cowardly

son of a rum-puncheon that I sailed with put back—put back, sir, into Port of Spain."

"Well, I've heard of him myself, in England," said the doctor. "But the point is, had he money?"

"Money!" cried the squire. "Have you heard the story? What were these villains after but money? What do they care for but money? For what would they risk their rascal carcasses but money?"

"That we shall soon know," replied the doctor. "But you are so confoundedly hot-headed and exclamatory that I cannot get a word in. What I want to know is this: Supposing that I have here in my pocket some clue to where Flint buried his treasure, will that treasure amount to much?"

"Amount, sir!" cried the squire. "It will amount to this: If we have the clue you talk about, I fit out a ship in Bristol dock, and take you and Hawkins here along, and I'll have that treasure if I search a year."

"Very well," said the doctor. "Now, then, if Jim is agreeable, we'll open the packet"; and he laid it before him on the table.

The bundle was sewn together, and the doctor had to get out his instrument case and cut the stitches with his medical scissors. It contained two things—a book and a sealed paper.

"First of all we'll try the book," observed the doctor.

The squire and I were both peering over his shoulder as he opened it, for Dr. Livesey had kindly motioned me to come round from the side-table, where I had been eating, to enjoy the sport of the search. On the first page there were only some scraps of writing, such as a man with a pen in his hand might make for idleness or practice. One was the same as the tattoo mark, "Billy Bones his fancy"; then there was "Mr. W. Bones, mate," "No more rum," "Off Palm Key he got itt," and some other snatches, mostly single words and unintelligible. I could not help wondering who it was that had "got itt," and what "itt" was that he got. A knife in his back as like as not.

"Not much instruction there," said Dr. Livesey as he passed on.

The next ten or twelve pages were filled with a curious series of entries. There was a date at one end of the line and at the other a sum of money, as in common account-books, but instead of explanatory writing, only a varying number of crosses between the two. On the 12th of June, 1745, for instance, a sum of seventy pounds had plainly become due to someone, and there was nothing but six crosses to explain the cause. In a few cases, to be sure, the name of a place would be added, as "Offe Caraccas," or a mere entry of latitude and longitude, as "62o 17' 20", 19o 2' 40".

The record lasted over nearly twenty years, the amount of the separate entries growing larger as time went

on, and at the end a grand total had been made out after five or six wrong additions, and these words appended, "Bones, his pile."

"I can't make head or tail of this," said Dr. Livesey.

"The thing is as clear as noonday," cried the squire. "This is the black-hearted hound's account-book. These crosses stand for the names of ships or towns that they sank or plundered. The sums are the scoundrel's share, and where he feared an ambiguity, you see he added something clearer. 'Offe Caraccas,' now; you see, here was some unhappy vessel boarded off that coast. God help the poor souls that manned her—coral long ago."

"Right!" said the doctor. "See what it is to be a traveller. Right! And the amounts increase, you see, as he rose in rank."

There was little else in the volume but a few bearings of places noted in the blank leaves towards the end and a table for reducing French, English, and Spanish moneys to a common value.

"Thrifty man!" cried the doctor. "He wasn't the one to be cheated."

"And now," said the squire, "for the other."

The paper had been sealed in several places with a thimble by way of seal; the very thimble, perhaps, that I had found in the captain's pocket. The doctor opened the seals with great care, and there fell out the map of an island, with latitude and longitude, soundings, names of

hills and bays and inlets, and every particular that would be needed to bring a ship to a safe anchorage upon its shores. It was about nine miles long and five across, shaped, you might say, like a fat dragon standing up, and had two fine land-locked harbours, and a hill in the centre part marked "The Spy-glass." There were several additions of a later date, but above all, three crosses of red ink—two on the north part of the island, one in the southwest—and beside this last, in the same red ink, and in a small, neat hand, very different from the captain's tottery characters, these words: "Bulk of treasure here."

Over on the back the same hand had written this further information:

Tall tree, Spy-glass shoulder, bearing a point to the N. of N.N.E.

Skeleton Island E.S.E. and by E.

Ten feet.

The bar silver is in the north cache; you can find it by the trend of the east hummock, ten fathoms south of the black crag with the face on it.

The arms are easy found, in the sand-hill, N. point of north inlet cape, bearing E. and a quarter N.

J.F.

That was all; but brief as it was, and to me incomprehensible, it filled the squire and Dr. Livesey with delight.

"Livesey," said the squire, "you will give up this wretched practice at once. Tomorrow I start for Bristol. In three weeks' time—three weeks!—two weeks—ten days—we'll have the best ship, sir, and the choicest crew in England. Hawkins shall come as cabin-boy. You'll make a famous cabin-boy, Hawkins. You, Livesey, are ship's doctor; I am admiral. We'll take Redruth, Joyce, and Hunter. We'll have favourable winds, a quick passage, and not the least difficulty in finding the spot, and money to eat, to roll in, to play duck and drake with ever after."

"Trelawney," said the doctor, "I'll go with you; and I'll go bail for it, so will Jim, and be a credit to the undertaking. There's only one man I'm afraid of."

"And who's that?" cried the squire. "Name the dog, sir!"

"You," replied the doctor; "for you cannot hold your tongue. We are not the only men who know of this paper. These fellows who attacked the inn tonight—bold, desperate blades, for sure—and the rest who stayed aboard that lugger, and more, I dare say, not far off, are, one and all, through thick and thin, bound that they'll get that money. We must none of us go alone till we get to sea. Jim and I shall stick together in the meanwhile; you'll take Joyce and Hunter when you ride to Bristol, and from first to last, not one of us must breathe a word of what we've found."

"Livesey," returned the squire, "you are always in the right of it. I'll be as silent as the grave."

PART TWO
THE SEA-COOK

7.

I GO TO BRISTOL

IT was longer than the squire imagined ere we were ready for the sea, and none of our first plans—not even Dr. Livesey's, of keeping me beside him—could be carried out as we intended. The doctor had to go to London for a physician to take charge of his practice; the squire was hard at work at Bristol; and I lived on at the hall under the charge of old Redruth, the gamekeeper, almost a prisoner, but full of sea-dreams and the most charming anticipations of strange islands and adventures. I brooded by the hour together over the map, all the details of which I well remembered. Sitting by the fire in the housekeeper's room, I approached that island in my fancy from every possible direction; I explored every acre of its surface; I climbed a thousand times to that tall hill they call the Spy-glass, and from the top enjoyed the most wonderful and changing prospects. Sometimes the isle was thick with savages, with whom we fought, sometimes full of dangerous animals that hunted us, but in all my fancies nothing occurred to me so strange and tragic as our actual adventures.

So the weeks passed on, till one fine day there came a letter addressed to Dr. Livesey, with this addition, "To be opened, in the case of his absence, by Tom Redruth or

young Hawkins." Obeying this order, we found, or rather I found—for the gamekeeper was a poor hand at reading anything but print—the following important news:

Old Anchor Inn, Bristol, March 1, 17—

Dear Livesey—As I do not know whether you are at the hall or still in London, I send this in double to both places.

The ship is bought and fitted. She lies at anchor, ready for sea. You never imagined a sweeter schooner—a child might sail her—two hundred tons; name, Hispaniola.

I got her through my old friend, Blandly, who has proved himself throughout the most surprising trump. The admirable fellow literally slaved in my interest, and so, I may say, did everyone in Bristol, as soon as they got wind of the port we sailed for—treasure, I mean.

"Redruth," said I, interrupting the letter, "Dr. Livesey will not like that. The squire has been talking, after all."

"Well, who's a better right?" growled the gamekeeper. "A pretty rum go if squire ain't to talk for Dr. Livesey, I should think."

At that I gave up all attempts at commentary and read straight on:

Blandly himself found the Hispaniola, and by the most admirable management got her for the merest

trifle. There is a class of men in Bristol monstrously prejudiced against Blandly. They go the length of declaring that this honest creature would do anything for money, that the Hispaniolabelonged to him, and that he sold it me absurdly high—the most transparent calumnies. None of them dare, however, to deny the merits of the ship.

So far there was not a hitch. The workpeople, to be sure—riggers and what not—were most annoyingly slow; but time cured that. It was the crew that troubled me.

I wished a round score of men—in case of natives, buccaneers, or the odious French—and I had the worry of the deuce itself to find so much as half a dozen, till the most remarkable stroke of fortune brought me the very man that I required.

I was standing on the dock, when, by the merest accident, I fell in talk with him. I found he was an old sailor, kept a public-house, knew all the seafaring men in Bristol, had lost his health ashore, and wanted a good berth as cook to get to sea again. He had hobbled down there that morning, he said, to get a smell of the salt.

I was monstrously touched—so would you have been—and, out of pure pity, I engaged him on the spot to be ship's cook. Long John Silver, he is called, and has lost a leg; but that I regarded as a

recommendation, since he lost it in his country's service, under the immortal Hawke. He has no pension, Livesey. Imagine the abominable age we live in!

Well, sir, I thought I had only found a cook, but it was a crew I had discovered. Between Silver and myself we got together in a few days a company of the toughest old salts imaginable—not pretty to look at, but fellows, by their faces, of the most indomitable spirit. I declare we could fight a frigate.

Long John even got rid of two out of the six or seven I had already engaged. He showed me in a moment that they were just the sort of fresh-water swabs we had to fear in an adventure of importance.

I am in the most magnificent health and spirits, eating like a bull, sleeping like a tree, yet I shall not enjoy a moment till I hear my old tarpaulins tramping round the capstan. Seaward, ho! Hang the treasure! It's the glory of the sea that has turned my head. So now, Livesey, come post; do not lose an hour, if you respect me.

Let young Hawkins go at once to see his mother, with Redruth for a guard; and then both come full speed to Bristol.

John Trelawney

Postscript—I did not tell you that Blandly, who, by the way, is to send a consort after us if we don't turn up by the end of August, had found an admirable fellow for sailing master—a stiff man, which I regret, but in all other respects a treasure. Long John Silver unearthed a very competent man for a mate, a man named Arrow. I have a boatswain who pipes, Livesey; so things shall go man-o'-war fashion on board the good ship Hispaniola.

I forgot to tell you that Silver is a man of substance; I know of my own knowledge that he has a banker's account, which has never been overdrawn. He leaves his wife to manage the inn; and as she is a woman of colour, a pair of old bachelors like you and I may be excused for guessing that it is the wife, quite as much as the health, that sends him back to roving.

J. T.

P.P.S.—Hawkins may stay one night with his mother.

J. T.

You can fancy the excitement into which that letter put me. I was half beside myself with glee; and if ever I despised a man, it was old Tom Redruth, who could do nothing but grumble and lament. Any of the under-gamekeepers would gladly have changed places with him; but such was not the squire's pleasure, and the

squire's pleasure was like law among them all. Nobody but old Redruth would have dared so much as even to grumble.

The next morning he and I set out on foot for the Admiral Benbow, and there I found my mother in good health and spirits. The captain, who had so long been a cause of so much discomfort, was gone where the wicked cease from troubling. The squire had had everything repaired, and the public rooms and the sign repainted, and had added some furniture—above all a beautiful armchair for mother in the bar. He had found her a boy as an apprentice also so that she should not want help while I was gone.

It was on seeing that boy that I understood, for the first time, my situation. I had thought up to that moment of the adventures before me, not at all of the home that I was leaving; and now, at sight of this clumsy stranger, who was to stay here in my place beside my mother, I had my first attack of tears. I am afraid I led that boy a dog's life, for as he was new to the work, I had a hundred opportunities of setting him right and putting him down, and I was not slow to profit by them.

The night passed, and the next day, after dinner, Redruth and I were afoot again and on the road. I said good-bye to Mother and the cove where I had lived since I was born, and the dear old Admiral Benbow—since he was repainted, no longer quite so dear. One of my last thoughts was of the captain, who had so often strode along the

beach with his cocked hat, his sabre-cut cheek, and his old brass telescope. Next moment we had turned the corner and my home was out of sight.

The mail picked us up about dusk at the Royal George on the heath. I was wedged in between Redruth and a stout old gentleman, and in spite of the swift motion and the cold night air, I must have dozed a great deal from the very first, and then slept like a log up hill and down dale through stage after stage, for when I was awakened at last it was by a punch in the ribs, and I opened my eyes to find that we were standing still before a large building in a city street and that the day had already broken a long time.

"Where are we?" I asked.

"Bristol," said Tom. "Get down."

Mr. Trelawney had taken up his residence at an inn far down the docks to superintend the work upon the schooner. Thither we had now to walk, and our way, to my great delight, lay along the quays and beside the great multitude of ships of all sizes and rigs and nations. In one, sailors were singing at their work, in another there were men aloft, high over my head, hanging to threads that seemed no thicker than a spider's. Though I had lived by the shore all my life, I seemed never to have been near the sea till then. The smell of tar and salt was something new. I saw the most wonderful figureheads, that had all been far over the ocean. I saw, besides, many old sailors, with rings in their ears, and whiskers curled in ringlets, and tarry

pigtails, and their swaggering, clumsy sea-walk; and if I had seen as many kings or archbishops I could not have been more delighted.

And I was going to sea myself, to sea in a schooner, with a piping boatswain and pig-tailed singing seamen, to sea, bound for an unknown island, and to seek for buried treasure!

While I was still in this delightful dream, we came suddenly in front of a large inn and met Squire Trelawney, all dressed out like a sea-officer, in stout blue cloth, coming out of the door with a smile on his face and a capital imitation of a sailor's walk.

"Here you are," he cried, "and the doctor came last night from London. Bravo! The ship's company complete!"

"Oh, sir," cried I, "when do we sail?"

"Sail!" says he. "We sail tomorrow!"

8.

AT THE SIGN OF THE SPY-GLASS

WHEN I had done breakfasting the squire gave me a note addressed to John Silver, at the sign of the Spy-glass, and told me I should easily find the place by following the line of the docks and keeping a bright lookout for a little tavern with a large brass telescope for sign. I set off, overjoyed at this opportunity to see some more of the ships and seamen, and picked my way among a great crowd of people and carts and bales, for the dock was now at its busiest, until I found the tavern in question.

It was a bright enough little place of entertainment. The sign was newly painted; the windows had neat red curtains; the floor was cleanly sanded. There was a street on each side and an open door on both, which made the large, low room pretty clear to see in, in spite of clouds of tobacco smoke.

The customers were mostly seafaring men, and they talked so loudly that I hung at the door, almost afraid to enter.

As I was waiting, a man came out of a side room, and at a glance I was sure he must be Long John. His left leg was cut off close by the hip, and under the left shoulder he carried a crutch, which he managed with wonderful dexterity, hopping about upon it like a bird. He was very

tall and strong, with a face as big as a ham—plain and pale, but intelligent and smiling. Indeed, he seemed in the most cheerful spirits, whistling as he moved about among the tables, with a merry word or a slap on the shoulder for the more favoured of his guests.

Now, to tell you the truth, from the very first mention of Long John in Squire Trelawney's letter I had taken a fear in my mind that he might prove to be the very one-legged sailor whom I had watched for so long at the old Benbow. But one look at the man before me was enough. I had seen the captain, and Black Dog, and the blind man, Pew, and I thought I knew what a buccaneer was like—a very different creature, according to me, from this clean and pleasant-tempered landlord.

I plucked up courage at once, crossed the threshold, and walked right up to the man where he stood, propped on his crutch, talking to a customer.

"Mr. Silver, sir?" I asked, holding out the note.

"Yes, my lad," said he; "such is my name, to be sure. And who may you be?" And then as he saw the squire's letter, he seemed to me to give something almost like a start.

"Oh!" said he, quite loud, and offering his hand. "I see. You are our new cabin-boy; pleased I am to see you."

And he took my hand in his large firm grasp.

Just then one of the customers at the far side rose suddenly and made for the door. It was close by him, and

he was out in the street in a moment. But his hurry had attracted my notice, and I recognized him at glance. It was the tallow-faced man, wanting two fingers, who had come first to the Admiral Benbow.

"Oh," I cried, "stop him! It's Black Dog!"

"I don't care two coppers who he is," cried Silver. "But he hasn't paid his score. Harry, run and catch him."

One of the others who was nearest the door leaped up and started in pursuit.

"If he were Admiral Hawke he shall pay his score," cried Silver; and then, relinquishing my hand, "Who did you say he was?" he asked. "Black what?"

"Dog, sir," said I. "Has Mr. Trelawney not told you of the buccaneers? He was one of them."

"So?" cried Silver. "In my house! Ben, run and help Harry. One of those swabs, was he? Was that you drinking with him, Morgan? Step up here."

The man whom he called Morgan—an old, grey-haired, mahogany-faced sailor—came forward pretty sheepishly, rolling his quid.

"Now, Morgan," said Long John very sternly, "you never clapped your eyes on that Black—Black Dog before, did you, now?"

"Not I, sir," said Morgan with a salute.

"You didn't know his name, did you?"

"No, sir."

"By the powers, Tom Morgan, it's as good for you!" exclaimed the landlord. "If you had been mixed up with the like of that, you would never have put another foot in my house, you may lay to that. And what was he saying to you?"

"I don't rightly know, sir," answered Morgan.

"Do you call that a head on your shoulders, or a blessed dead-eye?" cried Long John. "Don't rightly know, don't you! Perhaps you don't happen to rightly know who you was speaking to, perhaps? Come, now, what was he jawing—v'yages, cap'ns, ships? Pipe up! What was it?"

"We was a-talkin' of keel-hauling," answered Morgan.

"Keel-hauling, was you? And a mighty suitable thing, too, and you may lay to that. Get back to your place for a lubber, Tom."

And then, as Morgan rolled back to his seat, Silver added to me in a confidential whisper that was very flattering, as I thought, "He's quite an honest man, Tom Morgan, on'y stupid. And now," he ran on again, aloud, "let's see—Black Dog? No, I don't know the name, not I. Yet I kind of think I've—yes, I've seen the swab. He used to come here with a blind beggar, he used."

"That he did, you may be sure," said I. "I knew that blind man too. His name was Pew."

"It was!" cried Silver, now quite excited. "Pew! That were his name for certain. Ah, he looked a shark, he did! If we run down this Black Dog, now, there'll be news for

Cap'n Trelawney! Ben's a good runner; few seamen run better than Ben. He should run him down, hand over hand, by the powers! He talked o' keel-hauling, did he? *I'll* keel-haul him!"

All the time he was jerking out these phrases he was stumping up and down the tavern on his crutch, slapping tables with his hand, and giving such a show of excitement as would have convinced an Old Bailey judge or a Bow Street runner. My suspicions had been thoroughly reawakened on finding Black Dog at the Spy-glass, and I watched the cook narrowly. But he was too deep, and too ready, and too clever for me, and by the time the two men had come back out of breath and confessed that they had lost the track in a crowd, and been scolded like thieves, I would have gone bail for the innocence of Long John Silver.

"See here, now, Hawkins," said he, "here's a blessed hard thing on a man like me, now, ain't it? There's Cap'n Trelawney—what's he to think? Here I have this confounded son of a Dutchman sitting in my own house drinking of my own rum! Here you comes and tells me of it plain; and here I let him give us all the slip before my blessed deadlights! Now, Hawkins, you do me justice with the cap'n. You're a lad, you are, but you're as smart as paint. I see that when you first come in. Now, here it is: What could I do, with this old timber I hobble on? When I was an A B master mariner I'd have come up alongside of

him, hand over hand, and broached him to in a brace of old shakes, I would; but now—"

And then, all of a sudden, he stopped, and his jaw dropped as though he had remembered something.

"The score!" he burst out. "Three goes o' rum! Why, shiver my timbers, if I hadn't forgotten my score!"

And falling on a bench, he laughed until the tears ran down his cheeks. I could not help joining, and we laughed together, peal after peal, until the tavern rang again.

"Why, what a precious old sea-calf I am!" he said at last, wiping his cheeks. "You and me should get on well, Hawkins, for I'll take my davy I should be rated ship's boy. But come now, stand by to go about. This won't do. Dooty is dooty, messmates. I'll put on my old cockerel hat, and step along of you to Cap'n Trelawney, and report this here affair. For mind you, it's serious, young Hawkins; and neither you nor me's come out of it with what I should make so bold as to call credit. Nor you neither, says you; not smart—none of the pair of us smart. But dash my buttons! That was a good un about my score."

And he began to laugh again, and that so heartily, that though I did not see the joke as he did, I was again obliged to join him in his mirth.

On our little walk along the quays, he made himself the most interesting companion, telling me about the different ships that we passed by, their rig, tonnage, and nationality, explaining the work that was going

forward—how one was discharging, another taking in cargo, and a third making ready for sea—and every now and then telling me some little anecdote of ships or seamen or repeating a nautical phrase till I had learned it perfectly. I began to see that here was one of the best of possible shipmates.

When we got to the inn, the squire and Dr. Livesey were seated together, finishing a quart of ale with a toast in it, before they should go aboard the schooner on a visit of inspection.

Long John told the story from first to last, with a great deal of spirit and the most perfect truth. "That was how it were, now, weren't it, Hawkins?" he would say, now and again, and I could always bear him entirely out.

The two gentlemen regretted that Black Dog had got away, but we all agreed there was nothing to be done, and after he had been complimented, Long John took up his crutch and departed.

"All hands aboard by four this afternoon," shouted the squire after him.

"Aye, aye, sir," cried the cook, in the passage.

"Well, squire," said Dr. Livesey, "I don't put much faith in your discoveries, as a general thing; but I will say this, John Silver suits me."

"The man's a perfect trump," declared the squire.

"And now," added the doctor, "Jim may come on board with us, may he not?"

"To be sure he may," says squire. "Take your hat, Hawkins, and we'll see the ship."

9.

POWDER AND ARMS

THE *Hispaniola* lay some way out, and we went under the figureheads and round the sterns of many other ships, and their cables sometimes grated underneath our keel, and sometimes swung above us. At last, however, we got alongside, and were met and saluted as we stepped aboard by the mate, Mr. Arrow, a brown old sailor with earrings in his ears and a squint. He and the squire were very thick and friendly, but I soon observed that things were not the same between Mr. Trelawney and the captain.

This last was a sharp-looking man who seemed angry with everything on board and was soon to tell us why, for we had hardly got down into the cabin when a sailor followed us.

"Captain Smollett, sir, axing to speak with you," said he.

"I am always at the captain's orders. Show him in," said the squire.

The captain, who was close behind his messenger, entered at once and shut the door behind him.

"Well, Captain Smollett, what have you to say? All well, I hope; all shipshape and seaworthy?"

"Well, sir," said the captain, "better speak plain, I believe, even at the risk of offence. I don't like this cruise; I

don't like the men; and I don't like my officer. That's short and sweet."

"Perhaps, sir, you don't like the ship?" inquired the squire, very angry, as I could see.

"I can't speak as to that, sir, not having seen her tried," said the captain. "She seems a clever craft; more I can't say."

"Possibly, sir, you may not like your employer, either?" says the squire.

But here Dr. Livesey cut in.

"Stay a bit," said he, "stay a bit. No use of such questions as that but to produce ill feeling. The captain has said too much or he has said too little, and I'm bound to say that I require an explanation of his words. You don't, you say, like this cruise. Now, why?"

"I was engaged, sir, on what we call sealed orders, to sail this ship for that gentleman where he should bid me," said the captain. "So far so good. But now I find that every man before the mast knows more than I do. I don't call that fair, now, do you?"

"No," said Dr. Livesey, "I don't."

"Next," said the captain, "I learn we are going after treasure—hear it from my own hands, mind you. Now, treasure is ticklish work; I don't like treasure voyages on any account, and I don't like them, above all, when they are secret and when (begging your pardon, Mr. Trelawney) the secret has been told to the parrot."

"Silver's parrot?" asked the squire.

"It's a way of speaking," said the captain. "Blabbed, I mean. It's my belief neither of you gentlemen know what you are about, but I'll tell you my way of it—life or death, and a close run."

"That is all clear, and, I dare say, true enough," replied Dr. Livesey. "We take the risk, but we are not so ignorant as you believe us. Next, you say you don't like the crew. Are they not good seamen?"

"I don't like them, sir," returned Captain Smollett. "And I think I should have had the choosing of my own hands, if you go to that."

"Perhaps you should," replied the doctor. "My friend should, perhaps, have taken you along with him; but the slight, if there be one, was unintentional. And you don't like Mr. Arrow?"

"I don't, sir. I believe he's a good seaman, but he's too free with the crew to be a good officer. A mate should keep himself to himself—shouldn't drink with the men before the mast!"

"Do you mean he drinks?" cried the squire.

"No, sir," replied the captain, "only that he's too familiar."

"Well, now, and the short and long of it, captain?" asked the doctor. "Tell us what you want."

"Well, gentlemen, are you determined to go on this cruise?"

"Like iron," answered the squire.

"Very good," said the captain. "Then, as you've heard me very patiently, saying things that I could not prove, hear me a few words more. They are putting the powder and the arms in the fore hold. Now, you have a good place under the cabin; why not put them there?—first point. Then, you are bringing four of your own people with you, and they tell me some of them are to be berthed forward. Why not give them the berths here beside the cabin?—second point."

"Any more?" asked Mr. Trelawney.

"One more," said the captain. "There's been too much blabbing already."

"Far too much," agreed the doctor.

"I'll tell you what I've heard myself," continued Captain Smollett: "that you have a map of an island, that there's crosses on the map to show where treasure is, and that the island lies—" And then he named the latitude and longitude exactly.

"I never told that," cried the squire, "to a soul!"

"The hands know it, sir," returned the captain.

"Livesey, that must have been you or Hawkins," cried the squire.

"It doesn't much matter who it was," replied the doctor. And I could see that neither he nor the captain paid much regard to Mr. Trelawney's protestations. Neither did I, to be sure, he was so loose a talker; yet in this case I

believe he was really right and that nobody had told the situation of the island.

"Well, gentlemen," continued the captain, "I don't know who has this map; but I make it a point, it shall be kept secret even from me and Mr. Arrow. Otherwise I would ask you to let me resign."

"I see," said the doctor. "You wish us to keep this matter dark and to make a garrison of the stern part of the ship, manned with my friend's own people, and provided with all the arms and powder on board. In other words, you fear a mutiny."

"Sir," said Captain Smollett, "with no intention to take offence, I deny your right to put words into my mouth. No captain, sir, would be justified in going to sea at all if he had ground enough to say that. As for Mr. Arrow, I believe him thoroughly honest; some of the men are the same; all may be for what I know. But I am responsible for the ship's safety and the life of every man Jack aboard of her. I see things going, as I think, not quite right. And I ask you to take certain precautions or let me resign my berth. And that's all."

"Captain Smollett," began the doctor with a smile, "did ever you hear the fable of the mountain and the mouse? You'll excuse me, I dare say, but you remind me of that fable. When you came in here, I'll stake my wig, you meant more than this."

"Doctor," said the captain, "you are smart. When I came in here I meant to get discharged. I had no thought that Mr. Trelawney would hear a word."

"No more I would," cried the squire. "Had Livesey not been here I should have seen you to the deuce. As it is, I have heard you. I will do as you desire, but I think the worse of you."

"That's as you please, sir," said the captain. "You'll find I do my duty."

And with that he took his leave.

"Trelawney," said the doctor, "contrary to all my notions, I believed you have managed to get two honest men on board with you—that man and John Silver."

"Silver, if you like," cried the squire; "but as for that intolerable humbug, I declare I think his conduct unmanly, unsailorly, and downright un-English."

"Well," says the doctor, "we shall see."

When we came on deck, the men had begun already to take out the arms and powder, yo-ho-ing at their work, while the captain and Mr. Arrow stood by superintending.

The new arrangement was quite to my liking. The whole schooner had been overhauled; six berths had been made astern out of what had been the after-part of the main hold; and this set of cabins was only joined to the galley and forecabin by a sparred passage on the port side. It had been originally meant that the captain, Mr. Arrow, Hunter, Joyce, the doctor, and the squire were to occupy

these six berths. Now Redruth and I were to get two of them and Mr. Arrow and the captain were to sleep on deck in the companion, which had been enlarged on each side till you might almost have called it a round-house. Very low it was still, of course; but there was room to swing two hammocks, and even the mate seemed pleased with the arrangement. Even he, perhaps, had been doubtful as to the crew, but that is only guess, for as you shall hear, we had not long the benefit of his opinion.

We were all hard at work, changing the powder and the berths, when the last man or two, and Long John along with them, came off in a shore-boat.

The cook came up the side like a monkey for cleverness, and as soon as he saw what was doing, "So ho, mates!" says he. "What's this?"

"We're a-changing of the powder, Jack," answers one.

"Why, by the powers," cried Long John, "if we do, we'll miss the morning tide!"

"My orders!" said the captain shortly. "You may go below, my man. Hands will want supper."

"Aye, aye, sir," answered the cook, and touching his forelock, he disappeared at once in the direction of his galley.

"That's a good man, captain," said the doctor.

"Very likely, sir," replied Captain Smollett. "Easy with that, men—easy," he ran on, to the fellows who were shifting the powder; and then suddenly observing me

examining the swivel we carried amidships, a long brass
nine, "Here you, ship's boy," he cried, "out o' that! Off with
you to the cook and get some work."

And then as I was hurrying off I heard him say, quite
loudly, to the doctor, "I'll have no favourites on my ship."

I assure you I was quite of the squire's way of
thinking, and hated the captain deeply.

10.

THE VOYAGE

ALL that night we were in a great bustle getting things stowed in their place, and boatfuls of the squire's friends, Mr. Blandly and the like, coming off to wish him a good voyage and a safe return. We never had a night at the Admiral Benbow when I had half the work; and I was dog-tired when, a little before dawn, the boatswain sounded his pipe and the crew began to man the capstan-bars. I might have been twice as weary, yet I would not have left the deck, all was so new and interesting to me—the brief commands, the shrill note of the whistle, the men bustling to their places in the glimmer of the ship's lanterns.

"Now, Barbecue, tip us a stave," cried one voice.

"The old one," cried another.

"Aye, aye, mates," said Long John, who was standing by, with his crutch under his arm, and at once broke out in the air and words I knew so well:

"Fifteen men on the dead man's chest—"

And then the whole crew bore chorus:—

"Yo-ho-ho, and a bottle of rum!"

And at the third "Ho!" drove the bars before them with a will.

Even at that exciting moment it carried me back to the old Admiral Benbow in a second, and I seemed to hear the voice of the captain piping in the chorus. But soon the anchor was short up; soon it was hanging dripping at the bows; soon the sails began to draw, and the land and shipping to flit by on either side; and before I could lie down to snatch an hour of slumber the *Hispaniola* had begun her voyage to the Isle of Treasure.

I am not going to relate that voyage in detail. It was fairly prosperous. The ship proved to be a good ship, the crew were capable seamen, and the captain thoroughly understood his business. But before we came the length of Treasure Island, two or three things had happened which require to be known.

Mr. Arrow, first of all, turned out even worse than the captain had feared. He had no command among the men, and people did what they pleased with him. But that was by no means the worst of it, for after a day or two at sea he began to appear on deck with hazy eye, red cheeks, stuttering tongue, and other marks of drunkenness. Time after time he was ordered below in disgrace. Sometimes he fell and cut himself; sometimes he lay all day long in his little bunk at one side of the companion; sometimes for a day or two he would be almost sober and attend to his work at least passably.

In the meantime, we could never make out where he got the drink. That was the ship's mystery. Watch him as

we pleased, we could do nothing to solve it; and when we asked him to his face, he would only laugh if he were drunk, and if he were sober deny solemnly that he ever tasted anything but water.

He was not only useless as an officer and a bad influence amongst the men, but it was plain that at this rate he must soon kill himself outright, so nobody was much surprised, nor very sorry, when one dark night, with a head sea, he disappeared entirely and was seen no more.

"Overboard!" said the captain. "Well, gentlemen, that saves the trouble of putting him in irons."

But there we were, without a mate; and it was necessary, of course, to advance one of the men. The boatswain, Job Anderson, was the likeliest man aboard, and though he kept his old title, he served in a way as mate. Mr. Trelawney had followed the sea, and his knowledge made him very useful, for he often took a watch himself in easy weather. And the coxswain, Israel Hands, was a careful, wily, old, experienced seaman who could be trusted at a pinch with almost anything.

He was a great confidant of Long John Silver, and so the mention of his name leads me on to speak of our ship's cook, Barbecue, as the men called him.

Aboard ship he carried his crutch by a lanyard round his neck, to have both hands as free as possible. It was something to see him wedge the foot of the crutch against a bulkhead, and propped against it, yielding to every

movement of the ship, get on with his cooking like someone safe ashore. Still more strange was it to see him in the heaviest of weather cross the deck. He had a line or two rigged up to help him across the widest spaces—Long John's earrings, they were called; and he would hand himself from one place to another, now using the crutch, now trailing it alongside by the lanyard, as quickly as another man could walk. Yet some of the men who had sailed with him before expressed their pity to see him so reduced.

"He's no common man, Barbecue," said the coxswain to me. "He had good schooling in his young days and can speak like a book when so minded; and brave—a lion's nothing alongside of Long John! I seen him grapple four and knock their heads together—him unarmed."

All the crew respected and even obeyed him. He had a way of talking to each and doing everybody some particular service. To me he was unweariedly kind, and always glad to see me in the galley, which he kept as clean as a new pin, the dishes hanging up burnished and his parrot in a cage in one corner.

"Come away, Hawkins," he would say; "come and have a yarn with John. Nobody more welcome than yourself, my son. Sit you down and hear the news. Here's Cap'n Flint—I calls my parrot Cap'n Flint, after the famous buccaneer—here's Cap'n Flint predicting success to our v'yage. Wasn't you, cap'n?"

And the parrot would say, with great rapidity, "Pieces of eight! Pieces of eight! Pieces of eight!" till you wondered that it was not out of breath, or till John threw his handkerchief over the cage.

"Now, that bird," he would say, "is, maybe, two hundred years old, Hawkins—they live forever mostly; and if anybody's seen more wickedness, it must be the devil himself. She's sailed with England, the great Cap'n England, the pirate. She's been at Madagascar, and at Malabar, and Surinam, and Providence, and Portobello. She was at the fishing up of the wrecked plate ships. It's there she learned 'Pieces of eight,' and little wonder; three hundred and fifty thousand of 'em, Hawkins! She was at the boarding of the viceroy of the Indies out of Goa, she was; and to look at her you would think she was a babby. But you smelt powder—didn't you, cap'n?"

"Stand by to go about," the parrot would scream.

"Ah, she's a handsome craft, she is," the cook would say, and give her sugar from his pocket, and then the bird would peck at the bars and swear straight on, passing belief for wickedness. "There," John would add, "you can't touch pitch and not be mucked, lad. Here's this poor old innocent bird o' mine swearing blue fire, and none the wiser, you may lay to that. She would swear the same, in a manner of speaking, before chaplain." And John would touch his forelock with a solemn way he had that made me think he was the best of men.

In the meantime, the squire and Captain Smollett were still on pretty distant terms with one another. The squire made no bones about the matter; he despised the captain. The captain, on his part, never spoke but when he was spoken to, and then sharp and short and dry, and not a word wasted. He owned, when driven into a corner, that he seemed to have been wrong about the crew, that some of them were as brisk as he wanted to see and all had behaved fairly well. As for the ship, he had taken a downright fancy to her. "She'll lie a point nearer the wind than a man has a right to expect of his own married wife, sir. But," he would add, "all I say is, we're not home again, and I don't like the cruise."

The squire, at this, would turn away and march up and down the deck, chin in air.

"A trifle more of that man," he would say, "and I shall explode."

We had some heavy weather, which only proved the qualities of the *Hispaniola*. Every man on board seemed well content, and they must have been hard to please if they had been otherwise, for it is my belief there was never a ship's company so spoiled since Noah put to sea. Double grog was going on the least excuse; there was duff on odd days, as, for instance, if the squire heard it was any man's birthday, and always a barrel of apples standing broached in the waist for anyone to help himself that had a fancy.

"Never knew good come of it yet," the captain said to Dr. Livesey. "Spoil forecastle hands, make devils. That's my belief."

But good did come of the apple barrel, as you shall hear, for if it had not been for that, we should have had no note of warning and might all have perished by the hand of treachery.

This was how it came about.

We had run up the trades to get the wind of the island we were after—I am not allowed to be more plain—and now we were running down for it with a bright lookout day and night. It was about the last day of our outward voyage by the largest computation; some time that night, or at latest before noon of the morrow, we should sight the Treasure Island. We were heading S.S.W. and had a steady breeze abeam and a quiet sea. The *Hispaniola* rolled steadily, dipping her bowsprit now and then with a whiff of spray. All was drawing alow and aloft; everyone was in the bravest spirits because we were now so near an end of the first part of our adventure.

Now, just after sundown, when all my work was over and I was on my way to my berth, it occurred to me that I should like an apple. I ran on deck. The watch was all forward looking out for the island. The man at the helm was watching the luff of the sail and whistling away gently to himself, and that was the only sound excepting the

swish of the sea against the bows and around the sides of the ship.

In I got bodily into the apple barrel, and found there was scarce an apple left; but sitting down there in the dark, what with the sound of the waters and the rocking movement of the ship, I had either fallen asleep or was on the point of doing so when a heavy man sat down with rather a crash close by. The barrel shook as he leaned his shoulders against it, and I was just about to jump up when the man began to speak. It was Silver's voice, and before I had heard a dozen words, I would not have shown myself for all the world, but lay there, trembling and listening, in the extreme of fear and curiosity, for from these dozen words I understood that the lives of all the honest men aboard depended upon me alone.

11.

WHAT I HEARD IN THE APPLE BARREL

"NO, not I," said Silver. "Flint was cap'n; I was quartermaster, along of my timber leg. The same broadside I lost my leg, old Pew lost his deadlights. It was a master surgeon, him that ampytated me—out of college and all—Latin by the bucket, and what not; but he was hanged like a dog, and sun-dried like the rest, at Corso Castle. That was Roberts' men, that was, and comed of changing names to their ships—*Royal Fortune* and so on. Now, what a ship was christened, so let her stay, I says. So it was with the *Cassandra*, as brought us all safe home from Malabar, after England took the viceroy of the Indies; so it was with the old *Walrus*, Flint's old ship, as I've seen amuck with the red blood and fit to sink with gold."

"Ah!" cried another voice, that of the youngest hand on board, and evidently full of admiration. "He was the flower of the flock, was Flint!"

"Davis was a man too, by all accounts," said Silver. "I never sailed along of him; first with England, then with Flint, that's my story; and now here on my own account, in a manner of speaking. I laid by nine hundred safe, from England, and two thousand after Flint. That ain't bad for a man before the mast—all safe in bank. 'Tain't earning now, it's saving does it, you may lay to that. Where's all

England's men now? I dunno. Where's Flint's? Why, most on 'em aboard here, and glad to get the duff—been begging before that, some on 'em. Old Pew, as had lost his sight, and might have thought shame, spends twelve hundred pound in a year, like a lord in Parliament. Where is he now? Well, he's dead now and under hatches; but for two year before that, shiver my timbers, the man was starving! He begged, and he stole, and he cut throats, and starved at that, by the powers!"

"Well, it ain't much use, after all," said the young seaman.

"'Tain't much use for fools, you may lay to it—that, nor nothing," cried Silver. "But now, you look here: you're young, you are, but you're as smart as paint. I see that when I set my eyes on you, and I'll talk to you like a man."

You may imagine how I felt when I heard this abominable old rogue addressing another in the very same words of flattery as he had used to myself. I think, if I had been able, that I would have killed him through the barrel. Meantime, he ran on, little supposing he was overheard.

"Here it is about gentlemen of fortune. They lives rough, and they risk swinging, but they eat and drink like fighting-cocks, and when a cruise is done, why, it's hundreds of pounds instead of hundreds of farthings in their pockets. Now, the most goes for rum and a good fling, and to sea again in their shirts. But that's not the course I lay. I puts it all away, some here, some there, and none too

much anywheres, by reason of suspicion. I'm fifty, mark you; once back from this cruise, I set up gentleman in earnest. Time enough too, says you. Ah, but I've lived easy in the meantime, never denied myself o' nothing heart desires, and slep' soft and ate dainty all my days but when at sea. And how did I begin? Before the mast, like you!"

"Well," said the other, "but all the other money's gone now, ain't it? You daren't show face in Bristol after this."

"Why, where might you suppose it was?" asked Silver derisively.

"At Bristol, in banks and places," answered his companion.

"It were," said the cook; "it were when we weighed anchor. But my old missis has it all by now. And the Spy-glass is sold, lease and goodwill and rigging; and the old girl's off to meet me. I would tell you where, for I trust you, but it'd make jealousy among the mates."

"And can you trust your missis?" asked the other.

"Gentlemen of fortune," returned the cook, "usually trusts little among themselves, and right they are, you may lay to it. But I have a way with me, I have. When a mate brings a slip on his cable—one as knows me, I mean—it won't be in the same world with old John. There was some that was feared of Pew, and some that was feared of Flint; but Flint his own self was feared of me. Feared he was, and proud. They was the roughest crew afloat, was Flint's; the devil himself would have been feared to go to sea with

them. Well now, I tell you, I'm not a boasting man, and you seen yourself how easy I keep company, but when I was quartermaster, *lamb's* wasn't the word for Flint's old buccaneers. Ah, you may be sure of yourself in old John's ship."

"Well, I tell you now," replied the lad, "I didn't half a quarter like the job till I had this talk with you, John; but there's my hand on it now."

"And a brave lad you were, and smart too," answered Silver, shaking hands so heartily that all the barrel shook, "and a finer figurehead for a gentleman of fortune I never clapped my eyes on."

By this time I had begun to understand the meaning of their terms. By a "gentleman of fortune" they plainly meant neither more nor less than a common pirate, and the little scene that I had overheard was the last act in the corruption of one of the honest hands—perhaps of the last one left aboard. But on this point I was soon to be relieved, for Silver giving a little whistle, a third man strolled up and sat down by the party.

"Dick's square," said Silver.

"Oh, I know'd Dick was square," returned the voice of the coxswain, Israel Hands. "He's no fool, is Dick." And he turned his quid and spat. "But look here," he went on, "here's what I want to know, Barbecue: how long are we a-going to stand off and on like a blessed bumboat? I've had a'most enough o' Cap'n Smollett; he's hazed me long

enough, by thunder! I want to go into that cabin, I do. I want their pickles and wines, and that."

"Israel," said Silver, "your head ain't much account, nor ever was. But you're able to hear, I reckon; leastways, your ears is big enough. Now, here's what I say: you'll berth forward, and you'll live hard, and you'll speak soft, and you'll keep sober till I give the word; and you may lay to that, my son."

"Well, I don't say no, do I?" growled the coxswain. "What I say is, when? That's what I say."

"When! By the powers!" cried Silver. "Well now, if you want to know, I'll tell you when. The last moment I can manage, and that's when. Here's a first-rate seaman, Cap'n Smollett, sails the blessed ship for us. Here's this squire and doctor with a map and such—I don't know where it is, do I? No more do you, says you. Well then, I mean this squire and doctor shall find the stuff, and help us to get it aboard, by the powers. Then we'll see. If I was sure of you all, sons of double Dutchmen, I'd have Cap'n Smollett navigate us half-way back again before I struck."

"Why, we're all seamen aboard here, I should think," said the lad Dick.

"We're all forecandle hands, you mean," snapped Silver. "We can steer a course, but who's to set one? That's what all you gentlemen split on, first and last. If I had my way, I'd have Cap'n Smollett work us back into the trades at least; then we'd have no blessed miscalculations and a

spoonful of water a day. But I know the sort you are. I'll finish with 'em at the island, as soon's the blunt's on board, and a pity it is. But you're never happy till you're drunk. Split my sides, I've a sick heart to sail with the likes of you!"

"Easy all, Long John," cried Israel. "Who's a-crossin' of you?"

"Why, how many tall ships, think ye, now, have I seen laid aboard? And how many brisk lads drying in the sun at Execution Dock?" cried Silver. "And all for this same hurry and hurry and hurry. You hear me? I seen a thing or two at sea, I have. If you would on'y lay your course, and a p'int to windward, you would ride in carriages, you would. But not you! I know you. You'll have your mouthful of rum tomorrow, and go hang."

"Everybody knowed you was a kind of a chapling, John; but there's others as could hand and steer as well as you," said Israel. "They liked a bit o' fun, they did. They wasn't so high and dry, nohow, but took their fling, like jolly companions every one."

"So?" says Silver. "Well, and where are they now? Pew was that sort, and he died a beggar-man. Flint was, and he died of rum at Savannah. Ah, they was a sweet crew, they was! On'y, where are they?"

"But," asked Dick, "when we do lay 'em athwart, what are we to do with 'em, anyhow?"

"There's the man for me!" cried the cook admiringly. "That's what I call business. Well, what would you think? Put 'em ashore like maroons? That would have been England's way. Or cut 'em down like that much pork? That would have been Flint's, or Billy Bones's."

"Billy was the man for that," said Israel. "Dead men don't bite,' says he. Well, he's dead now hisself; he knows the long and short on it now; and if ever a rough hand come to port, it was Billy."

"Right you are," said Silver; "rough and ready. But mark you here, I'm an easy man—I'm quite the gentleman, says you; but this time it's serious. Dooty is dooty, mates. I give my vote—death. When I'm in Parlyment and riding in my coach, I don't want none of these sea-lawyers in the cabin a-coming home, unlooked for, like the devil at prayers. Wait is what I say; but when the time comes, why, let her rip!"

"John," cries the coxswain, "you're a man!"

"You'll say so, Israel when you see," said Silver. "Only one thing I claim—I claim Trelawney. I'll wring his calf's head off his body with these hands, Dick!" he added, breaking off. "You just jump up, like a sweet lad, and get me an apple, to wet my pipe like."

You may fancy the terror I was in! I should have leaped out and run for it if I had found the strength, but my limbs and heart alike misgave me. I heard Dick begin to rise, and then someone seemingly stopped him, and the

voice of Hands exclaimed, "Oh, stow that! Don't you get sucking of that bilge, John. Let's have a go of the rum."

"Dick," said Silver, "I trust you. I've a gauge on the keg, mind. There's the key; you fill a pannikin and bring it up."

Terrified as I was, I could not help thinking to myself that this must have been how Mr. Arrow got the strong waters that destroyed him.

Dick was gone but a little while, and during his absence Israel spoke straight on in the cook's ear. It was but a word or two that I could catch, and yet I gathered some important news, for besides other scraps that tended to the same purpose, this whole clause was audible: "Not another man of them'll jine." Hence there were still faithful men on board.

When Dick returned, one after another of the trio took the pannikin and drank—one "To luck," another with a "Here's to old Flint," and Silver himself saying, in a kind of song, "Here's to ourselves, and hold your luff, plenty of prizes and plenty of duff."

Just then a sort of brightness fell upon me in the barrel, and looking up, I found the moon had risen and was silvering the mizzen-top and shining white on the luff of the fore-sail; and almost at the same time the voice of the lookout shouted, "Land ho!"

12.

COUNCIL OF WAR

THERE was a great rush of feet across the deck. I could hear people tumbling up from the cabin and the fore-castle, and slipping in an instant outside my barrel, I dived behind the fore-sail, made a double towards the stern, and came out upon the open deck in time to join Hunter and Dr. Livesey in the rush for the weather bow.

There all hands were already congregated. A belt of fog had lifted almost simultaneously with the appearance of the moon. Away to the south-west of us we saw two low hills, about a couple of miles apart, and rising behind one of them a third and higher hill, whose peak was still buried in the fog. All three seemed sharp and conical in figure.

So much I saw, almost in a dream, for I had not yet recovered from my horrid fear of a minute or two before. And then I heard the voice of Captain Smollett issuing orders. The *Hispaniola* was laid a couple of points nearer the wind and now sailed a course that would just clear the island on the east.

"And now, men," said the captain, when all was sheeted home, "has any one of you ever seen that land ahead?"

"I have, sir," said Silver. "I've watered there with a trader I was cook in."

"The anchorage is on the south, behind an islet, I fancy?" asked the captain.

"Yes, sir; Skeleton Island they calls it. It were a main place for pirates once, and a hand we had on board knowed all their names for it. That hill to the nor'ard they calls the Fore-mast Hill; there are three hills in a row running south'ard—fore, main, and mizzen, sir. But the main—that's the big un, with the cloud on it—they usually calls the Spy-glass, by reason of a lookout they kept when they was in the anchorage cleaning, for it's there they cleaned their ships, sir, asking your pardon."

"I have a chart here," says Captain Smollett. "See if that's the place."

Long John's eyes burned in his head as he took the chart, but by the fresh look of the paper I knew he was doomed to disappointment. This was not the map we found in Billy Bones's chest, but an accurate copy, complete in all things—names and heights and soundings—with the single exception of the red crosses and the written notes. Sharp as must have been his annoyance, Silver had the strength of mind to hide it.

"Yes, sir," said he, "this is the spot, to be sure, and very prettily drawed out. Who might have done that, I wonder? The pirates were too ignorant, I reckon. Aye, here it is: 'Capt. Kidd's Anchorage'—just the name my shipmate called it. There's a strong current runs along the south, and then away nor'ard up the west coast. Right you was, sir,"

says he, "to haul your wind and keep the weather of the island. Leastways, if such was your intention as to enter and careen, and there ain't no better place for that in these waters."

"Thank you, my man," says Captain Smollett. "I'll ask you later on to give us a help. You may go."

I was surprised at the coolness with which John avowed his knowledge of the island, and I own I was half-frightened when I saw him drawing nearer to myself. He did not know, to be sure, that I had overheard his council from the apple barrel, and yet I had by this time taken such a horror of his cruelty, duplicity, and power that I could scarce conceal a shudder when he laid his hand upon my arm.

"Ah," says he, "this here is a sweet spot, this island—a sweet spot for a lad to get ashore on. You'll bathe, and you'll climb trees, and you'll hunt goats, you will; and you'll get aloft on them hills like a goat yourself. Why, it makes me young again. I was going to forget my timber leg, I was. It's a pleasant thing to be young and have ten toes, and you may lay to that. When you want to go a bit of exploring, you just ask old John, and he'll put up a snack for you to take along."

And clapping me in the friendliest way upon the shoulder, he hobbled off forward and went below.

Captain Smollett, the squire, and Dr. Livesey were talking together on the quarter-deck, and anxious as I was

to tell them my story, I durst not interrupt them openly. While I was still casting about in my thoughts to find some probable excuse, Dr. Livesey called me to his side. He had left his pipe below, and being a slave to tobacco, had meant that I should fetch it; but as soon as I was near enough to speak and not to be overheard, I broke immediately, "Doctor, let me speak. Get the captain and squire down to the cabin, and then make some pretence to send for me. I have terrible news."

The doctor changed countenance a little, but next moment he was master of himself.

"Thank you, Jim," said he quite loudly, "that was all I wanted to know," as if he had asked me a question.

And with that he turned on his heel and rejoined the other two. They spoke together for a little, and though none of them started, or raised his voice, or so much as whistled, it was plain enough that Dr. Livesey had communicated my request, for the next thing that I heard was the captain giving an order to Job Anderson, and all hands were piped on deck.

"My lads," said Captain Smollett, "I've a word to say to you. This land that we have sighted is the place we have been sailing for. Mr. Trelawney, being a very open-handed gentleman, as we all know, has just asked me a word or two, and as I was able to tell him that every man on board had done his duty, aloof and aloft, as I never ask to see it done better, why, he and I and the doctor are going below

to the cabin to drink *your* health and luck, and you'll have grog served out for you to drink *our* health and luck. I'll tell you what I think of this: I think it handsome. And if you think as I do, you'll give a good sea-cheer for the gentleman that does it."

The cheer followed—that was a matter of course; but it rang out so full and hearty that I confess I could hardly believe these same men were plotting for our blood.

"One more cheer for Cap'n Smollett," cried Long John when the first had subsided.

And this also was given with a will.

On the top of that the three gentlemen went below, and not long after, word was sent forward that Jim Hawkins was wanted in the cabin.

I found them all three seated round the table, a bottle of Spanish wine and some raisins before them, and the doctor smoking away, with his wig on his lap, and that, I knew, was a sign that he was agitated. The stern window was open, for it was a warm night, and you could see the moon shining behind on the ship's wake.

"Now, Hawkins," said the squire, "you have something to say. Speak up."

I did as I was bid, and as short as I could make it, told the whole details of Silver's conversation. Nobody interrupted me till I was done, nor did any one of the three of them make so much as a movement, but they kept their eyes upon my face from first to last.

"Jim," said Dr. Livesey, "take a seat."

And they made me sit down at table beside them, poured me out a glass of wine, filled my hands with raisins, and all three, one after the other, and each with a bow, drank my good health, and their service to me, for my luck and courage.

"Now, captain," said the squire, "you were right, and I was wrong. I own myself an ass, and I await your orders."

"No more an ass than I, sir," returned the captain. "I never heard of a crew that meant to mutiny but what showed signs before, for any man that had an eye in his head to see the mischief and take steps according. But this crew," he added, "beats me."

"Captain," said the doctor, "with your permission, that's Silver. A very remarkable man."

"He'd look remarkably well from a yard-arm, sir," returned the captain. "But this is talk; this don't lead to anything. I see three or four points, and with Mr. Trelawney's permission, I'll name them."

"You, sir, are the captain. It is for you to speak," says Mr. Trelawney grandly.

"First point," began Mr. Smollett. "We must go on, because we can't turn back. If I gave the word to go about, they would rise at once. Second point, we have time before us—at least until this treasure's found. Third point, there are faithful hands. Now, sir, it's got to come to blows sooner or later, and what I propose is to take time by the

forelock, as the saying is, and come to blows some fine day when they least expect it. We can count, I take it, on your own home servants, Mr. Trelawney?"

"As upon myself," declared the squire.

"Three," reckoned the captain; "ourselves make seven, counting Hawkins here. Now, about the honest hands?"

"Most likely Trelawney's own men," said the doctor; "those he had picked up for himself before he lit on Silver."

"Nay," replied the squire. "Hands was one of mine."

"I did think I could have trusted Hands," added the captain.

"And to think that they're all Englishmen!" broke out the squire. "Sir, I could find it in my heart to blow the ship up."

"Well, gentlemen," said the captain, "the best that I can say is not much. We must lay to, if you please, and keep a bright lookout. It's trying on a man, I know. It would be pleasanter to come to blows. But there's no help for it till we know our men. Lay to, and whistle for a wind, that's my view."

"Jim here," said the doctor, "can help us more than anyone. The men are not shy with him, and Jim is a noticing lad."

"Hawkins, I put prodigious faith in you," added the squire.

I began to feel pretty desperate at this, for I felt altogether helpless; and yet, by an odd train of

circumstances, it was indeed through me that safety came. In the meantime, talk as we pleased, there were only seven out of the twenty-six on whom we knew we could rely; and out of these seven one was a boy, so that the grown men on our side were six to their nineteen.

PART THREE
MY SHORE ADVENTURE

13.

HOW MY SHORE ADVENTURE BEGAN

THE appearance of the island when I came on deck next morning was altogether changed. Although the breeze had now utterly ceased, we had made a great deal of way during the night and were now lying becalmed about half a mile to the south-east of the low eastern coast.

Grey-coloured woods covered a large part of the surface. This even tint was indeed broken up by streaks of yellow sand-break in the lower lands, and by many tall trees of the pine family, out-topping the others—some singly, some in clumps; but the general colouring was uniform and sad. The hills ran up clear above the vegetation in spires of naked rock. All were strangely shaped, and the Spy-glass, which was by three or four hundred feet the tallest on the island, was likewise the strangest in configuration, running up sheer from almost every side and then suddenly cut off at the top like a pedestal to put a statue on.

The *Hispaniola* was rolling scuppers under in the ocean swell. The booms were tearing at the blocks, the rudder was banging to and fro, and the whole ship creaking, groaning, and jumping like a manufactory. I had to cling tight to the backstay, and the world turned giddily before my eyes, for though I was a good enough sailor

when there was way on, this standing still and being rolled about like a bottle was a thing I never learned to stand without a qualm or so, above all in the morning, on an empty stomach.

Perhaps it was this—perhaps it was the look of the island, with its grey, melancholy woods, and wild stone spires, and the surf that we could both see and hear foaming and thundering on the steep beach—at least, although the sun shone bright and hot, and the shore birds were fishing and crying all around us, and you would have thought anyone would have been glad to get to land after being so long at sea, my heart sank, as the saying is, into my boots; and from the first look onward, I hated the very thought of Treasure Island.

We had a dreary morning's work before us, for there was no sign of any wind, and the boats had to be got out and manned, and the ship warped three or four miles round the corner of the island and up the narrow passage to the haven behind Skeleton Island. I volunteered for one of the boats, where I had, of course, no business. The heat was sweltering, and the men grumbled fiercely over their work. Anderson was in command of my boat, and instead of keeping the crew in order, he grumbled as loud as the worst.

"Well," he said with an oath, "it's not forever."

I thought this was a very bad sign, for up to that day the men had gone briskly and willingly about their

business; but the very sight of the island had relaxed the cords of discipline.

All the way in, Long John stood by the steersman and coned the ship. He knew the passage like the palm of his hand, and though the man in the chains got everywhere more water than was down in the chart, John never hesitated once.

"There's a strong scour with the ebb," he said, "and this here passage has been dug out, in a manner of speaking, with a spade."

We brought up just where the anchor was in the chart, about a third of a mile from each shore, the mainland on one side and Skeleton Island on the other. The bottom was clean sand. The plunge of our anchor sent up clouds of birds wheeling and crying over the woods, but in less than a minute they were down again and all was once more silent.

The place was entirely land-locked, buried in woods, the trees coming right down to high-water mark, the shores mostly flat, and the hilltops standing round at a distance in a sort of amphitheatre, one here, one there. Two little rivers, or rather two swamps, emptied out into this pond, as you might call it; and the foliage round that part of the shore had a kind of poisonous brightness. From the ship we could see nothing of the house or stockade, for they were quite buried among trees; and if it had not been for the chart on the companion, we might have been the

first that had ever anchored there since the island arose out of the seas.

There was not a breath of air moving, nor a sound but that of the surf booming half a mile away along the beaches and against the rocks outside. A peculiar stagnant smell hung over the anchorage—a smell of sodden leaves and rotting tree trunks. I observed the doctor sniffing and sniffing, like someone tasting a bad egg.

"I don't know about treasure," he said, "but I'll stake my wig there's fever here."

If the conduct of the men had been alarming in the boat, it became truly threatening when they had come aboard. They lay about the deck growling together in talk. The slightest order was received with a black look and grudgingly and carelessly obeyed. Even the honest hands must have caught the infection, for there was not one man aboard to mend another. Mutiny, it was plain, hung over us like a thunder-cloud.

And it was not only we of the cabin party who perceived the danger. Long John was hard at work going from group to group, spending himself in good advice, and as for example no man could have shown a better. He fairly outstripped himself in willingness and civility; he was all smiles to everyone. If an order were given, John would be on his crutch in an instant, with the cheeriest "Aye, aye, sir!" in the world; and when there was nothing else to do,

he kept up one song after another, as if to conceal the discontent of the rest.

Of all the gloomy features of that gloomy afternoon, this obvious anxiety on the part of Long John appeared the worst.

We held a council in the cabin.

"Sir," said the captain, "if I risk another order, the whole ship'll come about our ears by the run. You see, sir, here it is. I get a rough answer, do I not? Well, if I speak back, pikes will be going in two shakes; if I don't, Silver will see there's something under that, and the game's up. Now, we've only one man to rely on."

"And who is that?" asked the squire.

"Silver, sir," returned the captain; "he's as anxious as you and I to smother things up. This is a tiff; he'd soon talk 'em out of it if he had the chance, and what I propose to do is to give him the chance. Let's allow the men an afternoon ashore. If they all go, why we'll fight the ship. If they none of them go, well then, we hold the cabin, and God defend the right. If some go, you mark my words, sir, Silver'll bring 'em aboard again as mild as lambs."

It was so decided; loaded pistols were served out to all the sure men; Hunter, Joyce, and Redruth were taken into our confidence and received the news with less surprise and a better spirit than we had looked for, and then the captain went on deck and addressed the crew.

"My lads," said he, "we've had a hot day and are all tired and out of sorts. A turn ashore'll hurt nobody—the boats are still in the water; you can take the gigs, and as many as please may go ashore for the afternoon. I'll fire a gun half an hour before sundown."

I believe the silly fellows must have thought they would break their shins over treasure as soon as they were landed, for they all came out of their sulks in a moment and gave a cheer that started the echo in a faraway hill and sent the birds once more flying and squalling round the anchorage.

The captain was too bright to be in the way. He whipped out of sight in a moment, leaving Silver to arrange the party, and I fancy it was as well he did so. Had he been on deck, he could no longer so much as have pretended not to understand the situation. It was as plain as day. Silver was the captain, and a mighty rebellious crew he had of it. The honest hands—and I was soon to see it proved that there were such on board—must have been very stupid fellows. Or rather, I suppose the truth was this, that all hands were disaffected by the example of the ringleaders—only some more, some less; and a few, being good fellows in the main, could neither be led nor driven any further. It is one thing to be idle and skulk and quite another to take a ship and murder a number of innocent men.

At last, however, the party was made up. Six fellows were to stay on board, and the remaining thirteen, including Silver, began to embark.

Then it was that there came into my head the first of the mad notions that contributed so much to save our lives. If six men were left by Silver, it was plain our party could not take and fight the ship; and since only six were left, it was equally plain that the cabin party had no present need of my assistance. It occurred to me at once to go ashore. In a jiffy I had slipped over the side and curled up in the fore-sheets of the nearest boat, and almost at the same moment she shoved off.

No one took notice of me, only the bow oar saying, "Is that you, Jim? Keep your head down." But Silver, from the other boat, looked sharply over and called out to know if that were me; and from that moment I began to regret what I had done.

The crews raced for the beach, but the boat I was in, having some start and being at once the lighter and the better manned, shot far ahead of her consort, and the bow had struck among the shore-side trees and I had caught a branch and swung myself out and plunged into the nearest thicket while Silver and the rest were still a hundred yards behind.

"Jim, Jim!" I heard him shouting.

But you may suppose I paid no heed; jumping,
ducking, and breaking through, I ran straight before my
nose till I could run no longer.

14.

THE FIRST BLOW

I WAS so pleased at having given the slip to Long John that I began to enjoy myself and look around me with some interest on the strange land that I was in.

I had crossed a marshy tract full of willows, bulrushes, and odd, outlandish, swampy trees; and I had now come out upon the skirts of an open piece of undulating, sandy country, about a mile long, dotted with a few pines and a great number of contorted trees, not unlike the oak in growth, but pale in the foliage, like willows. On the far side of the open stood one of the hills, with two quaint, craggy peaks shining vividly in the sun.

I now felt for the first time the joy of exploration. The isle was uninhabited; my shipmates I had left behind, and nothing lived in front of me but dumb brutes and fowls. I turned hither and thither among the trees. Here and there were flowering plants, unknown to me; here and there I saw snakes, and one raised his head from a ledge of rock and hissed at me with a noise not unlike the spinning of a top. Little did I suppose that he was a deadly enemy and that the noise was the famous rattle.

Then I came to a long thicket of these oaklike trees—live, or evergreen, oaks, I heard afterwards they should be called—which grew low along the sand like

brambles, the boughs curiously twisted, the foliage compact, like thatch. The thicket stretched down from the top of one of the sandy knolls, spreading and growing taller as it went, until it reached the margin of the broad, reedy fen, through which the nearest of the little rivers soaked its way into the anchorage. The marsh was steaming in the strong sun, and the outline of the Spy-glass trembled through the haze.

All at once there began to go a sort of bustle among the bulrushes; a wild duck flew up with a quack, another followed, and soon over the whole surface of the marsh a great cloud of birds hung screaming and circling in the air. I judged at once that some of my shipmates must be drawing near along the borders of the fen. Nor was I deceived, for soon I heard the very distant and low tones of a human voice, which, as I continued to give ear, grew steadily louder and nearer.

This put me in a great fear, and I crawled under cover of the nearest live-oak and squatted there, hearkening, as silent as a mouse.

Another voice answered, and then the first voice, which I now recognized to be Silver's, once more took up the story and ran on for a long while in a stream, only now and again interrupted by the other. By the sound they must have been talking earnestly, and almost fiercely; but no distinct word came to my hearing.

At last the speakers seemed to have paused and perhaps to have sat down, for not only did they cease to draw any nearer, but the birds themselves began to grow more quiet and to settle again to their places in the swamp.

And now I began to feel that I was neglecting my business, that since I had been so foolhardy as to come ashore with these desperadoes, the least I could do was to overhear them at their councils, and that my plain and obvious duty was to draw as close as I could manage, under the favourable ambush of the crouching trees.

I could tell the direction of the speakers pretty exactly, not only by the sound of their voices but by the behaviour of the few birds that still hung in alarm above the heads of the intruders.

Crawling on all fours, I made steadily but slowly towards them, till at last, raising my head to an aperture among the leaves, I could see clear down into a little green dell beside the marsh, and closely set about with trees, where Long John Silver and another of the crew stood face to face in conversation.

The sun beat full upon them. Silver had thrown his hat beside him on the ground, and his great, smooth, blond face, all shining with heat, was lifted to the other man's in a kind of appeal.

"Mate," he was saying, "it's because I thinks gold dust of you—gold dust, and you may lay to that! If I hadn't took

to you like pitch, do you think I'd have been here a-warning of you? All's up—you can't make nor mend; it's to save your neck that I'm a-speaking, and if one of the wild uns knew it, where'd I be, Tom—now, tell me, where'd I be?"

"Silver," said the other man—and I observed he was not only red in the face, but spoke as hoarse as a crow, and his voice shook too, like a taut rope—"Silver," says he, "you're old, and you're honest, or has the name for it; and you've money too, which lots of poor sailors hasn't; and you're brave, or I'm mistook. And will you tell me you'll let yourself be led away with that kind of a mess of swabs? Not you! As sure as God sees me, I'd sooner lose my hand. If I turn agin my dooty—"

And then all of a sudden he was interrupted by a noise. I had found one of the honest hands—well, here, at that same moment, came news of another. Far away out in the marsh there arose, all of a sudden, a sound like the cry of anger, then another on the back of it; and then one horrid, long-drawn scream. The rocks of the Spy-glass re-echoed it a score of times; the whole troop of marsh-birds rose again, darkening heaven, with a simultaneous whirr; and long after that death yell was still ringing in my brain, silence had re-established its empire, and only the rustle of the redescending birds and the boom of the distant surges disturbed the languor of the afternoon.

Tom had leaped at the sound, like a horse at the spur, but Silver had not winked an eye. He stood where he was, resting lightly on his crutch, watching his companion like a snake about to spring.

"John!" said the sailor, stretching out his hand.

"Hands off!" cried Silver, leaping back a yard, as it seemed to me, with the speed and security of a trained gymnast.

"Hands off, if you like, John Silver," said the other. "It's a black conscience that can make you feared of me. But in heaven's name, tell me, what was that?"

"That?" returned Silver, smiling away, but warier than ever, his eye a mere pin-point in his big face, but gleaming like a crumb of glass. "That? Oh, I reckon that'll be Alan."

And at this point Tom flashed out like a hero.

"Alan!" he cried. "Then rest his soul for a true seaman! And as for you, John Silver, long you've been a mate of mine, but you're mate of mine no more. If I die like a dog, I'll die in my dooty. You've killed Alan, have you? Kill me too, if you can. But I defies you."

And with that, this brave fellow turned his back directly on the cook and set off walking for the beach. But he was not destined to go far. With a cry John seized the branch of a tree, whipped the crutch out of his armpit, and sent that uncouth missile hurtling through the air. It struck poor Tom, point foremost, and with stunning violence, right between the shoulders in the middle of his

back. His hands flew up, he gave a sort of gasp, and fell.

Whether he were injured much or little, none could ever tell. Like enough, to judge from the sound, his back was broken on the spot. But he had no time given him to recover. Silver, agile as a monkey even without leg or crutch, was on the top of him next moment and had twice buried his knife up to the hilt in that defenceless body. From my place of ambush, I could hear him pant aloud as he struck the blows.

I do not know what it rightly is to faint, but I do know that for the next little while the whole world swam away from before me in a whirling mist; Silver and the birds, and the tall Spy-glass hilltop, going round and round and topsy-turvy before my eyes, and all manner of bells ringing and distant voices shouting in my ear.

When I came again to myself the monster had pulled himself together, his crutch under his arm, his hat upon his head. Just before him Tom lay motionless upon the sward; but the murderer minded him not a whit, cleansing his blood-stained knife the while upon a wisp of grass. Everything else was unchanged, the sun still shining mercilessly on the steaming marsh and the tall pinnacle of the mountain, and I could scarce persuade myself that murder had been actually done and a human life cruelly cut short a moment since before my eyes.

But now John put his hand into his pocket, brought out a whistle, and blew upon it several modulated blasts

that rang far across the heated air. I could not tell, of course, the meaning of the signal, but it instantly awoke my fears. More men would be coming. I might be discovered. They had already slain two of the honest people; after Tom and Alan, might not I come next?

Instantly I began to extricate myself and crawl back again, with what speed and silence I could manage, to the more open portion of the wood. As I did so, I could hear hails coming and going between the old buccaneer and his comrades, and this sound of danger lent me wings. As soon as I was clear of the thicket, I ran as I never ran before, scarce minding the direction of my flight, so long as it led me from the murderers; and as I ran, fear grew and grew upon me until it turned into a kind of frenzy.

Indeed, could anyone be more entirely lost than I? When the gun fired, how should I dare to go down to the boats among those fiends, still smoking from their crime? Would not the first of them who saw me wring my neck like a snipe's? Would not my absence itself be an evidence to them of my alarm, and therefore of my fatal knowledge? It was all over, I thought. Good-bye to the *Hispaniola*; good-bye to the squire, the doctor, and the captain! There was nothing left for me but death by starvation or death by the hands of the mutineers.

All this while, as I say, I was still running, and without taking any notice, I had drawn near to the foot of the little hill with the two peaks and had got into a part of the island

where the live-oaks grew more widely apart and seemed more like forest trees in their bearing and dimensions. Mingled with these were a few scattered pines, some fifty, some nearer seventy, feet high. The air too smelt more freshly than down beside the marsh.

And here a fresh alarm brought me to a standstill with a thumping heart.

15.

THE MAN OF THE ISLAND

FROM the side of the hill, which was here steep and stony, a spout of gravel was dislodged and fell rattling and bounding through the trees. My eyes turned instinctively in that direction, and I saw a figure leap with great rapidity behind the trunk of a pine. What it was, whether bear or man or monkey, I could in no wise tell. It seemed dark and shaggy; more I knew not. But the terror of this new apparition brought me to a stand.

I was now, it seemed, cut off upon both sides; behind me the murderers, before me this lurking nondescript. And immediately I began to prefer the dangers that I knew to those I knew not. Silver himself appeared less terrible in contrast with this creature of the woods, and I turned on my heel, and looking sharply behind me over my shoulder, began to retrace my steps in the direction of the boats.

Instantly the figure reappeared, and making a wide circuit, began to head me off. I was tired, at any rate; but had I been as fresh as when I rose, I could see it was in vain for me to contend in speed with such an adversary. From trunk to trunk the creature flitted like a deer, running manlike on two legs, but unlike any man that I had ever seen, stooping almost double as it ran. Yet a man it was, I could no longer be in doubt about that.

I began to recall what I had heard of cannibals. I was within an ace of calling for help. But the mere fact that he was a man, however wild, had somewhat reassured me, and my fear of Silver began to revive in proportion. I stood still, therefore, and cast about for some method of escape; and as I was so thinking, the recollection of my pistol flashed into my mind. As soon as I remembered I was not defenceless, courage glowed again in my heart and I set my face resolutely for this man of the island and walked briskly towards him.

He was concealed by this time behind another tree trunk; but he must have been watching me closely, for as soon as I began to move in his direction he reappeared and took a step to meet me. Then he hesitated, drew back, came forward again, and at last, to my wonder and confusion, threw himself on his knees and held out his clasped hands in supplication.

At that I once more stopped.

"Who are you?" I asked.

"Ben Gunn," he answered, and his voice sounded hoarse and awkward, like a rusty lock. "I'm poor Ben Gunn, I am; and I haven't spoke with a Christian these three years."

I could now see that he was a white man like myself and that his features were even pleasing. His skin, wherever it was exposed, was burnt by the sun; even his lips were black, and his fair eyes looked quite startling in

so dark a face. Of all the beggar-men that I had seen or fancied, he was the chief for raggedness. He was clothed with tatters of old ship's canvas and old sea-cloth, and this extraordinary patchwork was all held together by a system of the most various and incongruous fastenings, brass buttons, bits of stick, and loops of tarry gaskin. About his waist he wore an old brass-buckled leather belt, which was the one thing solid in his whole accoutrement.

"Three years!" I cried. "Were you shipwrecked?"

"Nay, mate," said he; "marooned."

I had heard the word, and I knew it stood for a horrible kind of punishment common enough among the buccaneers, in which the offender is put ashore with a little powder and shot and left behind on some desolate and distant island.

"Marooned three years ago," he continued, "and lived on goats since then, and berries, and oysters. Wherever a man is, says I, a man can do for himself. But, mate, my heart is sore for Christian diet. You mightn't happen to have a piece of cheese about you, now? No? Well, many's the long night I've dreamed of cheese—toasted, mostly—and woke up again, and here I were."

"If ever I can get aboard again," said I, "you shall have cheese by the stone."

All this time he had been feeling the stuff of my jacket, smoothing my hands, looking at my boots, and

generally, in the intervals of his speech, showing a childish pleasure in the presence of a fellow creature. But at my last words he perked up into a kind of startled slyness.

"If ever you can get aboard again, says you?" he repeated. "Why, now, who's to hinder you?"

"Not you, I know," was my reply.

"And right you was," he cried. "Now you—what do you call yourself, mate?"

"Jim," I told him.

"Jim, Jim," says he, quite pleased apparently. "Well, now, Jim, I've lived that rough as you'd be ashamed to hear of. Now, for instance, you wouldn't think I had had a pious mother—to look at me?" he asked.

"Why, no, not in particular," I answered.

"Ah, well," said he, "but I had—remarkable pious. And I was a civil, pious boy, and could rattle off my catechism that fast, as you couldn't tell one word from another. And here's what it come to, Jim, and it begun with chuck-farthen on the blessed grave-stones! That's what it begun with, but it went further'n that; and so my mother told me, and predicked the whole, she did, the pious woman! But it were Providence that put me here. I've thought it all out in this here lonely island, and I'm back on piety. You don't catch me tasting rum so much, but just a thimbleful for luck, of course, the first chance I have. I'm bound I'll be good, and I see the way to. And, Jim"—looking

all round him and lowering his voice to a whisper—"I'm rich."

I now felt sure that the poor fellow had gone crazy in his solitude, and I suppose I must have shown the feeling in my face, for he repeated the statement hotly: "Rich! Rich! I says. And I'll tell you what: I'll make a man of you, Jim. Ah, Jim, you'll bless your stars, you will, you was the first that found me!"

And at this there came suddenly a lowering shadow over his face, and he tightened his grasp upon my hand and raised a forefinger threateningly before my eyes.

"Now, Jim, you tell me true: that ain't Flint's ship?" he asked.

At this I had a happy inspiration. I began to believe that I had found an ally, and I answered him at once.

"It's not Flint's ship, and Flint is dead; but I'll tell you true, as you ask me—there are some of Flint's hands aboard; worse luck for the rest of us."

"Not a man—with one—leg?" he gasped.

"Silver?" I asked.

"Ah, Silver!" says he. "That were his name."

"He's the cook, and the ringleader too."

He was still holding me by the wrist, and at that he give it quite a wring.

"If you was sent by Long John," he said, "I'm as good as pork, and I know it. But where was you, do you suppose?"

I had made my mind up in a moment, and by way of answer told him the whole story of our voyage and the predicament in which we found ourselves. He heard me with the keenest interest, and when I had done he patted me on the head.

"You're a good lad, Jim," he said; "and you're all in a clove hitch, ain't you? Well, you just put your trust in Ben Gunn—Ben Gunn's the man to do it. Would you think it likely, now, that your squire would prove a liberal-minded one in case of help—him being in a clove hitch, as you remark?"

I told him the squire was the most liberal of men.

"Aye, but you see," returned Ben Gunn, "I didn't mean giving me a gate to keep, and a suit of livery clothes, and such; that's not my mark, Jim. What I mean is, would he be likely to come down to the toon of, say one thousand pounds out of money that's as good as a man's own already?"

"I am sure he would," said I. "As it was, all hands were to share."

"*And a passage home?*" he added with a look of great shrewdness.

"Why," I cried, "the squire's a gentleman. And besides, if we got rid of the others, we should want you to help work the vessel home."

"Ah," said he, "so you would." And he seemed very much relieved.

"Now, I'll tell you what," he went on. "So much I'll tell you, and no more. I were in Flint's ship when he buried the treasure; he and six along—six strong seamen. They was ashore nigh on a week, and us standing off and on in the old *Walrus*. One fine day up went the signal, and here come Flint by himself in a little boat, and his head done up in a blue scarf. The sun was getting up, and mortal white he looked about the cutwater. But, there he was, you mind, and the six all dead—dead and buried. How he done it, not a man aboard us could make out. It was battle, murder, and sudden death, leastways—him against six. Billy Bones was the mate; Long John, he was quartermaster; and they asked him where the treasure was. 'Ah,' says he, 'you can go ashore, if you like, and stay,' he says; 'but as for the ship, she'll beat up for more, by thunder!' That's what he said.

"Well, I was in another ship three years back, and we sighted this island. 'Boys,' said I, 'here's Flint's treasure; let's land and find it.' The cap'n was displeased at that, but my messmates were all of a mind and landed. Twelve days they looked for it, and every day they had the worse word for me, until one fine morning all hands went aboard. 'As for you, Benjamin Gunn,' says they, 'here's a musket,' they says, 'and a spade, and pick-axe. You can stay here and find Flint's money for yourself,' they says.

"Well, Jim, three years have I been here, and not a bite of Christian diet from that day to this. But now, you look

here; look at me. Do I look like a man before the mast? No, says you. Nor I weren't, neither, I says."

And with that he winked and pinched me hard.

"Just you mention them words to your squire, Jim," he went on. "Nor he weren't, neither—that's the words. Three years he were the man of this island, light and dark, fair and rain; and sometimes he would maybe think upon a prayer (says you), and sometimes he would maybe think of his old mother, so be as she's alive (you'll say); but the most part of Gunn's time (this is what you'll say)—the most part of his time was took up with another matter. And then you'll give him a nip, like I do."

And he pinched me again in the most confidential manner.

"Then," he continued, "then you'll up, and you'll say this: Gunn is a good man (you'll say), and he puts a precious sight more confidence—a precious sight, mind that—in a gen'leman born than in these gen'leman of fortune, having been one hisself."

"Well," I said, "I don't understand one word that you've been saying. But that's neither here nor there; for how am I to get on board?"

"Ah," said he, "that's the hitch, for sure. Well, there's my boat, that I made with my two hands. I keep her under the white rock. If the worst come to the worst, we might try that after dark. Hi!" he broke out. "What's that?"

For just then, although the sun had still an hour or two to run, all the echoes of the island awoke and bellowed to the thunder of a cannon.

"They have begun to fight!" I cried. "Follow me."

And I began to run towards the anchorage, my terrors all forgotten, while close at my side the marooned man in his goatskins trotted easily and lightly.

"Left, left," says he; "keep to your left hand, mate Jim! Under the trees with you! Theer's where I killed my first goat. They don't come down here now; they're all mastheaded on them mountings for the fear of Benjamin Gunn. Ah! And there's the cetemery"—cemetery, he must have meant. "You see the mounds? I come here and prayed, nows and thens, when I thought maybe a Sunday would be about doo. It weren't quite a chapel, but it seemed more solemn like; and then, says you, Ben Gunn was short-handed—no chapling, nor so much as a Bible and a flag, you says."

So he kept talking as I ran, neither expecting nor receiving any answer.

The cannon-shot was followed after a considerable interval by a volley of small arms.

Another pause, and then, not a quarter of a mile in front of me, I beheld the Union Jack flutter in the air above a wood.

PART FOUR
THE STOCKADE

16.

NARRATIVE CONTINUED BY THE DOCTOR: HOW THE SHIP WAS ABANDONED

IT was about half past one—three bells in the sea phrase—that the two boats went ashore from the *Hispaniola*. The captain, the squire, and I were talking matters over in the cabin. Had there been a breath of wind, we should have fallen on the six mutineers who were left aboard with us, slipped our cable, and away to sea. But the wind was wanting; and to complete our helplessness, down came Hunter with the news that Jim Hawkins had slipped into a boat and was gone ashore with the rest.

It never occurred to us to doubt Jim Hawkins, but we were alarmed for his safety. With the men in the temper they were in, it seemed an even chance if we should see the lad again. We ran on deck. The pitch was bubbling in the seams; the nasty stench of the place turned me sick; if ever a man smelt fever and dysentery, it was in that abominable anchorage. The six scoundrels were sitting grumbling under a sail in the forecabin; ashore we could see the gigs made fast and a man sitting in each, hard by where the river runs in. One of them was whistling "Lillibullero."

Waiting was a strain, and it was decided that Hunter and I should go ashore with the jolly-boat in quest of information.

The gigs had leaned to their right, but Hunter and I pulled straight in, in the direction of the stockade upon the chart. The two who were left guarding their boats seemed in a bustle at our appearance; "Lillibullero" stopped off, and I could see the pair discussing what they ought to do. Had they gone and told Silver, all might have turned out differently; but they had their orders, I suppose, and decided to sit quietly where they were and hark back again to "Lillibullero."

There was a slight bend in the coast, and I steered so as to put it between us; even before we landed we had thus lost sight of the gigs. I jumped out and came as near running as I durst, with a big silk handkerchief under my hat for coolness' sake and a brace of pistols ready primed for safety.

I had not gone a hundred yards when I reached the stockade.

This was how it was: a spring of clear water rose almost at the top of a knoll. Well, on the knoll, and enclosing the spring, they had clapped a stout loghouse fit to hold two score of people on a pinch and loopholed for musketry on either side. All round this they had cleared a wide space, and then the thing was completed by a paling six feet high, without door or opening, too strong to pull

down without time and labour and too open to shelter the besiegers. The people in the log-house had them in every way; they stood quiet in shelter and shot the others like partridges. All they wanted was a good watch and food; for, short of a complete surprise, they might have held the place against a regiment.

What particularly took my fancy was the spring. For though we had a good enough place of it in the cabin of the *Hispaniola*, with plenty of arms and ammunition, and things to eat, and excellent wines, there had been one thing overlooked—we had no water. I was thinking this over when there came ringing over the island the cry of a man at the point of death. I was not new to violent death—I have served his Royal Highness the Duke of Cumberland, and got a wound myself at Fontenoy—but I know my pulse went dot and carry one. "Jim Hawkins is gone," was my first thought.

It is something to have been an old soldier, but more still to have been a doctor. There is no time to dilly-dally in our work. And so now I made up my mind instantly, and with no time lost returned to the shore and jumped on board the jolly-boat.

By good fortune Hunter pulled a good oar. We made the water fly, and the boat was soon alongside and I aboard the schooner.

I found them all shaken, as was natural. The squire was sitting down, as white as a sheet, thinking of the harm

he had led us to, the good soul! And one of the six fore-castle hands was little better.

"There's a man," says Captain Smollett, nodding towards him, "new to this work. He came nigh-hand fainting, doctor, when he heard the cry. Another touch of the rudder and that man would join us."

I told my plan to the captain, and between us we settled on the details of its accomplishment.

We put old Redruth in the gallery between the cabin and the fore-castle, with three or four loaded muskets and a mattress for protection. Hunter brought the boat round under the stern-port, and Joyce and I set to work loading her with powder tins, muskets, bags of biscuits, kegs of pork, a cask of cognac, and my invaluable medicine chest.

In the meantime, the squire and the captain stayed on deck, and the latter hailed the coxswain, who was the principal man aboard.

"Mr. Hands," he said, "here are two of us with a brace of pistols each. If any one of you six make a signal of any description, that man's dead."

They were a good deal taken aback, and after a little consultation one and all tumbled down the fore companion, thinking no doubt to take us on the rear. But when they saw Redruth waiting for them in the sparred galley, they went about ship at once, and a head popped out again on deck.

"Down, dog!" cries the captain.

And the head popped back again; and we heard no more, for the time, of these six very faint-hearted seamen.

By this time, tumbling things in as they came, we had the jolly-boat loaded as much as we dared. Joyce and I got out through the stern-port, and we made for shore again as fast as oars could take us.

This second trip fairly aroused the watchers along shore. "Lillibullero" was dropped again; and just before we lost sight of them behind the little point, one of them whipped ashore and disappeared. I had half a mind to change my plan and destroy their boats, but I feared that Silver and the others might be close at hand, and all might very well be lost by trying for too much.

We had soon touched land in the same place as before and set to provision the block house. All three made the first journey, heavily laden, and tossed our stores over the palisade. Then, leaving Joyce to guard them—one man, to be sure, but with half a dozen muskets—Hunter and I returned to the jolly-boat and loaded ourselves once more. So we proceeded without pausing to take breath, till the whole cargo was bestowed, when the two servants took up their position in the block house, and I, with all my power, sculled back to the *Hispaniola*.

That we should have risked a second boat load seems more daring than it really was. They had the advantage of numbers, of course, but we had the advantage of arms. Not one of the men ashore had a musket, and before they could

get within range for pistol shooting, we flattered ourselves we should be able to give a good account of a half-dozen at least.

The squire was waiting for me at the stern window, all his faintness gone from him. He caught the painter and made it fast, and we fell to loading the boat for our very lives. Pork, powder, and biscuit was the cargo, with only a musket and a cutlass apiece for the squire and me and Redruth and the captain. The rest of the arms and powder we dropped overboard in two fathoms and a half of water, so that we could see the bright steel shining far below us in the sun, on the clean, sandy bottom.

By this time the tide was beginning to ebb, and the ship was swinging round to her anchor. Voices were heard faintly halloaing in the direction of the two gigs; and though this reassured us for Joyce and Hunter, who were well to the eastward, it warned our party to be off.

Redruth retreated from his place in the gallery and dropped into the boat, which we then brought round to the ship's counter, to be handier for Captain Smollett.

"Now, men," said he, "do you hear me?"

There was no answer from the forecastle.

"It's to you, Abraham Gray—it's to you I am speaking."
Still no reply.

"Gray," resumed Mr. Smollett, a little louder, "I am leaving this ship, and I order you to follow your captain. I know you are a good man at bottom, and I dare say not one

of the lot of you's as bad as he makes out. I have my watch here in my hand; I give you thirty seconds to join me in."

There was a pause.

"Come, my fine fellow," continued the captain; "don't hang so long in stays. I'm risking my life and the lives of these good gentlemen every second."

There was a sudden scuffle, a sound of blows, and out burst Abraham Gray with a knife cut on the side of the cheek, and came running to the captain like a dog to the whistle.

"I'm with you, sir," said he.

And the next moment he and the captain had dropped aboard of us, and we had shoved off and given way.

We were clear out of the ship, but not yet ashore in our stockade.

17.

NARRATIVE CONTINUED BY THE DOCTOR: THE JOLLY-BOAT'S LAST TRIP

THIS fifth trip was quite different from any of the others. In the first place, the little gallipot of a boat that we were in was gravely overloaded. Five grown men, and three of them—Trelawney, Redruth, and the captain—over six feet high, was already more than she was meant to carry. Add to that the powder, pork, and bread-bags. The gunwale was lipping astern. Several times we shipped a little water, and my breeches and the tails of my coat were all soaking wet before we had gone a hundred yards.

The captain made us trim the boat, and we got her to lie a little more evenly. All the same, we were afraid to breathe.

In the second place, the ebb was now making—a strong rippling current running westward through the basin, and then south'ard and seaward down the straits by which we had entered in the morning. Even the ripples were a danger to our overloaded craft, but the worst of it was that we were swept out of our true course and away from our proper landing-place behind the point. If we let

the current have its way we should come ashore beside the gigs, where the pirates might appear at any moment.

"I cannot keep her head for the stockade, sir," said I to the captain. I was steering, while he and Redruth, two fresh men, were at the oars. "The tide keeps washing her down. Could you pull a little stronger?"

"Not without swamping the boat," said he. "You must bear up, sir, if you please—bear up until you see you're gaining."

I tried and found by experiment that the tide kept sweeping us westward until I had laid her head due east, or just about right angles to the way we ought to go.

"We'll never get ashore at this rate," said I.

"If it's the only course that we can lie, sir, we must even lie it," returned the captain. "We must keep upstream. You see, sir," he went on, "if once we dropped to leeward of the landing-place, it's hard to say where we should get ashore, besides the chance of being boarded by the gigs; whereas, the way we go the current must slacken, and then we can dodge back along the shore."

"The current's less a'ready, sir," said the man Gray, who was sitting in the fore-sheets; "you can ease her off a bit."

"Thank you, my man," said I, quite as if nothing had happened, for we had all quietly made up our minds to treat him like one of ourselves.

Suddenly the captain spoke up again, and I thought his voice was a little changed.

"The gun!" said he.

"I have thought of that," said I, for I made sure he was thinking of a bombardment of the fort. "They could never get the gun ashore, and if they did, they could never haul it through the woods."

"Look astern, doctor," replied the captain.

We had entirely forgotten the long nine; and there, to our horror, were the five rogues busy about her, getting off her jacket, as they called the stout tarpaulin cover under which she sailed. Not only that, but it flashed into my mind at the same moment that the round-shot and the powder for the gun had been left behind, and a stroke with an axe would put it all into the possession of the evil ones abroad.

"Israel was Flint's gunner," said Gray hoarsely.

At any risk, we put the boat's head direct for the landing-place. By this time we had got so far out of the run of the current that we kept steerage way even at our necessarily gentle rate of rowing, and I could keep her steady for the goal. But the worst of it was that with the course I now held we turned our broadside instead of our stern to the *Hispaniola* and offered a target like a barn door.

I could hear as well as see that brandy-faced rascal Israel Hands plumping down a round-shot on the deck.

"Who's the best shot?" asked the captain.

"Mr. Trelawney, out and away," said I.

"Mr. Trelawney, will you please pick me off one of these men, sir? Hands, if possible," said the captain.

Trelawney was as cool as steel. He looked to the priming of his gun.

"Now," cried the captain, "easy with that gun, sir, or you'll swamp the boat. All hands stand by to trim her when he aims."

The squire raised his gun, the rowing ceased, and we leaned over to the other side to keep the balance, and all was so nicely contrived that we did not ship a drop.

They had the gun, by this time, slewed round upon the swivel, and Hands, who was at the muzzle with the rammer, was in consequence the most exposed. However, we had no luck, for just as Trelawney fired, down he stooped, the ball whistled over him, and it was one of the other four who fell.

The cry he gave was echoed not only by his companions on board but by a great number of voices from the shore, and looking in that direction I saw the other pirates trooping out from among the trees and tumbling into their places in the boats.

"Here come the gigs, sir," said I.

"Give way, then," cried the captain. "We mustn't mind if we swamp her now. If we can't get ashore, all's up."

"Only one of the gigs is being manned, sir," I added; "the crew of the other most likely going round by shore to cut us off."

"They'll have a hot run, sir," returned the captain. "Jack ashore, you know. It's not them I mind; it's the round-shot. Carpet bowls! My lady's maid couldn't miss. Tell us, squire, when you see the match, and we'll hold water."

In the meanwhile we had been making headway at a good pace for a boat so overloaded, and we had shipped but little water in the process. We were now close in; thirty or forty strokes and we should beach her, for the ebb had already disclosed a narrow belt of sand below the clustering trees. The gig was no longer to be feared; the little point had already concealed it from our eyes. The ebb-tide, which had so cruelly delayed us, was now making reparation and delaying our assailants. The one source of danger was the gun.

"If I durst," said the captain, "I'd stop and pick off another man."

But it was plain that they meant nothing should delay their shot. They had never so much as looked at their fallen comrade, though he was not dead, and I could see him trying to crawl away.

"Ready!" cried the squire.

"Hold!" cried the captain, quick as an echo.

And he and Redruth backed with a great heave that sent her stern bodily under water. The report fell in at the same instant of time. This was the first that Jim heard, the sound of the squire's shot not having reached him. Where the ball passed, not one of us precisely knew, but I fancy it must have been over our heads and that the wind of it may have contributed to our disaster.

At any rate, the boat sank by the stern, quite gently, in three feet of water, leaving the captain and myself, facing each other, on our feet. The other three took complete headers, and came up again drenched and bubbling.

So far there was no great harm. No lives were lost, and we could wade ashore in safety. But there were all our stores at the bottom, and to make things worse, only two guns out of five remained in a state for service. Mine I had snatched from my knees and held over my head, by a sort of instinct. As for the captain, he had carried his over his shoulder by a bandoleer, and like a wise man, lock uppermost. The other three had gone down with the boat.

To add to our concern, we heard voices already drawing near us in the woods along shore, and we had not only the danger of being cut off from the stockade in our half-crippled state but the fear before us whether, if Hunter and Joyce were attacked by half a dozen, they would have the sense and conduct to stand firm. Hunter was steady, that we knew; Joyce was a doubtful case—a

pleasant, polite man for a valet and to brush one's clothes, but not entirely fitted for a man of war.

With all this in our minds, we waded ashore as fast as we could, leaving behind us the poor jolly-boat and a good half of all our powder and provisions.

18.

NARRATIVE CONTINUED BY THE DOCTOR: END OF THE FIRST DAY'S FIGHTING

WE made our best speed across the strip of wood that now divided us from the stockade, and at every step we took the voices of the buccaneers rang nearer. Soon we could hear their footfalls as they ran and the cracking of the branches as they breasted across a bit of thicket.

I began to see we should have a brush for it in earnest and looked to my priming.

"Captain," said I, "Trelawney is the dead shot. Give him your gun; his own is useless."

They exchanged guns, and Trelawney, silent and cool as he had been since the beginning of the bustle, hung a moment on his heel to see that all was fit for service. At the same time, observing Gray to be unarmed, I handed him my cutlass. It did all our hearts good to see him spit in his hand, knit his brows, and make the blade sing through the air. It was plain from every line of his body that our new hand was worth his salt.

Forty paces farther we came to the edge of the wood and saw the stockade in front of us. We struck the enclosure about the middle of the south side, and almost

at the same time, seven mutineers—Job Anderson, the boatswain, at their head—appeared in full cry at the southwestern corner.

They paused as if taken aback, and before they recovered, not only the squire and I, but Hunter and Joyce from the block house, had time to fire. The four shots came in rather a scattering volley, but they did the business: one of the enemy actually fell, and the rest, without hesitation, turned and plunged into the trees.

After reloading, we walked down the outside of the palisade to see to the fallen enemy. He was stone dead—shot through the heart.

We began to rejoice over our good success when just at that moment a pistol cracked in the bush, a ball whistled close past my ear, and poor Tom Redruth stumbled and fell his length on the ground. Both the squire and I returned the shot, but as we had nothing to aim at, it is probable we only wasted powder. Then we reloaded and turned our attention to poor Tom.

The captain and Gray were already examining him, and I saw with half an eye that all was over.

I believe the readiness of our return volley had scattered the mutineers once more, for we were suffered without further molestation to get the poor old gamekeeper hoisted over the stockade and carried, groaning and bleeding, into the log-house.

Poor old fellow, he had not uttered one word of surprise, complaint, fear, or even acquiescence from the very beginning of our troubles till now, when we had laid him down in the log-house to die. He had lain like a Trojan behind his mattress in the gallery; he had followed every order silently, doggedly, and well; he was the oldest of our party by a score of years; and now, sullen, old, serviceable servant, it was he that was to die.

The squire dropped down beside him on his knees and kissed his hand, crying like a child.

"Be I going, doctor?" he asked.

"Tom, my man," said I, "you're going home."

"I wish I had had a lick at them with the gun first," he replied.

"Tom," said the squire, "say you forgive me, won't you?"

"Would that be respectful like, from me to you, squire?" was the answer. "Howsoever, so be it, amen!"

After a little while of silence, he said he thought somebody might read a prayer. "It's the custom, sir," he added apologetically. And not long after, without another word, he passed away.

In the meantime the captain, whom I had observed to be wonderfully swollen about the chest and pockets, had turned out a great many various stores—the British colours, a Bible, a coil of stoutish rope, pen, ink, the log-book, and pounds of tobacco. He had found a longish

fir-tree lying felled and trimmed in the enclosure, and with the help of Hunter he had set it up at the corner of the log-house where the trunks crossed and made an angle. Then, climbing on the roof, he had with his own hand bent and run up the colours.

This seemed mightily to relieve him. He re-entered the log-house and set about counting up the stores as if nothing else existed. But he had an eye on Tom's passage for all that, and as soon as all was over, came forward with another flag and reverently spread it on the body.

"Don't you take on, sir," he said, shaking the squire's hand. "All's well with him; no fear for a hand that's been shot down in his duty to captain and owner. It mayn't be good divinity, but it's a fact."

Then he pulled me aside.

"Dr. Livesey," he said, "in how many weeks do you and squire expect the consort?"

I told him it was a question not of weeks but of months, that if we were not back by the end of August Blandly was to send to find us, but neither sooner nor later. "You can calculate for yourself," I said.

"Why, yes," returned the captain, scratching his head; "and making a large allowance, sir, for all the gifts of Providence, I should say we were pretty close hauled."

"How do you mean?" I asked.

"It's a pity, sir, we lost that second load. That's what I mean," replied the captain. "As for powder and shot, we'll

do. But the rations are short, very short—so short, Dr. Livesey, that we're perhaps as well without that extra mouth."

And he pointed to the dead body under the flag.

Just then, with a roar and a whistle, a round-shot passed high above the roof of the log-house and plumped far beyond us in the wood.

"Oho!" said the captain. "Blaze away! You've little enough powder already, my lads."

At the second trial, the aim was better, and the ball descended inside the stockade, scattering a cloud of sand but doing no further damage.

"Captain," said the squire, "the house is quite invisible from the ship. It must be the flag they are aiming at. Would it not be wiser to take it in?"

"Strike my colours!" cried the captain. "No, sir, not I"; and as soon as he had said the words, I think we all agreed with him. For it was not only a piece of stout, seamanly, good feeling; it was good policy besides and showed our enemies that we despised their cannonade.

All through the evening they kept thundering away. Ball after ball flew over or fell short or kicked up the sand in the enclosure, but they had to fire so high that the shot fell dead and buried itself in the soft sand. We had no ricochet to fear, and though one popped in through the roof of the log-house and out again through the floor, we

soon got used to that sort of horse-play and minded it no more than cricket.

"There is one good thing about all this," observed the captain; "the wood in front of us is likely clear. The ebb has made a good while; our stores should be uncovered. Volunteers to go and bring in pork."

Gray and Hunter were the first to come forward. Well armed, they stole out of the stockade, but it proved a useless mission. The mutineers were bolder than we fancied or they put more trust in Israel's gunnery. For four or five of them were busy carrying off our stores and wading out with them to one of the gigs that lay close by, pulling an oar or so to hold her steady against the current. Silver was in the stern-sheets in command; and every man of them was now provided with a musket from some secret magazine of their own.

The captain sat down to his log, and here is the beginning of the entry:

Alexander Smollett, master; David Livesey, ship's doctor; Abraham Gray, carpenter's mate; John Trelawney, owner; John Hunter and Richard Joyce, owner's servants, landsmen—being all that is left faithful of the ship's company—with stores for ten days at short rations, came ashore this day and flew British colours on the log-house in Treasure Island. Thomas Redruth, owner's servant, landsman, shot by the mutineers; James Hawkins, cabin-boy—

And at the same time, I was wondering over poor Jim Hawkins' fate.

A hail on the land side.

"Somebody hailing us," said Hunter, who was on guard.

"Doctor! Squire! Captain! Hullo, Hunter, is that you?" came the cries.

And I ran to the door in time to see Jim Hawkins, safe and sound, come climbing over the stockade.

19.

NARRATIVE RESUMED BY JIM HAWKINS: THE GARRISON IN THE STOCKADE

AS soon as Ben Gunn saw the colours he came to a halt, stopped me by the arm, and sat down.

"Now," said he, "there's your friends, sure enough."

"Far more likely it's the mutineers," I answered.

"That!" he cried. "Why, in a place like this, where nobody puts in but gen'lemen of fortune, Silver would fly the Jolly Roger, you don't make no doubt of that. No, that's your friends. There's been blows too, and I reckon your friends has had the best of it; and here they are ashore in the old stockade, as was made years and years ago by Flint. Ah, he was the man to have a headpiece, was Flint! Barring rum, his match were never seen. He were afraid of none, not he; on'y Silver—Silver was that genteel."

"Well," said I, "that may be so, and so be it; all the more reason that I should hurry on and join my friends."

"Nay, mate," returned Ben, "not you. You're a good boy, or I'm mistook; but you're on'y a boy, all told. Now, Ben Gunn is fly. Rum wouldn't bring me there, where you're going—not rum wouldn't, till I see your born gen'leman and gets it on his word of honour. And you

won't forget my words; 'A precious sight (that's what you'll say), a precious sight more confidence'—and then nips him."

And he pinched me the third time with the same air of cleverness.

"And when Ben Gunn is wanted, you know where to find him, Jim. Just wheer you found him today. And him that comes is to have a white thing in his hand, and he's to come alone. Oh! And you'll say this: 'Ben Gunn,' says you, 'has reasons of his own.'"

"Well," said I, "I believe I understand. You have something to propose, and you wish to see the squire or the doctor, and you're to be found where I found you. Is that all?"

"And when? says you," he added. "Why, from about noon observation to about six bells."

"Good," said I, "and now may I go?"

"You won't forget?" he inquired anxiously. "Precious sight, and reasons of his own, says you. Reasons of his own; that's the mainstay; as between man and man. Well, then"—still holding me—"I reckon you can go, Jim. And, Jim, if you was to see Silver, you wouldn't go for to sell Ben Gunn? Wild horses wouldn't draw it from you? No, says you. And if them pirates camp ashore, Jim, what would you say but there'd be widders in the morning?"

Here he was interrupted by a loud report, and a cannonball came tearing through the trees and pitched in

the sand not a hundred yards from where we two were talking. The next moment each of us had taken to his heels in a different direction.

For a good hour to come frequent reports shook the island, and balls kept crashing through the woods. I moved from hiding-place to hiding-place, always pursued, or so it seemed to me, by these terrifying missiles. But towards the end of the bombardment, though still I durst not venture in the direction of the stockade, where the balls fell oftenest, I had begun, in a manner, to pluck up my heart again, and after a long detour to the east, crept down among the shore-side trees.

The sun had just set, the sea breeze was rustling and tumbling in the woods and ruffling the grey surface of the anchorage; the tide, too, was far out, and great tracts of sand lay uncovered; the air, after the heat of the day, chilled me through my jacket.

The *Hispaniola* still lay where she had anchored; but, sure enough, there was the Jolly Roger—the black flag of piracy—flying from her peak. Even as I looked, there came another red flash and another report that sent the echoes clattering, and one more round-shot whistled through the air. It was the last of the cannonade.

I lay for some time watching the bustle which succeeded the attack. Men were demolishing something with axes on the beach near the stockade—the poor jolly-boat, I afterwards discovered. Away, near the mouth

of the river, a great fire was glowing among the trees, and between that point and the ship one of the gigs kept coming and going, the men, whom I had seen so gloomy, shouting at the oars like children. But there was a sound in their voices which suggested rum.

At length I thought I might return towards the stockade. I was pretty far down on the low, sandy spit that encloses the anchorage to the east, and is joined at half-water to Skeleton Island; and now, as I rose to my feet, I saw, some distance further down the spit and rising from among low bushes, an isolated rock, pretty high, and peculiarly white in colour. It occurred to me that this might be the white rock of which Ben Gunn had spoken and that some day or other a boat might be wanted and I should know where to look for one.

Then I skirted among the woods until I had regained the rear, or shoreward side, of the stockade, and was soon warmly welcomed by the faithful party.

I had soon told my story and began to look about me. The log-house was made of unsquared trunks of pine—roof, walls, and floor. The latter stood in several places as much as a foot or a foot and a half above the surface of the sand. There was a porch at the door, and under this porch the little spring welled up into an artificial basin of a rather odd kind—no other than a great ship's kettle of iron, with the bottom knocked out, and

sunk "to her bearings," as the captain said, among the sand.

Little had been left besides the framework of the house, but in one corner there was a stone slab laid down by way of hearth and an old rusty iron basket to contain the fire.

The slopes of the knoll and all the inside of the stockade had been cleared of timber to build the house, and we could see by the stumps what a fine and lofty grove had been destroyed. Most of the soil had been washed away or buried in drift after the removal of the trees; only where the streamlet ran down from the kettle a thick bed of moss and some ferns and little creeping bushes were still green among the sand. Very close around the stockade—too close for defence, they said—the wood still flourished high and dense, all of fir on the land side, but towards the sea with a large admixture of live-oaks.

The cold evening breeze, of which I have spoken, whistled through every chink of the rude building and sprinkled the floor with a continual rain of fine sand. There was sand in our eyes, sand in our teeth, sand in our suppers, sand dancing in the spring at the bottom of the kettle, for all the world like porridge beginning to boil. Our chimney was a square hole in the roof; it was but a little part of the smoke that found its way out, and the rest eddied about the house and kept us coughing and piping the eye.

Add to this that Gray, the new man, had his face tied up in a bandage for a cut he had got in breaking away from the mutineers and that poor old Tom Redruth, still unburied, lay along the wall, stiff and stark, under the Union Jack.

If we had been allowed to sit idle, we should all have fallen in the blues, but Captain Smollett was never the man for that. All hands were called up before him, and he divided us into watches. The doctor and Gray and I for one; the squire, Hunter, and Joyce upon the other. Tired though we all were, two were sent out for firewood; two more were set to dig a grave for Redruth; the doctor was named cook; I was put sentry at the door; and the captain himself went from one to another, keeping up our spirits and lending a hand wherever it was wanted.

From time to time the doctor came to the door for a little air and to rest his eyes, which were almost smoked out of his head, and whenever he did so, he had a word for me.

"That man Smollett," he said once, "is a better man than I am. And when I say that it means a deal, Jim."

Another time he came and was silent for a while. Then he put his head on one side, and looked at me.

"Is this Ben Gunn a man?" he asked.

"I do not know, sir," said I. "I am not very sure whether he's sane."

"If there's any doubt about the matter, he is," returned the doctor. "A man who has been three years biting his nails on a desert island, Jim, can't expect to appear as sane as you or me. It doesn't lie in human nature. Was it cheese you said he had a fancy for?"

"Yes, sir, cheese," I answered.

"Well, Jim," says he, "just see the good that comes of being dainty in your food. You've seen my snuff-box, haven't you? And you never saw me take snuff, the reason being that in my snuff-box I carry a piece of Parmesan cheese—a cheese made in Italy, very nutritious. Well, that's for Ben Gunn!"

Before supper was eaten we buried old Tom in the sand and stood round him for a while bare-headed in the breeze. A good deal of firewood had been got in, but not enough for the captain's fancy, and he shook his head over it and told us we "must get back to this tomorrow rather livelier." Then, when we had eaten our pork and each had a good stiff glass of brandy grog, the three chiefs got together in a corner to discuss our prospects.

It appears they were at their wits' end what to do, the stores being so low that we must have been starved into surrender long before help came. But our best hope, it was decided, was to kill off the buccaneers until they either hauled down their flag or ran away with the *Hispaniola*. From nineteen they were already reduced to fifteen, two others were wounded, and one at least—the man shot

beside the gun—severely wounded, if he were not dead. Every time we had a crack at them, we were to take it, saving our own lives, with the extremest care. And besides that, we had two able allies—rum and the climate.

As for the first, though we were about half a mile away, we could hear them roaring and singing late into the night; and as for the second, the doctor staked his wig that, camped where they were in the marsh and unprovided with remedies, the half of them would be on their backs before a week.

"So," he added, "if we are not all shot down first they'll be glad to be packing in the schooner. It's always a ship, and they can get to buccaneering again, I suppose."

"First ship that ever I lost," said Captain Smollett.

I was dead tired, as you may fancy; and when I got to sleep, which was not till after a great deal of tossing, I slept like a log of wood.

The rest had long been up and had already breakfasted and increased the pile of firewood by about half as much again when I was wakened by a bustle and the sound of voices.

"Flag of truce!" I heard someone say; and then, immediately after, with a cry of surprise, "Silver himself!"

And at that, up I jumped, and rubbing my eyes, ran to a loophole in the wall.

20.

SILVER'S EMBASSY

SURE enough, there were two men just outside the stockade, one of them waving a white cloth, the other, no less a person than Silver himself, standing placidly by.

It was still quite early, and the coldest morning that I think I ever was abroad in—a chill that pierced into the marrow. The sky was bright and cloudless overhead, and the tops of the trees shone rosily in the sun. But where Silver stood with his lieutenant, all was still in shadow, and they waded knee-deep in a low white vapour that had crawled during the night out of the morass. The chill and the vapour taken together told a poor tale of the island. It was plainly a damp, feverish, unhealthy spot.

"Keep indoors, men," said the captain. "Ten to one this is a trick."

Then he hailed the buccaneer.

"Who goes? Stand, or we fire."

"Flag of truce," cried Silver.

The captain was in the porch, keeping himself carefully out of the way of a treacherous shot, should any be intended. He turned and spoke to us, "Doctor's watch on the lookout. Dr. Livesey take the north side, if you please; Jim, the east; Gray, west. The watch below, all hands to load muskets. Lively, men, and careful."

And then he turned again to the mutineers.

"And what do you want with your flag of truce?" he cried.

This time it was the other man who replied.

"Cap'n Silver, sir, to come on board and make terms," he shouted.

"Cap'n Silver! Don't know him. Who's he?" cried the captain. And we could hear him adding to himself, "Cap'n, is it? My heart, and here's promotion!"

Long John answered for himself. "Me, sir. These poor lads have chosen me cap'n, after your desertion, sir"—laying a particular emphasis upon the word "desertion." "We're willing to submit, if we can come to terms, and no bones about it. All I ask is your word, Cap'n Smollett, to let me safe and sound out of this here stockade, and one minute to get out o' shot before a gun is fired."

"My man," said Captain Smollett, "I have not the slightest desire to talk to you. If you wish to talk to me, you can come, that's all. If there's any treachery, it'll be on your side, and the Lord help you."

"That's enough, cap'n," shouted Long John cheerily. "A word from you's enough. I know a gentleman, and you may lay to that."

We could see the man who carried the flag of truce attempting to hold Silver back. Nor was that wonderful, seeing how cavalier had been the captain's answer. But

Silver laughed at him aloud and slapped him on the back as if the idea of alarm had been absurd. Then he advanced to the stockade, threw over his crutch, got a leg up, and with great vigour and skill succeeded in surmounting the fence and dropping safely to the other side.

I will confess that I was far too much taken up with what was going on to be of the slightest use as sentry; indeed, I had already deserted my eastern loophole and crept up behind the captain, who had now seated himself on the threshold, with his elbows on his knees, his head in his hands, and his eyes fixed on the water as it bubbled out of the old iron kettle in the sand. He was whistling "Come, Lasses and Lads."

Silver had terrible hard work getting up the knoll. What with the steepness of the incline, the thick tree stumps, and the soft sand, he and his crutch were as helpless as a ship in stays. But he stuck to it like a man in silence, and at last arrived before the captain, whom he saluted in the handsomest style. He was tricked out in his best; an immense blue coat, thick with brass buttons, hung as low as to his knees, and a fine laced hat was set on the back of his head.

"Here you are, my man," said the captain, raising his head. "You had better sit down."

"You ain't a-going to let me inside, cap'n?" complained Long John. "It's a main cold morning, to be sure, sir, to sit outside upon the sand."

"Why, Silver," said the captain, "if you had pleased to be an honest man, you might have been sitting in your galley. It's your own doing. You're either my ship's cook—and then you were treated handsome—or Cap'n Silver, a common mutineer and pirate, and then you can go hang!"

"Well, well, cap'n," returned the sea-cook, sitting down as he was bidden on the sand, "you'll have to give me a hand up again, that's all. A sweet pretty place you have of it here. Ah, there's Jim! The top of the morning to you, Jim. Doctor, here's my service. Why, there you all are together like a happy family, in a manner of speaking."

"If you have anything to say, my man, better say it," said the captain.

"Right you were, Cap'n Smollett," replied Silver. "Dooty is dooty, to be sure. Well now, you look here, that was a good lay of yours last night. I don't deny it was a good lay. Some of you pretty handy with a handspike-end. And I'll not deny neither but what some of my people was shook—maybe all was shook; maybe I was shook myself; maybe that's why I'm here for terms. But you mark me, cap'n, it won't do twice, by thunder! We'll have to do sentry-go and ease off a point or so on the rum. Maybe you think we were all a sheet in the wind's eye. But I'll tell you I was sober; I was on'y dog tired; and if I'd awoke a second sooner, I'd 'a caught you at the act, I would. He wasn't dead when I got round to him, not he."

"Well?" says Captain Smollett as cool as can be.

All that Silver said was a riddle to him, but you would never have guessed it from his tone. As for me, I began to have an inkling. Ben Gunn's last words came back to my mind. I began to suppose that he had paid the buccaneers a visit while they all lay drunk together round their fire, and I reckoned up with glee that we had only fourteen enemies to deal with.

"Well, here it is," said Silver. "We want that treasure, and we'll have it—that's our point! You would just as soon save your lives, I reckon; and that's yours. You have a chart, haven't you?"

"That's as may be," replied the captain.

"Oh, well, you have, I know that," returned Long John. "You needn't be so husky with a man; there ain't a particle of service in that, and you may lay to it. What I mean is, we want your chart. Now, I never meant you no harm, myself."

"That won't do with me, my man," interrupted the captain. "We know exactly what you meant to do, and we don't care, for now, you see, you can't do it."

And the captain looked at him calmly and proceeded to fill a pipe.

"If Abe Gray—" Silver broke out.

"Avast there!" cried Mr. Smollett. "Gray told me nothing, and I asked him nothing; and what's more, I would see you and him and this whole island blown clean

out of the water into blazes first. So there's my mind for you, my man, on that."

This little whiff of temper seemed to cool Silver down. He had been growing nettled before, but now he pulled himself together.

"Like enough," said he. "I would set no limits to what gentlemen might consider shipshape, or might not, as the case were. And seein' as how you are about to take a pipe, cap'n, I'll make so free as do likewise."

And he filled a pipe and lighted it; and the two men sat silently smoking for quite a while, now looking each other in the face, now stopping their tobacco, now leaning forward to spit. It was as good as the play to see them.

"Now," resumed Silver, "here it is. You give us the chart to get the treasure by, and drop shooting poor seamen and stoving of their heads in while asleep. You do that, and we'll offer you a choice. Either you come aboard along of us, once the treasure shipped, and then I'll give you my affy-davy, upon my word of honour, to clap you somewhere safe ashore. Or if that ain't to your fancy, some of my hands being rough and having old scores on account of hazing, then you can stay here, you can. We'll divide stores with you, man for man; and I'll give my affy-davy, as before to speak the first ship I sight, and send 'em here to pick you up. Now, you'll own that's talking. Handsomer you couldn't look to get, now you. And I hope"—raising his voice—"that all hands in this here block house will

overhaul my words, for what is spoke to one is spoke to all."

Captain Smollett rose from his seat and knocked out the ashes of his pipe in the palm of his left hand.

"Is that all?" he asked.

"Every last word, by thunder!" answered John. "Refuse that, and you've seen the last of me but musket-balls."

"Very good," said the captain. "Now you'll hear me. If you'll come up one by one, unarmed, I'll engage to clap you all in irons and take you home to a fair trial in England. If you won't, my name is Alexander Smollett, I've flown my sovereign's colours, and I'll see you all to Davy Jones. You can't find the treasure. You can't sail the ship—there's not a man among you fit to sail the ship. You can't fight us—Gray, there, got away from five of you. Your ship's in irons, Master Silver; you're on a lee shore, and so you'll find. I stand here and tell you so; and they're the last good words you'll get from me, for in the name of heaven, I'll put a bullet in your back when next I meet you. Tramp, my lad. Bundle out of this, please, hand over hand, and double quick."

Silver's face was a picture; his eyes started in his head with wrath. He shook the fire out of his pipe.

"Give me a hand up!" he cried.

"Not I," returned the captain.

"Who'll give me a hand up?" he roared.

Not a man among us moved. Growling the foulest imprecations, he crawled along the sand till he got hold of the porch and could hoist himself again upon his crutch. Then he spat into the spring.

"There!" he cried. "That's what I think of ye. Before an hour's out, I'll stove in your old block house like a rum puncheon. Laugh, by thunder, laugh! Before an hour's out, ye'll laugh upon the other side. Them that die'll be the lucky ones."

And with a dreadful oath he stumbled off, ploughed down the sand, was helped across the stockade, after four or five failures, by the man with the flag of truce, and disappeared in an instant afterwards among the trees.

21.

THE ATTACK

AS soon as Silver disappeared, the captain, who had been closely watching him, turned towards the interior of the house and found not a man of us at his post but Gray. It was the first time we had ever seen him angry.

"Quarters!" he roared. And then, as we all slunk back to our places, "Gray," he said, "I'll put your name in the log; you've stood by your duty like a seaman. Mr. Trelawney, I'm surprised at you, sir. Doctor, I thought you had worn the king's coat! If that was how you served at Fontenoy, sir, you'd have been better in your berth."

The doctor's watch were all back at their loopholes, the rest were busy loading the spare muskets, and everyone with a red face, you may be certain, and a flea in his ear, as the saying is.

The captain looked on for a while in silence. Then he spoke.

"My lads," said he, "I've given Silver a broadside. I pitched it in red-hot on purpose; and before the hour's out, as he said, we shall be boarded. We're outnumbered, I needn't tell you that, but we fight in shelter; and a minute ago I should have said we fought with discipline. I've no manner of doubt that we can drub them, if you choose."

Then he went the rounds and saw, as he said, that all was clear.

On the two short sides of the house, east and west, there were only two loopholes; on the south side where the porch was, two again; and on the north side, five. There was a round score of muskets for the seven of us; the firewood had been built into four piles—tables, you might say—one about the middle of each side, and on each of these tables some ammunition and four loaded muskets were laid ready to the hand of the defenders. In the middle, the cutlasses lay ranged.

"Toss out the fire," said the captain; "the chill is past, and we mustn't have smoke in our eyes."

The iron fire-basket was carried bodily out by Mr. Trelawney, and the embers smothered among sand.

"Hawkins hasn't had his breakfast. Hawkins, help yourself, and back to your post to eat it," continued Captain Smollett. "Lively, now, my lad; you'll want it before you've done. Hunter, serve out a round of brandy to all hands."

And while this was going on, the captain completed, in his own mind, the plan of the defence.

"Doctor, you will take the door," he resumed. "See, and don't expose yourself; keep within, and fire through the porch. Hunter, take the east side, there. Joyce, you stand by the west, my man. Mr. Trelawney, you are the best shot—you and Gray will take this long north side, with the

five loopholes; it's there the danger is. If they can get up to it and fire in upon us through our own ports, things would begin to look dirty. Hawkins, neither you nor I are much account at the shooting; we'll stand by to load and bear a hand."

As the captain had said, the chill was past. As soon as the sun had climbed above our girdle of trees, it fell with all its force upon the clearing and drank up the vapours at a draught. Soon the sand was baking and the resin melting in the logs of the block house. Jackets and coats were flung aside, shirts thrown open at the neck and rolled up to the shoulders; and we stood there, each at his post, in a fever of heat and anxiety.

An hour passed away.

"Hang them!" said the captain. "This is as dull as the doldrums. Gray, whistle for a wind."

And just at that moment came the first news of the attack.

"If you please, sir," said Joyce, "if I see anyone, am I to fire?"

"I told you so!" cried the captain.

"Thank you, sir," returned Joyce with the same quiet civility.

Nothing followed for a time, but the remark had set us all on the alert, straining ears and eyes—the musketeers with their pieces balanced in their hands, the captain out

in the middle of the block house with his mouth very tight and a frown on his face.

So some seconds passed, till suddenly Joyce whipped up his musket and fired. The report had scarcely died away ere it was repeated and repeated from without in a scattering volley, shot behind shot, like a string of geese, from every side of the enclosure. Several bullets struck the log-house, but not one entered; and as the smoke cleared away and vanished, the stockade and the woods around it looked as quiet and empty as before. Not a bough waved, not the gleam of a musket-barrel betrayed the presence of our foes.

"Did you hit your man?" asked the captain.

"No, sir," replied Joyce. "I believe not, sir."

"Next best thing to tell the truth," muttered Captain Smollett. "Load his gun, Hawkins. How many should say there were on your side, doctor?"

"I know precisely," said Dr. Livesey. "Three shots were fired on this side. I saw the three flashes—two close together—one farther to the west."

"Three!" repeated the captain. "And how many on yours, Mr. Trelawney?"

But this was not so easily answered. There had come many from the north—seven by the squire's computation, eight or nine according to Gray. From the east and west only a single shot had been fired. It was plain, therefore, that the attack would be developed from the north and

that on the other three sides we were only to be annoyed by a show of hostilities. But Captain Smollett made no change in his arrangements. If the mutineers succeeded in crossing the stockade, he argued, they would take possession of any unprotected loophole and shoot us down like rats in our own stronghold.

Nor had we much time left to us for thought. Suddenly, with a loud huzza, a little cloud of pirates leaped from the woods on the north side and ran straight on the stockade. At the same moment, the fire was once more opened from the woods, and a rifle ball sang through the doorway and knocked the doctor's musket into bits.

The boarders swarmed over the fence like monkeys. Squire and Gray fired again and yet again; three men fell, one forwards into the enclosure, two back on the outside. But of these, one was evidently more frightened than hurt, for he was on his feet again in a crack and instantly disappeared among the trees.

Two had bit the dust, one had fled, four had made good their footing inside our defences, while from the shelter of the woods seven or eight men, each evidently supplied with several muskets, kept up a hot though useless fire on the log-house.

The four who had boarded made straight before them for the building, shouting as they ran, and the men among the trees shouted back to encourage them. Several shots were fired, but such was the hurry of the marksmen that

not one appears to have taken effect. In a moment, the four pirates had swarmed up the mound and were upon us.

The head of Job Anderson, the boatswain, appeared at the middle loophole.

"At 'em, all hands—all hands!" he roared in a voice of thunder.

At the same moment, another pirate grasped Hunter's musket by the muzzle, wrenched it from his hands, plucked it through the loophole, and with one stunning blow, laid the poor fellow senseless on the floor. Meanwhile a third, running unharmed all around the house, appeared suddenly in the doorway and fell with his cutlass on the doctor.

Our position was utterly reversed. A moment since we were firing, under cover, at an exposed enemy; now it was we who lay uncovered and could not return a blow.

The log-house was full of smoke, to which we owed our comparative safety. Cries and confusion, the flashes and reports of pistol-shots, and one loud groan rang in my ears.

"Out, lads, out, and fight 'em in the open! Cutlasses!" cried the captain.

I snatched a cutlass from the pile, and someone, at the same time snatching another, gave me a cut across the knuckles which I hardly felt. I dashed out of the door into the clear sunlight. Someone was close behind, I knew not whom. Right in front, the doctor was pursuing his

assailant down the hill, and just as my eyes fell upon him, beat down his guard and sent him sprawling on his back with a great slash across the face.

"Round the house, lads! Round the house!" cried the captain; and even in the hurly-burly, I perceived a change in his voice.

Mechanically, I obeyed, turned eastwards, and with my cutlass raised, ran round the corner of the house. Next moment I was face to face with Anderson. He roared aloud, and his hanger went up above his head, flashing in the sunlight. I had not time to be afraid, but as the blow still hung impending, leaped in a trice upon one side, and missing my foot in the soft sand, rolled headlong down the slope.

When I had first sallied from the door, the other mutineers had been already swarming up the palisade to make an end of us. One man, in a red night-cap, with his cutlass in his mouth, had even got upon the top and thrown a leg across. Well, so short had been the interval that when I found my feet again all was in the same posture, the fellow with the red night-cap still half-way over, another still just showing his head above the top of the stockade. And yet, in this breath of time, the fight was over and the victory was ours.

Gray, following close behind me, had cut down the big boatswain ere he had time to recover from his last blow. Another had been shot at a loophole in the very act of

firing into the house and now lay in agony, the pistol still smoking in his hand. A third, as I had seen, the doctor had disposed of at a blow. Of the four who had scaled the palisade, one only remained unaccounted for, and he, having left his cutlass on the field, was now clambering out again with the fear of death upon him.

"Fire—fire from the house!" cried the doctor. "And you, lads, back into cover."

But his words were unheeded, no shot was fired, and the last boarder made good his escape and disappeared with the rest into the wood. In three seconds nothing remained of the attacking party but the five who had fallen, four on the inside and one on the outside of the palisade.

The doctor and Gray and I ran full speed for shelter. The survivors would soon be back where they had left their muskets, and at any moment the fire might recommence.

The house was by this time somewhat cleared of smoke, and we saw at a glance the price we had paid for victory. Hunter lay beside his loophole, stunned; Joyce by his, shot through the head, never to move again; while right in the centre, the squire was supporting the captain, one as pale as the other.

"The captain's wounded," said Mr. Trelawney.

"Have they run?" asked Mr. Smollett.

"All that could, you may be bound," returned the doctor; "but there's five of them will never run again."

"Five!" cried the captain. "Come, that's better. Five against three leaves us four to nine. That's better odds than we had at starting. We were seven to nineteen then, or thought we were, and that's as bad to bear."*

*The mutineers were soon only eight in number, for the man shot by Mr. Trelawney on board the schooner died that same evening of his wound. But this was, of course, not known till after by the faithful party.

PART FIVE
MY SEA ADVENTURE

22.

HOW MY SEA ADVENTURE BEGAN

THERE was no return of the mutineers—not so much as another shot out of the woods. They had "got their rations for that day," as the captain put it, and we had the place to ourselves and a quiet time to overhaul the wounded and get dinner. Squire and I cooked outside in spite of the danger, and even outside we could hardly tell what we were at, for horror of the loud groans that reached us from the doctor's patients.

Out of the eight men who had fallen in the action, only three still breathed—that one of the pirates who had been shot at the loophole, Hunter, and Captain Smollett; and of these, the first two were as good as dead; the mutineer indeed died under the doctor's knife, and Hunter, do what we could, never recovered consciousness in this world. He lingered all day, breathing loudly like the old buccaneer at home in his apoplectic fit, but the bones of his chest had been crushed by the blow and his skull fractured in falling, and some time in the following night, without sign or sound, he went to his Maker.

As for the captain, his wounds were grievous indeed, but not dangerous. No organ was fatally injured. Anderson's ball—for it was Job that shot him first—had broken his shoulder-blade and touched the lung, not

badly; the second had only torn and displaced some muscles in the calf. He was sure to recover, the doctor said, but in the meantime, and for weeks to come, he must not walk nor move his arm, nor so much as speak when he could help it.

My own accidental cut across the knuckles was a flea-bite. Doctor Livesey patched it up with plaster and pulled my ears for me into the bargain.

After dinner the squire and the doctor sat by the captain's side awhile in consultation; and when they had talked to their hearts' content, it being then a little past noon, the doctor took up his hat and pistols, girt on a cutlass, put the chart in his pocket, and with a musket over his shoulder crossed the palisade on the north side and set off briskly through the trees.

Gray and I were sitting together at the far end of the block house, to be out of earshot of our officers consulting; and Gray took his pipe out of his mouth and fairly forgot to put it back again, so thunder-struck he was at this occurrence.

"Why, in the name of Davy Jones," said he, "is Dr. Livesey mad?"

"Why no," says I. "He's about the last of this crew for that, I take it."

"Well, shipmate," said Gray, "mad he may not be; but if *he's* not, you mark my words, *I* am."

"I take it," replied I, "the doctor has his idea; and if I am right, he's going now to see Ben Gunn."

I was right, as appeared later; but in the meantime, the house being stifling hot and the little patch of sand inside the palisade ablaze with midday sun, I began to get another thought into my head, which was not by any means so right. What I began to do was to envy the doctor walking in the cool shadow of the woods with the birds about him and the pleasant smell of the pines, while I sat grilling, with my clothes stuck to the hot resin, and so much blood about me and so many poor dead bodies lying all around that I took a disgust of the place that was almost as strong as fear.

All the time I was washing out the block house, and then washing up the things from dinner, this disgust and envy kept growing stronger and stronger, till at last, being near a bread-bag, and no one then observing me, I took the first step towards my escapade and filled both pockets of my coat with biscuit.

I was a fool, if you like, and certainly I was going to do a foolish, over-bold act; but I was determined to do it with all the precautions in my power. These biscuits, should anything befall me, would keep me, at least, from starving till far on in the next day.

The next thing I laid hold of was a brace of pistols, and as I already had a powder-horn and bullets, I felt myself well supplied with arms.

As for the scheme I had in my head, it was not a bad one in itself. I was to go down the sandy spit that divides the anchorage on the east from the open sea, find the white rock I had observed last evening, and ascertain whether it was there or not that Ben Gunn had hidden his boat, a thing quite worth doing, as I still believe. But as I was certain I should not be allowed to leave the enclosure, my only plan was to take French leave and slip out when nobody was watching, and that was so bad a way of doing it as made the thing itself wrong. But I was only a boy, and I had made my mind up.

Well, as things at last fell out, I found an admirable opportunity. The squire and Gray were busy helping the captain with his bandages, the coast was clear, I made a bolt for it over the stockade and into the thickest of the trees, and before my absence was observed I was out of cry of my companions.

This was my second folly, far worse than the first, as I left but two sound men to guard the house; but like the first, it was a help towards saving all of us.

I took my way straight for the east coast of the island, for I was determined to go down the sea side of the spit to avoid all chance of observation from the anchorage. It was already late in the afternoon, although still warm and sunny. As I continued to thread the tall woods, I could hear from far before me not only the continuous thunder of the surf, but a certain tossing of foliage and grinding of boughs

which showed me the sea breeze had set in higher than usual. Soon cool draughts of air began to reach me, and a few steps farther I came forth into the open borders of the grove, and saw the sea lying blue and sunny to the horizon and the surf tumbling and tossing its foam along the beach.

I have never seen the sea quiet round Treasure Island. The sun might blaze overhead, the air be without a breath, the surface smooth and blue, but still these great rollers would be running along all the external coast, thundering and thundering by day and night; and I scarce believe there is one spot in the island where a man would be out of earshot of their noise.

I walked along beside the surf with great enjoyment, till, thinking I was now got far enough to the south, I took the cover of some thick bushes and crept warily up to the ridge of the spit.

Behind me was the sea, in front the anchorage. The sea breeze, as though it had the sooner blown itself out by its unusual violence, was already at an end; it had been succeeded by light, variable airs from the south and south-east, carrying great banks of fog; and the anchorage, under lee of Skeleton Island, lay still and leaden as when first we entered it. The *Hispaniola*, in that unbroken mirror, was exactly portrayed from the truck to the waterline, the Jolly Roger hanging from her peak.

Alongside lay one of the gigs, Silver in the stern-sheets—him I could always recognize—while a couple of men were leaning over the stern bulwarks, one of them with a red cap—the very rogue that I had seen some hours before stride-legs upon the palisade. Apparently they were talking and laughing, though at that distance—upwards of a mile—I could, of course, hear no word of what was said. All at once there began the most horrid, unearthly screaming, which at first startled me badly, though I had soon remembered the voice of Captain Flint and even thought I could make out the bird by her bright plumage as she sat perched upon her master's wrist.

Soon after, the jolly-boat shoved off and pulled for shore, and the man with the red cap and his comrade went below by the cabin companion.

Just about the same time, the sun had gone down behind the Spy-glass, and as the fog was collecting rapidly, it began to grow dark in earnest. I saw I must lose no time if I were to find the boat that evening.

The white rock, visible enough above the brush, was still some eighth of a mile further down the spit, and it took me a goodish while to get up with it, crawling, often on all fours, among the scrub. Night had almost come when I laid my hand on its rough sides. Right below it there was an exceedingly small hollow of green turf, hidden by banks and a thick underwood about knee-deep, that grew there very plentifully; and in the centre of the

dell, sure enough, a little tent of goat-skins, like what the gipsies carry about with them in England.

I dropped into the hollow, lifted the side of the tent, and there was Ben Gunn's boat—home-made if ever anything was home-made; a rude, lop-sided framework of tough wood, and stretched upon that a covering of goat-skin, with the hair inside. The thing was extremely small, even for me, and I can hardly imagine that it could have floated with a full-sized man. There was one thwart set as low as possible, a kind of stretcher in the bows, and a double paddle for propulsion.

I had not then seen a coracle, such as the ancient Britons made, but I have seen one since, and I can give you no fairer idea of Ben Gunn's boat than by saying it was like the first and the worst coracle ever made by man. But the great advantage of the coracle it certainly possessed, for it was exceedingly light and portable.

Well, now that I had found the boat, you would have thought I had had enough of truantry for once, but in the meantime I had taken another notion and become so obstinately fond of it that I would have carried it out, I believe, in the teeth of Captain Smollett himself. This was to slip out under cover of the night, cut the *Hispaniola* adrift, and let her go ashore where she fancied. I had quite made up my mind that the mutineers, after their repulse of the morning, had nothing nearer their hearts than to up anchor and away to sea; this, I

thought, it would be a fine thing to prevent, and now that I had seen how they left their watchmen unprovided with a boat, I thought it might be done with little risk.

Down I sat to wait for darkness, and made a hearty meal of biscuit. It was a night out of ten thousand for my purpose. The fog had now buried all heaven. As the last rays of daylight dwindled and disappeared, absolute blackness settled down on Treasure Island. And when, at last, I shouldered the coracle and groped my way stumblingly out of the hollow where I had supped, there were but two points visible on the whole anchorage.

One was the great fire on shore, by which the defeated pirates lay carousing in the swamp. The other, a mere blur of light upon the darkness, indicated the position of the anchored ship. She had swung round to the ebb—her bow was now towards me—the only lights on board were in the cabin, and what I saw was merely a reflection on the fog of the strong rays that flowed from the stern window.

The ebb had already run some time, and I had to wade through a long belt of swampy sand, where I sank several times above the ankle, before I came to the edge of the retreating water, and wading a little way in, with some strength and dexterity, set my coracle, keel downwards, on the surface.

23.

THE EBB-TIDE RUNS

THE coracle—as I had ample reason to know before I was done with her—was a very safe boat for a person of my height and weight, both buoyant and clever in a seaway; but she was the most cross-grained, lop-sided craft to manage. Do as you pleased, she always made more leeway than anything else, and turning round and round was the manoeuvre she was best at. Even Ben Gunn himself has admitted that she was "queer to handle till you knew her way."

Certainly I did not know her way. She turned in every direction but the one I was bound to go; the most part of the time we were broadside on, and I am very sure I never should have made the ship at all but for the tide. By good fortune, paddle as I pleased, the tide was still sweeping me down; and there lay the *Hispaniola* right in the fairway, hardly to be missed.

First she loomed before me like a blot of something yet blacker than darkness, then her spars and hull began to take shape, and the next moment, as it seemed (for, the farther I went, the brisker grew the current of the ebb), I was alongside of her hawser and had laid hold.

The hawser was as taut as a bowstring, and the current so strong she pulled upon her anchor. All round

the hull, in the blackness, the rippling current bubbled and chattered like a little mountain stream. One cut with my sea-gully and the *Hispaniola* would go humming down the tide.

So far so good, but it next occurred to my recollection that a taut hawser, suddenly cut, is a thing as dangerous as a kicking horse. Ten to one, if I were so foolhardy as to cut the *Hispaniola* from her anchor, I and the coracle would be knocked clean out of the water.

This brought me to a full stop, and if fortune had not again particularly favoured me, I should have had to abandon my design. But the light airs which had begun blowing from the south-east and south had hauled round after nightfall into the south-west. Just while I was meditating, a puff came, caught the *Hispaniola*, and forced her up into the current; and to my great joy, I felt the hawser slacken in my grasp, and the hand by which I held it dip for a second under water.

With that I made my mind up, took out my gully, opened it with my teeth, and cut one strand after another, till the vessel swung only by two. Then I lay quiet, waiting to sever these last when the strain should be once more lightened by a breath of wind.

All this time I had heard the sound of loud voices from the cabin, but to say truth, my mind had been so entirely taken up with other thoughts that I had scarcely given ear.

Now, however, when I had nothing else to do, I began to pay more heed.

One I recognized for the coxswain's, Israel Hands, that had been Flint's gunner in former days. The other was, of course, my friend of the red night-cap. Both men were plainly the worse of drink, and they were still drinking, for even while I was listening, one of them, with a drunken cry, opened the stern window and threw out something, which I divined to be an empty bottle. But they were not only tipsy; it was plain that they were furiously angry. Oaths flew like hailstones, and every now and then there came forth such an explosion as I thought was sure to end in blows. But each time the quarrel passed off and the voices grumbled lower for a while, until the next crisis came and in its turn passed away without result.

On shore, I could see the glow of the great camp-fire burning warmly through the shore-side trees. Someone was singing, a dull, old, droning sailor's song, with a droop and a quaver at the end of every verse, and seemingly no end to it at all but the patience of the singer. I had heard it on the voyage more than once and remembered these words:

*"But one man of her crew alive, What put to sea
with seventy-five."*

And I thought it was a ditty rather too dolefully appropriate for a company that had met such cruel losses

in the morning. But, indeed, from what I saw, all these buccaneers were as callous as the sea they sailed on.

At last the breeze came; the schooner sidled and drew nearer in the dark; I felt the hawser slacken once more, and with a good, tough effort, cut the last fibres through.

The breeze had but little action on the coracle, and I was almost instantly swept against the bows of the *Hispaniola*. At the same time, the schooner began to turn upon her heel, spinning slowly, end for end, across the current.

I wrought like a fiend, for I expected every moment to be swamped; and since I found I could not push the coracle directly off, I now shoved straight astern. At length I was clear of my dangerous neighbour, and just as I gave the last impulsion, my hands came across a light cord that was trailing overboard across the stern bulwarks. Instantly I grasped it.

Why I should have done so I can hardly say. It was at first mere instinct, but once I had it in my hands and found it fast, curiosity began to get the upper hand, and I determined I should have one look through the cabin window.

I pulled in hand over hand on the cord, and when I judged myself near enough, rose at infinite risk to about half my height and thus commanded the roof and a slice of the interior of the cabin.

By this time the schooner and her little consort were gliding pretty swiftly through the water; indeed, we had already fetched up level with the camp-fire. The ship was talking, as sailors say, loudly, treading the innumerable ripples with an incessant weltering splash; and until I got my eye above the window-sill I could not comprehend why the watchmen had taken no alarm. One glance, however, was sufficient; and it was only one glance that I durst take from that unsteady skiff. It showed me Hands and his companion locked together in deadly wrestle, each with a hand upon the other's throat.

I dropped upon the thwart again, none too soon, for I was near overboard. I could see nothing for the moment but these two furious, encrimsoned faces swaying together under the smoky lamp, and I shut my eyes to let them grow once more familiar with the darkness.

The endless ballad had come to an end at last, and the whole diminished company about the camp-fire had broken into the chorus I had heard so often:

*"Fifteen men on the dead man's chest—
Yo-ho-ho, and a bottle of rum! Drink and the devil
had done for the rest— Yo-ho-ho, and a bottle of
rum!"*

I was just thinking how busy drink and the devil were at that very moment in the cabin of the *Hispaniola*, when I was surprised by a sudden lurch of the coracle. At the same moment, she yawed sharply and seemed to change her

course. The speed in the meantime had strangely increased.

I opened my eyes at once. All round me were little ripples, combing over with a sharp, bristling sound and slightly phosphorescent. The *Hispaniola* herself, a few yards in whose wake I was still being whirled along, seemed to stagger in her course, and I saw her spars toss a little against the blackness of the night; nay, as I looked longer, I made sure she also was wheeling to the southward.

I glanced over my shoulder, and my heart jumped against my ribs. There, right behind me, was the glow of the camp-fire. The current had turned at right angles, sweeping round along with it the tall schooner and the little dancing coracle; ever quickening, ever bubbling higher, ever muttering louder, it went spinning through the narrows for the open sea.

Suddenly the schooner in front of me gave a violent yaw, turning, perhaps, through twenty degrees; and almost at the same moment one shout followed another from on board; I could hear feet pounding on the companion ladder and I knew that the two drunkards had at last been interrupted in their quarrel and awakened to a sense of their disaster.

I lay down flat in the bottom of that wretched skiff and devoutly recommended my spirit to its Maker. At the end of the straits, I made sure we must fall into some bar

of raging breakers, where all my troubles would be ended speedily; and though I could, perhaps, bear to die, I could not bear to look upon my fate as it approached.

So I must have lain for hours, continually beaten to and fro upon the billows, now and again wetted with flying sprays, and never ceasing to expect death at the next plunge. Gradually weariness grew upon me; a numbness, an occasional stupor, fell upon my mind even in the midst of my terrors, until sleep at last supervened and in my sea-tossed coracle I lay and dreamed of home and the old Admiral Benbow.

24.

THE CRUISE OF THE CORACLE

IT was broad day when I awoke and found myself tossing at the south-west end of Treasure Island. The sun was up but was still hid from me behind the great bulk of the Spy-glass, which on this side descended almost to the sea in formidable cliffs.

Haulbowline Head and Mizzen-mast Hill were at my elbow, the hill bare and dark, the head bound with cliffs forty or fifty feet high and fringed with great masses of fallen rock. I was scarce a quarter of a mile to seaward, and it was my first thought to paddle in and land.

That notion was soon given over. Among the fallen rocks the breakers spouted and bellowed; loud reverberations, heavy sprays flying and falling, succeeded one another from second to second; and I saw myself, if I ventured nearer, dashed to death upon the rough shore or spending my strength in vain to scale the beetling crags.

Nor was that all, for crawling together on flat tables of rock or letting themselves drop into the sea with loud reports I beheld huge slimy monsters—soft snails, as it were, of incredible bigness—two or three score of them together, making the rocks to echo with their barkings.

I have understood since that they were sea lions, and entirely harmless. But the look of them, added to the

difficulty of the shore and the high running of the surf, was more than enough to disgust me of that landing-place. I felt willing rather to starve at sea than to confront such perils.

In the meantime I had a better chance, as I supposed, before me. North of Haulbowline Head, the land runs in a long way, leaving at low tide a long stretch of yellow sand. To the north of that, again, there comes another cape—Cape of the Woods, as it was marked upon the chart—buried in tall green pines, which descended to the margin of the sea.

I remembered what Silver had said about the current that sets northward along the whole west coast of Treasure Island, and seeing from my position that I was already under its influence, I preferred to leave Haulbowline Head behind me and reserve my strength for an attempt to land upon the kindlier-looking Cape of the Woods.

There was a great, smooth swell upon the sea. The wind blowing steady and gentle from the south, there was no contrariety between that and the current, and the billows rose and fell unbroken.

Had it been otherwise, I must long ago have perished; but as it was, it is surprising how easily and securely my little and light boat could ride. Often, as I still lay at the bottom and kept no more than an eye above the gunwale, I would see a big blue summit heaving close above me; yet the coracle would but bounce a little, dance as if on

springs, and subside on the other side into the trough as lightly as a bird.

I began after a little to grow very bold and sat up to try my skill at paddling. But even a small change in the disposition of the weight will produce violent changes in the behaviour of a coracle. And I had hardly moved before the boat, giving up at once her gentle dancing movement, ran straight down a slope of water so steep that it made me giddy, and struck her nose, with a spout of spray, deep into the side of the next wave.

I was drenched and terrified, and fell instantly back into my old position, whereupon the coracle seemed to find her head again and led me as softly as before among the billows. It was plain she was not to be interfered with, and at that rate, since I could in no way influence her course, what hope had I left of reaching land?

I began to be horribly frightened, but I kept my head, for all that. First, moving with all care, I gradually baled out the coracle with my sea-cap; then, getting my eye once more above the gunwale, I set myself to study how it was she managed to slip so quietly through the rollers.

I found each wave, instead of the big, smooth glossy mountain it looks from shore or from a vessel's deck, was for all the world like any range of hills on dry land, full of peaks and smooth places and valleys. The coracle, left to herself, turning from side to side, threaded, so to speak,

her way through these lower parts and avoided the steep slopes and higher, toppling summits of the wave.

"Well, now," thought I to myself, "it is plain I must lie where I am and not disturb the balance; but it is plain also that I can put the paddle over the side and from time to time, in smooth places, give her a shove or two towards land." No sooner thought upon than done. There I lay on my elbows in the most trying attitude, and every now and again gave a weak stroke or two to turn her head to shore.

It was very tiring and slow work, yet I did visibly gain ground; and as we drew near the Cape of the Woods, though I saw I must infallibly miss that point, I had still made some hundred yards of easting. I was, indeed, close in. I could see the cool green tree-tops swaying together in the breeze, and I felt sure I should make the next promontory without fail.

It was high time, for I now began to be tortured with thirst. The glow of the sun from above, its thousandfold reflection from the waves, the sea-water that fell and dried upon me, caking my very lips with salt, combined to make my throat burn and my brain ache. The sight of the trees so near at hand had almost made me sick with longing, but the current had soon carried me past the point, and as the next reach of sea opened out, I beheld a sight that changed the nature of my thoughts.

Right in front of me, not half a mile away, I beheld the *Hispaniola* under sail. I made sure, of course, that I

should be taken; but I was so distressed for want of water that I scarce knew whether to be glad or sorry at the thought, and long before I had come to a conclusion, surprise had taken entire possession of my mind and I could do nothing but stare and wonder.

The *Hispaniola* was under her main-sail and two jibs, and the beautiful white canvas shone in the sun like snow or silver. When I first sighted her, all her sails were drawing; she was lying a course about north-west, and I presumed the men on board were going round the island on their way back to the anchorage. Presently she began to fetch more and more to the westward, so that I thought they had sighted me and were going about in chase. At last, however, she fell right into the wind's eye, was taken dead aback, and stood there awhile helpless, with her sails shivering.

"Clumsy fellows," said I; "they must still be drunk as owls." And I thought how Captain Smollett would have set them skipping.

Meanwhile the schooner gradually fell off and filled again upon another tack, sailed swiftly for a minute or so, and brought up once more dead in the wind's eye. Again and again was this repeated. To and fro, up and down, north, south, east, and west, the *Hispaniola* sailed by swoops and dashes, and at each repetition ended as she had begun, with idly flapping canvas. It became plain to me that nobody was steering. And if so, where were the

men? Either they were dead drunk or had deserted her, I thought, and perhaps if I could get on board I might return the vessel to her captain.

The current was bearing coracle and schooner southward at an equal rate. As for the latter's sailing, it was so wild and intermittent, and she hung each time so long in irons, that she certainly gained nothing, if she did not even lose. If only I dared to sit up and paddle, I made sure that I could overhaul her. The scheme had an air of adventure that inspired me, and the thought of the water breaker beside the fore companion doubled my growing courage.

Up I got, was welcomed almost instantly by another cloud of spray, but this time stuck to my purpose and set myself, with all my strength and caution, to paddle after the unsteered *Hispaniola*. Once I shipped a sea so heavy that I had to stop and bail, with my heart fluttering like a bird, but gradually I got into the way of the thing and guided my coracle among the waves, with only now and then a blow upon her bows and a dash of foam in my face.

I was now gaining rapidly on the schooner; I could see the brass glisten on the tiller as it banged about, and still no soul appeared upon her decks. I could not choose but suppose she was deserted. If not, the men were lying drunk below, where I might batten them down, perhaps, and do what I chose with the ship.

For some time she had been doing the worse thing possible for me—standing still. She headed nearly due south, yawing, of course, all the time. Each time she fell off, her sails partly filled, and these brought her in a moment right to the wind again. I have said this was the worst thing possible for me, for helpless as she looked in this situation, with the canvas cracking like cannon and the blocks trundling and banging on the deck, she still continued to run away from me, not only with the speed of the current, but by the whole amount of her leeway, which was naturally great.

But now, at last, I had my chance. The breeze fell for some seconds, very low, and the current gradually turning her, the *Hispaniola* revolved slowly round her centre and at last presented me her stern, with the cabin window still gaping open and the lamp over the table still burning on into the day. The main-sail hung drooped like a banner. She was stock-still but for the current.

For the last little while I had even lost, but now redoubling my efforts, I began once more to overhaul the chase.

I was not a hundred yards from her when the wind came again in a clap; she filled on the port tack and was off again, stooping and skimming like a swallow.

My first impulse was one of despair, but my second was towards joy. Round she came, till she was broadside on to me—round still till she had covered a half and then two

thirds and then three quarters of the distance that separated us. I could see the waves boiling white under her forefoot. Immensely tall she looked to me from my low station in the coracle.

And then, of a sudden, I began to comprehend. I had scarce time to think—scarce time to act and save myself. I was on the summit of one swell when the schooner came stooping over the next. The bowsprit was over my head. I sprang to my feet and leaped, stamping the coracle under water. With one hand I caught the jib-boom, while my foot was lodged between the stay and the brace; and as I still clung there panting, a dull blow told me that the schooner had charged down upon and struck the coracle and that I was left without retreat on the *Hispaniola*.

25.

I STRIKE THE JOLLY ROGER

I HAD scarce gained a position on the bowsprit when the flying jib flapped and filled upon the other tack, with a report like a gun. The schooner trembled to her keel under the reverse, but next moment, the other sails still drawing, the jib flapped back again and hung idle.

This had nearly tossed me off into the sea; and now I lost no time, crawled back along the bowsprit, and tumbled head foremost on the deck.

I was on the lee side of the fore-castle, and the mainsail, which was still drawing, concealed from me a certain portion of the after-deck. Not a soul was to be seen. The planks, which had not been swabbed since the mutiny, bore the print of many feet, and an empty bottle, broken by the neck, tumbled to and fro like a live thing in the scuppers.

Suddenly the *Hispaniola* came right into the wind. The jibs behind me cracked aloud, the rudder slammed to, the whole ship gave a sickening heave and shudder, and at the same moment the main-boom swung inboard, the sheet groaning in the blocks, and showed me the lee after-deck.

There were the two watchmen, sure enough: red-cap on his back, as stiff as a handspike, with his arms stretched out like those of a crucifix and his teeth showing through

his open lips; Israel Hands propped against the bulwarks, his chin on his chest, his hands lying open before him on the deck, his face as white, under its tan, as a tallow candle.

For a while the ship kept bucking and sidling like a vicious horse, the sails filling, now on one tack, now on another, and the boom swinging to and fro till the mast groaned aloud under the strain. Now and again too there would come a cloud of light sprays over the bulwark and a heavy blow of the ship's bows against the swell; so much heavier weather was made of it by this great rigged ship than by my home-made, lop-sided coracle, now gone to the bottom of the sea.

At every jump of the schooner, red-cap slipped to and fro, but—what was ghastly to behold—neither his attitude nor his fixed teeth-disclosing grin was anyway disturbed by this rough usage. At every jump too, Hands appeared still more to sink into himself and settle down upon the deck, his feet sliding ever the farther out, and the whole body canting towards the stern, so that his face became, little by little, hid from me; and at last I could see nothing beyond his ear and the frayed ringlet of one whisker.

At the same time, I observed, around both of them, splashes of dark blood upon the planks and began to feel sure that they had killed each other in their drunken wrath.

While I was thus looking and wondering, in a calm moment, when the ship was still, Israel Hands turned partly round and with a low moan writhed himself back to the position in which I had seen him first. The moan, which told of pain and deadly weakness, and the way in which his jaw hung open went right to my heart. But when I remembered the talk I had overheard from the apple barrel, all pity left me.

I walked aft until I reached the main-mast.

"Come aboard, Mr. Hands," I said ironically.

He rolled his eyes round heavily, but he was too far gone to express surprise. All he could do was to utter one word, "Brandy."

It occurred to me there was no time to lose, and dodging the boom as it once more lurched across the deck, I slipped aft and down the companion stairs into the cabin.

It was such a scene of confusion as you can hardly fancy. All the lockfast places had been broken open in quest of the chart. The floor was thick with mud where ruffians had sat down to drink or consult after wading in the marshes round their camp. The bulkheads, all painted in clear white and beaded round with gilt, bore a pattern of dirty hands. Dozens of empty bottles clinked together in corners to the rolling of the ship. One of the doctor's medical books lay open on the table, half of the leaves gutted out, I suppose, for pipelights. In the midst of all this

the lamp still cast a smoky glow, obscure and brown as umber.

I went into the cellar; all the barrels were gone, and of the bottles a most surprising number had been drunk out and thrown away. Certainly, since the mutiny began, not a man of them could ever have been sober.

Foraging about, I found a bottle with some brandy left, for Hands; and for myself I routed out some biscuit, some pickled fruits, a great bunch of raisins, and a piece of cheese. With these I came on deck, put down my own stock behind the rudder head and well out of the coxswain's reach, went forward to the water-breaker, and had a good deep drink of water, and then, and not till then, gave Hands the brandy.

He must have drunk a gill before he took the bottle from his mouth.

"Aye," said he, "by thunder, but I wanted some o' that!"

I had sat down already in my own corner and begun to eat.

"Much hurt?" I asked him.

He grunted, or rather, I might say, he barked.

"If that doctor was aboard," he said, "I'd be right enough in a couple of turns, but I don't have no manner of luck, you see, and that's what's the matter with me. As for that swab, he's good and dead, he is," he added, indicating the man with the red cap. "He warn't no seaman anyhow. And where mought you have come from?"

"Well," said I, "I've come aboard to take possession of this ship, Mr. Hands; and you'll please regard me as your captain until further notice."

He looked at me sourly enough but said nothing. Some of the colour had come back into his cheeks, though he still looked very sick and still continued to slip out and settle down as the ship banged about.

"By the by," I continued, "I can't have these colours, Mr. Hands; and by your leave, I'll strike 'em. Better none than these."

And again dodging the boom, I ran to the colour lines, handed down their cursed black flag, and chucked it overboard.

"God save the king!" said I, waving my cap. "And there's an end to Captain Silver!"

He watched me keenly and slyly, his chin all the while on his breast.

"I reckon," he said at last, "I reckon, Cap'n Hawkins, you'll kind of want to get ashore now. S'pose we talks."

"Why, yes," says I, "with all my heart, Mr. Hands. Say on." And I went back to my meal with a good appetite.

"This man," he began, nodding feebly at the corpse—"O'Brien were his name, a rank Irishman—this man and me got the canvas on her, meaning for to sail her back. Well, *he's* dead now, he is—as dead as bilge; and who's to sail this ship, I don't see. Without I gives you a hint, you ain't that man, as far's I can tell. Now, look here, you gives

me food and drink and a old scarf or ankecher to tie my wound up, you do, and I'll tell you how to sail her, and that's about square all round, I take it."

"I'll tell you one thing," says I: "I'm not going back to Captain Kidd's anchorage. I mean to get into North Inlet and beach her quietly there."

"To be sure you did," he cried. "Why, I ain't sich an infernal lubber after all. I can see, can't I? I've tried my fling, I have, and I've lost, and it's you has the wind of me. North Inlet? Why, I haven't no ch'ice, not I! I'd help you sail her up to Execution Dock, by thunder! So I would."

Well, as it seemed to me, there was some sense in this. We struck our bargain on the spot. In three minutes I had the *Hispaniola* sailing easily before the wind along the coast of Treasure Island, with good hopes of turning the northern point ere noon and beating down again as far as North Inlet before high water, when we might beach her safely and wait till the subsiding tide permitted us to land.

Then I lashed the tiller and went below to my own chest, where I got a soft silk handkerchief of my mother's. With this, and with my aid, Hands bound up the great bleeding stab he had received in the thigh, and after he had eaten a little and had a swallow or two more of the brandy, he began to pick up visibly, sat straighter up, spoke louder and clearer, and looked in every way another man.

The breeze served us admirably. We skimmed before it like a bird, the coast of the island flashing by and the view

changing every minute. Soon we were past the high lands and bowling beside low, sandy country, sparsely dotted with dwarf pines, and soon we were beyond that again and had turned the corner of the rocky hill that ends the island on the north.

I was greatly elated with my new command, and pleased with the bright, sunshiny weather and these different prospects of the coast. I had now plenty of water and good things to eat, and my conscience, which had smitten me hard for my desertion, was quieted by the great conquest I had made. I should, I think, have had nothing left me to desire but for the eyes of the coxswain as they followed me derisively about the deck and the odd smile that appeared continually on his face. It was a smile that had in it something both of pain and weakness—a haggard old man's smile; but there was, besides that, a grain of derision, a shadow of treachery, in his expression as he craftily watched, and watched, and watched me at my work.

26.

ISRAEL HANDS

THE wind, serving us to a desire, now hauled into the west. We could run so much the easier from the north-east corner of the island to the mouth of the North Inlet. Only, as we had no power to anchor and dared not beach her till the tide had flowed a good deal farther, time hung on our hands. The coxswain told me how to lay the ship to; after a good many trials I succeeded, and we both sat in silence over another meal.

"Cap'n," said he at length with that same uncomfortable smile, "here's my old shipmate, O'Brien; s'pose you was to heave him overboard. I ain't partic'lar as a rule, and I don't take no blame for settling his hash, but I don't reckon him ornamental now, do you?"

"I'm not strong enough, and I don't like the job; and there he lies, for me," said I.

"This here's an unlucky ship, this *Hispaniola*, Jim," he went on, blinking. "There's a power of men been killed in this *Hispaniola*—a sight o' poor seamen dead and gone since you and me took ship to Bristol. I never seen sich dirty luck, not I. There was this here O'Brien now—he's dead, ain't he? Well now, I'm no scholar, and you're a lad as can read and figure, and to put it straight, do you take it as a dead man is dead for good, or do he come alive again?"

"You can kill the body, Mr. Hands, but not the spirit; you must know that already," I replied. "O'Brien there is in another world, and may be watching us."

"Ah!" says he. "Well, that's unfort'nate—appears as if killing parties was a waste of time. Howsomever, sperrits don't reckon for much, by what I've seen. I'll chance it with the sperrits, Jim. And now, you've spoke up free, and I'll take it kind if you'd step down into that there cabin and get me a—well, a—shiver my timbers! I can't hit the name on 't; well, you get me a bottle of wine, Jim—this here brandy's too strong for my head."

Now, the coxswain's hesitation seemed to be unnatural, and as for the notion of his preferring wine to brandy, I entirely disbelieved it. The whole story was a pretext. He wanted me to leave the deck—so much was plain; but with what purpose I could in no way imagine. His eyes never met mine; they kept wandering to and fro, up and down, now with a look to the sky, now with a flitting glance upon the dead O'Brien. All the time he kept smiling and putting his tongue out in the most guilty, embarrassed manner, so that a child could have told that he was bent on some deception. I was prompt with my answer, however, for I saw where my advantage lay and that with a fellow so densely stupid I could easily conceal my suspicions to the end.

"Some wine?" I said. "Far better. Will you have white or red?"

"Well, I reckon it's about the blessed same to me, shipmate," he replied; "so it's strong, and plenty of it, what's the odds?"

"All right," I answered. "I'll bring you port, Mr. Hands. But I'll have to dig for it."

With that I scuttled down the companion with all the noise I could, slipped off my shoes, ran quietly along the sparred gallery, mounted the forecandle ladder, and popped my head out of the fore companion. I knew he would not expect to see me there, yet I took every precaution possible, and certainly the worst of my suspicions proved too true.

He had risen from his position to his hands and knees, and though his leg obviously hurt him pretty sharply when he moved—for I could hear him stifle a groan—yet it was at a good, rattling rate that he trailed himself across the deck. In half a minute he had reached the port scuppers and picked, out of a coil of rope, a long knife, or rather a short dirk, discoloured to the hilt with blood. He looked upon it for a moment, thrusting forth his under jaw, tried the point upon his hand, and then, hastily concealing it in the bosom of his jacket, trundled back again into his old place against the bulwark.

This was all that I required to know. Israel could move about, he was now armed, and if he had been at so much trouble to get rid of me, it was plain that I was meant to be the victim. What he would do afterwards—whether he

would try to crawl right across the island from North Inlet to the camp among the swamps or whether he would fire Long Tom, trusting that his own comrades might come first to help him—was, of course, more than I could say.

Yet I felt sure that I could trust him in one point, since in that our interests jumped together, and that was in the disposition of the schooner. We both desired to have her stranded safe enough, in a sheltered place, and so that, when the time came, she could be got off again with as little labour and danger as might be; and until that was done I considered that my life would certainly be spared.

While I was thus turning the business over in my mind, I had not been idle with my body. I had stolen back to the cabin, slipped once more into my shoes, and laid my hand at random on a bottle of wine, and now, with this for an excuse, I made my reappearance on the deck.

Hands lay as I had left him, all fallen together in a bundle and with his eyelids lowered as though he were too weak to bear the light. He looked up, however, at my coming, knocked the neck off the bottle like a man who had done the same thing often, and took a good swig, with his favourite toast of "Here's luck!" Then he lay quiet for a little, and then, pulling out a stick of tobacco, begged me to cut him a quid.

"Cut me a junk o' that," says he, "for I haven't no knife and hardly strength enough, so be as I had. Ah, Jim, Jim, I

reckon I've missed stays! Cut me a quid, as'll likely be the last, lad, for I'm for my long home, and no mistake."

"Well," said I, "I'll cut you some tobacco, but if I was you and thought myself so badly, I would go to my prayers like a Christian man."

"Why?" said he. "Now, you tell me why."

"Why?" I cried. "You were asking me just now about the dead. You've broken your trust; you've lived in sin and lies and blood; there's a man you killed lying at your feet this moment, and you ask me why! For God's mercy, Mr. Hands, that's why."

I spoke with a little heat, thinking of the bloody dirk he had hidden in his pocket and designed, in his ill thoughts, to end me with. He, for his part, took a great draught of the wine and spoke with the most unusual solemnity.

"For thirty years," he said, "I've sailed the seas and seen good and bad, better and worse, fair weather and foul, provisions running out, knives going, and what not. Well, now I tell you, I never seen good come o' goodness yet. Him as strikes first is my fancy; dead men don't bite; them's my views—amen, so be it. And now, you look here," he added, suddenly changing his tone, "we've had about enough of this foolery. The tide's made good enough by now. You just take my orders, Cap'n Hawkins, and we'll sail slap in and be done with it."

All told, we had scarce two miles to run; but the navigation was delicate, the entrance to this northern anchorage was not only narrow and shoal, but lay east and west, so that the schooner must be nicely handled to be got in. I think I was a good, prompt subaltern, and I am very sure that Hands was an excellent pilot, for we went about and about and dodged in, shaving the banks, with a certainty and a neatness that were a pleasure to behold.

Scarcely had we passed the heads before the land closed around us. The shores of North Inlet were as thickly wooded as those of the southern anchorage, but the space was longer and narrower and more like, what in truth it was, the estuary of a river. Right before us, at the southern end, we saw the wreck of a ship in the last stages of dilapidation. It had been a great vessel of three masts but had lain so long exposed to the injuries of the weather that it was hung about with great webs of dripping seaweed, and on the deck of it shore bushes had taken root and now flourished thick with flowers. It was a sad sight, but it showed us that the anchorage was calm.

"Now," said Hands, "look there; there's a pet bit for to beach a ship in. Fine flat sand, never a cat's paw, trees all around of it, and flowers a-blowing like a garding on that old ship."

"And once beached," I inquired, "how shall we get her off again?"

"Why, so," he replied: "you take a line ashore there on the other side at low water, take a turn about one of them big pines; bring it back, take a turn around the capstan, and lie to for the tide. Come high water, all hands take a pull upon the line, and off she comes as sweet as natur'. And now, boy, you stand by. We're near the bit now, and she's too much way on her. Starboard a little—so—steady—starboard—larboard a little—steady—steady!"

So he issued his commands, which I breathlessly obeyed, till, all of a sudden, he cried, "Now, my hearty, luff!" And I put the helm hard up, and the *Hispaniola* swung round rapidly and ran stem on for the low, wooded shore.

The excitement of these last manoeuvres had somewhat interfered with the watch I had kept hitherto, sharply enough, upon the coxswain. Even then I was still so much interested, waiting for the ship to touch, that I had quite forgot the peril that hung over my head and stood craning over the starboard bulwarks and watching the ripples spreading wide before the bows. I might have fallen without a struggle for my life had not a sudden disquietude seized upon me and made me turn my head. Perhaps I had heard a creak or seen his shadow moving with the tail of my eye; perhaps it was an instinct like a cat's; but, sure enough, when I looked round, there was

Hands, already half-way towards me, with the dirk in his right hand.

We must both have cried out aloud when our eyes met, but while mine was the shrill cry of terror, his was a roar of fury like a charging bully's. At the same instant, he threw himself forward and I leapt sideways towards the bows. As I did so, I let go of the tiller, which sprang sharp to leeward, and I think this saved my life, for it struck Hands across the chest and stopped him, for the moment, dead.

Before he could recover, I was safe out of the corner where he had me trapped, with all the deck to dodge about. Just forward of the main-mast I stopped, drew a pistol from my pocket, took a cool aim, though he had already turned and was once more coming directly after me, and drew the trigger. The hammer fell, but there followed neither flash nor sound; the priming was useless with sea-water. I cursed myself for my neglect. Why had not I, long before, reprimed and reloaded my only weapons? Then I should not have been as now, a mere fleeing sheep before this butcher.

Wounded as he was, it was wonderful how fast he could move, his grizzled hair tumbling over his face, and his face itself as red as a red ensign with his haste and fury. I had no time to try my other pistol, nor indeed much inclination, for I was sure it would be useless. One thing I saw plainly: I must not simply retreat before him, or he

would speedily hold me boxed into the bows, as a moment since he had so nearly boxed me in the stern. Once so caught, and nine or ten inches of the blood-stained dirk would be my last experience on this side of eternity. I placed my palms against the main-mast, which was of a goodish bigness, and waited, every nerve upon the stretch.

Seeing that I meant to dodge, he also paused; and a moment or two passed in feints on his part and corresponding movements upon mine. It was such a game as I had often played at home about the rocks of Black Hill Cove, but never before, you may be sure, with such a wildly beating heart as now. Still, as I say, it was a boy's game, and I thought I could hold my own at it against an elderly seaman with a wounded thigh. Indeed my courage had begun to rise so high that I allowed myself a few darting thoughts on what would be the end of the affair, and while I saw certainly that I could spin it out for long, I saw no hope of any ultimate escape.

Well, while things stood thus, suddenly the *Hispaniola* struck, staggered, ground for an instant in the sand, and then, swift as a blow, canted over to the port side till the deck stood at an angle of forty-five degrees and about a puncheon of water splashed into the scupper holes and lay, in a pool, between the deck and bulwark.

We were both of us capsized in a second, and both of us rolled, almost together, into the scuppers, the dead red-cap, with his arms still spread out, tumbling stiffly

after us. So near were we, indeed, that my head came against the coxswain's foot with a crack that made my teeth rattle. Blow and all, I was the first afoot again, for Hands had got involved with the dead body. The sudden canting of the ship had made the deck no place for running on; I had to find some new way of escape, and that upon the instant, for my foe was almost touching me. Quick as thought, I sprang into the mizzen shrouds, rattled up hand over hand, and did not draw a breath till I was seated on the cross-trees.

I had been saved by being prompt; the dirk had struck not half a foot below me as I pursued my upward flight; and there stood Israel Hands with his mouth open and his face upturned to mine, a perfect statue of surprise and disappointment.

Now that I had a moment to myself, I lost no time in changing the priming of my pistol, and then, having one ready for service, and to make assurance doubly sure, I proceeded to draw the load of the other and recharge it afresh from the beginning.

My new employment struck Hands all of a heap; he began to see the dice going against him, and after an obvious hesitation, he also hauled himself heavily into the shrouds, and with the dirk in his teeth, began slowly and painfully to mount. It cost him no end of time and groans to haul his wounded leg behind him, and I had quietly finished my arrangements before he was much more than a

third of the way up. Then, with a pistol in either hand, I addressed him.

"One more step, Mr. Hands," said I, "and I'll blow your brains out! Dead men don't bite, you know," I added with a chuckle.

He stopped instantly. I could see by the working of his face that he was trying to think, and the process was so slow and laborious that, in my new-found security, I laughed aloud. At last, with a swallow or two, he spoke, his face still wearing the same expression of extreme perplexity. In order to speak he had to take the dagger from his mouth, but in all else he remained unmoved.

"Jim," says he, "I reckon we're fouled, you and me, and we'll have to sign articles. I'd have had you but for that there lurch, but I don't have no luck, not I; and I reckon I'll have to strike, which comes hard, you see, for a master mariner to a ship's youngster like you, Jim."

I was drinking in his words and smiling away, as conceited as a cock upon a wall, when, all in a breath, back went his right hand over his shoulder. Something sang like an arrow through the air; I felt a blow and then a sharp pang, and there I was pinned by the shoulder to the mast. In the horrid pain and surprise of the moment—I scarce can say it was by my own volition, and I am sure it was without a conscious aim—both my pistols went off, and both escaped out of my hands. They did not fall alone;

with a choked cry, the coxswain loosed his grasp upon the shrouds and plunged head first into the water.

27.

"PIECES OF EIGHT"

OWING to the cant of the vessel, the masts hung far out over the water, and from my perch on the cross-trees I had nothing below me but the surface of the bay. Hands, who was not so far up, was in consequence nearer to the ship and fell between me and the bulwarks. He rose once to the surface in a lather of foam and blood and then sank again for good. As the water settled, I could see him lying huddled together on the clean, bright sand in the shadow of the vessel's sides. A fish or two whipped past his body. Sometimes, by the quivering of the water, he appeared to move a little, as if he were trying to rise. But he was dead enough, for all that, being both shot and drowned, and was food for fish in the very place where he had designed my slaughter.

I was no sooner certain of this than I began to feel sick, faint, and terrified. The hot blood was running over my back and chest. The dirk, where it had pinned my shoulder to the mast, seemed to burn like a hot iron; yet it was not so much these real sufferings that distressed me, for these, it seemed to me, I could bear without a murmur; it was the horror I had upon my mind of falling from the cross-trees into that still green water, beside the body of the coxswain.

I clung with both hands till my nails ached, and I shut my eyes as if to cover up the peril. Gradually my mind came back again, my pulses quieted down to a more natural time, and I was once more in possession of myself.

It was my first thought to pluck forth the dirk, but either it stuck too hard or my nerve failed me, and I desisted with a violent shudder. Oddly enough, that very shudder did the business. The knife, in fact, had come the nearest in the world to missing me altogether; it held me by a mere pinch of skin, and this the shudder tore away. The blood ran down the faster, to be sure, but I was my own master again and only tacked to the mast by my coat and shirt.

These last I broke through with a sudden jerk, and then regained the deck by the starboard shrouds. For nothing in the world would I have again ventured, shaken as I was, upon the overhanging port shrouds from which Israel had so lately fallen.

I went below and did what I could for my wound; it pained me a good deal and still bled freely, but it was neither deep nor dangerous, nor did it greatly gall me when I used my arm. Then I looked around me, and as the ship was now, in a sense, my own, I began to think of clearing it from its last passenger—the dead man, O'Brien.

He had pitched, as I have said, against the bulwarks, where he lay like some horrible, ungainly sort of puppet, life-size, indeed, but how different from life's colour or

life's comeliness! In that position I could easily have my way with him, and as the habit of tragical adventures had worn off almost all my terror for the dead, I took him by the waist as if he had been a sack of bran and with one good heave, tumbled him overboard. He went in with a sounding plunge; the red cap came off and remained floating on the surface; and as soon as the splash subsided, I could see him and Israel lying side by side, both wavering with the tremulous movement of the water. O'Brien, though still quite a young man, was very bald. There he lay, with that bald head across the knees of the man who had killed him and the quick fishes steering to and fro over both.

I was now alone upon the ship; the tide had just turned. The sun was within so few degrees of setting that already the shadow of the pines upon the western shore began to reach right across the anchorage and fall in patterns on the deck. The evening breeze had sprung up, and though it was well warded off by the hill with the two peaks upon the east, the cordage had begun to sing a little softly to itself and the idle sails to rattle to and fro.

I began to see a danger to the ship. The jibs I speedily doused and brought tumbling to the deck, but the main-sail was a harder matter. Of course, when the schooner canted over, the boom had swung out-board, and the cap of it and a foot or two of sail hung even under water. I thought this made it still more dangerous; yet the

strain was so heavy that I half feared to meddle. At last I got my knife and cut the halyards. The peak dropped instantly, a great belly of loose canvas floated broad upon the water, and since, pull as I liked, I could not budge the downhall, that was the extent of what I could accomplish. For the rest, the *Hispaniola* must trust to luck, like myself.

By this time the whole anchorage had fallen into shadow—the last rays, I remember, falling through a glade of the wood and shining bright as jewels on the flowery mantle of the wreck. It began to be chill; the tide was rapidly fleeting seaward, the schooner settling more and more on her beam-ends.

I scrambled forward and looked over. It seemed shallow enough, and holding the cut hawser in both hands for a last security, I let myself drop softly overboard. The water scarcely reached my waist; the sand was firm and covered with ripple marks, and I waded ashore in great spirits, leaving the *Hispaniola* on her side, with her main-sail trailing wide upon the surface of the bay. About the same time, the sun went fairly down and the breeze whistled low in the dusk among the tossing pines.

At least, and at last, I was off the sea, nor had I returned thence empty-handed. There lay the schooner, clear at last from buccaneers and ready for our own men to board and get to sea again. I had nothing nearer my fancy than to get home to the stockade and boast of my achievements. Possibly I might be blamed a bit for my

truantry, but the recapture of the *Hispaniola* was a clenching answer, and I hoped that even Captain Smollett would confess I had not lost my time.

So thinking, and in famous spirits, I began to set my face homeward for the block house and my companions. I remembered that the most easterly of the rivers which drain into Captain Kidd's anchorage ran from the two-peaked hill upon my left, and I bent my course in that direction that I might pass the stream while it was small. The wood was pretty open, and keeping along the lower spurs, I had soon turned the corner of that hill, and not long after waded to the mid-calf across the watercourse.

This brought me near to where I had encountered Ben Gunn, the maroon; and I walked more circumspectly, keeping an eye on every side. The dusk had come nigh hand completely, and as I opened out the cleft between the two peaks, I became aware of a wavering glow against the sky, where, as I judged, the man of the island was cooking his supper before a roaring fire. And yet I wondered, in my heart, that he should show himself so careless. For if I could see this radiance, might it not reach the eyes of Silver himself where he camped upon the shore among the marshes?

Gradually the night fell blacker; it was all I could do to guide myself even roughly towards my destination; the double hill behind me and the Spy-glass on my right hand loomed faint and fainter; the stars were few and pale; and

in the low ground where I wandered I kept tripping among bushes and rolling into sandy pits.

Suddenly a kind of brightness fell about me. I looked up; a pale glimmer of moonbeams had alighted on the summit of the Spy-glass, and soon after I saw something broad and silvery moving low down behind the trees, and knew the moon had risen.

With this to help me, I passed rapidly over what remained to me of my journey, and sometimes walking, sometimes running, impatiently drew near to the stockade. Yet, as I began to thread the grove that lies before it, I was not so thoughtless but that I slacked my pace and went a trifle warily. It would have been a poor end of my adventures to get shot down by my own party in mistake.

The moon was climbing higher and higher, its light began to fall here and there in masses through the more open districts of the wood, and right in front of me a glow of a different colour appeared among the trees. It was red and hot, and now and again it was a little darkened—as it were, the embers of a bonfire smouldering.

For the life of me I could not think what it might be.

At last I came right down upon the borders of the clearing. The western end was already steeped in moonshine; the rest, and the block house itself, still lay in a black shadow chequered with long silvery streaks of light. On the other side of the house an immense fire had

burned itself into clear embers and shed a steady, red reverberation, contrasted strongly with the mellow paleness of the moon. There was not a soul stirring nor a sound beside the noises of the breeze.

I stopped, with much wonder in my heart, and perhaps a little terror also. It had not been our way to build great fires; we were, indeed, by the captain's orders, somewhat niggardly of firewood, and I began to fear that something had gone wrong while I was absent.

I stole round by the eastern end, keeping close in shadow, and at a convenient place, where the darkness was thickest, crossed the palisade.

To make assurance surer, I got upon my hands and knees and crawled, without a sound, towards the corner of the house. As I drew nearer, my heart was suddenly and greatly lightened. It is not a pleasant noise in itself, and I have often complained of it at other times, but just then it was like music to hear my friends snoring together so loud and peaceful in their sleep. The sea-cry of the watch, that beautiful "All's well," never fell more reassuringly on my ear.

In the meantime, there was no doubt of one thing; they kept an infamous bad watch. If it had been Silver and his lads that were now creeping in on them, not a soul would have seen daybreak. That was what it was, thought I, to have the captain wounded; and again I blamed myself

sharply for leaving them in that danger with so few to mount guard.

By this time I had got to the door and stood up. All was dark within, so that I could distinguish nothing by the eye. As for sounds, there was the steady drone of the snorers and a small occasional noise, a flickering or pecking that I could in no way account for.

With my arms before me I walked steadily in. I should lie down in my own place (I thought with a silent chuckle) and enjoy their faces when they found me in the morning.

My foot struck something yielding—it was a sleeper's leg; and he turned and groaned, but without awaking.

And then, all of a sudden, a shrill voice broke forth out of the darkness:

"Pieces of eight! Pieces of eight! Pieces of eight! Pieces of eight! Pieces of eight!" and so forth, without pause or change, like the clacking of a tiny mill.

Silver's green parrot, Captain Flint! It was she whom I had heard pecking at a piece of bark; it was she, keeping better watch than any human being, who thus announced my arrival with her wearisome refrain.

I had no time left me to recover. At the sharp, clipping tone of the parrot, the sleepers awoke and sprang up; and with a mighty oath, the voice of Silver cried, "Who goes?"

I turned to run, struck violently against one person, recoiled, and ran full into the arms of a second, who for his part closed upon and held me tight.

"Bring a torch, Dick," said Silver when my capture was thus assured.

And one of the men left the log-house and presently returned with a lighted brand.

PART SIX
CAPTAIN SILVER

28.

IN THE ENEMY'S CAMP

THE red glare of the torch, lighting up the interior of the block house, showed me the worst of my apprehensions realized. The pirates were in possession of the house and stores: there was the cask of cognac, there were the pork and bread, as before, and what tenfold increased my horror, not a sign of any prisoner. I could only judge that all had perished, and my heart smote me sorely that I had not been there to perish with them.

There were six of the buccaneers, all told; not another man was left alive. Five of them were on their feet, flushed and swollen, suddenly called out of the first sleep of drunkenness. The sixth had only risen upon his elbow; he was deadly pale, and the blood-stained bandage round his head told that he had recently been wounded, and still more recently dressed. I remembered the man who had been shot and had run back among the woods in the great attack, and doubted not that this was he.

The parrot sat, preening her plumage, on Long John's shoulder. He himself, I thought, looked somewhat paler and more stern than I was used to. He still wore the fine broadcloth suit in which he had fulfilled his mission, but it was bitterly the worse for wear, daubed with clay and torn with the sharp briars of the wood.

"So," said he, "here's Jim Hawkins, shiver my timbers! Dropped in, like, eh? Well, come, I take that friendly."

And thereupon he sat down across the brandy cask and began to fill a pipe.

"Give me a loan of the link, Dick," said he; and then, when he had a good light, "That'll do, lad," he added; "stick the glim in the wood heap; and you, gentlemen, bring yourselves to! You needn't stand up for Mr.

Hawkins; *he'll* excuse you, you may lay to that. And so, Jim"—stopping the tobacco—"here you were, and quite a pleasant surprise for poor old John. I see you were smart when first I set my eyes on you, but this here gets away from me clean, it do."

To all this, as may be well supposed, I made no answer. They had set me with my back against the wall, and I stood there, looking Silver in the face, pluckily enough, I hope, to all outward appearance, but with black despair in my heart.

Silver took a whiff or two of his pipe with great composure and then ran on again.

"Now, you see, Jim, so be as you *are* here," says he, "I'll give you a piece of my mind. I've always liked you, I have, for a lad of spirit, and the picter of my own self when I was young and handsome. I always wanted you to jine and take your share, and die a gentleman, and now, my cock, you've got to. Cap'n Smollett's a fine seaman, as I'll own up to any day, but stiff on discipline. 'Dooty is dooty,' says he, and

right he is. Just you keep clear of the cap'n. The doctor himself is gone dead again you—'ungrateful scamp' was what he said; and the short and the long of the whole story is about here: you can't go back to your own lot, for they won't have you; and without you start a third ship's company all by yourself, which might be lonely, you'll have to jine with Cap'n Silver."

So far so good. My friends, then, were still alive, and though I partly believed the truth of Silver's statement, that the cabin party were incensed at me for my desertion, I was more relieved than distressed by what I heard.

"I don't say nothing as to your being in our hands," continued Silver, "though there you are, and you may lay to it. I'm all for argyment; I never seen good come out o' threatening. If you like the service, well, you'll jine; and if you don't, Jim, why, you're free to answer no—free and welcome, shipmate; and if fairer can be said by mortal seaman, shiver my sides!"

"Am I to answer, then?" I asked with a very tremulous voice. Through all this sneering talk, I was made to feel the threat of death that overhung me, and my cheeks burned and my heart beat painfully in my breast.

"Lad," said Silver, "no one's a-pressing of you. Take your bearings. None of us won't hurry you, mate; time goes so pleasant in your company, you see."

"Well," says I, growing a bit bolder, "if I'm to choose, I declare I have a right to know what's what, and why you're here, and where my friends are."

"Wot's wot?" repeated one of the buccaneers in a deep growl. "Ah, he'd be a lucky one as knowed that!"

"You'll perhaps batten down your hatches till you're spoke to, my friend," cried Silver truculently to this speaker. And then, in his first gracious tones, he replied to me, "Yesterday morning, Mr. Hawkins," said he, "in the dog-watch, down came Doctor Livesey with a flag of truce. Says he, 'Cap'n Silver, you're sold out. Ship's gone.' Well, maybe we'd been taking a glass, and a song to help it round. I won't say no. Leastways, none of us had looked out. We looked out, and by thunder, the old ship was gone! I never seen a pack o' fools look fishier; and you may lay to that, if I tells you that looked the fishiest. 'Well,' says the doctor, 'let's bargain.' We bargained, him and I, and here we are: stores, brandy, block house, the firewood you was thoughtful enough to cut, and in a manner of speaking, the whole blessed boat, from cross-trees to kelson. As for them, they've tramped; I don't know where's they are."

He drew again quietly at his pipe.

"And lest you should take it into that head of yours," he went on, "that you was included in the treaty, here's the last word that was said: 'How many are you,' says I, 'to leave?' 'Four,' says he; 'four, and one of us wounded. As for that boy, I don't know where he is, confound him,' says he,

'nor I don't much care. We're about sick of him.' These was his words.

"Is that all?" I asked.

"Well, it's all that you're to hear, my son," returned Silver.

"And now I am to choose?"

"And now you are to choose, and you may lay to that," said Silver.

"Well," said I, "I am not such a fool but I know pretty well what I have to look for. Let the worst come to the worst, it's little I care. I've seen too many die since I fell in with you. But there's a thing or two I have to tell you," I said, and by this time I was quite excited; "and the first is this: here you are, in a bad way—ship lost, treasure lost, men lost, your whole business gone to wreck; and if you want to know who did it—it was I! I was in the apple barrel the night we sighted land, and I heard you, John, and you, Dick Johnson, and Hands, who is now at the bottom of the sea, and told every word you said before the hour was out. And as for the schooner, it was I who cut her cable, and it was I that killed the men you had aboard of her, and it was I who brought her where you'll never see her more, not one of you. The laugh's on my side; I've had the top of this business from the first; I no more fear you than I fear a fly. Kill me, if you please, or spare me. But one thing I'll say, and no more; if you spare me, bygones are bygones, and when you fellows are in court for piracy, I'll save you all I

can. It is for you to choose. Kill another and do yourselves no good, or spare me and keep a witness to save you from the gallows."

I stopped, for, I tell you, I was out of breath, and to my wonder, not a man of them moved, but all sat staring at me like as many sheep. And while they were still staring, I broke out again, "And now, Mr. Silver," I said, "I believe you're the best man here, and if things go to the worst, I'll take it kind of you to let the doctor know the way I took it."

"I'll bear it in mind," said Silver with an accent so curious that I could not, for the life of me, decide whether he were laughing at my request or had been favourably affected by my courage.

"I'll put one to that," cried the old mahogany-faced seaman—Morgan by name—whom I had seen in Long John's public-house upon the quays of Bristol. "It was him that knowed Black Dog."

"Well, and see here," added the sea-cook. "I'll put another again to that, by thunder! For it was this same boy that faked the chart from Billy Bones. First and last, we've split upon Jim Hawkins!"

"Then here goes!" said Morgan with an oath.

And he sprang up, drawing his knife as if he had been twenty.

"Avast, there!" cried Silver. "Who are you, Tom Morgan? Maybe you thought you was cap'n here, perhaps. By the powers, but I'll teach you better! Cross me, and

you'll go where many a good man's gone before you, first and last, these thirty year back—some to the yard-arm, shiver my timbers, and some by the board, and all to feed the fishes. There's never a man looked me between the eyes and seen a good day a'terwards, Tom Morgan, you may lay to that."

Morgan paused, but a hoarse murmur rose from the others.

"Tom's right," said one.

"I stood hazing long enough from one," added another. "I'll be hanged if I'll be hazed by you, John Silver."

"Did any of you gentlemen want to have it out with *me*?" roared Silver, bending far forward from his position on the keg, with his pipe still glowing in his right hand. "Put a name on what you're at; you ain't dumb, I reckon. Him that wants shall get it. Have I lived this many years, and a son of a rum puncheon cock his hat athwart my hawse at the latter end of it? You know the way; you're all gentlemen o' fortune, by your account. Well, I'm ready. Take a cutlass, him that dares, and I'll see the colour of his inside, crutch and all, before that pipe's empty."

Not a man stirred; not a man answered.

"That's your sort, is it?" he added, returning his pipe to his mouth. "Well, you're a gay lot to look at, anyway. Not much worth to fight, you ain't. P'r'aps you can understand King George's English. I'm cap'n here by 'lection. I'm cap'n here because I'm the best man by a long sea-mile. You

won't fight, as gentlemen o' fortune should; then, by thunder, you'll obey, and you may lay to it! I like that boy, now; I never seen a better boy than that. He's more a man than any pair of rats of you in this here house, and what I say is this: let me see him that'll lay a hand on him—that's what I say, and you may lay to it."

There was a long pause after this. I stood straight up against the wall, my heart still going like a sledge-hammer, but with a ray of hope now shining in my bosom. Silver leant back against the wall, his arms crossed, his pipe in the corner of his mouth, as calm as though he had been in church; yet his eye kept wandering furtively, and he kept the tail of it on his unruly followers. They, on their part, drew gradually together towards the far end of the block house, and the low hiss of their whispering sounded in my ear continuously, like a stream. One after another, they would look up, and the red light of the torch would fall for a second on their nervous faces; but it was not towards me, it was towards Silver that they turned their eyes.

"You seem to have a lot to say," remarked Silver, spitting far into the air. "Pipe up and let me hear it, or lay to."

"Ax your pardon, sir," returned one of the men; "you're pretty free with some of the rules; maybe you'll kindly keep an eye upon the rest. This crew's dissatisfied; this crew don't vally bullying a marlin-spike; this crew has its rights like other crews, I'll make so free as that; and by

your own rules, I take it we can talk together. I ax your pardon, sir, acknowledging you for to be captaing at this present; but I claim my right, and steps outside for a council."

And with an elaborate sea-salute, this fellow, a long, ill-looking, yellow-eyed man of five and thirty, stepped coolly towards the door and disappeared out of the house. One after another the rest followed his example, each making a salute as he passed, each adding some apology. "According to rules," said one. "Forecastle council," said Morgan. And so with one remark or another all marched out and left Silver and me alone with the torch.

The sea-cook instantly removed his pipe.

"Now, look you here, Jim Hawkins," he said in a steady whisper that was no more than audible, "you're within half a plank of death, and what's a long sight worse, of torture. They're going to throw me off. But, you mark, I stand by you through thick and thin. I didn't mean to; no, not till you spoke up. I was about desperate to lose that much blunt, and be hanged into the bargain. But I see you was the right sort. I says to myself, you stand by Hawkins, John, and Hawkins'll stand by you. You're his last card, and by the living thunder, John, he's yours! Back to back, says I. You save your witness, and he'll save your neck!"

I began dimly to understand.

"You mean all's lost?" I asked.

"Aye, by gum, I do!" he answered. "Ship gone, neck gone—that's the size of it. Once I looked into that bay, Jim Hawkins, and seen no schooner—well, I'm tough, but I gave out. As for that lot and their council, mark me, they're outright fools and cowards. I'll save your life—if so be as I can—from them. But, see here, Jim—tit for tat—you save Long John from swinging."

I was bewildered; it seemed a thing so hopeless he was asking—he, the old buccaneer, the ringleader throughout.

"What I can do, that I'll do," I said.

"It's a bargain!" cried Long John. "You speak up plucky, and by thunder, I've a chance!"

He hobbled to the torch, where it stood propped among the firewood, and took a fresh light to his pipe.

"Understand me, Jim," he said, returning. "I've a head on my shoulders, I have. I'm on squire's side now. I know you've got that ship safe somewheres. How you done it, I don't know, but safe it is. I guess Hands and O'Brien turned soft. I never much believed in neither of *them*. Now you mark me. I ask no questions, nor I won't let others. I know when a game's up, I do; and I know a lad that's staunch. Ah, you that's young—you and me might have done a power of good together!"

He drew some cognac from the cask into a tin cannikin.

"Will you taste, messmate?" he asked; and when I had refused: "Well, I'll take a drain myself, Jim," said he. "I need a caulker, for there's trouble on hand. And talking o' trouble, why did that doctor give me the chart, Jim?"

My face expressed a wonder so unaffected that he saw the needlessness of further questions.

"Ah, well, he did, though," said he. "And there's something under that, no doubt—something, surely, under that, Jim—bad or good."

And he took another swallow of the brandy, shaking his great fair head like a man who looks forward to the worst.

29.

THE BLACK SPOT AGAIN

THE council of buccaneers had lasted some time, when one of them re-entered the house, and with a repetition of the same salute, which had in my eyes an ironical air, begged for a moment's loan of the torch. Silver briefly agreed, and this emissary retired again, leaving us together in the dark.

"There's a breeze coming, Jim," said Silver, who had by this time adopted quite a friendly and familiar tone.

I turned to the loophole nearest me and looked out. The embers of the great fire had so far burned themselves out and now glowed so low and duskily that I understood why these conspirators desired a torch. About half-way down the slope to the stockade, they were collected in a group; one held the light, another was on his knees in their midst, and I saw the blade of an open knife shine in his hand with varying colours in the moon and torchlight. The rest were all somewhat stooping, as though watching the manoeuvres of this last. I could just make out that he had a book as well as a knife in his hand, and was still wondering how anything so incongruous had come in their possession when the kneeling figure rose once more to his feet and the whole party began to move together towards the house.

"Here they come," said I; and I returned to my former position, for it seemed beneath my dignity that they should find me watching them.

"Well, let 'em come, lad—let 'em come," said Silver cheerily. "I've still a shot in my locker."

The door opened, and the five men, standing huddled together just inside, pushed one of their number forward. In any other circumstances it would have been comical to see his slow advance, hesitating as he set down each foot, but holding his closed right hand in front of him.

"Step up, lad," cried Silver. "I won't eat you. Hand it over, lubber. I know the rules, I do; I won't hurt a depytation."

Thus encouraged, the buccaneer stepped forth more briskly, and having passed something to Silver, from hand to hand, slipped yet more smartly back again to his companions.

The sea-cook looked at what had been given him.

"The black spot! I thought so," he observed. "Where might you have got the paper? Why, hillo! Look here, now; this ain't lucky! You've gone and cut this out of a Bible. What fool's cut a Bible?"

"Ah, there!" said Morgan. "There! Wot did I say? No good'll come o' that, I said."

"Well, you've about fixed it now, among you," continued Silver. "You'll all swing now, I reckon. What soft-headed lubber had a Bible?"

"It was Dick," said one.

"Dick, was it? Then Dick can get to prayers," said Silver. "He's seen his slice of luck, has Dick, and you may lay to that."

But here the long man with the yellow eyes struck in.

"Belay that talk, John Silver," he said. "This crew has tipped you the black spot in full council, as in dooty bound; just you turn it over, as in dooty bound, and see what's wrote there. Then you can talk."

"Thanky, George," replied the sea-cook. "You always was brisk for business, and has the rules by heart, George, as I'm pleased to see. Well, what is it, anyway? Ah! 'Deposed'—that's it, is it? Very pretty wrote, to be sure; like print, I swear. Your hand o' write, George? Why, you was gettin' quite a leadin' man in this here crew. You'll be cap'n next, I shouldn't wonder. Just oblige me with that torch again, will you? This pipe don't draw."

"Come, now," said George, "you don't fool this crew no more. You're a funny man, by your account; but you're over now, and you'll maybe step down off that barrel and help vote."

"I thought you said you knowed the rules," returned Silver contemptuously. "Leastways, if you don't, I do; and I wait here—and I'm still your cap'n, mind—till you outs with your grievances and I reply; in the meantime, your black spot ain't worth a biscuit. After that, we'll see."

"Oh," replied George, "you don't be under no kind of apprehension; *we're* all square, we are. First, you've made a hash of this cruise—you'll be a bold man to say no to that. Second, you let the enemy out o' this here trap for nothing. Why did they want out? I dunno, but it's pretty plain they wanted it. Third, you wouldn't let us go at them upon the march. Oh, we see through you, John Silver; you want to play booty, that's what's wrong with you. And then, fourth, there's this here boy."

"Is that all?" asked Silver quietly.

"Enough, too," retorted George. "We'll all swing and sun-dry for your bungling."

"Well now, look here, I'll answer these four p'int's; one after another I'll answer 'em. I made a hash o' this cruise, did I? Well now, you all know what I wanted, and you all know if that had been done that we'd 'a been aboard the *Hispaniola* this night as ever was, every man of us alive, and fit, and full of good plum-duff, and the treasure in the hold of her, by thunder! Well, who crossed me? Who forced my hand, as was the lawful cap'n? Who tipped me the black spot the day we landed and began this dance? Ah, it's a fine dance—I'm with you there—and looks mighty like a hornpipe in a rope's end at Execution Dock by London town, it does. But who done it? Why, it was Anderson, and Hands, and you, George Merry! And you're the last above board of that same meddling crew; and you have the Davy Jones's insolence to up and stand for cap'n over me—you,

that sank the lot of us! By the powers! But this tops the stiffest yarn to nothing."

Silver paused, and I could see by the faces of George and his late comrades that these words had not been said in vain.

"That's for number one," cried the accused, wiping the sweat from his brow, for he had been talking with a vehemence that shook the house. "Why, I give you my word, I'm sick to speak to you. You've neither sense nor memory, and I leave it to fancy where your mothers was that let you come to sea. Sea! Gentlemen o' fortune! I reckon tailors is your trade."

"Go on, John," said Morgan. "Speak up to the others."

"Ah, the others!" returned John. "They're a nice lot, ain't they? You say this cruise is bungled. Ah! By gum, if you could understand how bad it's bungled, you would see! We're that near the gibbet that my neck's stiff with thinking on it. You've seen 'em, maybe, hanged in chains, birds about 'em, seamen p'inting 'em out as they go down with the tide. 'Who's that?' says one. 'That! Why, that's John Silver. I knowed him well,' says another. And you can hear the chains a-jangle as you go about and reach for the other buoy. Now, that's about where we are, every mother's son of us, thanks to him, and Hands, and Anderson, and other ruination fools of you. And if you want to know about number four, and that boy, why, shiver my timbers, isn't he a hostage? Are we a-going to waste a hostage? No,

not us; he might be our last chance, and I shouldn't wonder. Kill that boy? Not me, mates! And number three? Ah, well, there's a deal to say to number three. Maybe you don't count it nothing to have a real college doctor to see you every day—you, John, with your head broke—or you, George Merry, that had the ague shakes upon you not six hours ago, and has your eyes the colour of lemon peel to this same moment on the clock? And maybe, perhaps, you didn't know there was a consort coming either? But there is, and not so long till then; and we'll see who'll be glad to have a hostage when it comes to that. And as for number two, and why I made a bargain—well, you came crawling on your knees to me to make it—on your knees you came, you was that downhearted—and you'd have starved too if I hadn't—but that's a trifle! You look there—that's why!"

And he cast down upon the floor a paper that I instantly recognized—none other than the chart on yellow paper, with the three red crosses, that I had found in the oilcloth at the bottom of the captain's chest. Why the doctor had given it to him was more than I could fancy.

But if it were inexplicable to me, the appearance of the chart was incredible to the surviving mutineers. They leaped upon it like cats upon a mouse. It went from hand to hand, one tearing it from another; and by the oaths and the cries and the childish laughter with which they accompanied their examination, you would have thought,

not only they were fingering the very gold, but were at sea with it, besides, in safety.

"Yes," said one, "that's Flint, sure enough. J. F., and a score below, with a clove hitch to it; so he done ever."

"Mighty pretty," said George. "But how are we to get away with it, and us no ship."

Silver suddenly sprang up, and supporting himself with a hand against the wall: "Now I give you warning, George," he cried. "One more word of your sauce, and I'll call you down and fight you. How? Why, how do I know? You had ought to tell me that—you and the rest, that lost me my schooner, with your interference, burn you! But not you, you can't; you hain't got the invention of a cockroach. But civil you can speak, and shall, George Merry, you may lay to that."

"That's fair enow," said the old man Morgan.

"Fair! I reckon so," said the sea-cook. "You lost the ship; I found the treasure. Who's the better man at that? And now I resign, by thunder! Elect whom you please to be your cap'n now; I'm done with it."

"Silver!" they cried. "Barbecue forever! Barbecue for cap'n!"

"So that's the toon, is it?" cried the cook. "George, I reckon you'll have to wait another turn, friend; and lucky for you as I'm not a revengeful man. But that was never my way. And now, shipmates, this black spot? 'Tain't much

good now, is it? Dick's crossed his luck and spoiled his Bible, and that's about all."

"It'll do to kiss the book on still, won't it?" growled Dick, who was evidently uneasy at the curse he had brought upon himself.

"A Bible with a bit cut out!" returned Silver derisively. "Not it. It don't bind no more'n a ballad-book."

"Don't it, though?" cried Dick with a sort of joy. "Well, I reckon that's worth having too."

"Here, Jim—here's a cur'osity for you," said Silver, and he tossed me the paper.

It was around about the size of a crown piece. One side was blank, for it had been the last leaf; the other contained a verse or two of Revelation—these words among the rest, which struck sharply home upon my mind: "Without are dogs and murderers." The printed side had been blackened with wood ash, which already began to come off and soil my fingers; on the blank side had been written with the same material the one word "Depposed." I have that curiosity beside me at this moment, but not a trace of writing now remains beyond a single scratch, such as a man might make with his thumb-nail.

That was the end of the night's business. Soon after, with a drink all round, we lay down to sleep, and the outside of Silver's vengeance was to put George Merry up for sentinel and threaten him with death if he should prove unfaithful.

It was long ere I could close an eye, and heaven knows I had matter enough for thought in the man whom I had slain that afternoon, in my own most perilous position, and above all, in the remarkable game that I saw Silver now engaged upon—keeping the mutineers together with one hand and grasping with the other after every means, possible and impossible, to make his peace and save his miserable life. He himself slept peacefully and snored aloud, yet my heart was sore for him, wicked as he was, to think on the dark perils that environed and the shameful gibbet that awaited him.

30.

ON PAROLE

I WAS wakened—indeed, we were all wakened, for I could see even the sentinel shake himself together from where he had fallen against the door-post—by a clear, hearty voice hailing us from the margin of the wood:

"Block house, ahoy!" it cried. "Here's the doctor."

And the doctor it was. Although I was glad to hear the sound, yet my gladness was not without admixture. I remembered with confusion my insubordinate and stealthy conduct, and when I saw where it had brought me—among what companions and surrounded by what dangers—I felt ashamed to look him in the face.

He must have risen in the dark, for the day had hardly come; and when I ran to a loophole and looked out, I saw him standing, like Silver once before, up to the mid-leg in creeping vapour.

"You, doctor! Top o' the morning to you, sir!" cried Silver, broad awake and beaming with good nature in a moment. "Bright and early, to be sure; and it's the early bird, as the saying goes, that gets the rations. George, shake up your timbers, son, and help Dr. Livesey over the ship's side. All a-doin' well, your patients was—all well and merry."

So he pattered on, standing on the hilltop with his crutch under his elbow and one hand upon the side of the log-house—quite the old John in voice, manner, and expression.

"We've quite a surprise for you too, sir," he continued. "We've a little stranger here—he! he! A noo boarder and lodger, sir, and looking fit and taut as a fiddle; slep' like a supercargo, he did, right alongside of John—stem to stem we was, all night."

Dr. Livesey was by this time across the stockade and pretty near the cook, and I could hear the alteration in his voice as he said, "Not Jim?"

"The very same Jim as ever was," says Silver.

The doctor stopped outright, although he did not speak, and it was some seconds before he seemed able to move on.

"Well, well," he said at last, "duty first and pleasure afterwards, as you might have said yourself, Silver. Let us overhaul these patients of yours."

A moment afterwards he had entered the block house and with one grim nod to me proceeded with his work among the sick. He seemed under no apprehension, though he must have known that his life, among these treacherous demons, depended on a hair; and he rattled on to his patients as if he were paying an ordinary professional visit in a quiet English family. His manner, I suppose, reacted on the men, for they behaved to him as if

nothing had occurred, as if he were still ship's doctor and they still faithful hands before the mast.

"You're doing well, my friend," he said to the fellow with the bandaged head, "and if ever any person had a close shave, it was you; your head must be as hard as iron. Well, George, how goes it? You're a pretty colour, certainly; why, your liver, man, is upside down. Did you take that medicine? Did he take that medicine, men?"

"Aye, aye, sir, he took it, sure enough," returned Morgan.

"Because, you see, since I am mutineers' doctor, or prison doctor as I prefer to call it," says Doctor Livesey in his pleasantest way, "I make it a point of honour not to lose a man for King George (God bless him!) and the gallows."

The rogues looked at each other but swallowed the home-thrust in silence.

"Dick don't feel well, sir," said one.

"Don't he?" replied the doctor. "Well, step up here, Dick, and let me see your tongue. No, I should be surprised if he did! The man's tongue is fit to frighten the French. Another fever."

"Ah, there," said Morgan, "that comed of sp'iling Bibles."

"That comes—as you call it—of being arrant asses," retorted the doctor, "and not having sense enough to know honest air from poison, and the dry land from a vile,

pestiferous slough. I think it most probable—though of course it's only an opinion—that you'll all have the deuce to pay before you get that malaria out of your systems. Camp in a bog, would you? Silver, I'm surprised at you. You're less of a fool than many, take you all round; but you don't appear to me to have the rudiments of a notion of the rules of health.

"Well," he added after he had dosed them round and they had taken his prescriptions, with really laughable humility, more like charity schoolchildren than blood-guilty mutineers and pirates—"well, that's done for today. And now I should wish to have a talk with that boy, please."

And he nodded his head in my direction carelessly.

George Merry was at the door, spitting and spluttering over some bad-tasted medicine; but at the first word of the doctor's proposal he swung round with a deep flush and cried "No!" and swore.

Silver struck the barrel with his open hand.

"Si-lence!" he roared and looked about him positively like a lion. "Doctor," he went on in his usual tones, "I was a-thinking of that, knowing as how you had a fancy for the boy. We're all humbly grateful for your kindness, and as you see, puts faith in you and takes the drugs down like that much grog. And I take it I've found a way as'll suit all. Hawkins, will you give me your word of honour as a young

gentleman—for a young gentleman you are, although poor born—your word of honour not to slip your cable?"

I readily gave the pledge required.

"Then, doctor," said Silver, "you just step outside o' that stockade, and once you're there I'll bring the boy down on the inside, and I reckon you can yarn through the spars. Good day to you, sir, and all our dooties to the squire and Cap'n Smollett."

The explosion of disapproval, which nothing but Silver's black looks had restrained, broke out immediately the doctor had left the house. Silver was roundly accused of playing double—of trying to make a separate peace for himself, of sacrificing the interests of his accomplices and victims, and, in one word, of the identical, exact thing that he was doing. It seemed to me so obvious, in this case, that I could not imagine how he was to turn their anger. But he was twice the man the rest were, and his last night's victory had given him a huge preponderance on their minds. He called them all the fools and dolts you can imagine, said it was necessary I should talk to the doctor, fluttered the chart in their faces, asked them if they could afford to break the treaty the very day they were bound a-treasure-hunting.

"No, by thunder!" he cried. "It's us must break the treaty when the time comes; and till then I'll gammon that doctor, if I have to ile his boots with brandy."

And then he bade them get the fire lit, and stalked out upon his crutch, with his hand on my shoulder, leaving them in a disarray, and silenced by his volubility rather than convinced.

"Slow, lad, slow," he said. "They might round upon us in a twinkle of an eye if we was seen to hurry."

Very deliberately, then, did we advance across the sand to where the doctor awaited us on the other side of the stockade, and as soon as we were within easy speaking distance Silver stopped.

"You'll make a note of this here also, doctor," says he, "and the boy'll tell you how I saved his life, and were deposed for it too, and you may lay to that. Doctor, when a man's steering as near the wind as me—playing chuck-farthing with the last breath in his body, like—you wouldn't think it too much, mayhap, to give him one good word? You'll please bear in mind it's not my life only now—it's that boy's into the bargain; and you'll speak me fair, doctor, and give me a bit o' hope to go on, for the sake of mercy."

Silver was a changed man once he was out there and had his back to his friends and the block house; his cheeks seemed to have fallen in, his voice trembled; never was a soul more dead in earnest.

"Why, John, you're not afraid?" asked Dr. Livesey.

"Doctor, I'm no coward; no, not I—not so much!" and he snapped his fingers. "If I was I wouldn't say it. But I'll

own up fairly, I've the shakes upon me for the gallows. You're a good man and a true; I never seen a better man! And you'll not forget what I done good, not any more than you'll forget the bad, I know. And I step aside—see here—and leave you and Jim alone. And you'll put that down for me too, for it's a long stretch, is that!"

So saying, he stepped back a little way, till he was out of earshot, and there sat down upon a tree-stump and began to whistle, spinning round now and again upon his seat so as to command a sight, sometimes of me and the doctor and sometimes of his unruly ruffians as they went to and fro in the sand between the fire—which they were busy rekindling—and the house, from which they brought forth pork and bread to make the breakfast.

"So, Jim," said the doctor sadly, "here you are. As you have brewed, so shall you drink, my boy. Heaven knows, I cannot find it in my heart to blame you, but this much I will say, be it kind or unkind: when Captain Smollett was well, you dared not have gone off; and when he was ill and couldn't help it, by George, it was downright cowardly!"

I will own that I here began to weep. "Doctor," I said, "you might spare me. I have blamed myself enough; my life's forfeit anyway, and I should have been dead by now if Silver hadn't stood for me; and doctor, believe this, I can die—and I dare say I deserve it—but what I fear is torture. If they come to torture me—"

"Jim," the doctor interrupted, and his voice was quite changed, "Jim, I can't have this. Whip over, and we'll run for it."

"Doctor," said I, "I passed my word."

"I know, I know," he cried. "We can't help that, Jim, now. I'll take it on my shoulders, holus bolus, blame and shame, my boy; but stay here, I cannot let you. Jump! One jump, and you're out, and we'll run for it like antelopes."

"No," I replied; "you know right well you wouldn't do the thing yourself—neither you nor squire nor captain; and no more will I. Silver trusted me; I passed my word, and back I go. But, doctor, you did not let me finish. If they come to torture me, I might let slip a word of where the ship is, for I got the ship, part by luck and part by risking, and she lies in North Inlet, on the southern beach, and just below high water. At half tide she must be high and dry."

"The ship!" exclaimed the doctor.

Rapidly I described to him my adventures, and he heard me out in silence.

"There is a kind of fate in this," he observed when I had done. "Every step, it's you that saves our lives; and do you suppose by any chance that we are going to let you lose yours? That would be a poor return, my boy. You found out the plot; you found Ben Gunn—the best deed that ever you did, or will do, though you live to ninety. Oh, by Jupiter, and talking of Ben Gunn! Why, this is the mischief in person. Silver!" he cried. "Silver! I'll give you a

piece of advice," he continued as the cook drew near again; "don't you be in any great hurry after that treasure."

"Why, sir, I do my possible, which that ain't," said Silver. "I can only, asking your pardon, save my life and the boy's by seeking for that treasure; and you may lay to that."

"Well, Silver," replied the doctor, "if that is so, I'll go one step further: look out for squalls when you find it."

"Sir," said Silver, "as between man and man, that's too much and too little. What you're after, why you left the block house, why you given me that there chart, I don't know, now, do I? And yet I done your bidding with my eyes shut and never a word of hope! But no, this here's too much. If you won't tell me what you mean plain out, just say so and I'll leave the helm."

"No," said the doctor musingly; "I've no right to say more; it's not my secret, you see, Silver, or, I give you my word, I'd tell it you. But I'll go as far with you as I dare go, and a step beyond, for I'll have my wig sorted by the captain or I'm mistaken! And first, I'll give you a bit of hope; Silver, if we both get alive out of this wolf-trap, I'll do my best to save you, short of perjury."

Silver's face was radiant. "You couldn't say more, I'm sure, sir, not if you was my mother," he cried.

"Well, that's my first concession," added the doctor. "My second is a piece of advice: keep the boy close beside you, and when you need help, halloo. I'm off to seek it for

you, and that itself will show you if I speak at random.
Good-bye, Jim."

And Dr. Livesey shook hands with me through the stockade, nodded to Silver, and set off at a brisk pace into the wood.

31.

THE TREASURE-HUNT—FLINT'S POINTER

JIM," said Silver when we were alone, "if I saved your life, you saved mine; and I'll not forget it. I seen the doctor waving you to run for it—with the tail of my eye, I did; and I seen you say no, as plain as hearing. Jim, that's one to you. This is the first glint of hope I had since the attack failed, and I owe it you. And now, Jim, we're to go in for this here treasure-hunting, with sealed orders too, and I don't like it; and you and me must stick close, back to back like, and we'll save our necks in spite o' fate and fortune."

Just then a man hailed us from the fire that breakfast was ready, and we were soon seated here and there about the sand over biscuit and fried junk. They had lit a fire fit to roast an ox, and it was now grown so hot that they could only approach it from the windward, and even there not without precaution. In the same wasteful spirit, they had cooked, I suppose, three times more than we could eat; and one of them, with an empty laugh, threw what was left into the fire, which blazed and roared again over this unusual fuel. I never in my life saw men so careless of the morrow; hand to mouth is the only word that can describe their way of doing; and what with wasted food and

sleeping sentries, though they were bold enough for a brush and be done with it, I could see their entire unfitness for anything like a prolonged campaign.

Even Silver, eating away, with Captain Flint upon his shoulder, had not a word of blame for their recklessness. And this the more surprised me, for I thought he had never shown himself so cunning as he did then.

"Aye, mates," said he, "it's lucky you have Barbecue to think for you with this here head. I got what I wanted, I did. Sure enough, they have the ship. Where they have it, I don't know yet; but once we hit the treasure, we'll have to jump about and find out. And then, mates, us that has the boats, I reckon, has the upper hand."

Thus he kept running on, with his mouth full of the hot bacon; thus he restored their hope and confidence, and, I more than suspect, repaired his own at the same time.

"As for hostage," he continued, "that's his last talk, I guess, with them he loves so dear. I've got my piece o' news, and thanky to him for that; but it's over and done. I'll take him in a line when we go treasure-hunting, for we'll keep him like so much gold, in case of accidents, you mark, and in the meantime. Once we got the ship and treasure both and off to sea like jolly companions, why then we'll talk Mr. Hawkins over, we will, and we'll give him his share, to be sure, for all his kindness."

It was no wonder the men were in a good humour now. For my part, I was horribly cast down. Should the scheme he had now sketched prove feasible, Silver, already doubly a traitor, would not hesitate to adopt it. He had still a foot in either camp, and there was no doubt he would prefer wealth and freedom with the pirates to a bare escape from hanging, which was the best he had to hope on our side.

Nay, and even if things so fell out that he was forced to keep his faith with Dr. Livesey, even then what danger lay before us! What a moment that would be when the suspicions of his followers turned to certainty and he and I should have to fight for dear life—he a cripple and I a boy—against five strong and active seamen!

Add to this double apprehension the mystery that still hung over the behaviour of my friends, their unexplained desertion of the stockade, their inexplicable cession of the chart, or harder still to understand, the doctor's last warning to Silver, "Look out for squalls when you find it," and you will readily believe how little taste I found in my breakfast and with how uneasy a heart I set forth behind my captors on the quest for treasure.

We made a curious figure, had anyone been there to see us—all in soiled sailor clothes and all but me armed to the teeth. Silver had two guns slung about him—one before and one behind—besides the great cutlass at his waist and a pistol in each pocket of his square-tailed coat.

To complete his strange appearance, Captain Flint sat perched upon his shoulder and gabbling odds and ends of purposeless sea-talk. I had a line about my waist and followed obediently after the sea-cook, who held the loose end of the rope, now in his free hand, now between his powerful teeth. For all the world, I was led like a dancing bear.

The other men were variously burthened, some carrying picks and shovels—for that had been the very first necessary they brought ashore from the *Hispaniola*—others laden with pork, bread, and brandy for the midday meal. All the stores, I observed, came from our stock, and I could see the truth of Silver's words the night before. Had he not struck a bargain with the doctor, he and his mutineers, deserted by the ship, must have been driven to subsist on clear water and the proceeds of their hunting. Water would have been little to their taste; a sailor is not usually a good shot; and besides all that, when they were so short of eatables, it was not likely they would be very flush of powder.

Well, thus equipped, we all set out—even the fellow with the broken head, who should certainly have kept in shadow—and straggled, one after another, to the beach, where the two gigs awaited us. Even these bore trace of the drunken folly of the pirates, one in a broken thwart, and both in their muddy and unbaled condition. Both were to be carried along with us for the sake of safety; and so, with

our numbers divided between them, we set forth upon the bosom of the anchorage.

As we pulled over, there was some discussion on the chart. The red cross was, of course, far too large to be a guide; and the terms of the note on the back, as you will hear, admitted of some ambiguity. They ran, the reader may remember, thus:

Tall tree, Spy-glass shoulder, bearing a point to the N. of N.N.E.

Skeleton Island E.S.E. and by E.

Ten feet.

A tall tree was thus the principal mark. Now, right before us the anchorage was bounded by a plateau from two to three hundred feet high, adjoining on the north the sloping southern shoulder of the Spy-glass and rising again towards the south into the rough, cliffy eminence called the Mizzen-mast Hill. The top of the plateau was dotted thickly with pine-trees of varying height. Every here and there, one of a different species rose forty or fifty feet clear above its neighbours, and which of these was the particular "tall tree" of Captain Flint could only be decided on the spot, and by the readings of the compass.

Yet, although that was the case, every man on board the boats had picked a favourite of his own ere we were half-way over, Long John alone shrugging his shoulders and bidding them wait till they were there.

We pulled easily, by Silver's directions, not to weary the hands prematurely, and after quite a long passage, landed at the mouth of the second river—that which runs down a woody cleft of the Spy-glass. Thence, bending to our left, we began to ascend the slope towards the plateau.

At the first outset, heavy, miry ground and a matted, marish vegetation greatly delayed our progress; but by little and little the hill began to steepen and become stony under foot, and the wood to change its character and to grow in a more open order. It was, indeed, a most pleasant portion of the island that we were now approaching. A heavy-scented broom and many flowering shrubs had almost taken the place of grass. Thickets of green nutmeg-trees were dotted here and there with the red columns and the broad shadow of the pines; and the first mingled their spice with the aroma of the others. The air, besides, was fresh and stirring, and this, under the sheer sunbeams, was a wonderful refreshment to our senses.

The party spread itself abroad, in a fan shape, shouting and leaping to and fro. About the centre, and a good way behind the rest, Silver and I followed—I tethered by my rope, he ploughing, with deep pants, among the sliding gravel. From time to time, indeed, I had to lend him a hand, or he must have missed his footing and fallen backward down the hill.

We had thus proceeded for about half a mile and were approaching the brow of the plateau when the man upon

the farthest left began to cry aloud, as if in terror. Shout after shout came from him, and the others began to run in his direction.

"He can't 'a found the treasure," said old Morgan, hurrying past us from the right, "for that's clean a-top."

Indeed, as we found when we also reached the spot, it was something very different. At the foot of a pretty big pine and involved in a green creeper, which had even partly lifted some of the smaller bones, a human skeleton lay, with a few shreds of clothing, on the ground. I believe a chill struck for a moment to every heart.

"He was a seaman," said George Merry, who, bolder than the rest, had gone up close and was examining the rags of clothing. "Leastways, this is good sea-cloth."

"Aye, aye," said Silver; "like enough; you wouldn't look to find a bishop here, I reckon. But what sort of a way is that for bones to lie? 'Tain't in natur'."

Indeed, on a second glance, it seemed impossible to fancy that the body was in a natural position. But for some disarray (the work, perhaps, of the birds that had fed upon him or of the slow-growing creeper that had gradually enveloped his remains) the man lay perfectly straight—his feet pointing in one direction, his hands, raised above his head like a diver's, pointing directly in the opposite.

"I've taken a notion into my old numbskull," observed Silver. "Here's the compass; there's the tip-top p'int o'

Skeleton Island, stickin' out like a tooth. Just take a bearing, will you, along the line of them bones."

It was done. The body pointed straight in the direction of the island, and the compass read duly E.S.E. and by E.

"I thought so," cried the cook; "this here is a p'inter. Right up there is our line for the Pole Star and the jolly dollars. But, by thunder! If it don't make me cold inside to think of Flint. This is one of *his* jokes, and no mistake. Him and these six was alone here; he killed 'em, every man; and this one he hauled here and laid down by compass, shiver my timbers! They're long bones, and the hair's been yellow. Aye, that would be Allardyce. You mind Allardyce, Tom Morgan?"

"Aye, aye," returned Morgan; "I mind him; he owed me money, he did, and took my knife ashore with him."

"Speaking of knives," said another, "why don't we find his'n lying round? Flint warn't the man to pick a seaman's pocket; and the birds, I guess, would leave it be."

"By the powers, and that's true!" cried Silver.

"There ain't a thing left here," said Merry, still feeling round among the bones; "not a copper doit nor a baccy box. It don't look nat'ral to me."

"No, by gum, it don't," agreed Silver; "not nat'ral, nor not nice, says you. Great guns! Messmates, but if Flint was living, this would be a hot spot for you and me. Six they were, and six are we; and bones is what they are now."

"I saw him dead with these here deadlights," said Morgan. "Billy took me in. There he laid, with penny-pieces on his eyes."

"Dead—aye, sure enough he's dead and gone below," said the fellow with the bandage; "but if ever sperrit walked, it would be Flint's. Dear heart, but he died bad, did Flint!"

"Aye, that he did," observed another; "now he raged, and now he hollered for the rum, and now he sang. 'Fifteen Men' were his only song, mates; and I tell you true, I never rightly liked to hear it since. It was main hot, and the windy was open, and I hear that old song comin' out as clear as clear—and the death-haul on the man already."

"Come, come," said Silver; "stow this talk. He's dead, and he don't walk, that I know; leastways, he won't walk by day, and you may lay to that. Care killed a cat. Fetch ahead for the doubloons."

We started, certainly; but in spite of the hot sun and the staring daylight, the pirates no longer ran separate and shouting through the wood, but kept side by side and spoke with bated breath. The terror of the dead buccaneer had fallen on their spirits.

32.

THE TREASURE-HUNT—THE VOICE AMONG THE TREES

PARTLY from the damping influence of this alarm, partly to rest Silver and the sick folk, the whole party sat down as soon as they had gained the brow of the ascent.

The plateau being somewhat tilted towards the west, this spot on which we had paused commanded a wide prospect on either hand. Before us, over the tree-tops, we beheld the Cape of the Woods fringed with surf; behind, we not only looked down upon the anchorage and Skeleton Island, but saw—clear across the spit and the eastern lowlands—a great field of open sea upon the east. Sheer above us rose the Spyglass, here dotted with single pines, there black with precipices. There was no sound but that of the distant breakers, mounting from all round, and the chirp of countless insects in the brush. Not a man, not a sail, upon the sea; the very largeness of the view increased the sense of solitude.

Silver, as he sat, took certain bearings with his compass.

"There are three 'tall trees'" said he, "about in the right line from Skeleton Island. 'Spy-glass shoulder,' I take

it, means that lower p'int there. It's child's play to find the stuff now. I've half a mind to dine first."

"I don't feel sharp," growled Morgan. "Thinkin' o' Flint—I think it were—as done me."

"Ah, well, my son, you praise your stars he's dead," said Silver.

"He were an ugly devil," cried a third pirate with a shudder; "that blue in the face too!"

"That was how the rum took him," added Merry. "Blue! Well, I reckon he was blue. That's a true word."

Ever since they had found the skeleton and got upon this train of thought, they had spoken lower and lower, and they had almost got to whispering by now, so that the sound of their talk hardly interrupted the silence of the wood. All of a sudden, out of the middle of the trees in front of us, a thin, high, trembling voice struck up the well-known air and words:

*"Fifteen men on the dead man's chest—
Yo-ho-ho, and a bottle of rum!"*

I never have seen men more dreadfully affected than the pirates. The colour went from their six faces like enchantment; some leaped to their feet, some clawed hold of others; Morgan grovelled on the ground.

"It's Flint, by ——" cried Merry.

The song had stopped as suddenly as it began—broken off, you would have said, in the middle of a note, as though someone had laid his hand upon the singer's mouth.

Coming through the clear, sunny atmosphere among the green tree-tops, I thought it had sounded airily and sweetly; and the effect on my companions was the stranger.

"Come," said Silver, struggling with his ashen lips to get the word out; "this won't do. Stand by to go about. This is a rum start, and I can't name the voice, but it's someone skylarking—someone that's flesh and blood, and you may lay to that."

His courage had come back as he spoke, and some of the colour to his face along with it. Already the others had begun to lend an ear to this encouragement and were coming a little to themselves, when the same voice broke out again—not this time singing, but in a faint distant hail that echoed yet fainter among the clefts of the Spy-glass.

"Darby M'Graw," it wailed—for that is the word that best describes the sound—"Darby M'Graw! Darby M'Graw!" again and again and again; and then rising a little higher, and with an oath that I leave out: "Fetch aft the rum, Darby!"

The buccaneers remained rooted to the ground, their eyes starting from their heads. Long after the voice had died away they still stared in silence, dreadfully, before them.

"That fixes it!" gasped one. "Let's go."

"They was his last words," moaned Morgan, "his last words above board."

Dick had his Bible out and was praying volubly. He had been well brought up, had Dick, before he came to sea and fell among bad companions.

Still Silver was unconquered. I could hear his teeth rattle in his head, but he had not yet surrendered.

"Nobody in this here island ever heard of Darby," he muttered; "not one but us that's here." And then, making a great effort: "Shipmates," he cried, "I'm here to get that stuff, and I'll not be beat by man or devil. I never was feared of Flint in his life, and, by the powers, I'll face him dead. There's seven hundred thousand pound not a quarter of a mile from here. When did ever a gentleman o' fortune show his stern to that much dollars for a boozy old seaman with a blue mug—and him dead too?"

But there was no sign of reawakening courage in his followers, rather, indeed, of growing terror at the irreverence of his words.

"Belay there, John!" said Merry. "Don't you cross a sperrit."

And the rest were all too terrified to reply. They would have run away severally had they dared; but fear kept them together, and kept them close by John, as if his daring helped them. He, on his part, had pretty well fought his weakness down.

"Sperrit? Well, maybe," he said. "But there's one thing not clear to me. There was an echo. Now, no man ever seen a sperrit with a shadow; well then, what's he doing with an

echo to him, I should like to know? That ain't in natur', surely?"

This argument seemed weak enough to me. But you can never tell what will affect the superstitious, and to my wonder, George Merry was greatly relieved.

"Well, that's so," he said. "You've a head upon your shoulders, John, and no mistake. 'Bout ship, mates! This here crew is on a wrong tack, I do believe. And come to think on it, it was like Flint's voice, I grant you, but not just so clear-away like it, after all. It was liker somebody else's voice now—it was liker—"

"By the powers, Ben Gunn!" roared Silver.

"Aye, and so it were," cried Morgan, springing on his knees. "Ben Gunn it were!"

"It don't make much odds, do it, now?" asked Dick.

"Ben Gunn's not here in the body any more'n Flint."

But the older hands greeted this remark with scorn.

"Why, nobody minds Ben Gunn," cried Merry; "dead or alive, nobody minds him."

It was extraordinary how their spirits had returned and how the natural colour had revived in their faces. Soon they were chatting together, with intervals of listening; and not long after, hearing no further sound, they shouldered the tools and set forth again, Merry walking first with Silver's compass to keep them on the right line with Skeleton Island. He had said the truth: dead or alive, nobody minded Ben Gunn.

Dick alone still held his Bible, and looked around him as he went, with fearful glances; but he found no sympathy, and Silver even joked him on his precautions.

"I told you," said he—"I told you you had sp'iled your Bible. If it ain't no good to swear by, what do you suppose a sperrit would give for it? Not that!" and he snapped his big fingers, halting a moment on his crutch.

But Dick was not to be comforted; indeed, it was soon plain to me that the lad was falling sick; hastened by heat, exhaustion, and the shock of his alarm, the fever, predicted by Dr. Livesey, was evidently growing swiftly higher.

It was fine open walking here, upon the summit; our way lay a little downhill, for, as I have said, the plateau tilted towards the west. The pines, great and small, grew wide apart; and even between the clumps of nutmeg and azalea, wide open spaces baked in the hot sunshine. Striking, as we did, pretty near north-west across the island, we drew, on the one hand, ever nearer under the shoulders of the Spy-glass, and on the other, looked ever wider over that western bay where I had once tossed and trembled in the coracle.

The first of the tall trees was reached, and by the bearings proved the wrong one. So with the second. The third rose nearly two hundred feet into the air above a clump of underwood—a giant of a vegetable, with a red column as big as a cottage, and a wide shadow around in which a company could have manoeuvred. It was

conspicuous far to sea both on the east and west and might have been entered as a sailing mark upon the chart.

But it was not its size that now impressed my companions; it was the knowledge that seven hundred thousand pounds in gold lay somewhere buried below its spreading shadow. The thought of the money, as they drew nearer, swallowed up their previous terrors. Their eyes burned in their heads; their feet grew speedier and lighter; their whole soul was bound up in that fortune, that whole lifetime of extravagance and pleasure, that lay waiting there for each of them.

Silver hobbled, grunting, on his crutch; his nostrils stood out and quivered; he cursed like a madman when the flies settled on his hot and shiny countenance; he plucked furiously at the line that held me to him and from time to time turned his eyes upon me with a deadly look. Certainly he took no pains to hide his thoughts, and certainly I read them like print. In the immediate nearness of the gold, all else had been forgotten: his promise and the doctor's warning were both things of the past, and I could not doubt that he hoped to seize upon the treasure, find and board the *Hispaniola* under cover of night, cut every honest throat about that island, and sail away as he had at first intended, laden with crimes and riches.

Shaken as I was with these alarms, it was hard for me to keep up with the rapid pace of the treasure-hunters. Now and again I stumbled, and it was then that Silver

plucked so roughly at the rope and launched at me his murderous glances. Dick, who had dropped behind us and now brought up the rear, was babbling to himself both prayers and curses as his fever kept rising. This also added to my wretchedness, and to crown all, I was haunted by the thought of the tragedy that had once been acted on that plateau, when that ungodly buccaneer with the blue face—he who died at Savannah, singing and shouting for drink—had there, with his own hand, cut down his six accomplices. This grove that was now so peaceful must then have rung with cries, I thought; and even with the thought I could believe I heard it ringing still.

We were now at the margin of the thicket.

"Huzza, mates, all together!" shouted Merry; and the foremost broke into a run.

And suddenly, not ten yards further, we beheld them stop. A low cry arose. Silver doubled his pace, digging away with the foot of his crutch like one possessed; and next moment he and I had come also to a dead halt.

Before us was a great excavation, not very recent, for the sides had fallen in and grass had sprouted on the bottom. In this were the shaft of a pick broken in two and the boards of several packing-cases strewn around. On one of these boards I saw, branded with a hot iron, the name *Walrus*—the name of Flint's ship.

All was clear to probation. The *cache* had been found and rifled; the seven hundred thousand pounds were gone!

33.

THE FALL OF A CHIEFTAIN

THERE never was such an overturn in this world. Each of these six men was as though he had been struck. But with Silver the blow passed almost instantly. Every thought of his soul had been set full-stretch, like a racer, on that money; well, he was brought up, in a single second, dead; and he kept his head, found his temper, and changed his plan before the others had had time to realize the disappointment.

"Jim," he whispered, "take that, and stand by for trouble."

And he passed me a double-barrelled pistol.

At the same time, he began quietly moving northward, and in a few steps had put the hollow between us two and the other five. Then he looked at me and nodded, as much as to say, "Here is a narrow corner," as, indeed, I thought it was. His looks were not quite friendly, and I was so revolted at these constant changes that I could not forbear whispering, "So you've changed sides again."

There was no time left for him to answer in. The buccaneers, with oaths and cries, began to leap, one after another, into the pit and to dig with their fingers, throwing the boards aside as they did so. Morgan found a piece of

gold. He held it up with a perfect spout of oaths. It was a two-guinea piece, and it went from hand to hand among them for a quarter of a minute.

"Two guineas!" roared Merry, shaking it at Silver. "That's your seven hundred thousand pounds, is it? You're the man for bargains, ain't you? You're him that never bungled nothing, you wooden-headed lubber!"

"Dig away, boys," said Silver with the coolest insolence; "you'll find some pig-nuts and I shouldn't wonder."

"Pig-nuts!" repeated Merry, in a scream. "Mates, do you hear that? I tell you now, that man there knew it all along. Look in the face of him and you'll see it wrote there."

"Ah, Merry," remarked Silver, "standing for cap'n again? You're a pushing lad, to be sure."

But this time everyone was entirely in Merry's favour. They began to scramble out of the excavation, darting furious glances behind them. One thing I observed, which looked well for us: they all got out upon the opposite side from Silver.

Well, there we stood, two on one side, five on the other, the pit between us, and nobody screwed up high enough to offer the first blow. Silver never moved; he watched them, very upright on his crutch, and looked as cool as ever I saw him. He was brave, and no mistake.

At last Merry seemed to think a speech might help matters.

"Mates," says he, "there's two of them alone there; one's the old cripple that brought us all here and blundered us down to this; the other's that cub that I mean to have the heart of. Now, mates—"

He was raising his arm and his voice, and plainly meant to lead a charge. But just then—crack! crack! crack!—three musket-shots flashed out of the thicket. Merry tumbled head foremost into the excavation; the man with the bandage spun round like a teetotum and fell all his length upon his side, where he lay dead, but still twitching; and the other three turned and ran for it with all their might.

Before you could wink, Long John had fired two barrels of a pistol into the struggling Merry, and as the man rolled up his eyes at him in the last agony, "George," said he, "I reckon I settled you."

At the same moment, the doctor, Gray, and Ben Gunn joined us, with smoking muskets, from among the nutmeg-trees.

"Forward!" cried the doctor. "Double quick, my lads. We must head 'em off the boats."

And we set off at a great pace, sometimes plunging through the bushes to the chest.

I tell you, but Silver was anxious to keep up with us. The work that man went through, leaping on his crutch till

the muscles of his chest were fit to burst, was work no sound man ever equalled; and so thinks the doctor. As it was, he was already thirty yards behind us and on the verge of strangling when we reached the brow of the slope.

"Doctor," he hailed, "see there! No hurry!"

Sure enough there was no hurry. In a more open part of the plateau, we could see the three survivors still running in the same direction as they had started, right for Mizzenmast Hill. We were already between them and the boats; and so we four sat down to breathe, while Long John, mopping his face, came slowly up with us.

"Thank ye kindly, doctor," says he. "You came in in about the nick, I guess, for me and Hawkins. And so it's you, Ben Gunn!" he added. "Well, you're a nice one, to be sure."

"I'm Ben Gunn, I am," replied the maroon, wriggling like an eel in his embarrassment. "And," he added, after a long pause, "how do, Mr. Silver? Pretty well, I thank ye, says you."

"Ben, Ben," murmured Silver, "to think as you've done me!"

The doctor sent back Gray for one of the pick-axes deserted, in their flight, by the mutineers, and then as we proceeded leisurely downhill to where the boats were lying, related in a few words what had taken place. It was a story that profoundly interested Silver; and Ben Gunn, the half-idiot maroon, was the hero from beginning to end.

Ben, in his long, lonely wanderings about the island, had found the skeleton—it was he that had rifled it; he had found the treasure; he had dug it up (it was the haft of his pick-axe that lay broken in the excavation); he had carried it on his back, in many weary journeys, from the foot of the tall pine to a cave he had on the two-pointed hill at the north-east angle of the island, and there it had lain stored in safety since two months before the arrival of the *Hispaniola*.

When the doctor had wormed this secret from him on the afternoon of the attack, and when next morning he saw the anchorage deserted, he had gone to Silver, given him the chart, which was now useless—given him the stores, for Ben Gunn's cave was well supplied with goats' meat salted by himself—given anything and everything to get a chance of moving in safety from the stockade to the two-pointed hill, there to be clear of malaria and keep a guard upon the money.

"As for you, Jim," he said, "it went against my heart, but I did what I thought best for those who had stood by their duty; and if you were not one of these, whose fault was it?"

That morning, finding that I was to be involved in the horrid disappointment he had prepared for the mutineers, he had run all the way to the cave, and leaving the squire to guard the captain, had taken Gray and the maroon and started, making the diagonal across the island to be at

hand beside the pine. Soon, however, he saw that our party had the start of him; and Ben Gunn, being fleet of foot, had been dispatched in front to do his best alone. Then it had occurred to him to work upon the superstitions of his former shipmates, and he was so far successful that Gray and the doctor had come up and were already ambushed before the arrival of the treasure-hunters.

"Ah," said Silver, "it were fortunate for me that I had Hawkins here. You would have let old John be cut to bits, and never given it a thought, doctor."

"Not a thought," replied Dr. Livesey cheerily.

And by this time we had reached the gigs. The doctor, with the pick-axe, demolished one of them, and then we all got aboard the other and set out to go round by sea for North Inlet.

This was a run of eight or nine miles. Silver, though he was almost killed already with fatigue, was set to an oar, like the rest of us, and we were soon skimming swiftly over a smooth sea. Soon we passed out of the straits and doubled the south-east corner of the island, round which, four days ago, we had towed the *Hispaniola*.

As we passed the two-pointed hill, we could see the black mouth of Ben Gunn's cave and a figure standing by it, leaning on a musket. It was the squire, and we waved a handkerchief and gave him three cheers, in which the voice of Silver joined as heartily as any.

Three miles farther, just inside the mouth of North Inlet, what should we meet but the *Hispaniola*, cruising by herself? The last flood had lifted her, and had there been much wind or a strong tide current, as in the southern anchorage, we should never have found her more, or found her stranded beyond help. As it was, there was little amiss beyond the wreck of the main-sail. Another anchor was got ready and dropped in a fathom and a half of water. We all pulled round again to Rum Cove, the nearest point for Ben Gunn's treasure-house; and then Gray, single-handed, returned with the gig to the *Hispaniola*, where he was to pass the night on guard.

A gentle slope ran up from the beach to the entrance of the cave. At the top, the squire met us. To me he was cordial and kind, saying nothing of my escapade either in the way of blame or praise. At Silver's polite salute he somewhat flushed.

"John Silver," he said, "you're a prodigious villain and imposter—a monstrous imposter, sir. I am told I am not to prosecute you. Well, then, I will not. But the dead men, sir, hang about your neck like mill-stones."

"Thank you kindly, sir," replied Long John, again saluting.

"I dare you to thank me!" cried the squire. "It is a gross dereliction of my duty. Stand back."

And thereupon we all entered the cave. It was a large, airy place, with a little spring and a pool of clear water,

overhung with ferns. The floor was sand. Before a big fire lay Captain Smollett; and in a far corner, only duskily flickered over by the blaze, I beheld great heaps of coin and quadrilaterals built of bars of gold. That was Flint's treasure that we had come so far to seek and that had cost already the lives of seventeen men from the *Hispaniola*. How many it had cost in the amassing, what blood and sorrow, what good ships scuttled on the deep, what brave men walking the plank blindfold, what shot of cannon, what shame and lies and cruelty, perhaps no man alive could tell. Yet there were still three upon that island—Silver, and old Morgan, and Ben Gunn—who had each taken his share in these crimes, as each had hoped in vain to share in the reward.

"Come in, Jim," said the captain. "You're a good boy in your line, Jim, but I don't think you and me'll go to sea again. You're too much of the born favourite for me. Is that you, John Silver? What brings you here, man?"

"Come back to my dooty, sir," returned Silver.

"Ah!" said the captain, and that was all he said.

What a supper I had of it that night, with all my friends around me; and what a meal it was, with Ben Gunn's salted goat and some delicacies and a bottle of old wine from the *Hispaniola*. Never, I am sure, were people gayer or happier. And there was Silver, sitting back almost out of the firelight, but eating heartily, prompt to spring forward when anything was wanted, even joining quietly in

our laughter—the same bland, polite, obsequious seaman
of the voyage out.

34. AND LAST

THE next morning we fell early to work, for the transportation of this great mass of gold near a mile by land to the beach, and thence three miles by boat to the *Hispaniola*, was a considerable task for so small a number of workmen. The three fellows still abroad upon the island did not greatly trouble us; a single sentry on the shoulder of the hill was sufficient to ensure us against any sudden onslaught, and we thought, besides, they had had more than enough of fighting.

Therefore the work was pushed on briskly. Gray and Ben Gunn came and went with the boat, while the rest during their absences piled treasure on the beach. Two of the bars, slung in a rope's end, made a good load for a grown man—one that he was glad to walk slowly with. For my part, as I was not much use at carrying, I was kept busy all day in the cave packing the minted money into bread-bags.

It was a strange collection, like Billy Bones's hoard for the diversity of coinage, but so much larger and so much more varied that I think I never had more pleasure than in sorting them. English, French, Spanish, Portuguese, Georges, and Louises, doubloons and double guineas and moidores and sequins, the pictures of all the kings of

Europe for the last hundred years, strange Oriental pieces stamped with what looked like wisps of string or bits of spider's web, round pieces and square pieces, and pieces bored through the middle, as if to wear them round your neck—nearly every variety of money in the world must, I think, have found a place in that collection; and for number, I am sure they were like autumn leaves, so that my back ached with stooping and my fingers with sorting them out.

Day after day this work went on; by every evening a fortune had been stowed aboard, but there was another fortune waiting for the morrow; and all this time we heard nothing of the three surviving mutineers.

At last—I think it was on the third night—the doctor and I were strolling on the shoulder of the hill where it overlooks the lowlands of the isle, when, from out the thick darkness below, the wind brought us a noise between shrieking and singing. It was only a snatch that reached our ears, followed by the former silence.

"Heaven forgive them," said the doctor; "'tis the mutineers!"

"All drunk, sir," struck in the voice of Silver from behind us.

Silver, I should say, was allowed his entire liberty, and in spite of daily rebuffs, seemed to regard himself once more as quite a privileged and friendly dependent. Indeed, it was remarkable how well he bore these slights and with

what unwearied politeness he kept on trying to ingratiate himself with all. Yet, I think, none treated him better than a dog, unless it was Ben Gunn, who was still terribly afraid of his old quartermaster, or myself, who had really something to thank him for; although for that matter, I suppose, I had reason to think even worse of him than anybody else, for I had seen him meditating a fresh treachery upon the plateau. Accordingly, it was pretty gruffly that the doctor answered him.

"Drunk or raving," said he.

"Right you were, sir," replied Silver; "and precious little odds which, to you and me."

"I suppose you would hardly ask me to call you a humane man," returned the doctor with a sneer, "and so my feelings may surprise you, Master Silver. But if I were sure they were raving—as I am morally certain one, at least, of them is down with fever—I should leave this camp, and at whatever risk to my own carcass, take them the assistance of my skill."

"Ask your pardon, sir, you would be very wrong," quoth Silver. "You would lose your precious life, and you may lay to that. I'm on your side now, hand and glove; and I shouldn't wish for to see the party weakened, let alone yourself, seeing as I know what I owes you. But these men down there, they couldn't keep their word—no, not supposing they wished to; and what's more, they couldn't believe as you could."

"No," said the doctor. "You're the man to keep your word, we know that."

Well, that was about the last news we had of the three pirates. Only once we heard a gunshot a great way off and supposed them to be hunting. A council was held, and it was decided that we must desert them on the island—to the huge glee, I must say, of Ben Gunn, and with the strong approval of Gray. We left a good stock of powder and shot, the bulk of the salt goat, a few medicines, and some other necessaries, tools, clothing, a spare sail, a fathom or two of rope, and by the particular desire of the doctor, a handsome present of tobacco.

That was about our last doing on the island. Before that, we had got the treasure stowed and had shipped enough water and the remainder of the goat meat in case of any distress; and at last, one fine morning, we weighed anchor, which was about all that we could manage, and stood out of North Inlet, the same colours flying that the captain had flown and fought under at the palisade.

The three fellows must have been watching us closer than we thought for, as we soon had proved. For coming through the narrows, we had to lie very near the southern point, and there we saw all three of them kneeling together on a spit of sand, with their arms raised in supplication. It went to all our hearts, I think, to leave them in that wretched state; but we could not risk another mutiny; and to take them home for the gibbet would have

been a cruel sort of kindness. The doctor hailed them and told them of the stores we had left, and where they were to find them. But they continued to call us by name and appeal to us, for God's sake, to be merciful and not leave them to die in such a place.

At last, seeing the ship still bore on her course and was now swiftly drawing out of earshot, one of them—I know not which it was—leapt to his feet with a hoarse cry, whipped his musket to his shoulder, and sent a shot whistling over Silver's head and through the main-sail.

After that, we kept under cover of the bulwarks, and when next I looked out they had disappeared from the spit, and the spit itself had almost melted out of sight in the growing distance. That was, at least, the end of that; and before noon, to my inexpressible joy, the highest rock of Treasure Island had sunk into the blue round of sea.

We were so short of men that everyone on board had to bear a hand—only the captain lying on a mattress in the stern and giving his orders, for though greatly recovered he was still in want of quiet. We laid her head for the nearest port in Spanish America, for we could not risk the voyage home without fresh hands; and as it was, what with baffling winds and a couple of fresh gales, we were all worn out before we reached it.

It was just at sundown when we cast anchor in a most beautiful land-locked gulf, and were immediately surrounded by shore boats full of Negroes and Mexican

Indians and half-bloods selling fruits and vegetables and offering to dive for bits of money. The sight of so many good-humoured faces (especially the blacks), the taste of the tropical fruits, and above all the lights that began to shine in the town made a most charming contrast to our dark and bloody sojourn on the island; and the doctor and the squire, taking me along with them, went ashore to pass the early part of the night. Here they met the captain of an English man-of-war, fell in talk with him, went on board his ship, and, in short, had so agreeable a time that day was breaking when we came alongside the *Hispaniola*.

Ben Gunn was on deck alone, and as soon as we came on board he began, with wonderful contortions, to make us a confession. Silver was gone. The maroon had connived at his escape in a shore boat some hours ago, and he now assured us he had only done so to preserve our lives, which would certainly have been forfeit if "that man with the one leg had stayed aboard." But this was not all. The sea-cook had not gone empty-handed. He had cut through a bulkhead unobserved and had removed one of the sacks of coin, worth perhaps three or four hundred guineas, to help him on his further wanderings.

I think we were all pleased to be so cheaply quit of him.

Well, to make a long story short, we got a few hands on board, made a good cruise home, and the *Hispaniola* reached Bristol just as Mr. Blandly was

beginning to think of fitting out her consort. Five men only of those who had sailed returned with her. "Drink and the devil had done for the rest," with a vengeance, although, to be sure, we were not quite in so bad a case as that other ship they sang about:

*With one man of her crew alive, What put to sea
with seventy-five.*

All of us had an ample share of the treasure and used it wisely or foolishly, according to our natures. Captain Smollett is now retired from the sea. Gray not only saved his money, but being suddenly smit with the desire to rise, also studied his profession, and he is now mate and part owner of a fine full-rigged ship, married besides, and the father of a family. As for Ben Gunn, he got a thousand pounds, which he spent or lost in three weeks, or to be more exact, in nineteen days, for he was back begging on the twentieth. Then he was given a lodge to keep, exactly as he had feared upon the island; and he still lives, a great favourite, though something of a butt, with the country boys, and a notable singer in church on Sundays and saints' days.

Of Silver we have heard no more. That formidable seafaring man with one leg has at last gone clean out of my life; but I dare say he met his old Negress, and perhaps still lives in comfort with her and Captain Flint. It is to be hoped so, I suppose, for his chances of comfort in another world are very small.

The bar silver and the arms still lie, for all that I know, where Flint buried them; and certainly they shall lie there for me. Oxen and wain-ropes would not bring me back again to that accursed island; and the worst dreams that ever I have are when I hear the surf booming about its coasts or start upright in bed with the sharp voice of Captain Flint still ringing in my ears: "Pieces of eight! Pieces of eight!"

Ilha do Tesouro

Ilha do Tesouro

Dedicatória

Ao comprador em dúvida

PARTE UM — O VELHO PIRATA

1. O velho lobo do mar na Almirante Benbow

2. Cão Negro aparece e some

3. A marca negra

4. O baú

5. O cego encontra seu fim

6. Os papéis do capitão

PARTE DOIS — O COZINHEIRO DE BORDO

7. Minha partida para Bristol

8. Na Taverna da Luneta

9. Pólvora e armas

10. A viagem

11. O que ouvi escondido no barril

12. Conselho de guerra

PARTE TRÊS — AVENTURA EM TERRA FIRME

13. Como começou minha aventura na ilha

14. O primeiro ataque

15. O homem da ilha

PARTE QUATRO — A PALIÇADA

16. Relato do dr. Livesey: como o navio foi abandonado

17. Relato do dr. Livesey: a última viagem da canoa

18. Relato do dr. Livesey: o primeiro dia de luta chega ao fim

19. Relato retomado por Jim Hawkins: a guarnição da paliçada

20. A missão diplomática de Silver

21. O ataque

PARTE CINCO — MINHA AVENTURA NO MAR

22. Como começou minha aventura no mar

23. A força da maré

24. Navegando com o coracle

25. A Jolly Roger cai sob minhas mãos

26. Israel Hands

27. “Peças de oito”

PARTE SEIS — CAPITÃO SILVER

28. Em território inimigo

29. De novo a marca negra
30. Liberdade condicional
31. A caça ao tesouro — A seta de Flint
32. A caça ao tesouro — A voz vinda das árvores
33. A queda de um líder
34. O final

Notas

Treasure Island

PART ONE — THE OLD BUCCANEER

1. The Old Sea-dog at the Admiral Benbow
2. Black Dog Appears and Disappears
3. The Black Spot
4. The Sea-chest
5. The Last of the Blind Man
6. The Captain's Papers

PART TWO — THE SEA-COOK

7. I Go to Bristol
8. At the Sign of the Spy-glass
9. Powder and Arms

10. The Voyage

11. What I Heard in the Apple Barrel

12. Council of War

PART THREE — MY SHORE ADVENTURE

13. How My Shore Adventure Began

14. The First Blow

15. The Man of the Island

PART FOUR — THE STOCKADE

16. Narrative Continued by the Doctor: How the Ship Was
Abandoned

17. Narrative Continued by the Doctor: The Jolly-boat's Last
Trip

18. Narrative Continued by the Doctor: End of the First Day's
Fighting

19. Narrative Resumed by Jim Hawkins: The Garrison in the
Stockade

20. Silver's Embassy

21. The Attack

PART FIVE — MY SEA ADVENTURE

22. How My Sea Adventure Began

23. The Ebb-tide Runs

24. The Cruise of the Coracle

25. I Strike the Jolly Roger

26. Israel Hands

27. "Pieces of Eight"

PART SIX — Captain Silver

28. In the Enemy's Camp

29. The Black Spot Again

30. On Parole

31. The Treasure-hunt—Flint's Pointer

32. The Treasure-hunt—The Voice Among the Trees

33. The Fall of a Chieftain

34. And Last

Clube do Livro para Leitores Extraordinários

De domínio público para o domínio do público

Ficha técnica



MOJO.ORG.BR

Este livro é o resultado de muitas horas de trabalho dos colaboradores e voluntários do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, uma instituição sem fins lucrativos. A receita gerada pelos livros extraordinários impressos alimenta um acervo de traduções e edições de obras em domínio público gratuitamente no site mojo.org.br. Assim, Livros Extraordinários de todas as línguas — que muitos também chamam de “clássicos” — ficarão para sempre ao alcance da comunidade de leitores de língua portuguesa.

Para que os frutos dessa iniciativa sejam perenes, duas coisas são imprescindíveis. A primeira é que a adaptação dessas obras deve ser extremamente atenciosa, irretocável e contemporânea, feita para os leitores do século 21. Somente com uma equipe de colaboradores extraordinários pode tornar realidade uma biblioteca aberta como essa. A segunda, é que o financiamento desse esforço deve vir da iniciativa civil, sem vínculos de dependência comercial ou governamental. Quanto mais apoiadores adquirem os livros, mais obras serão entregues para fruição gratuita e pública.

Os mundos extraordinários não podem ficar encerrados dentro de livros empoeirados em línguas desconhecidas; não podem estar nas vitrines das livrarias, atrás de um vidro ou de uma caixa registradora. Nossas publicações podem ser utilizadas livremente em escolas e comunidades; podem ser compartilhadas, impressas, copiadas e estudadas por todos, mas nunca poderão ser comercializadas.

CONHECER UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO
NA VIDA É DIREITO DE TODOS.

ACESSO IRRESTRITO AOS BENS
DO DOMÍNIO PÚBLICO.

DE DOMÍNIO PÚBLICO PARA O DOMÍNIO DO PÚBLICO

Que você faça o bem e não o mal.

*Que você seja perdoado e que perdoe
aos outros.*

*Que você compartilhe livremente,
nunca tomando mais do que
está dando.*

Embora sejam de livre acesso, as obras da literatura mundial em domínio público precisam ser adaptadas para a nossa língua. Peter Pan fala inglês, Pinocchio fala italiano, *20 mil léguas submarinas* está em francês. Os brasileiros precisam falar a língua original ou comprar uma edição impressa — ou até piratear? Toda tradução é um trabalho intelectual e custoso. Toda tradução é propriedade dos tradutores ou editores que a produziram. Na Mojo, depois de financiado e

realizado, o livro se torna público em formato digital. A democratização do domínio público não é apenas necessária, mas extremamente divertida, intrigante e cheia de descobertas extraordinárias. São livros, obras de arte e todo o conhecimento humano que sobreviveram ao teste do tempo.

COMO FUNCIONA

O Instituto Mojo é uma iniciativa social, sem fins lucrativos. Os livros impressos do Clube do Livro para Leitores Extraordinários gera os recursos para a publicação de ebooks gratuitos em português. A fórmula é simples:

1. Domínio público

É quando uma obra não tem mais que pagar direitos autorais ao seu criador e está livre para acesso de todos.

2. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural

De que vale o acesso às obras se o leitor não fala a língua de origem? Por isso, a Mojo traduz, edita e disponibiliza essas obras em sua plataforma digital.

3. Clube do Livro para Leitores Extraordinários

Para financiar esse trabalho, publicamos as obras em formato impresso, ilustradas, com capa dura, texto integral e extremo cuidado editorial e gráfico.

4. mojo.org.br

É o site onde ebooks, ensaios acadêmicos, artigos e outros conteúdos livres podem ser acessados gratuitamente por qualquer pessoa.

A reprodução não autorizada desta publicação, em todo ou em parte, fora das permissões do Projeto Domínio ao Público, do Instituto Mojo, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Descubra em nosso site todas as modalidades de contribuição que você e sua empresa podem escolher para colaborar. Associe-se, doe, divulgue, leia os livros, conte as histórias para seus filhos e amigos. Assim, demolir das barreiras linguísticas do domínio público fica mais fácil.

VOCÊ É EXTRAORDINÁRIO PARA
200 MILHÕES DE LEITORES

APOIE
mojo.org.br



Editores

Ricardo Giassetti Gabriel Naldi

Revisores

Amanda Zampieri

Naiara Aimee

Direção de arte

Cyla Costa

Julio Giacomelli

Edição EPUB

Fernando Ribeiro

mojo.org

Presidente

Ricardo Giassetti

Tesoureiro

Alexandre Storari

Diretores

Gabriel Naldi, Tatiana Bornato

Conselho consultivo

Aurea Leszczynski Vieira,

Leonardo Tonus,

Marcelo Amstalden Möller,

Marcelo Andrade,

Marcelo Gusmão Eid,

Renato Roschel,

Thiago Fogaça,

William Hertz.

contato@mojo.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stevenson, Robert Louis, 1850-1894

Ilha do tesouro / Robert Louis Stevenson; traduzido
por Gabriel Naldi; ilustrado por André Ducci. -- São
Paulo : Mojo.org, 2020. -- (Mundos extraordinários ;
6) Título original: treasure island

ISBN 978-65-990752-6-1

1. Literatura infantojuvenil I. Naldi, Gabriel.

II. Título. III. Série.

19-24993

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Tradução e edição © 2021 Instituto Mojo de
Comunicação Intercultural

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Raleway”.

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Crimson Text”.

This Font Software is licensed under the SIL Open Font License, Version 1.1.

This license is available with a FAQ at:

<http://scripts.sil.org/OFL>